

RB150, 526



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

ASTOR LENOX AND TILDEN FOUNDATIONS

500 N. 5TH ST. N. Y. C.

1897



THEOLOGIA NATURAL
D A
RECREAÇÃO FILOSOFICA ;
O U
H A R M O N I A
D A
RAZAÕ E DA RELIGIAÕ.

THEORETICAL

AND

APPLIED

OF

THE

OF

THE

H A R M O N I A
D A
R A Z Ã O , E D A R E L I G I Ã O ,

Dividida em duas Partes.

P A R T E I.

Do que pertence aos Dogmas da nossa
Fé,

*Que faz o nono Tomo da Recreação Filo-
sôfica, e he a Theologia Natural.*

P A R T E II.

Do que pertence aos costumes da nossa
Religião,

*Que faz o decimo Tomo da Recreação Fi-
losôfica, e he a Filosofia Moral,
ou Ethica.*

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

HARMONIA
DA RAZAÕ, E DA RELIGIAÕ,
O U
REPOSTAS FILOSOFICAS
AOS ARGUMENTOS DOS INCREDULOS,
que reputaõ a Religiaõ contraria á Boa
Razaõ.

Dialogo do Author da *Recreação Filosófica* sobre a parte da *Metafyfica*, que se chama *Theologia Natural*.

T O M O IX.



L I S B O A
NA OFFICINA PATRIARCAL;

M. DCC. XCIII.

*Com licença da Real Meza da Commissão
Geral sobre o Exame, e Censura
dos Livros.*

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHILIP H. FRANK

PHILIP H. FRANK

PHILIP H. FRANK

PHILIP H. FRANK

PHILIP H. FRANK



PHILIP H. FRANK

PHILIP H. FRANK

PHILIP H. FRANK

AO ILL.^{MO} E EX.^{MO} SENHOR
D. JOSEPH MARIA DE MELLO,
Bispo Titular do Algarve , Confessor
de Sua Magestade Fidelissima ,
e Inquisidor Geral.

ILL.^{MO} E EX.^{MO} SENHOR.

COSTUMÃO os Authores de
algumas Obras de importancia offerecel-
las áquelles Personagens , a quem por
algum titulo são devidas. Esta o he
a

a V. Excellencia por muitos principios, não sómente como Conselheiro e Fautor della, mas agora também como Juiz. Trata-se de publicar as Repostas aos argumentos, que pela parte da nossa Religião dei n'outro tempo aos Impios e Incredulos, quando as circumstancias me fizeraõ brigar com elles com armas iguaes; isto he, com as da pura Razaõ. Elles não recorriaõ a passagens da Escriitura, Concilios, ou Padres, nem também consentiaõ, que eu me valesse dessas armas, de que até agora se servia a Theologia; por quanto hum desprezo geral de tudo isso (que he nelles maxima constante e indispensavel) me tinha desarmado de todo, se a Providencia me não tivesse ensaiado em manejar as armas da Razaõ, e se não fossem della as lanças, que contra a nossa Religião vibravaõ. Neste genero de peleja o Filosofo devia saber a campo a defender a Religião, que também por Filsofos era atacada. Por oito annos de continuas disputas o fiz; e a reflexaõ, que depois das contendadas passadas eu fazia no meu socego, me suggeria novos argumentos, e outras repostas aos seus ataques; por quanto no calor dos não esperados combates, não podia o
espi-

espirito considerar os objectos por todos os lados. Todos os seus argumentos se dirigiaõ a querer-nos persuadir, que a nossa santa Religiaõ era hum compendio de disparates, que nenhum bom Filosofo devia crer; ou que pelo menos devia-mos delles duvidar: e a isto se reduzem hoje as mais famosas questões da Filosofia dos Incredulos. Feita pois esta posterior reflexaõ sobre o que nos casuaes encontros, e disputas imprevistas havia ouvido e respondido, julguei ser importante pôr em ordem esses argumentos e repostas; e isto tinha feito muito tempo ha, em fôrma de cartas aos meus Discipulos e Amigos os Senhores d'Armen-dariz, a quem eu tinha instruido, junto com a Fysica e Mathematica, na solidez da nossa Religiaõ; por quanto servindo elles entaõ nos Reaes Carabineiros em França, muitas vezes se me queixavaõ dos ataques, que os seus amigos lhes davaõ nas materias da Religiaõ.

Duvidei por muitos tempos publicar na minha Patria estas disputas, pela julgar isenta do contágio, que hia devastando Paizes bem florentes, e temia que os ouvidos pios, ignorando os meus intentos, me levassẽ a mal o vulgarizar eu as blasfemias, que nestas dis-

disputas se ouvem da boca dos nossos inimigos. Porém o conselho de V. Excellencia me determinou, julgando preciso prevenir com esta especie de antidoto o mal, que começa a grassar no nosso clima. He bem verdade, que não se bebendo esse veneno, senão pelas taças douradas de livros mui eloquentes, que em linguas estrangeiras o dão a beber a pessoas que as possuem, parecia escusado dar na nossa lingua remedio a esse mal, que tambem nas linguas estrangeiras achão contra-veneno; porém he bem admiravel infelicidade, que por centos de livros pestiferos, que nos curiosos se achão contra a Religião, apenas se acha hum, ou outro dos muitos que se tem publicado em sua defeza. E ainda he mais urgente a precisão deste remedio; porque não só os que entendem essas linguas, se sentem envenenados, mas outros simples e ignorantes, que dos máos Filozofos aprendem palavras soltas, e systemas favoraveis ás paixões; cousa que a todos agrada: bem como o máo cheiro dos peitos cancerosos e gangrenados communica o contagio a quem não bebo o veneno. Fiquei pois convencido, e me resolvi a publicar as minhas Cartas com o titulo de Harmonia da Razaõ

zaõ e Religiaõ , como as tinha ordenado. Porém V. Excellencia ainda me fez outro favor , e foi o persuadir-me , que pozesse em fórma de Dialogo essas mesmas disputas , que em estylo de Cartas tinha : allegou-me (com confusaõ minha) a acceptaçã que os meus Dialogos haviaõ achado no Publico , quando publiquei a Recreaçã Filosofica ; e tambem que deste modo completava aquella Obra , cuja Metafysica tendo já a Ontologia e Psicologia , necessitava da Theologia Natural , que por este modo ficava supprida , bem como a Ethica o ficou com o Feliz Independente.

Admitti o conselho, que só com a sua simples proposiçaõ me deixou convencido, esperando nesse methodo dar maior clareza e maior força ás razões , que de parte a parte expunha ; e deste modo interessava eu muito mais os espectadores do combate , que nos meus Dialogos represento como vivo. Mudei o nome de algumas figuras ao escrever as disputas , que na realidade tive ; porque não julguei prudente o nomeallas , posto que de ordinario pinte o seu verdadeiro caracter. Não enfraqueço por modo algum os argumentos contra , e com perdaõ dos ouvidos delicados , deixo soar algumas

ex-

expressões escandalosas , de que elles na realidade usaõ ; e as repito para que o horror que ellas causaõ , vá prevenindo o coração dos que me lerem , a favor da Verdade. Nada attribuo aos meus contendores , que elles não digaõ : Eu lhouvia , e eu o leio nos seus livros , cujas paginas podera citar , como tambem os nomes e lugares em que disputa- raõ comigo , se não fosse perigoso assim fazello.

Porém como todas estas contendias envolvem explicações Filosoficas da nossa Religiaõ , temo que as minhas expressões possaõ talvez desagradar a alguém costumado aos Termos das Escolas ; e além disso , muitos poderãõ condemnar-me por se equivocarem no fim , ou intento desta Obra : não pertendo provar as sublimes verdades da nossa Religiaõ Revelada pelos argumentos da humana Razaõ ; seria essa loucura o mesmo que querer buscar em columnas de barro alicerces para os Orbes Celestes. As Verdades do Ceo sómente na palavra do Filho de Deos tem o seu solido , eterno , e firmissimo fundamento. Mas como os Incredulos querem tirar da Razaõ humana argumentos contra a nossa Religiaõ , convem desfazellos com outros e
mais

mais vigorosos argumentos da mesma Razaõ: Bem como na Guerra se usa de ferro contra ferro, e de fogo contra fogo. Se por toda a parte em cerco se vê apontada contra os Muros sagrados da nossa Fé huma bateria de argumentos, que a falsa Filosofia tem inventado, convem que a mais sã Filosofia tambem com os seus argumentos desmante toda essa artilharia inimiga, deixando a Religiaõ Divina solidamente fundada nos seus proprios, e sobrenaturaes alicerces. Porém como esta empresa he alta, e no nosso Paiz nova, e as minhas forças são curtas, receio não sabir bem della: e por este motivo agora (com mais confiança que d'antes) offereço esta Obra a V. Excellencia, como a Juiz, cuja sentença será de tal fórma decisiva para mim, ou para me corrigir, ou para me animar, que debaixo da sua protecção, e docil ao seu parecer, não temerei outra censura; e se V. Excellencia o approvar, poderei publicar este pequeno Livro, em que fornecerei armas contra armas do mesmo genero. Creio, que nisto sirvo á Religiaõ, por quem darei a vida, e á Patria, a quem a devo.

Deos guarde a V. Excellencia para a defesa da nossa Fé, consolação de todo

do o povo , e ornamento da Santa Igreja.
Casa da Congregação do Oratorio
no Espirito Santo em 10 de Fevereiro de
1793.

de V. Excellencia

Servo humilde

Theodoro d' Almeida.

P R E.

P R E F A Ç A Õ.

SENDO as Obras que se imprimem offerecidas ao Publico , convem que este seja informado das intenções de quem lhe faz obsequio de lhe sacrificar o seu trabalho. Eu tenho visto, com confusão minha , a acceitação , que o Publico tem feito dos primeiros trabalhos da minha mocidade , na *Recreação Filosofica* , mostrando ser-lhes agradável o meu intento de vulgarizar o conhecimento das bellezas naturaes , que todos tinhaõ diante dos olhos e poucos viaõ : cresceo com este favor do Publico o desejo de o servir , e continuei com a instrucção sobre a Logica , familiarizando , e illustrando (quanto a materia abstracta soffria) os movimento do nosso entendimento no descobrimento da verdade. Confirmei estas regras com a Geometria e Mecanica , que formaõ em dois volumes do supplemento á *Recreação*. E achando-me já algum tanto fatigado pela idade e pelos acontecimentos , me inclinava a cessar desta fadiga , posto que gostosa. Porém persuasões , que eu por modo nenhum devia desprezar , me fizeraõ pegar outra vez da penna : entaõ o juizo especula-

culativo, e o sangue ainda activo me conduzirão a pensamentos mais altos, subindo com o discurso á parte superior da Filosofia, que chamaõ *Metaphysica*; e escrevi na *Ontologia* as Maximas Geraes sobre o conhecimento de tudo o que tem existencia, ainda que não seja *Materia*; e entrando na *Pneumatologia*, ou Sciencia do espirito, o objecto principal, que se offerecia a meus olhos era Deos; isto he, a parte que chamaõ *Theologia Natural*: porém neste ponto me achei muitos annos perplexo; e vou a declarar o motivo.

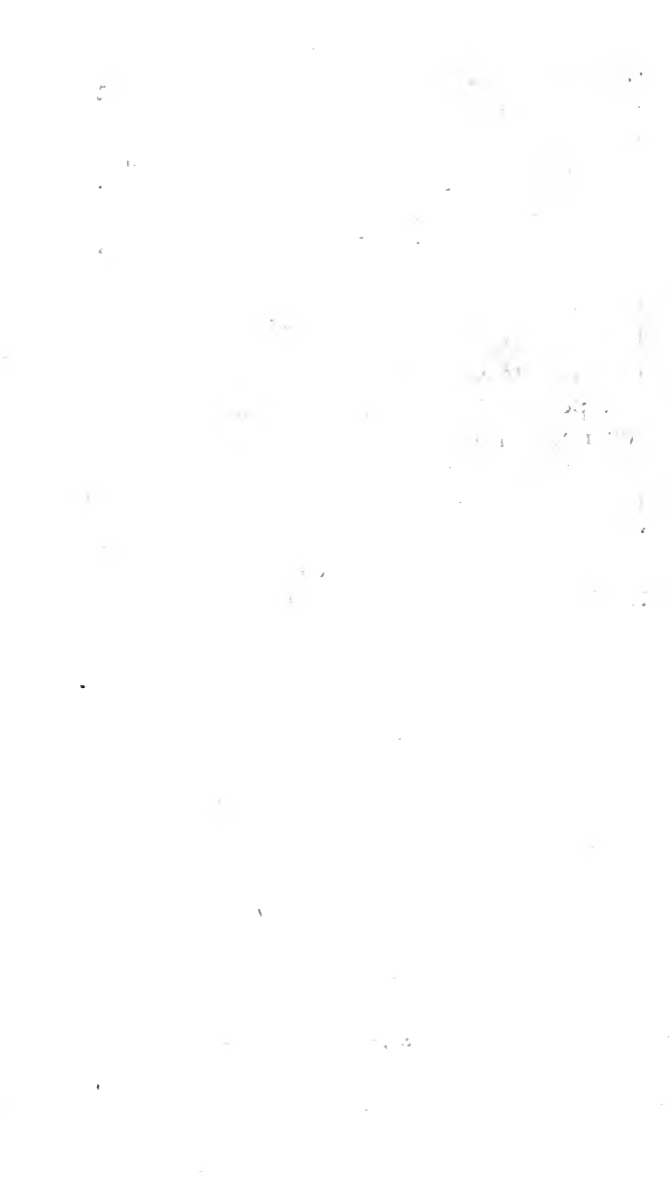
A experiencia me mostrou, que hoje os Filósofos disputavaõ nestas materias por modo mui differente do que n'outros tempos; e que os entendimentos soltando-se sem algum genero de freio, embriagados do espirito da desenvoltura e liberdade, de tudo zombavaõ, respondendo ao que n'outro tempo se chamavaõ demonstrações, com certas invectivas jocosas e picantes; com o que agradavaõ e enganavaõ espiritos menos sólidos e sizudos. Vi que nas materias mais sagradas da Religião Revelada, estavaõ para elles ociosas as Escrituras e Padres; porque os Impios não conhecendo alguma authoridade nos Livros santos, chamavaõ tudo ao tribunal

bunal da sua Razaõ , dando nelle sentença á revelia , contra tudo o que a sua idéa lhes não approvava. Peguei dos seus Livros , affisti aos seus argumentos , medi por muitas vezes a espada da Razaõ com os Incredulos , e vi que o seu modo de brigar era por novo estylo ; nem usavaõ de Demonstrações seccas da Theologia Natural , nem dos argumentos da Authoridade Divina da Theologia sagrada , mas sim de certas ironias e invectivas galantes , que com pico , novidade e suavidade encatadora , engodando as paixões , faziaõ illusaõ ao entendimento ; e deste modo triunfava o Erro e a Impiedade.

Comtudo como a Verdade tem de si mesma huma belleza encantadora , que só não agrada a quem a não vê manifesta , vi que nas disputas , que pelo espaço de oito annos estive obrigado a ter contra toda a casta de Impios , que sem systema nem uniaõ , ora me atacavaõ em hum ponto , ora em outro , vi , digo , que quando na força do argumento lhes succedia verem a verdade núa e sem enfeite , nem ornato , ficavaõ surpresidos e palmados , e muitas vezes se rendiaõ ; e concebi grandes esperanças de que tratando estas materias no tom de Filosofo sério e rigoroso , mas claro , lhano e simples , poderia

deria conseguir que a belleza e natural formosura da Verdade, venceſſe ſem algum artificio, nem ornato, todas as graças empreſtadas, e artificioſos enfeites do Erro: e como a Maxima Geral entre todos os Incredulos, he que a Religião Revelada ſe oppoem á Razaõ, tomei por empreza mostrar n'um eſtylo familiar, claro, e ſimples a *Harmonia que tem a noſſa Religião com a Boa Razaõ*. Nas diſputas e contendas, que formo, dou quanto poſſo força aos meus inimigos, e não me poupo, nem fujo deſſe bello colorido, com que falſamente enfeitaõ o Erro; porque além de fazer a lição mais intereſſante, vejo que depois ſerve á gloria do vencedor toda a braveza do vencido: e do meſmo modo, que quando os Ariſtotelicos vulgarizavaõ as iavectivas e desprezos da Philoſofia Natural, me appliquei por credito da verdade a vulgarizar as armas com que todos triunfaſſem daquelles erros e injurias; aſſim agora eſpero, que me ſucceda. Não faço aqui a figura de quem ataca, mas ſim de quem ſe defende, não tanto a ſi, mas a Religião que profreſſa, rebatendo quanto poſſo os golpes, e voltando-os contra os inimigos. Não intento fazer Diſſertações Theologicas; e quem as quizer, tem muitos

tos livros excellentes que consultar a
nosso favor : só quero acudir ás invecti-
vas , que na conversação familiar costumã
fazer contra a Religiaõ , o que até
aqui não se fez. A impiedade , perdeu já
o rubor , com que até aqui em alguns se
escondia nos reconditos de hum peito cor-
rupto e canceroso , e tem já infestado o
Publico com o máo cheiro ; e agora com
desafogo se vai manifestando , e quasi que
está perdido o horror de que appareça o
seu nome no Publico : seja pois tambem
publico e vulgarizado o remedio ; pois
se não póde de outro modo atalhar o con-
tagio. Deos , que he a Verdade summa ,
prospere os meus intentos e sinceros de-
sejos.



INDICE

DAS MATERIAS, QUE AQUI
se trataõ neste Tomo.

- T**ARDE I. *Que as materias da Religiaõ se devem tratar com muito respeito, attençaõ, e cuidado, pag. 1.*
- TARDE II. *Do estylo, com que se deve averiguar a verdade nas materias de Religiaõ, 25.*
- TARDE III. *Sobre a Existencia ae Deos, 44.*
- TARDE IV. *Sobre os Mystérios da nossa Religiaõ em commun, 65.*
- TARDE V. *Sobre a Lei Natural, e Luz da Raziõ, e necessilade das Leis Positivas, 104.*
- TARDE VI. *Sobre a Materia, e Espirito, 126.*
- TARDE VII. *Da Espiritualidade, e Immortalidade da Alma, 144.*
- TARTE VIII. *Sobre a Religiaõ Revelada em commun, 173.*
- TARDE IX. *Sobre o Peccado Original, 207.*
- TARDE X. *Sobre a Maxima, que diz: Fóra da Igreja naõ ha salvaçaõ, 248.*
- TAR-

TARDE XI. *Sobre o Interesse , que
Deos tem nas nossas acções , 288.*

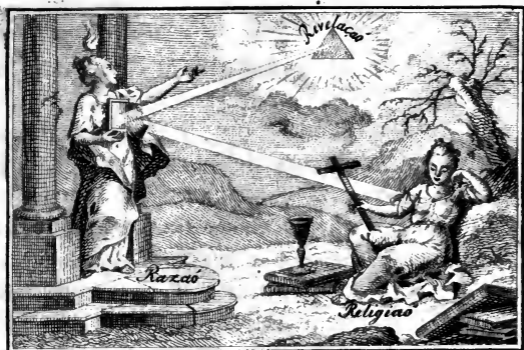
TARDE XII. *Sobre o Culto devido a
Deos Interior e Exterior ; 317.*

TARDE XIII. *Sobre a Immutabilida-
de Divina , e sobre o Fogo vingador
da outra vida , 340.*

A P P E N D I X .

TARDE XIV. *Sobre a Graça Divina ,
e Conceição da Senhora , 362.*

TARDE XV. *Sobre a Confissão Auri-
cular , 388.*



RECREAÇÃO FILOSOFICA

REPARTIDA POR VARIAS TARDES.

TOMO IX.

SOBRE A THEOLOGIA NATURAL.

TARDE I.

Que as materias da Religião se devem tratar, com muito respeito, attençaõ, e cuidado.

Baroneza. **M**AL sabeis, meu Theodosio, quanto estimo agora a vossa visita, por quanto me tem sido bem penosa, e talvez prejudicial a vossa ausencia: aquellas admiraveis instrucções, que me fazieis algum dia nos Sabbados, que
A
uteis

uteis nos eraõ entãõ , e que precisas agora ! O mal , que receaveis , veio ; e os remedios que entãõ me daveis como preservativo do mal , agora talvez que sirvaõ de o curar : pelo menos eu agora temo o que entãõ naõ temia : espero qualquer dia meus Irmãõs , que chegarãõ de Saumur , e a vivenda no Regimento naõ sei se lhes terá sido prejudicial ; por quanto se eu aqui em minha casa me vejo summamente atacada sobre a Religiaõ , sendo meus Pais taõ catholicos , e taõ attentos , que succederá a meus Irmãõs entre toda a variedade de sentimentos , que teráõ os seus companheiros ? Eu , e mais Sofia , e Victória os temos muitas vezes lamentado , com bem vivas faudades dos nossos antigos Sabbados.

Theodosio. Na verdade , Senhora , que me consolava summamente , quando via que vos alvorocaveis mais com as Instrucções sobre a Religiaõ , que vos dava nos Sabbados , do que com a de Fysica , Geometria , e Geografia , em que vos entretinheis nos mais dias. Mas dizei-me Vós , quem he que vos inquieta na vossa Religiaõ ?

Baron. Esses hospedes , que nos fazem
fa-

favor , especialmente quando vem a jantar ; porque já da meza vai a questãõ armada , que dura até á hora do passeio ; e huns com os outros se divertem em mil invectivas contra quem não quer sentir como elles : hoje te-reis Vós á meza hum que não he dos piores ; mas afflige-me , e he pena , por quanto he homem de juizo , e não deixa de ter graça ; mas pela sua conversaçãõ creio que he dos da moda : he o *Chevalier Sansfond*.

Theod. Bem conheço ; e passeando com elle os dias passados sobre o *Glacis* , achei que era homem bem instruido , especialmente na Artilheria ; sabe bem a fundo esta materia , e tem servido com grande distincçãõ. Mas na materia de Religiaõ não fallámos.

Baron. Elle quer-se com pessoas , ou da sua facçãõ , ou que lhe não possaõ responder. Chegou-me a dizer , que era mágoa ser eu huma Senhora tão prendada pela Natureza como elle lá quiz dizer , e tão distincta pelo nascimento , e ter hum modo tão servil de pensar na materia de Religiaõ ; pois via que me amarrava ao que na meninice me tinhaõ ensinado quatro Clerigos

velhos, e ignorantes. Isto dizia elle; porque eu lhe cortava toda a occasião de disputa, protestando-lhe, que nestas materias não fallava, porque não sabia fallar no que não estudara; e que cria no que o meu Pastor, e Bispo me tinhão ensinado; do que elle ria muito com certos desdens, que me picavaõ. Vós experimentareis o seu modo terrivel de argumentar; e como eu tenho em Vós quem me apoie; hoje se me picar, salto nelle; e Vós me acodireis onde eu não chegar.

Theod. Não temais; porque se fordes deslizando em algum ponto, eu com os olhos vos darei final, e com alguma palavra vos meterei em caminho. Se vos não esqueceis das nossas antigas lições, bem podereis responder o que baste para as suas letras nestas materias.

Baron. Creio, que ahi o temos, porque chegou carruagem, que parece a sua: não me engano: eu o meterei na materia, tanto que achar occasião: hoje me hei de vingar do que elle tem zombado de mim.

Chevalier. Que bella, e engraçada estais hoje, Senhora, que vos vejo em negli-

gligé ! Os enfeites da moda não vos fazem falta ; porque esse ar de desprezo da arte , e confidencia nos proprios cabedaes da Natureza vos fazem o maior elogio.

Baron. E porque não ides Vós Chevalier aconselhar isso a Madama vossa Esposa , e ás mais Senhoras , a quem Vós fazeis a Corte , para que se dispensem da fadiga enfadonha do Toucador ?

Cheval. Deos me livre , porque a minha persuasão nessa materia me fecharia a porta aos obsequios , pois se indignariaõ contra mim , que lhes tocava no delicadissimo ponto da formosura , que já se sabe ser para Senhoras ponto mui sagrado.

Baron. A mim não me escandalizariéis , se me quizeis dissuadir dos enfeites , porque sómente uso delles para me não fazer singular , nem reprehender com o meu uso extravagante as Senhoras da minha qualidade , que delles usaõ ; pois nunca tive atrevimento de reprehender , nem zombar de quem me não offende.

Cheval. Nisso não deve cahir pessoa bem nascida.

Baron. Mas cahís Vós ; porque não cessais de me reprehender , e motejar na minha Religião com mil ironias , chiftes , e disparates , com que Vós (sem eu vos provocar) me quereis abalar nos pontos essenciaes da minha Crença ; e isto quando nem o meu sexo , nem a minha idade me permittem os estudos , que me seriaõ precisos para vos responder com prudencia em pontos taõ essenciaes. Dizei-me, Chevalier, se quando cá vem o vosso filho mais velho , que Vós instruis na Geografia , e no risco , eu lhe dissesse : Ora meu menino, deixe-se disso , porque muitas Cartas Geograficas estaõ erradas ; os pilotos todos os dias as estaõ emendando ; e esses baluartes , e revelins , &c. saõ já antigualhas ; hoje não se daõ ataques em praças ; he melhor com a gente da guarnição dar huma batalha em campo razo , &c. e dissesse outros despropósitos semelhantes , que dirieis Vós em o sabendo ?

Cheval. Teria grande difficuldade em crer , que Vós tivesses tido tamanha imprudencia , porque a mim he que pertence educar meu filho ; e esta applicação , e ensino lhe he summamente

te

te util , seja ou não mais util dar batalhas do que assaltos : para a instrução de meu filho isso he cousa escusada , e o que eu lhe ensino , he mui preciso.

Baron. Ora voltai agora contra Vós a vossa reposta. Que me dizeis Theodosio ? Não tenho eu razão de me queixar deste Cavalheiro , que não perde occasião de me tocar nesta materia , ridiculizando a minha crença , e isto por me fazer obsequio ? Dizei-me Chevalier : se eu primeira , e segunda vez , e muitas mais ridiculizasse na vossa face os vossos vestidos , os vossos modos de fallar , os vossos Pais , &c. dirieis que eu era mal educada , e que não sabia civilidade. Porém Vós não ridiculizais os meus modos , mas sim a minha Religião , a minha Fé , os meus costumes , os meus sentimentos de piedade : e isso a cada passo. Ora concordai-me isto com as leis da civilidade , e do decóro , que se deve a quem vos não offende , nem vos pertence , nem vos pede conselho. Mais estimo eu a minha Religião do que as modas , e linguagem , os parentes ; e Vós credes que me fazeis obsequio

em me offender no que tanto pezo; até a chegar a lifongearme com livros peggimos.

Cheval. Como sois Senhora de juizo, parece-me que desejarieis ver livros excellentes, em ordem a conhecer a verdade.

Baron. Mas nunca me trouxeistes livro algum a favor da minha Religiaõ. Bravo modo de querer conhecer a verdade em materia importante: lêr tudo contra, e nada a favor. Ora dizei, Chevalier. Tendes lido muitos livros a favor da minha, e vossa Religiaõ? Dizei-me, quaes lestes? nomeai-mos.

Cheval. Não faltaõ livros a favor: esses como não são raros, nem escritos com tanta eloquencia, não metem appetite.

Baron. Mas sempre temos, que para bem conhecer a verdade nesta materia ledes tudo contra, e nada a favor. E quereis que eu caia na mesma injustiça? Se fosse em Vós zelo da verdade, havieis de ler huns, e outros, e todos com attençaõ, e não vos fiar de Vós, mas consultar quem soubesse lêr os livros, e entendellos bem.

Cheval. Eu entendo bem o Francez; não preciso, que ninguem mos explique.

Ba-

Baron. E porque buscastes Vós quem vos explicasse a Algebra, Arithmetica, a Geometria, &c.? Acafo não sabeis entãõ o Francez? Para essas sciencias buscastes Mestres, não vos fiastes de Vós; e para a sciencia da alma, de Deos, e da eternidade, não he preciso que vos digaõ nada! qualquer livro contra he o voffo Mestre. Mas dizei-me; e porque razaõ só ledes os livros que saõ contra?

Cheval. Os mais não se pódem suppor-tar: saõ inspidos.

Baron. E se os livros inspidos tiverem a verdade, e os lindos livros enfeita-tarem a mentira, ficais Vós com o lin-do erro metido na cabeça, e da ver-dade não sabeis nada. Respondei-me a isto. Mas já he muito disputar pa-rá mulher. Lá vos entrego a questaõ a Vós, Theodosio; advogai a minha causa, que eu quero, que este Senhor, ou confesse aqui, que tem errado a meu respeito, e que me tem offendi-do: ou que me convença (se póde) a favor da sua causa.

Theod. Boa causa me deixais na maõ: eu não poderei tratalla com o fogo, e ener-gia, com que Vós o tendes feito: po-rém

rém se o Senhor *Sansfond* me dêr licença, eu accrescentarei algumas reflexões: Vós supponho que dareis licença?

Cheval. Como eu diga as minhas razões, não posso prohibir, que cada qual diga também as suas.

Theod. Eu vejo que o modo, com que hoje he moda, e costume de fallar nas materias de Religiaõ, e decidir nelas, he bem estranho, e não sei se conforme á Razaõ.

Cheval. Se me fallais em *ser conforme á Razaõ* estais perdido; porque em nenhum seculo se discorreo mais conformemente á Razaõ do que agora: Vós outros, que credes tudo quanto vos ensinaraõ, he que tendes a Razaõ, como dizem, metida na algibeira, sem vos servirdes jámais della. Se Vós sois homem que siga a *Boa Razaõ*, eu vos prometto que ficaremos bem concordes; e entrarei por esse modo na amizade de Mademoiselle a Baroneza.

Baron. Quero-vos ouvir: fallai Theodosio, e no fim veremos se o Senhor *Sansfond* concorda com vosco.

Theod. Dizei-me amigo. He conforme á
Boa-

Boa Razaõ disputar , e decidir em proporções de linhas , medição de alturas , ou distancias inacessiveis quem nunca estudasse seriamente Geometria ? Ponhamos este caso. Estais Vós , que pelo que me dizem , sois insigne Mathematico , e sabeis da Tactica como poucos (estais , digo , em huma meza bem guarnecida de Madamas , e de pratos , e no meio do serviço da meza entre ditos galantes , e licores , que alegraõ os animos , e fazem rir a companhia , se trata de que tiraõ novos Mappas da França , e para isso médem distancias a que nós não podemos chegar , nem a pé , nem a cavallo : ou tambem que trataõ de abrir novas estradas , e dispor huma estrada , que vai de cá , de fórma que aberto hum monte , que se encontre , e corresponda á outra estrada , que vem de lá , ou cousas semelhantes : nenhum dos convidados he Geómetra de profissaõ ; mas alguns por aqui , e por alli leraõ os principios dos Elementos ; mas nenhum sobre o Terreno resolveo o menor problema , nem talvez sobre o papel. Supponde , digo , que ouvís fallar de parte a parte sobre a materia ,

ria , rir , e chafquear dos que lá andaõ pendurados das altas Torres , ou enforcados nas arvores mais elevadas com os seus oculos , para formar os grandes triangulos visuaes , que ensina a Trigonometria : que ouviries Vós nestas razões ? e que dirieis ?

Cheval. Ouviria mil disparates , porque isso he forçoso que digaõ pessoas , que nunca estudaraõ sériamente huma materia , especialmente sendo a materia delicada , como saõ os Problemas da Trigonometria.

Baron. Nisso tendes bem razãõ , Mr. *Sansfond* ; porque alguma vez que eu vi a meus Irmãos estarem no meu Jardim , e tomarem por empreza saber quanto distava hum moinho distante de certo casal tambem distante , e que depois feitas as averiguações , achavaõ que tinhaõ acertado , ficava eu pasmada , como se tivessem descoberto algum segredo da Magica. O mesmo me acontecia quando tomavaõ por assumpto das suas contendas o medir cá debaixo a altura de Torres consideraveis ; e disputando o Barãõ com o Chevalier seu Irmãõ sobre braça mais , braça menos , vi que depois a medida
naõ

naõ se affastava dos calculos de ambos , sennaõ em poucos palmos.

Cheval. A quem naõ estuda a Trigonometria parece isso impossivel.

Baron. Mais impossivel me parecia tomarem a empreza de calcular o pezo da Estatua de bronze de Luiz XIV. que está na Praça de *Pau* no *Bearn* , e sómente erraraõ em menos de huma arroba , achando-se depois na conta que mandara o Artifice o pezo verdadeiro , que ella tinha.

Cheval. Na Geometria se ensina isso quando se trata da mediçaõ dos solidos.

Theod. Ora quem nada disto tiver estudado a fundo , como poderá fallar , rir , e sentenciar sem dizer mil disparates ? Pois o mesmo digo dos que fallaõ , e decidem , e zombaõ em materias de Religiaõ , sem ter estudado estes pontos fundamentalmente. Que me dizeis amigo ?

Cheval. Quem falla nisso he porque tem lido , e estudado esse ponto.

Theod. E quando ? e como ? e por onde ? Oh amigo , nós conhecemos-nos. A maior parte dos que fallaõ neste ponto , naõ lem , e talvez nem tem
em

em sua casa hum só livro a favor da nossa Religião : apostenos cem luzes. E se lhes perguntarem pelos motivos da nossa *Credibilidade* , isto he , que fazem os nossos Dogmas *criveis* , e *racionaveis* , nada respondem. Isto he assim. Digo mais , que se lhes perguntarem bem o sentido das verdades , que cremos , poucos são os que não se hajaõ de embarçar nas respostas. Nos argumentos que formaõ contra nós , e nas Ironías engraçadas , com que nos atacaõ , se vê que toda a sua Theologia he superficial , e errada. Dizei-me ; porque não estudastes Vós a Mathematica desse modo ? aqui hum bocado , acolá outro ? e sem reflexaõ ? Estando a rir , e a beber , e a zombar , soprando entre tanto as paixões , que perturbaõ o coraçãõ , e depois d'elle o entendimento , que casta de acerto póde haver ? Qual he o Negociante , que admite , o ajustar contas , e fazer calculos de cambios , estando á meza , ou com boa companhia ? Ou depois de hum jantar largo , em que se provaõ bons vinhos , ou em quanto o Cabelleireiro o penteia ? Haverá Negociante assim ?

Cheval. Só se for doido , ou quizer perder o seu dinheiro de proposito : depois de jantar ninguem ajusta contas ; e materias de dinheiro não são para tratar com leveza , e sem attenção.

Theod. Assim he : lá no Escritorio estando tudo calado , com os papeis á vista , a cabeça desempoada , os animos focogados , he que se ajustaõ contractos , negociações , e contas ; porque isto he sobre fazendas , e dinheiro. Agora cá em materias de Religiaõ , em que de huma parte ha Deos , a sua Providencia , e Attributos ; da outra a nossa alma , que não he de barro , e a Eternidade futura , que nos póde ser mui vantajosa , ou mui prejudicial , tudo isso he bagatela ; póde-se mui bem tratar essa materia entre prato , e prato ; póde-se bem discorrer sem perigo ; e o discurso mais galante , e engraçado será o mais verdadeiro. He este o modo , que a *Boa Razaõ* dicta para se averiguar a verdade nestas materias ?

Cheval. Ainda que essas materias sejaõ altas , os principios são claros , e manifestos ; qualquer pessoa , e em qualquer circumstancia os conhece ; e póde fallar sem embaraço.

Theod.

Theod. Que dizeis , amigo ? Que principios mais claros , e manifestos , que os da Geometria , e Arithmetica ? todos sabem medir , e contar ; e daqui nascem todas essas sciencias. Que coufa mais clara , e simples , que comprar por menos , e vender por mais ? e aqui está toda a base do Commercio ; e com tudo ninguem se fia dos discursos , e resoluções tomadas assim de passagem , e no ar ; mas resolvem nessa materia depois de muita reflexão , e socego. E porque não ha de ser assim a Religião ? Quero-vos contar o que me succedeo com Mr. H**** Convidara-me elle a jantar , e tinha boa meza , e melhor companhia ; e quando todos estavaõ bem alegres , se introduzio a conversação sobre a Religião. Era o ponto : se a Deos se devia dar culto externo , ou se bastava o interior , e occulto. A maior parte dos convidados para se fazerem valer como homens de juizo delicado , diziaõ que não era preciso : porque (pensaõ elles) he ter juizo superior , o não discorrer como o commun. Ferviaõ os disparates , e os pratos : hum me perguntava daqui se queria deste gui-

zado, outro me offercia do outro: o Criado pelas costas da cadeira me trazia de beber; era preciso faudar a quem me faudava, &c. Sómente hum se escandalizava, os mais se riaõ, e eu calado. Até que Mr. D**** com quem tinha fallado muitas vezes em materias de Fyfica, me defafiou dizendo: *Nesta materia ninguem nos póde dizer alguma cousa, melhor que Theodosio; mas elle não nos quer dar o gosto de o ouvirmos.*

Vendo-me provocado por este modo, e temendo, que o meu silencio fosse interpretado como approvaçãõ do que se dizia; ou se attribuisse a fraqueza de razões para os impugnar, puz o garfo de parte, e respondi, que me tinha calado, não por approvar o que diziaõ, mas porque julgava, que não era occasiaõ opportuna misturar com pratos, e vinhos, e cumprimentos, as materias sérias da Religiaõ; e que elles mesmos para questões menos importantes me buscavaõ em minha casa a horas muito commodas, em que discorriamos seriamente, e sem distracçãõ, nem perturbações de cousas estranhas; e que

se nessas occasiões me tocassem naquella questaõ , eu responderia de boa vontade ; mas que pois assim era forçoso , eu com toda a clareza lhes diria o meu modo de discorrer. Assim o fiz : elles ouviraõ-me , e o Cavalheiro , que me tinha desafiado , me fez a honra de dizer , que era a primeira vez , que tinha ouvido discorrer naquella materia com plena satisfação sua. Vede , amigos , se este he o modo de querer acertar em materias de importancia.

Cheval. Não se examinaõ ahi ; trataõ-se ahi as que já estaõ examinadas no Gabinete.

Theod. Mas ahi se persuadem as doutrinas , ahi se aprendem. Ainda accrescento , que se examinardes dez , ou doze desses amigos , que se achaõ em huma conversação , e que de commum acordo nos criticaõ , se os tomardes á parte a cada hum delles , e perguntardes quaes saõ os pontos da sua crença , não achareis dois que concordem , e muita parte delles não respondem mais que hum galante : *Não sei cá disso* ; ou tambem : *Não creio nada.*

Quereis Vós , Baroneza , divertirvos ?
per-

perguntai a *Mr. Sansond* quaes são dos artigos da nossa Crença, e Religião, que elle algum dia abraçou, os que elle ainda abraça, e quaes são os que rejeita; e porque faz isso em cada hum delles. Aposto, que o vereis bem embaraçado.

Cheval. *Duvido de tudo* : eis-ahi o que digo. Se eu affirmasse alguma cousa, então estava obrigado a dar a razão della : mas como não creio, não estou obrigado a dar a razão porque o não faço.

Theod. A razão eu a dou : Vós não credes, porque vos faz conta o não cret : haveis de reparar, Baroneza, que hoje todos os artigos, em que os Senhores Filósofos do tempo se affastão da crença de nossos Pais, são aquelles, em que a liberdade de costumes fica mais authorizada : nenhum se affasta de nós apertando.

Cheval. Bem tolos seriaõ nisso : alargar isso sim : e para que havemos nós de estar apertando, e opprimindo a nossa liberdade ?

Theod. E se Deos não estiver por esse systema de alargar ? se na realidade a nossa Crença for a verdadeira, co-

mo vos achareis Vós depois da morte? Eu bem fei, que agora talvez direis, que a vossa alma morre com o corpo, como succede á de hum caõ, ou cavallo; e que morrendo Vós, tudo se acaba. Porém Vós não me haveis de dizer, que isso seja da ultima evidencia, nem ponto demonstrado mathematicamente.

Cheval. Isso não. Sigo isto: digaõ os outros o que quizerem.

Theod. Mas ao menos he possivel que Vós vos enganeis nesse ponto. Dizei: não he possivel?

Cheval. Possivel, sim: e quem ha neste mundo que se não possa enganar?

Theod. E se vos enganardes, que será de Vós? Vós seguis que a vossa alma morre com o corpo, e que por conseguinte depois da morte ninguem vos ha de pedir conta do que na vida fizestes: mas póde ser, que vos enganeis, e que a vossa alma (contra a vossa opiniaõ) seja immortal, como nós dizemos, e a Igreja. Se depois da morte vos pedirem conta, e vos acharem criminoso em faltar á Lei de Deos; que será de Vós? Tereis tempo de remediar o passado? ou ha-

veis

veis de pedir licença para voltar a este mundo para viver, como devieis? A mim basta-me que Vós me digais, que o vosso systema de crer, e de viver he duvidoso, para vos condemnar de temerario. Nenhum de vós outros teve nem pensamento de dizer, que nós nos arriscavamos a ser eternamente punidos por crer o que a Igreja manda, e observar os seus mandamentos, e os de Jesu Christo: ninguém jámais tal disse. O mais que dizeis, he que são cousas ridiculas, e que nada disso he preciso, nem crer, nem obrar; que nos apertamos inutilmente: mas que nos perdemos, ninguém jámais tal pensou.

Cheval. Isso sim: Vós não vos condemnais; mas trabalhais demasiado.

Theod. Logo temos que na vossa *Incredulidade* ao menos ha perigo de ficardes enganados sem remedio: mas que na nossa *Crença* não ha perigo, senão de nos termos apertado sem ser preciso.

Baron. Dai-me licença, Theodosio, que me está fervendo o sangue, e quero pôr huma comparação, de que já me valí contra *Mr. de Luc*, quando me
esta-

estava retratando. Dizia elle o mesmo que *Mr. Sansfond*; e a sua resposta tambem era *Quem sabe? Vamos cuidando em levar boa vida*. Dizei, meu Cavalheiro; para que fechaes Vós de noite as vossas portas? Vós admirais-vos da pergunta? Respondei-me.

Cheval. Porque podem vir os ladrões, e roubarem-me, ou talvez matarem-me.

Baron. Mas póde ser, que não venhaõ; e nesse caso, de que vos servio o ter fechado, e trancado, e ferrolhado as portas?

Cheval. De cautela prudente: não se perdeu nada, mais que a leve diligencia de fechar as portas; mas pelo contrario, se ellas não estivessem fechadas, e os ladrões viessem, perdia a fazenda, e talvez a vida; e pede a prudencia que na alternativa de duas perdas antes me arrisque a perder o trabalho de fechar as portas não vindo os ladrões, do que a perder a fazenda, e a vida não estando ellas fechadas.

Baron. Ora eis aqui o que he fallar com summo juizo: nunca Vós, *Chevalier*, discorrestes melhor? Mas dai-me li-
cen-

ença, que eu discorra como Vós no caso, de que tratamos. Supponhamos que he duvidosa a minha Religião (que tal não he) Vós confessais que absolutamente póde ser, que a Alma seja immortal, e que Deos vos peça contas das vossas boas, ou más obras. Se isso for assim (como eu digo, e a Igreja) Vós estais perdido por huma eternidade, por quanto não estaveis preparado para isso, crendo que Deos não se embaraçava com os vossos peccados, nem que a vossa alma ficasse depois da morte para levar o premio, ou o castigo das obras boas, ou más. E pelo contrario se a minha alma morrer com corpo, nem houver tempo para ser premiada pelas boas obras, ou castigada pelas más, não perdi nada, senão o trabalho de viver como boa Christã, que he bem pouco. Que perda he maior? He o caso do Duque de Orleans, vendo passar dois Barbadinhos hum dia de inverno de grande frio, disse para hum seu confidente: *Se he verdade o que eu cuido, forte logração levaõ estes homens;* (pensava que a alma morria com o corpo); mas o confidente devia re-
pli-

plicar : *E se he verdade o que elles cuidaõ, forte logração ha de ser a vossa.* Vejamos agora, meu Cavalheiro, qual destas lograções era maior: a dos Barbadinhos era padecerem frio, sem levarem premio por isso no outro mundo : e a do Duque era arder por huma eternidade sem remedio. Que me dizeis, Cavalheiro? Ou me haveis de dizer, que sois imprudentissimo, arriscando-vos a hum mal possivel, e irremediavel ; ou haveis de dizer, que naõ he possivel que os vossos Mestres se enganem ; e que os vossos systemas saõ taõ evidentes, como os da Mathematica, que por caso nenhum pódem faltar.

Cheval. Naõ cuidei, Senhora, que estaveis taõ adiantada na arte de argumentar : quasi quasi que me estou convertendo. Porém vede, que nos chamaõ para a meza : naõ he razaõ, que nos demorem.

Baron. Ide, meu Chevalier : mas aprendei a naõ me fallar mais huma palavra em materia de Religiaõ ; porque se naõ sabeis para me responder, naõ vos deveis julgar por taõ instruido
nessa

nessa materia que me queirais ensinar.

Cheval. Senhora, vinde sentarvos, que a ceia se esfria.

Theod. Que mais quereis, Senhora? se o vosso inimigo vos foge, esta bem manifesta a victoria: sentemo-nos.

T A R D E II.

Dialogo sobre o estilo em que se deve averiguar a verdade nas materias de Religiaõ.

Theod. **G**Raças a Deos, amigo Baraõ, que vos vejo restituido á vossa Patria, e felizmente restituido. Vosso Irmaõ não veio!

Baraõ. Veio, mas está indisposto; e não vos sei dizer quanto estimo encontrarvos. Ah, meu amigo, muita falta me tendes feito nesta separaçãõ.

Theod. Já vossa Irmã a Baroneza mo tinha dado a entender. Agora poderemos renovar as nossas conferencias. Não sabeis quanto eu me regalei hontem á noite, que ceei aqui com o Chevalier *Sansfond*, a quem vossa Irmã

aper-

apertou bem : como estava picada de que elle sempre lhe tocava em materia de Religiaõ , querendo a torto , e a direito communicar-lhe o veneno da sua Incredulidade , achando-se comigo , que podia dar-lhe soccorro , no caso que o necessitasse , bateo-o sem piedade.

Baron. Que estais murmurando de mim , Theodosio ? Confesso-vos que eu depois conheci , que algum tanto excedi no fogo com que o ataquei ; mas o direito de Senhora , de rapariga , e de offendida dá muita authoridade sobre quem vem a minha casa para me obsequiar.

Baraõ. E qual foi o fructo da conferencia ?

Theod. A ceia veio terminar a disputa : mas elle já dava á aza ; foi mui ferido.

Baron. Meu Irmaõ , agora he preciso que nós nos fortifiquemos nesta materia , porque convém conhecer a Mentira , e a Verdade , que a materia he importantissima : Se Vós quereis , Theodosio , vamos todos tres para o meu quarto ; eu digo aos criados , que quando vierem visitas , as levem ; ao
quar-

quarto de minha Mãe , ou de meu Irmão o Chevalier ; e que eu fahi com o Barão a passeio. Convém fallar nestas materias com socego , que esta foi , meu Irmão , a materia das disputas de hontem , em que Theodosio envergonhou a *Sanfond* , porque as materias da Religião se tratavaõ á meza , e sem estudos , e com mil coufas , que perturbavaõ o animo : fallemos agora , Theodosio , á nosla vontade.

Theod. Hum dos preliminares , que he preciso para as disputas nesta materia , he reflectir em qual seja o estilo proprio para se conhecer a verdade ; porque , meus amigos , dois methodos ha mui differentes de tratar as materias , cuja verdade se examina : hum he simples , e solido , mas secco , como fazem os Geómetras de que Vós ambos gostaveis algum dia. O outro he mui ornado com as figuras da mais brilhante eloquencia , semeado com alguns chistes , ou galantarias de hum genio feliz ; e acompanhado de algumas pinturas agradaveis ; e além disso animado por enthusiasmo poetico , o qual (ainda fóra da Poesia) deixa
es-

elcapar por aqui , ou por allí algumas graças encantadoras ; e ás vezes in-
 vectivas engraçadas , como vemos com-
 mummente nos livros , que se escre-
 vem contra a Religiaõ. Eu não me
 arrependo de vos ter inspirado hum ,
 e outro gosto nos vossos primeiros es-
 tudos , e na educaçaõ , que vos dei ,
 propria para a mocidade bem instrui-
 da ; por quanto hum estilo forma , e
 endireita o Entendimento ; o outro o
 adorna , e faz formoso : hum ensina
 o caminho direito para a verdade ; o
 outro ensina a caminhar por elle com
 graça. Isto supposto , combinemos ago-
 ra , meus amigos , estes dois estilos ,
 para sabermos em qual delles deve-
 mos tratar estas matérias , e soltar as
 difficuldades.

Baron. Quanto a mim , Theodosio , acho
 que o segundo methodo se deve prefe-
 rir ao primeiro ; de-me licença o Ba-
 raõ , para quem hum Calculo , ou huma
 Demonstraçaõ bem comprida , e emba-
 raçada são as suas delicias , ainda que
 fique com a cabeça bem esquentada :
 No fim della parece-lhe que ganhou
 huma grande batalha. Mas para mim
 huma Ode bem feita , ou qualquer
 pe-

peça de eloquencia bem trabalhada me arrebatada , e encanta. Eu pelo estilo geometrico fim conheço a verdade , mas he huma verdade secca , magra , e descarnada ; e além disso a alma vai em procura della por hum caminho duro , árido , deserto , onde não se encontra nem huma sombra , que a refresque , nem arvoredo que a recree , nem os alegres passarinhos , que nos entretenhaõ : a pê vai a alma , suando , e trepando por caminho escabroso , e só no fim he que se consola do trabalho : e daqui vem que por mil apaixonados das Bellas Letras , achareis dois , ou tres que se entreguem ás Mathematicas. Os Rhetoricos porém nos propoem a Verdade taõ bella , taõ formosa , e enfeitada , que a alma encantada com tantas bellezas da Natureza , e da Arte , que a cada passo encontra , não sente no caminho o menor trabalho , elevada na harmoniosa suavidade , com que a conduzem , sem ter duvida na estrada , nem difficuldade nos passos. A poder ser , meu Theodosio , eu prefiro o estilo ameno , que hoje todos preferem : nem hoje se lem os ou-

tros livros. Elles seraõ muito doutos, e scientificos, mas eu os vejo cobertos de pó, e comidos do caruncho, quando casualmente tópo com algumas nessas estantes, em que se não bóle.

Baraõ. São gostos, minha Irmã, são gostos: eu não me atrevo a condemnar o vosso, que tambem he meu; mas não concordo na preferencia, que me parece injusta; e para vos convencer com a vossa mesma metáfora, disse-me a quem dais Vós a preferencia em materia de formosura; a huma Senhora bem toucada, e cheia de carmim; coberta de flores, e de fitas, e diamantes, com roupas pomposas, e ricas, em fim tudo o que he formosura emprestada; ou a huma simples Pastora, a quem a Natureza fez bella, que lavada na fonte, sahe risonha, e vermelha, que com hum simples lenço de neve, lançado com negligencia, parte sobre a cabeça, parte sobre o peito, deixa ver, e encobre o louro cabello, que sem pós, nem enfeite algum, solto lhe cahe com graça sobre a garganta mui alva: e que no colete ajustado deixa ver a bella figura, e graça natural do seu corpo?

po ? A quem vos inclinariaeis Vós para lhe dar a preferencia em formosura ?

Baron. Sem duvida , que á Pastora ; porque nós com os enfeites encobrimos muitos defeitos da Natureza , e a formosura das Camponezas he a verdade pura.

Baraõ. Pois assim faço eu com a belleza da Verdade : nos ornatos da Eloquencia ha muita trapaça ; gosto mais de huma Demonstraçaõ secca.

Baron. Assim he , meu Irmaõ ; mas se essa Pastora taõ bella por Natureza tiver os enfeites do luxo , sempre a sua formosurá ha de realçar. Eu naõ digo que havemos de preferir a huma bella Pastora hum mono enfeitado ; mas tanto por tanto os enfeites sempre daõ maior valor ás prendas da Natureza. Se Vós , Baraõ , vos pondes a declamar contra os enfeites das Senhoras , coitadinho de Vós , naõ se-reis recebido nas suas Assembleas. Acudi-nos , Theodosio ; eu estou pelo vosso voto : Sede Juiz arbitro nesta grande pendencia.

Baraõ. Tambem concordo no que Vós julgardes : decidi Theodosio.

Theod.

Theod. Ora dizei-me , Baroneza : Quando Vós ajultais contas com os vossos rendeiros de Armendariz , ou quando dais conta a *Mr. Darquibel* das vossas molestias , ou quando fazeis a *Mr. la Bord* as vossas encomendas de Paris , porque não ufais das bellezas da Eloquencia , e ornatos poeticos , que tanto prezais ? Vós rides !

Baron. Muita malicia tendes, Theodosio , mas eu respondo que em materia de faude , e de dinheiro , são as bellezas da Rhetorica escusadas : nestas materias se busca o sólido , e não o bonito.

Theod. Eu accrescento , que nessas materias , que perguntei , as bellezas da Eloquencia estudada , as figuras da Rhetorica , as graças , os chistes , as perguntas energicas são positivamente nocivas ; porque dão muita occasião a que se infinue a mentira com apparencia de verdade. Se a hum Medico fallasseis com o entusiasmo poetico , quando lhe désseis conta de vossas queixas , por hum flato , ou ligeiro defluxo , vos encaixava remedios violentos , como se estivesseis para cahir na coya. Se hum Negociante re-

cê-

cebendo cartas do seu correspondente ,
 visse que lhe fallava com mil figuras
 e metáforas para lhe dar conta das re-
 mettas , e encomendas , e que dava
 a cada encomenda mil engraçados
 epitectos ; que em vez de fallar em
 cacáo , ferro , e lã , dizia : *O Ne-
 Star dos Hespanhoes ; o Instrumento de
 Marte , a Gala das Ovelhas , &c.*
 que faria este Negociante ? Pondo tu-
 do isso de parte como cousa ridicula ,
 lhe pediria huma conta em estilo cla-
 ro , simples , e commum.

Baron. E tinha razão ; porque nem tu-
 do o que he bom , he bom para tu-
 do.

Theod. Difestes a verdadeira razão : eu
 gosto muito das bellezas da Eloquen-
 cia , e são muito e muito estimaveis ;
 mas para contas de negocio , e de Me-
 dicos, &c. são positivamente nocivas pe-
 lo perigo que ha de se disfarçar ahi
 o erro. Atraz do *Encanto* vai o *En-
 gano* ; e quem vos quer enganar , sem-
 pre começa por vos attrahir , e (se po-
 der fazello) embriagar.

Naõ confundamos o *sólido* com o
engraçado , ou *bonito* ; tudo he bom ,
 e tudo tem seus usos : se vos quereis

divertir , e passar huma hora de recreio , sem sahirdes de casa ; buscai hum livro *engraçado* : mas se vos quereis instruir , buscai hum livro *sólido*. Quando vos divertis , saõ lindos os Poetas , e todos aquelles livros , que misturando hum ar jocosó , e mordaz com razões apparentes , vos levaõ a alma sem se sentir para onde elles querem : mas quando vos instruis , buscai os que trataõ a materia em estílo claro , singelo , e lizo. Consentin-me esta comparação : No vossó palacio novo , que vossa Mãi anda edificando , bem vedes que manda fazer nas salas ricos pavimentos , e excellentes tectos : mas os pavimentos saõ sólidos de boas madeiras , e os tectos de estuque : os pavimentos saõ lizos , os tectos com muitos relevos : e tudo fica bom ; porque os pavimentos saõ para andar , os tectos só para ver. Ora trocai tudo , e ponde o chaõ de estuque com mil figuras le vantadas , de meio relevo , e ponde os tectos de madeiras sólidas , e lizas , como ficaria tudo ?

Baron. Naõ posso conter o rizo desse despropósito , e troca : tudo era bom ,
mas

mas fóra dos seus lugares tudo era ridiculo , e máo.

Theod. Pois isso faz quem para se instruir em materias importantes busca o estilo engraçado , e deixa o simples. A materia da Religiaõ he a baze , e como o pavimento , sobre o qual se haõ de dar os passos da vossa alma , deve ser este pavimento sólido , e lizo , para não tropeçar , e cahir a cada passo.

Baron. Estou persuadida : mas dizeime Vós , que havemos de fazer de tantos bellos livros , que trataõ da Religiaõ com hum estilo encantador ? Só porque saõ bem escritos , havemos de crer , que sempre mentem ? Sei que podem mentir ; isso confesso eu ; mas tambem podem fallar verdade ; e se o que dizem , não o he , ao menos tem grande apparencia de o ser.

Theod. Eu vos respondo ; mas deixai-me fazer huma pergunta ao Baraõ. Dizeime amigo. Se vos vierem vender huma boa faca para montar , e vos servir no vosso Regimento de Carabineiros , se vo-la trouxerem muito enfeitada , com bellos arnezes , mantas , e xareis , e redes , e tudo o mais , por ventura haveis de compralla sem a man-

dar desapparellhar de todos effes enfeites, para a ver nua, e conhecer entãõ a sua figura, e certificar-vos de que naõ tinha defeito? Por certo que naõ deixareis de fazer esta diligencia precisa para naõ ser enganado: isto he no caso, que quizeis comprar a facca: porém se só vos quizeis divertir de a ver passear, ou brincar, naõ fariéis esta diligencia; porque assim enfeitada vos lisongeava mais os olhos. Pois o mesmo digo, Baroneza, dos bellos livros, em que me fallais. Se vos quereis divertir, lede-os como estaõ. Se vos quereis servir delles para vos instruir sólidamente, mandai-os desapparellhar de tudo o que he enfeite, e ornato, para ver o discurso em osso, nú, simples, e claro; e entãõ vereis, se he sólido, e perfeito, ou se he manco, e aleijado. Quereis Vós huma prova bem clara do que digo? Ora mandai-me vir o Poema de Mr. Voltaire sobre a Religiaõ natural dedicado a ElRei da Prussia.

Baraõ. Eu o vou buscar.

Theod. Vós vereis, Baroneza, hum discurso bem aleijado, se o virmos nú, e sem ornatos; mas bem formoso, quan-

quando se vê com elles , como Voltaire o apresenta.

Baraõ. Aqui o tendes.

Theod. Ora fazeime o favor de ler aqui no fim do segundo Canto , onde quer provar , que supposto Deos dar as Leis aos homens , que não devem estes receber ordens de mais ninguem.

Baraõ. Eu leio. *Teremos nós nas nossas fracas cabeças a audacia de accrescentar os nossos decretos ás suas Leis immortaes ? Ah , e quem somos nós figuras de sonho , cujo ser imperceptivel he visinho do Nada ? Quem somos nós para hombrear com o Omnipotente , e dar , tambem como se fossemos Deoses , nossas ordens á Terra ? (*)*

Theod. Quem se não sente abalado com este vehemente discurso ? Ora tiremos todo o enfeite , toda a roupagem desta figura ; vejamo-la , como em si he , e entaõ julgaremos , se he discurso dis-

rei-

(*) Aurons nous l'audace en nos foibles cervelles , d'ajouter nos decrets a ses loix immortelles ? Helas ! Seroit-ce a nous Phantomes d'un moment (dont l'etre imperceptible est voisin le neant de nous mettre a coté du Maître du Tonnerre) & de donner en Dieux des ordres a la Terre ?

reito, e bem formado, ou argumento corcovado, e monstruoso: tudo se reduz a este discurso.

Deos poem preceitos aos homens:

Nós não devemos fazer o que Deos faz:

Logo não devemos pôr preceitos a homem algum.

Tomara eu que os criados! de Voltaire, que o não podiaõ soffrer, ou a sua pobre Sobrinha, que foi Martyr com elle, tomara que se ajustassem a responder-lhe no mesmo tom.

Nós cá temos a Lei que Deos nos poz: e que vindes Vós agora, Vós figurinha de nada, accrescentar as vossas ordens ás que Deos nos tem posto, como se fosseis outro Deos como elle. Que diria Mr. de Voltaire na sua cólera defesperada? Não havia de approvar a doutrina, nem achar o discurso concludente. Por quanto que importa que Deos tenha posto preceitos aos homens? Isso não prohibe, que eu lhes mande fazer alguma cousa. Contra o que Deos manda, isso não; mas outra cousa differente, isso não he hombraear com Deos, he conservar essa mesma Jerarquia, que Deos poz. Por ventura não manda Deos pela Lei
da

da Boa Razaõ , que hum Pai governe seu filho menor ? Naõ manda que quem se ajusta a servir por paga , ou qualquer outro contracto , execute o que prometteo ? Logo mandar o Pai a seu filho menor , mandar o Amo o seu criado , naõ he irritar a Deos , hobreando com elle , como se nós fossemos Deoses ; mas he fazer huma cousa louvavel , que concorda com o que Deos manda.

Baron. Aquella razaõ , que Voltaire dá : *nós naõ devemos fazer o que Deos faz ; para mim he falsissima ; aliás diriamos : Deos faz bem aos homens , logo eu naõ devo fazer bem aos homens , que isso seria hobrear com o Omnipotente , e fazer como elle faz.* Ora eu quero agora por travessura enfeitar este absurdo , que hum homem naõ ha de dar esmola a outro homem , e me servirei das meismas frazes , e expressões de Voltaire. Vede se o imito , e se faço parecer bella esta monstruosa proposiçaõ.

Quem terá o atrevimento na sua louca cabeça , de querer lançar sobre as dadas de hum Deos os seus ridiculos Dons ? Será acaso o homem ?
essa

essa figura quasi de sonho, que apparece em hum momento, e logo desaparece? O homem que está hum furo acima do Nada? Este pequenino ser imperceptivel ousará a hobrear com o Todo Poderoso, emendar as suas faltas, e querer fazer a figura de Deos, repartindo tambem seus favores com os filhos do Altissimo; como se não tivessem Pai que os sustentasse; e visto mandando-lhes Deos que recorraõ a elle, como a seu Pai verdadeiro? Que vos parece, Baraõ, o meu discurso blasfemo?

Baron. Eu não vi despropósito mais bonito, nem disparate mais bem mascarado.

Theod. Vós, Baroneza, tomastes bem o estilo, e imitastes a traze.

Baron. Não, que eu tinha o livro de Voltaire na mão, para ir seguindo todas as suas frases, e imitar as figuras. Se he atrevimento dar preceitos ao homem, porque Deos lhe tem dado preceitos, tambem he atrevimento dar presentes ao homem, a quem Deos tem dado presentes. Aqui a falsidade falta aos olhos. Nunca cuidei, Theodosio, que a mentira se podesse mascarar tão bem.

Theod.

Theod. Pois estimo que conheçais o perigo do engano nos livros que estão escritos com muita eloquencia, e arte.

Baron. Mas emfim, Theodosio, dizeime como hei de fazer com estes livros?

Theod. Não os ler sem primeiro ter lido seriamente os livros a favor da vossa crença; porque sem Vós estardes armada com o conhecimento da verdade, não podereis suspeitar que haja nos outros livros mentira: estando pois bem instruida na verdade, quando vos atacarem com os livros encantadores dos Incredulos, separai tudo o que he flores, e figuras, e metáforas, e ponde o discurso nũ, e crũ, dizei: Este homem diz isto por esta razaõ, e vereis que em lugar de discursos bellissimos na apparencia vos sahem sofismas bem corcovados.

Baron. Mas tambem havemos de fazer o mesmo aos outros livros a favor da Religiaõ; pois deve haver igual partido.

Theod. Sem dũvida: nem nisso tereis muito trabalho; porque os nossos livros de instrucçaõ sãõ em estilo simples, e solido. Esta he outra circumstan-

tancia , que achareis , meu Barão ; os livros a favor da Religião são serios , solidos , e seccos. Os livros contra ella estão cheios de mil invectivas , flores , e imagens as mais bellas ; e esses são os que nos fazem mais guerra ; e não he muito que o povo , que não he mui destro na arte de discorrer , se deixe enganar.

Barão. Ainda eu acho outra desgraçada vantagem nos livros máos , e he , que estes persuadem huma Doutrina , que lisongea o coração , e as paixões , e a nossa Religião as cohibe. Ora he natural gostar eu muito de quem me falla ao paladar do meu coração , e com a fraze encantadora ; e isso quando os livros da nossa Religião , que me persuadem a reprimir as paixões , não são regularmente naquelle estylo encantador , que nós achamos nos Corifeos dos Incredulos.

Theod. Tambem por esse modo vedes Vós que o sequito , que tem essa triste , e desgraçada doutrina , não he por força de verdade que se conheça ; mas sim por força de liberdade , que se favorece.

Baron. Estimo esse vosso discurso : eu me
acau-

atautelarei daqui por diante : hei de fazer nestes livros o que me ensinava o meu Mestre de debuxo. Elle me dizia, que quando visse algum debuxo, ou pintura, para examinar o seu merecimento traçasse com os olhos essa figura núa, prescindindo da roupagem, com que estivesse ornada. Ora o caso he que muitas vezes achava grandes defeitos em debuxos muito applaudidos pelo povo ; porque achava hum braço muito maior que o outro ; huma coxa monstruosa ; hum pé que hia apparecer onde a perna não podia chegar, supposto o lugar do joelho, &c. Assim hei de fazer nos livros : hei de ler menos, mas hei de acertar mais. Vamos a passcio, Theodosio, antes que venhaõ visitas, que nos incommodem.

Theod. Vamos Baraõ : eu estou prompto.

T A R D E III.

Dialogo sobre a Existencia de Deos.

Baron. N Aõ vos posso ponderar, meu Theodosio, a admiração que me fez hontem em huma certa assemblea hum nosso amigo que eu naõ no meio. Elle fallou da Religiaõ com tal liberdade, soltura, e desempenho, que me pasmei, porque até duvidava em certo modo da Existencia de Deos. Eu (dizia elle) sempre creio que ha hum Deos; mas ainda assim; tomara que mo provassẽ, e que me convencessem; porque neste ponto nem todos os discursos me agradaõ.

Theod. Tomaraõ elles poder achar modo para duvidar se havia hum Deos, porque entãõ (postas as suas paixões em plenissima liberdade) triunfavaõ de tudo o que as podesse embaraçar.

Baron. Dizeis bem, Theodosio, que hoje o empenho todo he o sistema da plenissima liberdade nos costumes; por quanto vejo que todos os freios se

que-

quebraõ. Eu que naõ sei mais do que o que ouço a certos sujeitos, que se prezãõ de entendidos, vou cá fazendo minhas reflexões; e acho que hoje o geral empenho he a foltura, o desembaraço da mais ligeira paixãõ. Do Evangelho isso já se sabe que se zomba: das leis da Igreja com muito maior ousadia; das leis positivas tambem; naõ querem que haja mais que a lei natural; mas essa cada qual he quem a ha de entender como quizer; porque o cerebro de cada hum he o Codigo desta Lei, como todos sabem. As leis do Pudor, e Decencia já naõ valem. As da boa criaçaõ isso he ridicularia. Já os filhos naõ tem nada com seus Pais, nem os Pais com os filhos; nem as mulheres devem fidelidade aos maridos, nem estes a suas mulheres, que isso he jarretice: em fim, meu Theodosio, lei de casta nenhuma, nem a Deos; porque já ouvi, (e naõ mora longe de nós quem o dizia) que Deos naõ tem nada connosco; que tanto se lhe dá de nós, como nós das formigás! Pelo que, tirada essa crença de que ha hum Deos, fica todo o campo livre para cada qual fazer tudo o que

que quizer, que a isso he que se encaminha esta moda.

Theod. Esse sujeito não he hum, cujo nome principia por H, e ceou conosco ha cousa de quinze dias? Vós furrides? Eu já o tenho ouvido falar de modo que a sua Religião parece-me de Atheo: ao menos na praxe vive como se o fosse.

Baron. Não vos enganais: havia de haver agora algum encontro: Deos o traga.

Theod. Não he isso o melhor, porque podemos esquentar na disputa, e quando cobra demasiado calor o animo, não se discorre com muito acerto: he melhor discorrermos aqui em paz, e forcejardes Vós a ver se se póde dar sahida aos argumentos que eu fizer; pois Vós já sabeis como se disputa.

Baron. Seja assim; porque até eu desse modo tomo mais o pezo aos argumentos. Supponde, Theodosio, que eu nego que haja Deos, ou pelo menos que duvido. Creio o que vejo, e não creio mais nada. Supponhamos isto: ponho-me bem obstinada, e teimosa.

Theod. Vós, Senhora, não duvidais do que vedes?

Ba-

Baron. Não.

Theod. Bem está ; logo credes que Vós mesma existís ?

Baron. Creio , sim : eu existo.

Theod. E alguém vos deu o ser ?

Baron. Sem duvida : foraõ meus Pais.

Theod. E elles de alguém receberaõ o ser , e seus Pais de outrem , e finalmente havemos de ir parar ao primeiro homem : e temos que houve hum homem primeiro.

Baron. Algum o havia de ser : e que tirais dahi ?

Theod. Esse homem , que foi o primeiro na serie de homens , de alguém recebeu o ser ; fosse o que fosse ; porque elle não podia formar-se a si mesmo. Ora essa cousa , que deu o ser ao primeiro homem , existia ; e ou ella teve existencia de si propria , e entaõ lhe chamarei *Deos* ; ou teve existencia de outra cousa que a produzisse ; e dessa cousa faço outra vez a mesma pergunta , até darmos com huma cousa que tenha existencia , e não a recebesse de ninguem ; e essa cousa que tem existencia em si , sem que a recebesse de outra cousa , he que eu chamo *Deos verdadeiro* : logo o *Deos*
ver-

verdadeiro existe ? Que respondeis ?

Baron. Bem quizera responder para sustentar o meu papel , mas não sei ; porque conheço que tudo quanto possa dizer , he hum despropósito , e não os posso dizer com advertencia.

Theod. Tudo se resume em que nenhuma creatura limitada póde ter de si mesma a sua existencia , e havendo de receber de outrem o ser , esta o ha de ter recebido de outra , e assim terá havido huma serie infinita de causas , e sempre huma antes da que produzio : o que prova ter-se já passado huma serie infinita de creaturas.

Baron. Isto não póde ser : serie infinita já acabada não póde ser ; que isso he contradicção manifesta ser huma cousa infinita , ou sem limite , e ter-se acabado.

Theod. Mil outras contradicções achareis nos que quizerem negar a existencia de Deos. Mas eu vou a formar outro argumento bem sensível. Quem dissesse que hum relógio se via em huma Ilha deserta , e que regulava muito bem todos os movimentos , e intentasse persuadir que ninguem o tinha levado alli , e que alli estava sem
que

que ninguem o pozesse alli , e que ninguem o tinha fabricado , não o teriamos nós por doido ?

Baron. Sem dúvida.

Theod. Pois não he mais delicado hum Insecto que anda pelo chaõ , ou qualquer animal , do que o Relogio mais complicado ? Os antigos , que imaginavaõ serem os Insectos nascidos da podridaõ , nunca tinhaõ usado do Microscopio , nem visto a admiravel delicadeza de seus orgãos , e não podiaõ sentir a força deste argumento : mas Vós , e todos os que tem visto com o Microscopio a inexplicavel sabedoria , que brilha nelles , pasmais do que nelles se vê , e muito mais do que se não vê ; porém se crê , pois por força o ha de haver : Por quanto se hum homem não póde mover o braço , ou a perna sem musculo proprio , sem succo nerveo que encha o musculo , sem tendaõ que se prenda ao osso , sem ligamento que áte o tendaõ ao osso ; se o musculo não póde ter acção , sem que tenha mil bexiguinhas , &c. : a pulga , o mosquito , e todos os mais insectos tem precisaõ da mesma fabrica de orgãos propios para o mo-

vimento. Quanto á digestão , e modo de se nutrirem pelo sustento , nelles ha a mesma difficuldade que nos animaes grandes , que precisaõ de estomago , e mais orgãos da nutrição , necessitaõ de huma grande fabrica para tirarem de todos os alimentos hum succo commum para o converter no seu proprio sustento , e crescerem os membros , e tomarem força vital , de tudo isto necessitaõ ; pois a razão he a mesma nos animaes grandes , e nos pequenos ; e ainda estes causaõ maior admiração pela pequenez ; sendo mais admiravel ver hum relógio do tamanho dos olhos de huma mosca (se o houvesse) do que hum relógio de torre.

Baron. A pequenez he sem duvida que augmenta , e não diminue a difficuldade do mecanismo.

Theod. Logo mais impossivel he que hum Insecto seja produzido sem causa intelligente que o formasse , do que o mais complicado relógio.

Baron. Isso (quanto a mim) he de summa evidencia , e póde-se pôr a par das proposições mathematicas , e tão claro como que tres , e quatro fazem sete. Porém nós vemos que os Insectos com

toda essa fabrica que Vós dizeis, nascem pela geraçãõ de seus pais: como logo fazeis dali passagem para a existencia de hum Deos?

Theod. Vós não reparastes no que eu disse: disse que os Insectos pedião causa intelligente que os formasse: eu não digo, que esta causa intelligente, he para formar esta formiga que ahi vai andando pelo chaõ; mas para formar a primeira formiga, da qual as mais todas por gerações regulares procederaõ. Reparai Baroneza, que este argumento he mais forte do que Vós cuidais.

Baron. Explicai-mo bem. Mas eu sinto lá fóra o Coronel, de quem ha pouco vos dizia que o tinha por Atheo. Eu o meto na questaõ: deixai-me com elle até o interessarmos no ponto. Tende paciencia com os despropósitos que ouvirdes, que os diz de boa marca.

Coronel. Grande caso Madama! Vós fechada no Gabinete só por só com o vosso Mestre! isso he força de Calculo, ou algum Problema geometrico interessante. Deixai-vos disso, Senhora: o vosso sexo só deve applicar-se

ás modas , e aos attractivos da bella idade : deixai para nós os estudos secos , e melancolicos da Mathematica , porque nos pertencem : fazei-vos cada vez mais bella para ganhardes os corações de todos com as graças da Natureza , e da Arte.

Baron. A melhor graça que tenho da Natureza he a rectidão do meu juizo , tão costumado aos estudos geometricos , que não aturo discurso torto ; e parece-me que assim como a mais bella Dama , e mais ricamente preparada se tivesse a cabeça torta , perdia toda a mais graça , quer da Natureza , quer da Arte ; assim ou seja homem , ou senhora , se não discorre bem , nem dá do seu dito razião genuina , para mim he peor que ter a cabeça torta. Eu prézo-me mais do meu entendimento , que da minha cara , porque a minha alma val mais que o meu corpo ; e assim não vos admireis do empenho , com que eu me applico á Geometria ; porque gosto de não abraçar huma verdade , senão quando estou certissima que não abraço hum erro mascarado com boa cara.

Nas conversações de muitos Cavalhei-

ros ouço discursos que me parecem de mulheres do campo, ou de crianças da rua, sem connexão, sem firmeza, sem principios: fallaõ, fallaõ, com hum ar, e tom magistral, e não dizem nada. Eu calo-me; mas depois venho para o meu Gabinete, e rio á minha vontade.

Coronel. E quantas vezes tereis Vós rido de mim?

Baron. Vós me fallais em confiança? hei de dizer a verdade, porque huma *Geómetra*, como Vós me chamais, não faz cumprimentos em materia de verdade. Muitas vezes tenho rido; e já hoje o fiz á cerca da conversação de hontem, quando Vós fallaveis em duvida da Existencia de Deos. Perdoai-me, que eu não sei a vossa crença; mas quanto a mim; hum Atheo he hum homem que não discorre.

Coronel. Ora supponhamos que eu sou Atheo; que tendes que dizer contra isso?

Baron. Como entramos em duélo, eu vos entrego a lança, Theodosio; sois meu Mestre, disputai, que eu (meu Coronel) reservo para mim o privilegio de rir, quando ouvir algum des-
pro-

propósito , seja de quem for. Em me
naõ toando , rio ; que he a arma de
Senhora ; arma , que tem fraco despi-
que.

Coronel. Eu vinha visitar-vos ; naõ vi-
nha para disputa : mas já que Vós
mandais , eu naõ me escuso do duél-
lo , que isso naõ me está bem ; naõ
vos temo , Theodosio.

Theod. Nem eu : estimo que Vós sejais
o contendor pela circumstancia que to-
dos sabem , que Vós sendo homem
cultivado com estudos da Mathemati-
ca , sabeis bem a força de huma ver-
dade , quando he deduzida de outra ;
e por naõ perder palavras , nem tem-
po. Nós fallava-mos na materia quan-
do Vós entrastes , e eu dizia , que a
producção das creaturas , v. g. dos In-
sectos , provava evidentemente a Exis-
tencia de hum Deos.

Coronel. Ora quero ver isso : quero ver
como huma formiga , que eu meto de-
baixo dos pés , me obriga a pôr no
Throno dos Ceos hum Ser de summa
perfeição ; em fim hum Deos.

Theod. Supponho que Vós sabeis da ad-
miravel perfeição , e delicadeza da
formiga ; e que he superfluo dizer-vos ,
que

que a sua construcção he mais admiravel em certo modo que a do homem.

Coronel. Nisso estou mais instruido talvez do que Vós; porque tenho hum excellentissimo Microscopio.

Theod. Bem: logo houve huma causa Intelligente que ideou, e que executou este admiravel mecanismo da formiga.

Coronel. Sim: as outras formigas que a gerárao: he grande caso! podeis, Senhora, ir rindo.

Theod. Daqui a pouco, amigo: Mas a primeira formiga quem a formou? E quem lhe deu poder (fazei reflexão no que accrescento) E quem lhe deu poder para que della por hum concurso do sexo sahisssem novas formigas tao perfeitas como as primeiras, que sahiraõ das mãos Omnipotentes? Fallai como homem de bem, e franco, que não prostitue a *Verdade* que entende á *Teima* que quer sustentar; e reparai bem no que pergunto. Eu posso formar hum relógio; mas he incrivelmente mais difficil formar eu hum relógio, o qual possa produzir outros muitos mil relógios, e possa dar-lhes habilidade para que elles pos-

saõ

vão fazer outros muitos ; e isto sem que nenhum delles tenha intelligencia , nem saiba nada do mecanismo que elles tem , nem de mecanismo , que dá a seus filhos : de forte que tudo seja disposto pelo Relojoeiro primitivo. Não he isto infinitamente mais perfeito , e difficil , do que simplesmente fazer hum relógio.

Coronel. Não se póde duvidar : isso he huma cousa infinitamente mais perfeita.

Theod. Bem está : pois esse *Ser* , que formou as primeiras formigas , tem tal intelligencia , que não só lhes deo huma delicadissima perfeição de órgãos : mas formou de maneira esses insectos , que sem elles terem algum conhecimento do seu mecanismo proprio , o fossem dando Pais a Filhos , e Filhos a Netos , e Bisnetos , tudo em virtude da primeira construcção. Deichai-me que eu ponha em toda a sua clareza este ponto. Se as primeiras formigas tivessem tal juizo , e intelligencia , que ellas comprehendessem bem todo o seu mecanismo , já isso era muito : mas se além disso essas formigas podessem ter intelligencia , e habilidade para formar

mar

mar outros corpos organicos semelhantes aos seus proprios , era muito mais : e se além disso soubessem ensinar-lhes como esses insectos produzidos haviaõ de fazer , e formar outros , quem duvida que isso era muito mais ; e neste caso já o primeiro Author da Formiga provaria de grandissima Intelligencia , e omnipotente Poder : mas o nosso caso he muito maior , porque as primeiras formigas nunca souberaõ da sua interior organizaçãõ , como Vós (meu amigo) não sabeis , nem Madama , dos escaninhos admiraveis da vossa organizaçãõ , porque não estudastes Anatomia. Ora se estas formigas não souberaõ nunca do seu proprio mecanismo interno , como o podiaõ dar por propria intelligencia a seus filhos ? Podia isto fer ?

Coronel. Não.

Theod. Logo quando lha deraõ pela geraçãõ , foi em virtude daquelle Author primeiro que as fez de modo , que pelo simples concurso do sexo , se produzissem novos corpos organicos semelhantes aos primeiros. Tudo de lá veio , porque eu argumento assim. Toda a obra bem regulada com de-

delicadeza , e connexões admiraveis pede Causa intelligente , que entenda o que faz , e dirija as cousas connexas , preferindo-as a outras não connexas.

Coronel. He evidente.

Theod. Esta causa não se acha nas formigas segundas , ou terceiras , nem nas primeiras , porque ellas nunca souberão o seu mecanismo proprio.

Coronel. Tambem concordo.

Theod. Logo esta Causa intelligente do mecanismo das formigas de agora , residio no Author das primeiras formigas.

Coronel. Não o nego.

Theod. Logo esse Author era hum *Ente* , ou hum *Ser* , ou huma *Cousa* (permitte esta palavra das Escólas , que he precisa) era hum *Ente* que tinha grande , e inimitavel Intelligencia , grande , e inimitavel Poder.

Coronel. Tudo isso confesso , assim he : mas que tirais dahi ? não soffro tantos rodeios.

Theod. Vamos de vagar ; no fim vo-lo direi. O mesmo discurso faço de todas as creaturas ; que conhecemos , e assim digo : Ou humas foraõ nascendo de outras de differentes especies , ou

todas as especies nasceraõ igualmente do grande Author de cada huma ? Escolhei o que quizerdes : como nenhuma se podia fazer a si mesma , vamos a dar em hum Author Supremo , do qual tudo nasceo , e que com summa Intelligencia , e Poder fez tudo ; com esta habilidade , de humas creaturas irem communicando humas ás outras o seu inimitavel mecanismo. Este Author de tudo he que eu chamo Deos : logo he evidente que temos hum Deos. Ora respondi.

Coronel. Respondo por muitos modos.

Theod. Vamos ao primeiro.

Coronel. Esse Author universal das creaturas póde tambem ser creatura mais perfeita , que todas as mais que ella produzisse , e deste modo já não he Deos.

Theod. Pois está bem : ella não he Deos , mas será Deos quem fez essa creatura tão perfeita , ou quem fez a que a produzio , &c. Eu sómente chamo *Deos* a quem creou , e não foi creado por ninguem ; a quem deo existencia ao que vemos , sem que a recebesse de outrem. Esse primeiro Principio das cousas , ou da sua existencia he que eu cha-

chamo *Deos* : por conseguinte temos que ha hum *Deos* , porque não póde haver existencia creada , sem que tenha havido Principio dessa existencia. Qual he a outra resposta ?

Coronel. E se eu vos differ que todas ellas cousas , que estaõ feitas , não forã feitas por Causa intelligente , mas por hum *acaso* fortuito das particulas da materia , que succedeo arrumarem-se desse modo ; que direis Vós entã ?

Baron. Ah senhor Coronel , licença para rir.

Coronel. Este pensamento he de hum Filofofo antigo.

Baron. E os Filofofos antigos tinhaõ privilegio para não dizerem muita parvoíffe que faça rir a gente ? Eu sempre cá vou rindo delles , e de Vós. Ora Vós não me direis , quando achastes hum relógio , ou huma casaca feita pelo *acaso* ? sem maõ alguma intelligente que a governasse ? Dizei para alli , pela vossa honra. Vós credes isso , ou podeis fazer-vos violencia de crer esse pensamento possível ?

Coronel. Como me empenhais a minha honra , devo dizer-vos , Senhora , que

te-

tenho isto por hum grande despropósito , mas serve de fallar , porque assim fallaõ outros.

Theod. Vamos pois a outra resposta , que estas estaõ impugnadas.

Coronel. E se eu vos disser , que esse *Ente* Author de tudo foi a *Natureza* , e que ella he a Authora do universo , que tendes que replicar ?

Theod. Ha muitos annos que eu ando perguntando que cousa he isso , que se chama *Natureza* , e estimarei que Vós mo expliqueis. A *Natureza* he cousa espiritual , e intelligente , ou he cousa bruta , material , e cega ?

Coronel. A *Natureza* he huma cousa , que todos conhecem , e que ninguem explica : todos a conhecem , porque todos vem os seus effeitos , nesta serie continuada de movimentos : ella he a nossa mãi ; nós a conhecemos , ainda quando a naõ podemos bem definir.

Theod. Vós bem vedes que estamos em disputa rigorosa , cujas idéas devem ser claras ; e naõ em discursos poeticos , cujas idéas por bellas , e brillhantes saõ confusissimas. Se quizerdes que eu vos falle da *Natureza* em ar poeti-

tico , ou oratorio , quatro horas não bastariaõ , que taõ abundante he a materia : mas queremos aqui saber isso da Natureza o que he , se he materia , ou espirito ; se tem intelligencia , ou se he privada della. Amigo , Vós já empenhastes a vossa honra com a Baroneza para fallar com o coração ; empenhai-a tambem comigo por obsequio a ella , e dizei , que conceito fazeis da *Natureza*. Deixai-me dizer o meu , que talvez que concordemos. Eu chamo Natureza a *Esta Serie continuada , e costumada de movimentos em tudo que he visivel* ; porque o que toca á nossa vontade , e os affectos do animo já não são cousa da Natureza : concordais nesta idéa ?

Coronel. Concordo : essa he a minha mesma idéa.

Theod. Logo estamos com o argumento em pé : esta serie taõ constante de movimentos no Ceo , e terra , e taõ bellamente ordenada , sendo ao mesmo tempo taõ varia , e complicada , pede huma grande Intelligencia , que seja o Author disto , grande Intelligencia , e grande Poder. Ora essa *Intelligencia* chamo eu *Deos*. Logo temos
que

que a existencia das creaturas nos prova que ha Deos.

Coronel. Isso sim : o caso está se tudo he materia , como muitos dizem ; que esse Deos não sei como he.

Theod. Isso he outro ponto ; ficará para outra disputa , sobre a espiritualidade de Deos ; mas agora a conclusão he , que ha hum Deos Author de todas as creaturas , e que não recebo de ninguém a sua Natureza , e Existencia , mas que a tem de si mesmo ; e que este Author universal tem muita Intelligencia , e muito Poder.

Baron. Ora graças a Deos , que já vejo huma prova clara , de que Vós , meu Coronel sois homem sincero , e que vos rendeis á verdade , que se vos manifesta claramente. Vamos a passeio.

Coronel. Eu dei palavra a Madama Governadora que me mandou convidar para lhe dar o braço no passeio esta tarde : eu vos deixo em boa companhia. Adeos.

Theod. Ora Baroneza , vistes Vós modo de discorrer mais atordoadado do que o deste homem ! Pois assim são todos os mais , quando discorrem nestas materias.

Baron. Ainda eu lhe peguei por boa ponta, que foi empenhar-lhe a sua honra, para que dissesse o que no seu coração pensava.

Theod. Baroneza, crede que nenhum homem no mundo (falto do mundo civilizado) se persuade que não ha Deos: andaõ fallando, e forcejando, a ver se podem livrar-se do remorso que no seu coração sentem com as suas desordens; e desejariaõ de huma vez tirar essa espinha, e persuadir-se, que elles são senhores absolutos de suas acções: aqui vai parar tudo.

Baron. Mas dizem muito despropósito.

Theod. Senhora, crede-me: os maiores despropósitos, quando nos fazem conta, são bellissimas verdades. Vamos a passeio: chamai o Baraõ, que elle assim que percebeo que estava cá o Coronel com as suas Filosofias, não quiz entrar; mas eu bem o senti.

T A R D E IV.

Sobre os Mystérios da nossa Religião em commun.

Baron. **N** Aõ sabeis , meu Theodosio , a guerra que me fez hontem á noite o nosso Brigadeiro , zombando da minha Crença , que elle chamava, *Credulidade de mulheres*, as quaes cegamente entregavaõ o seu juizo a quem queria pegar delle , para o conduzir , fosse para onde fosse. Elle sim faz , como eu , a profissãõ de Catholico Romano no exterior ; mas pelo que me disse , supponho que naõ tem Religião nenhuma. Eu o convidei hoje para o passeio ; creio que naõ nos faltará a vir-me buscar aqui : tomára que o ouvísseis nesta materia , porque na verdade me abala muito o seu modo de discorrer ; e em materia de tanta importancia naõ queria ser enganada. Nem quero crer mais do que devo , nem deixar de crer o que he justo. O Baraõ , o Chevalier , Sophia ,

Victoria , e minha Mãi todos nos ouvem neste gabinete de meu Pai , e não querem assistir á disputa , para nos dar mais liberdade.

Theod. Eu não o hei de atacar , porque não convém ; se elle me atacar a mim , responderei com paz : e não temais que o Erro triunfe : se elle sabe jogar a espada da Razaõ , como homem , não o temo , que a nossa causa he boa.

Baron. Douto he elle : nas sciencias naturaes julgo que discorre bem , e pelo menos agrada-me : eu o farei entrar em questaõ : soffrei prudentemente o seu ataque , porque he hum pouco picante , e tem certo ar de desprezo , que lá offende hum pouco.

Theod. Senhora , assim deve fazer , segundo o costume , porque Advogado de causa má suppre a falta de razões sólidas com ironías engraçadas. Não me abate com isso , porque eu quando jóggo o Florete , não atiro aos vestidos , nem me embaraço que me toquem nelles ; atiro ao corpo : deixo passar palavras , vou ás razões ; e depois se ficar victorioso , poderei tambem dizer alguma palavrinha , que sirva de re-
pri-

primir certas vivezas de poucos annos , e menos estudos. Creio que o sinto entrar. Se o Brigadeiro tem esse genio picante , e de Oraculo , dar-me-heis licença , que se eu achar geito , me hei de divertir com elle , fallando com ironía , fingindo-me fraco para o fazer escorregar , e cahir , sem que eu o ataque : e depois de rir-mos hum pouco , jogaremos a espada da Razaõ por outro modo , e de veras , a viver , ou morrer : Pelo que naõ vos escandalizeis do que eu differ ao principio , porque no methodo Socratico me he precisa a farça da ironía até hum certo ponto. Elle ahi entra.

Baron. Em Vós fallava-mos agora , Senhor Brigadeiro , e eu já tinha prevenido o meu Mestre , e vossõ amigo , da honra que esta tarde nos farieis.

Brigad. Muito tempo ha que desejava communicar-vos Theodosio ; e naõ tendo occasiaõ para receber de Vós esta honra , me serví da introducçaõ da Senhora Baroneza Vossa Discipula , que me honra.

Theod. Era mutuo em nós ambos este desejo ; porque desde que vos ouvi fallar em materias de Fysica , e vi que

ereis tão instruido, desejei communi-
car-vos, por ser essa a minha applica-
ção, e o meu gosto: nada acho que
satisfaça mais a curiosidade do homem,
nada que o entretenha com maior re-
creio. De huma parte a Mathematica
com os seus calculos, da outra a ex-
periencia com as suas observações,
levaõ a nossa alma por ambos os bra-
ços de tal modo, e com passos tão
seguros, e tão certos ao Paiz da Ver-
dade, que fica deliciosamente embria-
gada, gozando da sua amavel, e ina-
preciavel belleza.

Brigad. Graças a Deos, Baroneza, que
acho em Theodosio hum homem co-
mo eu esperava, mas não como Vós
me dizieis. Vós me pintaveis Theodo-
sio como hum homem de entendimen-
to fervil, que o deixava levar arras-
trado, e com os olhos fechados para
onde o queriaõ levar, crendo na Re-
ligião cousas que nem elle, nem quem
lhas persuadio, podiaõ comprehender;
e isso me admirava, que sendo aliás
hum homem de espirito tão illustrado,
e tão indagador da verdade, se deixas-
se ir como cego para Regiões desco-
nhecidas. Agora, amigo Theodosio,
vejo

vejo que sois como eu , e como todo o homem de juizo , e que nada credes , senão o que claramente comprehendeis com o calculo , e com as observações , deixando esses Mysterios incomprehensíveis , que nos ensinárao quando era-mos meninos da escola , os quaes crem tudo quanto lhes dizem , que devem crer , até que ha hum Papao que come as crianças.

Theod. Meu amigo , gosto que me toqueis nessa materia , porque como tendes juizo fino , poderei explicarme comvosco , e reflectir com madureza. He fortuna minha dar com quem sabia manejar a espada da Razaõ , e distinguir hum discurso serio de huma invectiva jocosa. Isto posto , quero-me instruir do vosso modo de pensar sobre esse Principio de Joao Jacques Rousseau , hoje muito adoptado. *Hum homem de Juizo não deve crer o que não comprehende.*

Brigad. He a Maxima mais racionavel , que jámais se estabeleceo. Eu se não comprehendo huma cousa , digo , que não creio. Que differença fazeis Vós de hum homem de juizo a huma velha tonta , que curvada toda sobre o seu

seu bordaõ , vai arrastrando huma alma vil , fraca , e já meio morta , atraz de hum Clerigo taõ tonto como ella , que naõ entende o que disse , e ha muitos annos lhe ensinaraõ ? Deos me livre , que tendo eu entendimento illustrado , e sendo homem de estudos , creia como velha ignorante. Isso naõ ; nem me persuado que Vós sejais assim.

Theod. Ora dai-me cá hum abraço , meu grande amigo ; que já vejo que me podeis tirar varias duvidas ; pois tendes juizo claro : Naõ me enganava a Baroneza nos elogios , que me fazia de Vós : essa maxima de naõ crer o que nós naõ comprehendemos claramente , lá parece conforme a razaõ. Mas dizei-me : e Vós a tendes por geral ?

Brigad. Geral , e generalissima ; porque hum homem , que naõ se serve da sua Razaõ , em nada se differença desses brutos , com quem vive , e trabalha no campo , lidando sempre com elles ; porque nunca dá razaõ do que faz , nem do que diz ; faz o que seu Pai lhe ensinou , e diz o que ouvio dizer ; e a sua Razaõ está taõ ferrugenta como peça que nunca teve uso. Nada ,

da , meu amigo ; se não comprehenderdes bem huma cousa de forma que possais dar razão della , não a deveis crer.

Theod. Mal sabeis quanto trabalho me poupais , porque muitas cousas cria eu , e cria firmemente ; mas não podia explicar isso que cria ; e entre tanto o meu entendimento trabalhava , e suava em vão ; buscando a razão que não podia achar.

Brigad. Nunca façais isso , amigo , se quereis ser tido como homem de juizo : negai tudo o que não puderdes explicar ; ou ao menos dizei que não credes , para vos livrardes de que vos digaõ , que o vosso juizo he caudatario de tontos , que vai cegamente para onde cegamente vos levaõ.

Theod. Que vasto campo se me abre agora para desafogar a minha razão opprimida até aqui com mil difficuldades. Mas eu não sei , amigo , se Vós seguís essa maxima tão geralmente , como dizeis.

Brigad. Não duvideis que eu deixe de a seguir firmíssimamente ; nem pessoa alguma me pôde atacar , porque em dizendo que não creio , estou livre de todo o argumento.

Theod.

Theod. Tenho entendido : ora , amigo , soffrei o meu escrupulo , já que me fazeis a honra de ser meu Mestre. Que pensais Vós da nossa alma ?

Brigad. Eu posso dar-vos mil definições ; mas eu só fei que he hum espirito intelligente , que percebe as sensações dos sentidos , e governa o movimento dos membros. Isto he o que basta para o conhecimento da alma.

Theod. Mas como explicais Vós que passem as sensações dos sentidos , e do cerebro material para a alma espiritual ? e tambem como passa o movimento , ou determinação da alma espiritual para os membros corporeos ? Como he este jogo , esta uniaõ , esta passagem ?

Brigad. Nisso ha tres Systemas : o de Leibnitz he engenhoso , mas he materia de rizo ; o de Descartes não he nada : o do Influxo Fysico he impossivel : com que nisso , aqui para nós , não se sabe nada.

Theod. Oh meu amigo : entaõ digo eu que não creio , que Vós tenhais alma , nem lingua , nem mãos que ella governe : porque acabais de me dizer que ninguem comprehende como isso seja,

seja , e não sabeis dar razão clara disso ; e assim , meu amigo , eu não creio que Vós tenhais alma , nem que ella receba as sensações dos sentidos ; nem tambem que possa governar os movimentos dos membros. Isso não ; porque se me perguntarem como está essa alma na vossa cabeça , como entende o que eu digo , como move a vossa lingua para me responderdes , eu não o sei dizer ; nem ninguem. E esta he a vossa maxima de negar a pés juntos tudo o que eu não comprehendo claramente. Vós rides , Baroneza ? Ride , que tambem eu não creio na vossa alma , nem que ella perceba o que eu fallo com o nosso amigo ; porque não comprehendo como o som da minha voz póde ir desinquietar a vossa alma espiritual , sendo o som pura materia , e tudo quanto o som faz no cerebro , he cousa corporea , e a vossa alma he espiritual. Assim protesto que não creio que Vós tenhais alma que perceba as minhas vozes ; nem que determine as vossas.

Baron. Perdoai , Brigadeiro , o meu riso , que mais se dirige á confiança que tenho com Theodosio , do que a
me-

menos attenção a vosso respeito.

Brigad. Eu bem vejo que elle graceja ; pois não póde duvidar da minha alma , movimentos , sensações , &c. Isto só por graça o diz.

Theod. Eu gracejo , mas quero reposta ; porque eu me firmo no Documento que me destes , de não crer aquillo que claramente não comprehendo.

Baron. Ora fallai sem ironia Theodosio , que quero saber o que pensais neste ponto.

Theod. Eu quiz antes de entrar no Dué-
lo com o senhor Brigadeiro mostrar-
lhe que a situação em que se punha
para contender , e brigar comigo o
fazia escorregar , e cahir : mas se que-
reis , eu me explico de vagar : vamos
por partes : Vós , Baroneza , ireis
com o lapis assentando as proposições
em que nós ambos concordarmos , pa-
ra no fim vos lembrardes bem dellas ,
e nós as podermos reduzir a hum dis-
curso firme , e concludente.

Brigad. Parece-me justo ; e tambem se
evita o perigo que na força do dis-
curso andemos para traz , e para dian-
te , dizendo e desdizendo. Hide assen-
tando , Senhora , tudo aquillo em que
nós concordarmos.

Theod.

Theod. Com que , meu amigo , Vós affentais que na materia de Religiaõ affoitamente se deve negar tudo aquillo que a nossa Razaõ não comprehender ?

Brigad. Certamente.

Theod. Visto isso bem pouca cousa he o Omnipotente ; pois hade caber todo na nossa bem curta , e limitada intelligencia. Entaõ como diremos nós que Deos he Infinito em todo o genero de perfeições , se a nossa curta intelligencia o ha de comprehender todo ; e nada , nada póde Deos ter que nos fique de fóra ? Que a nossa intelligencia he bem curta , e limitada todos o sabem ; e quanto mais estudamos , mais o conhecemos : de fóra que só quem não estuda he que presume de que não ignora muitas cousas. Mas em qualquer materia a que nos applicuemos , nos achamos embaraçados com difficuldades , a que não lhe podemos achar sahida , confessando todos que a mais perspicaz intelligencia sempre he curta. Não concordais nisso , Amigo ?

Brigad. Concordo a meu pezar , e todos os homens doutos a seu pezar concordão , que em toda a materia ha mil cousas que se ignoraõ.

Theod.

Theod. Ora , Baroneza , ide lá escrevendo para que eu me não esqueça : concorda o Senhor Brigadeiro em que *A nossa intelligencia , ainda a mais perfeita he muito curta.* (1. Proposição.)

Que Deos he Infinito em todo o genero de perfeição. (2. Proposição.) *Mas que esse Deos Infinito por força ha de caber nessa intelligencia curta ; e que tudo o que ficar de fóra , se ha de negar ; só pela razão de que não se comprehende.* (3. Proposição.) Não vos afflijais , amigo , que por ora isto he só lapis ; no fim da conferencia escreveremos com tinta o resultado.

Baron. Cá escrevi : sabeis Vós o que me occorre ? Lembraõ-me os nossos carreiros de Armendáris , que enterados entre os Pirinéos , andaõ toda a vida labutando com o seu carro de huma para outra Aldêa , e não conhecem mais terra , que essa pouca que pizaõ , e que quasi assentaõ que não ha mais mundo do que esse que conhecem : assim me parecem esses discursos pelo que vou vendo.

Theod. Não enfraqueçamos o discurso ; deixai-me ir seguindo a minha idéa. Amigos , isto de *Mysterio* não he o mes-

mesmo que *Quiméra*, ou *Delirio*, como muitos pensaõ. *Mysterio* he huma cousa *sobre*, ou *além da Razaõ* humana : *Quiméra* he huma cousa *contra* a Razaõ humana ; e isto naõ he o mesmo. Hum homem de juizo naõ deve , nem póde admittir o que he *contra a Razaõ* ; mas póde , e ás vezes deve admittir o que he *sobre*, ou *além da Razaõ*. Eu me explico com exemplos. Os que tem profundado a Física como Vós , confessaõ que na Natureza ha *Mysterios* taes , que a mais sagaz industria , e perspicaz intelligencia naõ póde comprehender , porém com tudo isso , naõ lhes he licito o negallos. Já no que disse da communicação da nossa alma com o corpo vos dei huma bem evidente prova de que podemos crer de certo que huma cousa he, ainda que ninguem saiba como he.

Mas convém multiplicar os exemplos : Se naõ quizermos attribuir a propensaõ dos graves para a Terra á *Maõ Suprema* que immediatamente obre esse effeito , segundo as leis que Elle estabeleceo (o que muito poucos seguem) ainda se espera , e com grande ancia
hum

hum Filosofo , ou antigo , ou moderno que explique soffrivelmente , que cousa he esta *Gravidade* , que temos em tudo.

Brigad. Niſſo concordo ; porque nem Descartes , nem Neuton , nem Gassen-do , nem algum outro , soltaõ a difficuldade ; mudaõ-na , mas naõ a defataõ : niſſo concordo.

Theod. E com tudo , quem disſeſſe : *Eu naõ creio que o chumbo peze para a terra , porque naõ comprehendendo como iſſo poſſa ſer* : merecia huma boa rizada em reſpoſta.

Mais : ainda ſe eſpera quem nos explique porque razaõ o ar ſereno he mais pezado que o chuvoso ; e com tudo quem vê que o Barometro ſobe com o bom tempo , e abaixa com o tempo chuvoso , naõ duvida que iſſo ſeja aſſim , poſto que atégora ninguem comprehendenda como iſſo ſeja.

Brigad. Tambem he ponto que nunca achei tratado com ſatisfaçaõ minha.

Theod. Ainda mais : ſabemos que das ſementes nos vem as plantas , e que nel-tas nos vem novas ſementes. Mas quem houve até agora no mundo todo , que nos explicaffe como ſe formaõ eſſas

novas sementes? Se differem, que todas estão já formadas, e que os seus órgãos involtos se incluem huns nos outros, como ternos de caixas, de forte que hum figo do meu quintal encerra dentro em si quantas mil figueiras d'elle se podem gerar; ainda no caso que todos os seus grãos filhassem, e que todos os figos dessas novas figueiras se semeassem, e os figos netos, e bisnetos dos primeiros por huma pasmosa descendencia até o fim do mundo se destinassem para sementeira: se quizerem, digo, que todos esses ramos, folhas, figos, rai- zes, e troncos, com todos os seus or- gãos, estão já actualmente envolvidos, e fechados em cada graõzinho de hum figo, quem poderá comprehender este Mysterio?

Mas por outra parte se differem que as sementes se formão de novo na arvore que as produz, e que os seus orgãosinhos não se desenvolvem, mas que se fabricaõ de novo do succo da arvore, quem ha em todo o mun- do que nos ensine que maõ he essa que governa esse succo para huma fa- brica mais pasmosa que o mais deli-

cado , e complicado Relogio ? He preciso que deste succo uniforme se faça aqui huma fibra comprida , alli hum utriculo redondo óco por dentro , com certo fermento para cozer o succo que por ahi passa , acolá se forme huma Trachea espiral para receber , e expelir o ar á maneira dos nossos bofes , quando respiramos ; porque tudo isto se vê com os olhos quando usamos do Microscopio. Quem deo o molde para se vasarem estes orgãos , e se temos esses moldes , em que moldes se vasaraõ elles primeiro ? porque era muito mais difficil haver esses moldes , sem que huma mão sábia conduzisse esse succo , do que (sem governo algum) apparecerem feitos de hum pouco de succo da terra taõ delicados , e complicados orgãos , como vemos nas sementes de huma arvore.

De mais todas as sementes formadas sem mão intelligente em huma figueira são semelhantes entre si ; e em huma gingeira tambem semelhantes entre si , e differentes das sementes de outras arvores. Se não differem que he a Mão de Deos , que , segundo a sua Lei , assim obra , nada dizem , e nada

da podem dizer. Huma destas duas coulas ha de ser : ou os orgãos das fementes estaõ involvidos nos antecedentes , ou se formaõ de novo , sem apparecer maõ que governe esse succo : ora nem huma coufa , nem outra se póde comprehender ; e com tudo crê-se , porque se vê ; e ninguem (sob pena de ir para a casa dos doidos) ha de dizer : naõ creio que haja fementes , porque naõ posso comprehender como ellas se formem , nem como esse Mysterio se explique.

Baron. Eu creio que em dizendo que he a Natureza que faz isso , tudo se entende bem.

Theod. Naõ me digais isso , Baroneza ; que essa resposta he para contentar o povo , e enganar meninos. Já hontem tive essa questaõ com o Coronel. Eu quero saber que quer dizer *Natureza* ? Se he homem ou mulher ? pasfaro ou bicho ? corpo ou espirito ? que casta de ente he isso de que tanto se falla ? Se naõ disserem que he a *Maõ de Deos* , que obra immediatamente effizes effeitos segundo a lei , ou costume que Elle poz , naõ dizem nada que se entenda. Assim bem vedes , Baroneza ,

que ninguém comprehende este Myfterio da Natureza : mas não obstante isso ninguém o nega.

Quantas demonstrações vos fiz , quando tinha a honra de cuidar da vossa educação , quantas demonstrações vos fiz ácerca do espaço , e da Astronomia , que obrigaõ a todo o homem a confessar mil paradoxos , que nem eu , nem Vós , nem algum Fyfico ou Mathematico sincero jámais entendo ? mas todos os confessaõ , só por força da demonstraõ. Quem estuda por este grande livro do Universo , a cada folha se vê pasmado , confuso , e embaraçado ; e no fim , se for sincero , ha de dizer : *Confesso que o Todo Poderoso vai muito além da minha intelligencia : e que o Poder de Deos he maior que o meu entendimento ; e nelle não cabe : de sorte que muitas cousas de Deos ficaõ fóra da minha comprehensaõ.* Tudo isto ha de confessar , se não quizer passar por doído.

Muitas cousas nos pareciaõ *contra a Razaõ* , e depois se vio que eraõ verdade. Quem ha vinte annos disse-se que a chamma do fogo podia passar

far por dentro da agua por hum grande espaço , seria reputado por hum delirante , e que dizia cousas *contra a Razaõ*. Mas Mr. Jallabert no Lago de Genebra , por meio da maquina Electrica , fez passar a chamma por quinhentas braças de agua ; e eu em casa do Arcebispo de Auch a fiz passar visivelmente por dentro da agua por oito ou nove braças della ; e qualquer o póde fazer , e de modo bem visível , o que prova que naõ era isso *contra a Razaõ* , mas huma verdade *superior entaõ á nossa Razaõ*.

Quem dissesse haverá vinte annos , que no tempo das trovoadas podiamos governar os raios , puxallos sem perigo para huma parte , e affastallos da outra , diria que isso era cousa *contra a Razaõ*. Veio Mr. Franklin , e vio-se que era verdade ; e nós por meio das pontas de ferro postas como deve ser nos conductores em lugares altos , defendemos os edificios das ruinas que os raios ameaçavaõ. Podeis negar isto ?

Forçoso he omittir mil outros exemplos , para poder formar este argumento. Dizei-me agora , meus ami-

gos : Se a materia visível , e palpavel tem taes *Mysterios* , que os mais habeis engenhos os não podem comprehender , que muito he que Deos infinitamente superior á materia tambem os tenha ? Revolvei , meus amigos , no vosso entendimento esta pergunta , e vede como lhe podeis dar resposta. O palpavel , e corporeo será mais alto , e mais incomprehensivel que o espiritual , e incorporeo ? Que me dizeis ? Deos Author da Materia a faria mais incomprehensivel , e mais superior á humana intelligencia do que Elle mesmo era ? Tudo o que ha admiravel nas creaturas , por ventura não sahio do Entendimento , e Essencia do Creador ? Será logo a Materia maior do que Deos ? E quem não pôde comprehender perfeitamente a *Materia* , terá o attrevimento de dizer , que comprehende tudo quanto ha em Deos ? E isso de fôrma que não queira conceder que haja em Deos nada , senão o que comprehende ; isto he , nada de *Mysterios*. Pois isso , meu amigo , diz quem segue essa Maxima : *Não creio , porque não comprehendo ; ou por outro modo : Nenhum homem de juizo*
crê

crê isso que não comprehendê. E isto quando na materia todos os homens de juizo crêem o que nunca comprehenderaõ : que vos parece , Baroneza?

Baron. Meu Brigadeiro , as cousas tem agora outra côr. mui diversa , do que mostravaõ ao principio.

Brigad. Senhora , eu não nego , que este discurso tem força : mas crer cousas que tem contradicção , e impossibilidade , he loucura. Querdes Vós tirar-nos o uso da razaõ que Deos nos deo , he atrevimento , e disparate : Perdoai , Theodosio , fallar assim ; mas o sangue me ferve.

Theod. De vagar , meu Cavalheiro ; nenhum dos Mysterios da nossa Religiaõ he *impossivel* , nenhum *involve contradicção* : ignorar eu o modo com que a cousa possa ser , não prova , que ella involva contradicção : he defeito do meu entendimento , que não se comunica lá ás cousas na realidade : muitos confundem huma cousa com outra : ser o meu entendimento curto , não he ser a *cousa impossivel*.

Baron. Lembra-me , Theodosio , a esse respeito o que me succedia ao principio quando eu observava o Sol pelo

Telescopio de meu Irmaõ : estava elle em *Saumur* no seu Regimento , e eu não tinha cuidado de limpar as lentes ; e toda a poeira que nellas estava , eu reputava manchas do Sol , attribuindo a este Astro luminoso as imperfeições do meu instrumento com que para elle olhava : assim me parece que são esses meus Senhores , attribuem a Deos , o defeito do seu juizo ; e como não comprehendem o que se diz , assentaõ que Deos não tem isso , só porque não o podem vêr. Mas continuai , Theodosio , perdoai a interrupção.

Theod. Era taõ propria a comparação que não nos interrompeo : Mas exemplifiquemos isto. Se no tempo , em que Aristoteles reinava nas Escólas , alguem dissesse que o ar pezava , e que cada hum de nós trazia sobre si mais de cinco mil arrateis de pezo , vos haviaõ de responder , que isso era huma impossibilidade manifesta , ser o nosso corpo estando vivo por essencia sensitivo , e achar-se insensivel a taõ enorme pezo ; e de huma consequencia a outra , com quatro Syllogismos informa vos obrigaríãõ a confessar , que ereis
doi-

doido. Mas vieraõ depois Mr. Paschal , Gallileo , Torricelli , e todos os de mais Fyficos , e fizeraõ calar todos elles antigos Filofosos , de fórma que hoje sómente meninos , e velhas negaõ o pezo do ar. Era confusaõ de entendimento ; era fraqueza de intelligencia ; fallemos claro , era ignorancia em nós o que se dizia ser falta de pezo no ar : os Filofosos o privavaõ do feu pezo , porque elles se achavaõ privados de luzes , e de experiencia. O mesmo succede agora com os Mysterios da Religiaõ. Naõ conhecem , naõ percebem , naõ comprehendem , e attribuindo ás cousas o defeito que elles em si tem ; daõ afoitamente sentença contra Deos , e dizem : *Deos tal naõ fez* ; porque eu naõ entendo como isso possa ser.

Brigad. E vós naõ desculpais os antigos que negavaõ o pezo do ar ? Aqui estou eu que o tenho pezado muitas vezes em balança , e que diante do Baraõ tenho achado huma garrafa de cristal cheia de ar 103 grãos mais pezada do que vasia ; e com tudo desculpo os antigos que naõ tinhaõ as experiencias que nós temos : o mesmo di-

digo no nosso caso. Isto de crer hum homem de juizo o que elle não entende he temeridade.

Theod. Sim, sim; he temeridade crer, e admittir o que não entendo, se não ha fundamento grave; mas havendo-o, he temeridade, e máo discurso *negar* só pela razão de dizer *não comprehendendo*, que nisso he que está o vosso crime. Se não houvesse a experiencia, seria prudente nem dar, nem negar o pezo ao ar, e dizer hum louvavel *não sei*; porque não achava-mos fundamento para dizer *sim*, nem para dizer *não*; e do mesmo modo se não houvessem tão graves fundamentos para admittir os *Mysterios da Religião*, não era prudencia admittillos; mas havendo tantos fundamentos, dizer; *não admitto, e não creio, porque não entendo*, he disparate; e isso he o que fazem, e dizem os Senhores com quem agora disputamos; e para que me não negueis esse facto, venha aqui em pessoa o Senhor João Jacques Rousseau, vosso primeiro Mestre, e vejamos o que elle diz; e confessareis que ha fundamentos, e gravissimos para admittir esses *Mysterios* que se não comprehendem.

Brigad.

Brigad. Já morreo com bem pena minha , e prejuizo do Orbe Literario. Elle , elle foi quem nos abriu os olhos nesta materia , quando Vós os Catholicos , e todos os hereges andavaõ marcando pelas paredes sem atinar com o caminho verdadeiro : o immortal Rousseau he quem nos pegou pela maõ a todos , e disse , he por aqui : prouvera a Deos que não morresse.

Theod. Vivem os seus livros , e não está longe o seu Emilio. Oh Senhora Baroneza dai-me esse livro que eu puz sobre essa meza : Vede se he o mesmo.

Baron. Aqui tendes *Emilio Tomo terceiro.*

Theod. Eu o tenho resistado (pag. 165 , e Cartas pag. 108.) Aqui tendes meu Amigo Brigadeiro : lede-o Vós , que lhe sabeis dar o mesmo espirito lendo , que o seu Author lhe deo escrevendo : e pelo seu testemunho delle vereis se temos fundamento para os Mysterios da nossa Religiaõ que admittimos.

Brigad. Eu leio. „ Eu vos confesso (diz „ Rousseau) eu vos confesso , que a „ Magestade das Escrituras me deixa „ pasmado ; e que a santidade do E-

„ van-

„vangelho falla ao meu coração. Exa-
 „minai os livros dos Filósofos com
 „toda a sua pompa. Ah ! e como são
 „pequeninos á vista deste ! Como he
 „possivel que hum livro ao mesmo
 „tempo tão sublime , e tão simples
 „seja obra dos homens ? *Poderá crer-*
 „*se que o sujeito , cuja historia se*
 „*descreve , não seja senão hum puro*
 „*homem ?*

Theod. Notai , Baroneza , e fazei assen-
 to daquella proposição , que logo ha-
 vemos de reflectir nella. Perdoai ami-
 go , a interrupção ; que foi curta ,
 mas precisa : tende a bondade de con-
 tinuar a ler.

Brigad. Tambem eu reparei nessa pro-
 posição : eu continuo. „ Poderá crer-
 „ se que o sujeito cuja historia se des-
 „ creve , não seja senão hum puro ho-
 „ mem ! Acaço he este o tom de hum
 „ Sectario ambicioso , ou de algum
 „ cheio de enthusiasmo ? Que doçura ,
 „ e que pureza nos seus costumes !
 „ Que graça penetrante nas suas inf-
 „ trucções ! Que elevação nas suas Ma-
 „ ximas ! Que profunda sabedoria nos
 „ seus discursos ! Que presença de es-
 „ pírito , que delicadeza , que proprie-
 „ da-

„ dade em todas as suas respostas ! Que
„ imperio , e senhorio em todas as suas
„ paixões ! Onde está aqui o homem !
„ Onde o sábio que sabe obrar , soffrer,
„ e morrer sem fraqueza , e ao mesmo
„ tempo sem ostentação ?

„ Quando Plataõ (continúa Rouf-
„ seau) Quando Plataõ descreveo o
„ seu Justo imaginario , cuberto com
„ todos os opprobrios de crime , sendo
„ digno de toda a recompensa da vir-
„ tude , não faz se não descrever exa-
„ ctamente , e miudamente a Jesu Christo ,
„ a semelhança falta aos olhos por
„ hum modo tal que todos os Padres
„ da Igreja a conhecerão , e não he
„ possível enganar-se com o retrato.

„ Que preocupações , e que ce-
„ gueira he preciso ter para se atre-
„ verem a comparar o filho de So-
„ phronica , com o filho de Maria !
„ Que distancia de hum a outro ! So-
„ crates morrendo sem dores , nem a
„ menor ignominia , sustentou com fa-
„ cilidade até o fim o seu papel ; e
„ se esta morte facil de levar não hon-
„ raffe a sua vida , bem se podia du-
„ vidar se elle com todo o seu enten-
„ dimento tinha sido hum mero So-
„ fista.

„ Di-

„ Dizem que elle inventou a Fi-
 „ losofia Moral ; mas outros antes del-
 „ le a pozeraõ em pratica : Elle naõ
 „ fez fenaõ dizer o mesmo que outros
 „ tinhaõ obrado. Aristides tinha sido
 „ justo antes que Socrates explicasse
 „ em que consistia a Justiça, e a Vir-
 „ tude : Leonidas morreo pela Patria
 „ antes que Socrates dissesse, que ti-
 „ nha-mos obrigaçaõ de amalla. Spar-
 „ ta era sobrio antes que Socrates lou-
 „ vasse a sobriedade : antes que elle
 „ definisse a Virtude, toda a Grecia
 „ abundava em homens virtuosos.

„ Mas onde achou Jesu Christo no
 „ meio dos seus este Moral puro, e
 „ elevado, de que Elle unicamente
 „ nos deo as lições, e o exemplo ?
 „ Esta altissima Sabedoria appareceo
 „ no meio do fanatismo o mais fu-
 „ rioso ; e esta nobre simplicidade das
 „ Virtudes as mais heroicas veio hon-
 „ rar o mais vil de todos os Povos.

„ A morte de Socrates filosofando
 „ com os seus amigos até o ultimo
 „ momento, foi a mais doce que se
 „ póde desejar : porém a morte de
 „ Jesu Christo expirando nos tormen-
 „ tos, injuriado, escarnecido, amaldi-

„ çoa-

„ çoado por todo o Povo , foi a mais
 „ horrivel que se póde temer. Socra-
 „ tes tomando o vaso com veneno a-
 „ gradece a quem lho dá , vendo que
 „ elle chora , e Jesu Christo no meio
 „ do mais horroroso supplicio pede
 „ por aquelles mesmos que com a
 „ maior sanha , e raiva lhe estaõ dan-
 „ do a morte. Verdadeiramente se a
 „ morte de Socrates he de hum sá-
 „ bio , *a Vida , e Morte de Jesu*
 „ *Christo são de hum Deos.*

Theod. Parai hum pouco , amigo , e vê-
 de bem se vos equivocais no que le-
 des : Senhora , assentai lá aquella ul-
 tima proposição de Rousseau.

Baron. Cá vou pondo que *a Vida , e*
Morte de Jesu Christo são de hum
Deos. Continuai , Brigadeiro , na lei-
 tura.

Brigad. „ Dirnos-haõ (continúa Rouf-
 „ seau) Dirnos-haõ que a Historia do
 „ Evangelho foi inventada por pas-
 „ satempo ? Nunca se inventou por
 „ este modo : e de mais os factos de
 „ Socrates , de que ninguem duvida ,
 „ são menos authenticos que os de Jesu
 „ Christo. Além de que isso he fugir ,
 „ e não dissolver a difficuldade. Mui-

» to mais difficil he de conceber , que
 » alguns homens por ajuste fabricaf-
 » sem este livro , do que fer hum só
 » homem o objecto delle. Nunca os
 » authores Judeos achariaõ , nem este
 » Tom , nem este *Moral*. *O Evange-*
 » *lho tem hum caracter de Verdade*
 » *taõ grande , taõ evidente , taõ ini-*
 » *mitavel , que o Inventor seria ain-*
 » *da mais pasmoso que o Heróe.*

Baron. Bem vos entendo , Theodosio :
 suspendei por ora a leitura , Briga-
 deiro , em quanto assento essa propo-
 sição , que he notavel : aqui escrevo
 Theodosio : *O Evangelho tem hum*
caracter de Verdade grande , eviden-
te , inimitavel.

Theod. Vós vedes , amigos , que se não
 póde fallar com mais estimação , e res-
 peito de Jesu Christo nem do seu E-
 vangelho. E quem assim falla julga bem
 que ha fundamentos grandes para crer
 o que nelle se nos ensina ; pois que
 sem fundamento grande , não ha *ca-*
raçter de Verdade grande , eviden-
te , inimitavel , como diz Rousseau :
 sem fundamento grande não havia de
 dizer , que *o Objecto cuja he a histo-*
ria , não póde ser mero homem ; sem
 fun-

fundamento grande não havia de dizer, que a *Vida, e Morte de Jesu Christo são de hum Deos*; sem fundamento grande não havia de dizer, que era impossivel, que o *Evangelho fosse invento de homens*. Concordais nisto, amigos?

Brigad. Não podemos negar que Rousseau assim o diz, e assim o entendia certamente.

Theod. Não obstante isso não admittia o que Jesu Christo disse no Evangelho, sómente porque não o comprehendia: continuai a ler, e ficareis pasmado.

Brigad. Eu vou lendo: „ *Com tudo este mesmo Evangelho* (continúa Rousseau) *está cheio de cousas incriveis, de cousas que repugnaõ á Razaõ, e que he hum impossivel, que hum homem de Juizo possa conceber, nem admittir*. E que havemos de fazer no meio de todas estas *contradições*? Ser sempre modestos, circunspectos, e respeitar em silencio o que não sabemos nem *rejeitar*, nem *comprender*, e humilhar-nos diante do Ser supremo, que he só quem sabe a verdade. Eis aqui o Septismo involuntario, em que ficamos.

Theod.

Theod. Basta de leitura , meu amigo : seja-me licito reflectir agora com vosco nas clausulas desse Artigo. Elle tem razão em dizer , que ha contradicções , sem dúvida que as ha , e mui grandes ; mas são no que Rousseau diz , e não no que diz o Evangelho. Ide lá contando as contradicções de Rousseau comsigo mesmo.

Diz elle : *O Evangelho tem hum caracter de verdade evidente ; e tambem diz : mas está cheio de cousas incriveis , que repugnaõ á Razaõ.* Como he isto ? Logo o caracter de verdade evidente , e inimitavel , se achana nas cousas , que repugnaõ á razaõ , e são incriveis. Mais diz , que *Jesu Christo não póde ser meramente Homem , e que a vida , e morte de Jesu Christo são de hum Deos ;* mas tambem diz que não obstante isso ; *hum homem de Juizo não póde admittir o que Elle diz :* e quando nada temos hum Deos mentiroso , e despropositado , que diz cousas , que repugnaõ á razaõ , e que ninguem póde crer : que vos parece ? Mais diz , que *O Evangelho tem hum caracter de verdade evidente , e inimitavel ;* mas acrescenta :

eu não posso admittir essa verdade.
 Que tal discurso? Quem vio maior extravagancia de entendimento? dizer: *Isso certamente he verdade, mas eu não admitto essa verdade.*

Brigad. Rousseau tinha muito juizo; ninguém lho nega.

Theod. Mais juizo diz elle que tinha Jesu Christo, e que era Deos, e comtudo não está pelo que Jesu Christo diz. Tornai a lêr o que lestes. Elle diz, que devemos respeitar em silencio o *que não sabemos rejeitar*; mas que não o sabendo rejeitar, *não o devemos admittir*: e tudo porque? Porque toma por Sinonimos as palavras *conceber*, e *admittir*; dizendo he impossivel que hum homem de juizo possa *conceber*, nem *admittir*: e mais abaixo poem por contradictorios *rejeitar*, e *comprehender*, dizendo: não sabemos nem *rejeitar*, nem *comprehender*.

Sem *rejeitar*, nem *comprehender*, nós admittimos mil cousas certissimas na Natureza, mas escurissimas. Sem *rejeitar*, nem *comprehender* admittem hoje todos as attracções Neutonianas em todo o systema dos Ceos. Sem re-

Tom. IX. G jei-

jeitar, nem *comprehender* admittem todos as gerações dos *Viviparos*, fazendo os filhos ora semelhantes aos pais, ora ás mãis, ora a ambos, ora a nenhum; e isso sómente porque ha o fundamento da experiencia clara, que o prova com certeza: logo havendo (como Roussseau diz) o *caracter de verdade evidente no Evangelho*, e *inimitavel*, nós sem *rejeitar* o que he verdade certissima, e sem *comprehender* o que he escuro, devemos *admittir* o que disse hum homem *que não he puro homem, mas hum homem Deos*.

Dizei-me, meu Brigadeiro, Vós que servistes a ElRei na Marinha, sabeis como se governa a navegação pela agulha, e que da virtude do Iman communicado ao aço depende todo o governo das Náos. Mas supponho que ainda não achastes quem vos dissesse, porque razão fysica se faz esta communicação, e isso de modo que mereça acceitação. Eu ainda não achei explicação supportavel do modo com que o Iman communica a agulha a sua direcção para o Norte, &c.

Brigad. Nem eu, e tenho discorrido
mui-

muito nisso ; e buscado tudo o que se tem dito.

Theod. Ora supponde que hum Piloto a bordo , sendo Vós Commandante , vos dizia o que dos Mysterios da Religiaõ diz Rousseau. Senhor , esta communicaçã do Iman á agulha tem hum *caracter de verdade mui grande , mui evidente , e inimitavel ; mas nenhum homem , seja elle o de maior juizo , me pôde explicar isso de modo que eu possa conceber , nem comprehender como isso seja ; e assim no meio desta contradicçã eu devo ser modesto , e circunspecção , e sem rejeitar , nem admittir esta communicaçã da virtude do Iman humilhar-me diante do Ser supremo , que he só quem sabe a verdade , ficando em hum Septicismo involuntario : E assim confesso que não sei como isso he ; e não sabendo , não creio que se communique essa virtude do Iman para dirigir a agulha para o Norte ; e sem crer nisso , como posso governar a vossa Náo ? Se vos dissesse isto , e se fosse recolher na sua camera , deixando a Náo sem governo , que lhe farieis Vós ?*

Brigad. O que eu faria Vós o podeis

considerar. Deos me livre de semelhante doido.

Theod. Pois não he este o modo de discorrer de Mr. Rousseau ! Amigos , não nos levemos das bellas palavras de *ser modestos , e circunspectos , respeitando em silencio o Ser supremo que he só quem sabe a verdade , &c.* que estas palavras não valem nada.

Baron. Se vo-las dissesse o vosso Piloto a bordo no meio de huma tempestade , que mal recebidas feriaõ estas expressões de humildade ? Eu não posso soffrer que Rousseau diga , que *he impossivel que Jesu Christo seja hum puro homem ;* e depois que *se não póde admittir o que Elle diz , só porque senão póde comprehender.*

Theod. Tudo vai de confundir o ser a coisa *verdadeira* , ou o ser *clara* , ou *manifesta*. Tambem confundem saber eu *que a coisa he* , ou saber *como he*. Eu posso estar certo , ou pela razão , ou pela experiencia , ou pelo dito de hum homem Deos , *que a coisa he* , e pela curteza do meu entendimento não saber *o como he*.

Brigad. Tenho percebido , meu Amigo Theodosio : eu não tinha reflectido
tan-

tanto niffo , como Vós : agora hei de meditar niffo de vagar. Vamos ás novidades da Corte , que não faltaõ : basta de Theologia.

Theod. Deixai-me agora por conclusãõ fazer hum painel para Vós Baroneza pordes á ilharga do outro que vos deo o Senhor Brigadeiro , de *hum velha curvada sobre o seu bordaõ , que se deixava tollamente governar nas materias de Religiaõ por hum Clerigo velho , e meio tonto , que lhe ensinára na meninice della o que nem elle , nem ella comprehendiaõ* : ponde defronte deffe retrato outro que agora vos faço. He hum Filosofo meditabundo , que sentado na sua cadeira , com hum perna sobre a outra , e encostando a cabeça na maõ esquerda com a pluma na direita diz , resolutamente : Eu bem sei que houve na Syria hum Jesus de Nazareth , o qual certiffimamente *não foi puro homem* : sei de certo que *Elle foi Deos* , e o que Elle diz *tem o caracter da verdade taõ grande , taõ evidente , taõ inimitavel , que não posso duvidar* : mas não creio o que Elle diz , não obstante *ter o caracter evidente da verdade.*

Pois

Pois porque (lhe pergunta) . . . *Porque não comprehendendo isso que Elle me diz Mas se Elle de certo he Deos (lhe replicaõ) podeis fiarvos d'elle, ainda que não comprehendais. Isso não: (responde) sei que he Deos; porém não creio a Deos porque não entendo.* Mas Senhor Filosofo (instaõ) Vós tambem não comprehendeis mil Mysterios da Natureza, e Vós os admittís; porque Vós não haveis de negar o que os Filofofos todos confessaõ na Natureza. *Isso sim (responde) aos Filofofos naturaes cede o meu entendimento, crendo o que elles me ensinaõ, ainda que eu não comprehendenda; mas a Jesu Christo, que sem duvida nenhuma he Deos, não cede o meu entendimento, e como não comprehendendo, digo que não creio. Nas materias palpaveis confessarei que o meu entendimento he curto, e que ha muita cousa corporea na Natureza, que nem eu, nem homem algum até aqui explicou bem: mas em Deos que he hum Ser Infinito não quero conceder que haja cousa alguma que não caiba na minha comprehensaõ. A minha intelligencia para a Materia, e*
Na-

Natureza corporea he muito curta : mas para Deos , e sua Altissima Natureza Infinita não he curta : e assim diga Deos o que quizer , se não comprehendendo , não creio : e com a pluma eicreve resolutamente Não creio ; e vem hum bando de gente por-se de joelhos junto d'elle , e lhe beijaõ a mão , e dizem tambem : Não cremos , porque o nosso Mestre não cre. Pendurai , Baroneza , este painel junto do da Velha , e diga o público com quem se parece o Retrato. Perdoai , meu Brigadeiro , esta travessura por modo de galantaria.

Brigad. Vamos Senhora , ás novidades da Corte : deixemos Theologias.



T A R D E V.

Sobre a Lei Natural, e Luz da Razão : e da necessidade das Leis Positivas.

§. I.

Da Lei Natural, e sua origem.

Baraõ. **E**U reparei hontem á noite, meu Amigo Theodosio, que Vós á meza notastes huma cousa, que eu disse, e que por politica não me quizestes dizer nada; mas eu percebi, que Vós não approvaveis o que eu disséra.

Theod. Sim, meu Baraõ, porque aquella proposição parece boa, mas tem grande veneno occulto; e eu (como já vos disse) não sei ser amigo de meias, e quando abraço, ha de ser com ambos os braços; quero dizer, que me interesso, não só no bem temporal dos meus amigos, mas tambem no espiritual das suas almas; nem me

pa-

parece possível ser eu amigo verdadeiro de alguém, e deixallo cahir por hum despenhadeiro, sem ao menos gritar, e gemer, e pedir a quantos possa, que lhe acudaõ: tal he a vossa situação meu Amigo. Aqui por ora estamos sós, posto que pelo costume não tardará companhia: mas em quanto ha lugar, repeti o que hontem dissestes, quando eu vos fiz sinal, que não dizieis bem.

Baraõ. Eu disse, que me agradava o sistema de Voltaire, e muitos outros Filósofos da moda, quando dizem, que *para hum homem de Juizo ser bom, e virtuoso, basta seguir inteiramente a Luz da Razaõ, ou a Lei Natural*; e parece-me que nisto não disse mal. Porque a Luz da Razaõ nos aconselha todo o bem, e nos dissuade de todo o mal: prouvera a Deos que eu, e mais Vós em toda a nossa vida seguíssemos bem a *Luz da Razaõ*, que para com Deos seríamos huns Santos, e para com a sociedade dos nossos iguaes seríamos grandes, e admiraveis Cidadãos. Mas que tendes Vós que replicar a isto?

Theod. Já vos disse, que a proposição he

he bellissima , mas leva grande veneno occulto , que he a independencia de toda a *Lei Positiva* , ou *Escrita* ; e nisto ha muito que dizer ; e attrevo-me a demonstrar-vos a necessidade das *Leis Positivas* ; mas para melhor vos convencer , dou-vos por ora de barato tudo quanto quizerdes , com tanto que admittais a *Lei Natural* , que a *Luz da Razaõ* ensina , e que atureis constantemente todas quantas consequencias dessa *Lei Natural* eu deduzir por inferencias indispensaveis : nisso naõ vos peço favor : estais por isto *Baraõ* ? Mas ahi vem vossa Irmã.

Baroneza. Ouvi que entraveis em discurso sério sobre materia de Religiaõ ; quero ser da partida.

Baraõ. Vindes a tempo , minha Irmã , e Vós me acudireis , que Theodosio vai a desafio comigo , e a briga ha de ser com a espada da Razaõ.

Baron. Essa espada naõ fica mal ás Senhoras ; aqui estou eu , Theodosio , prompta a brigar contra quem quer que for : a minha espada naõ attende nem a parentesco , nem a amizade ; he direita , e naõ verga , nem se torce : vamos a isso. Já desde o meu
 tou-

toucador ouvi á questaõ. E que tendes que dizer, Theodosio? Olhai que agora somos dois contra Vós.

Theod. Como vos conheço, e sei que ambos tendes juizo para manejar a espada da Razaõ, estou certo que haveis de ceder. Naõ percamos tempo: estais pelo desafio Baraõ?

Baraõ. Estou prompto: dizei.

Theod. Nós sentimos dentro em nós huma certa voz, que ora nos reprehende, ora nos louva as nossas acções, sem que nós possamos emudecella, ou fazer que concorde com a nossa vontade. Bem a nosso pezar succede muitas vezes, que procuramos com varios argumentos, e razões buscadas de proposito persuadir-nos, que fizemos bem; mas a voz furda que sentimos no Gabinete da nossa alma, naõ obstante todos os discursos, nos diz: *Fizeste mal* e ninguem faz calar esta voz. Muitas vezes o Interesse, a Paixaõ, o Appetite nos approva o que queremos fazer; mas a voz interior immutavel reprova, e nos diz: *Naõ façás.*

Baron. Confesso que assim he: quanto a isso dizeis huma verdade innegavel.

Theod. Bem está: *Logo esta voz inter-*

na que chamamos *Luz da Razão*, não vem de nós. Por quanto se viesse de nós, poderia-mos suffocalla, e sendo grande o esforço, fazer que se callasse.

Baraõ. Concordamos; e nisso não ha dúvida: essa voz interna falla em nós, mas não vem de nós.

Theod. Accrescento agora que *Essa voz he universal*; porque se reprehende algumas acções em França, tambem as reprehende na Turquia, Polonia, Russia, America, &c. Eu não digo, que tudo o que he reprehensivel em hum Paiz, se estranha nos outros; não digo isso: digo que ha cousas, que em todos os Paizes são louvaveis, e outras que em toda a parte são reprehensiveis.

Baron. Isso não tem dúvida: que hum homem faça mal a hum innocente; que engane em materia grave o seu amigo; que injurie a seu proprio pai; que faça aos outros o que não gostaria que lhe fizessem a elle, &c. são cousas que em todos os climas, Regiões, e Sociedades parecem mal, e que a Voz interna da Razão condemna: como pelo contrario todos louvaõ a fidelidade de hum amigo ao outro;

a todos parece bem o amor da Patria , a fidelidade á palavra justa , á compaixão dos miseraveis sem culpa , á protecção dos innocentes desvalidos , &c.

Theod. Ora supposta a infinita variedade que encontramos em tudo o que he sujeito á vontade humana , ver essa conformidade total em todas as gentes , todos os genios , e todos os climas , prova que esta Lei , esta Voz , esta sentença não está sujeita á vontade humana ; nem jámais poderá os homens ter dominio nella. Não sei , meus amigos , se Vós tendes reflectido bem nesta infallivel variedade , que há em tudo o que está dependente da nossa vontade.

Baraõ. Tenho reflectido muitas vezes , supposto esse pouco conhecimento , que me tem dado algumas pequenas voltas pela França , e Hespanha. O que mais me admira he ver huma variedade summa até naquellas cousas que são da primeira necessidade , em que os motivos de obrar são inteiramente os mesmos. Exemplo , o sustento , o vestido , a habitação , são cousas a que todos se vem obrigados ,

e pelos mesmos motivos inteiramente ; todos tem a mesma necessidade de comer para evitar a fome , e fraqueza ; todos a mesma necessidade de vestir para evitar o frio , e a indecencia ; todos tem a mesma necessidade de casas , para evitar as inclemencias do tempo , e os ladrões , &c. e não obstante serem estes motivos os mesmos em toda a parte ; em cada Paiz se come , se veste , e se edifica por seu modo differente. O mesmo tenho observado nos barcos para o transporte pela agua dos rios ; cada porto tem os seus barcos por modo differente , ainda dentro do mesmo Reino. Em França são diversas as embarcações pequenas , segundo a diversidade dos portos. Taõ essencial he á vontade de hum homem a differença da vontade dos outros homens , que em toda a parte onde póde entrar a jurisdicção do nosso alvedrio , elle diz , sentença , e manda como quer , sem se embarçar com o que os outros fazem. Mas que inferís Vós dahi para o nosso caso ?

Theod. Infiro que esta Lei universal ; e interna , que sem esperar pela nossa

vontade sentença as nossas acções ,
 não vem de nós por modo algum ; e
 assim digo que a *Luz da Razaõ* , e
 a *Lei Natural* , vem só de Deos quan-
 do formou a *Natureza*.

Baron. Nenhuma dúvida temos em sub-
 crever ; antes esse he o nosso maior
 fundamento , pois todos devem con-
 cordar que *A Voz interna* , que ap-
 prova , ou condemna as nossas acções ,
 he *Voz de Deos*.

Theod. Bem está ; vamos á vante. Ora
 Deos não se póde contradizer a si mes-
 mo ; e o que nos diz a nós pela luz
 da Razaõ , ha de ser o mesmo que se
 diz a si mesmo. Logo isso que a nossa
Luz da Razaõ (a pesar nosso) nos
 está dizendo , he o mesmo que a *Ra-
 zaõ Eterna de Deos* está dictando.

Baron. Sempre ha de haver grande dif-
 ferença na *Intelligencia Divina* , e a
Razaõ natural do homem.

Theod. Assim he , porque tambem ha
 grande differença do Sol que brilha
 no Ceo , ao Sol que brilha em hum
 pedaço de vidro. Baroneza , fabei que
 huma he a Luz de hum Entendimen-
 to Infinito , outra he a Luz de hum
 Entendimento creado , e esta differen-

ça na essência basta para dar diferenças infinitas nas propriedades de huma, e outra Luz, ou Intelligencia : mas o que digo he , que não ha de haver *contrariedade* : não confundais , Senhora , a *diferença* com a *contrariedade*. Deos ha de ter muita diferença na *Luz Eterna da sua Razaõ* , do que nós na *curta Luz da nossa Razaõ* ; mas não póde ser contraria huma Luz da Razaõ á outra ; porque como a nossa Luz da Razaõ he Voz de Deos , não póde o Senhor dizer-nos a nós huma cousa , e a si mesmo o contrario , por quanto a nossa Luz da Razaõ he hum pequeno reflexo da sua.

Baron. Entendo , e concordo : vedes , Theodosio , que não brigamos.

§. II.

Da insufficiencia da Lei Natural.

Theod. SE assim for até o fim , isso he
 So que eu quero : vamos andando. Deste principio certo , e certissimo se podem tirar duas consequencias ; huma legitima , e verdadeira ;

OU,

outra adúlterina , e falsa. Se eu differ : *A Luz da Razaõ he a Razaõ Eterna de Deos ; logo o que a Luz da Razaõ approva , ou condemna , Deos o aprova , ou condemna ;* he optima consequencia. Mas se eu differ : *A Luz da Razaõ he a Razaõ Eterna de Deos : logo naõ precisamos outra mais luz nenhuma para dirigir os nossos passos ,* he muito má consequencia ; por quanto eu naõ vejo pela minha Luz da Razaõ tudo quanto Deos vê ; e por consequente para me fazer ver isso que eu naõ via , bom ferá que me dem outra luz , que tambem venha de Deos , mas por outro espelho menos basso do que o meu. Se a *minha Razaõ* fosse naõ só participante da Razaõ Eterna de Deos , mas igual a ella , entaõ escufava eu outra Luz : mas ainda que a Luz da minha Razaõ se derive da Razaõ Eterna de Deos , naõ he igual a ella. Eu fico cego em muitas cousas que Ella vê , e que talvez outro póde vêr melhor do que eu ; e assim naõ devo escufar essa Luz.

Baron. Já que me puz da parte do Baraõ , e dos seus amigos , deixai-me orar

bem a sua causa : os que seguem esse systema podem dizer : A nossa Luz da Razaõ he hum perfeito Codigo da Ley Eterna de Deos : he hum Ecco da sua Voz Divina , que sôa no nosso Entendimento. He hum reflexo da Luz Increada , que está brilhando nos fragmentos vis das creaturas , bem como a luz do Sol faz brilhar hum pedaço de vidro que pizamos com os pés , e está misturado com o lodo , &c. Por conseguinte (dizem elles) quem nas suas acções não consultar senão a Luz da Razaõ , desprezando toda , e qualquer Lei Positiva pelos homens , está tão seguro de acertar , como se Deos visivelmente andasse dirigindo os seus passos , e aconselhando com voz sensível a todos as suas acções , e movimentos da alma. Ora que maior felicidade , e que maior consolação que esta ? Estar cada qual seguro da approvação eterna de Deos em todas as suas acções ? Parece-me , Baraõ , que tenho desempenhado bem o officio de Procurador da Causa dos vossos amigos.

Baraõ. Certamente que sim , e confesso-vos que esse discurso he o que me
tem

tem quasi convencido a seguir esse systema.

Theod. Pois entãõ fêde Vós ambos meus Fiscaes : vede se dou no discurso hum passo falso. Esta Luz da Razaõ que cada qual sente em si , cada qual a pôde interpretar a seu modo. A mesma agua pura , que sahe das entranhas de hum monte , ora passa por certos mineraes com que fermenta , e ferve , e sahe quente fumegando , e fervendo ; ora passa por outras minas diferentes , de fôrma que géla , e petrifica tudo quanto nella se lança : assim he esta Luz da Razaõ que vem de Deos : o nosso cerebro a modifica bem como o molde faz á cêra , de fôrma que sendo de huma mesma natureza sahe de diversos moldes com figuras mui diferentes , e entre si mui oppostas. Por isso nos Entendimentos humanos , deixados a si mesmos , succede grande differença e contrariedade nos pareceres ; porque cada qual quer ser o unico interprete da Voz Divina , que no seu interior está ouvindo. Eis aqui o primeiro perigo do erro ; porque pôde attribuir cada qual á cêra todo o defeito do molde , ou á agua pura

os defeitos dos mineraes por onde ella passou : ou ao Sol as manchas do vidro quebrado , em que elle reverbera : e (vindo ao nosso ponto) podemos dizer , que he da Voz da Razaõ , e Voz de Deos o que naõ he fenaõ Voz do nosso cerebro. Que me dizeis Baraõ ?

Baraõ. Eu confesso , que vos acho muita razaõ , porque as nossas paixões nos fazem entender as cousas como queremos.

Theod. Haveis de observar , meus amigos , que em qualquer demanda de parte a parte se teima , fallando cada qual com huma tal segurança , e certeza , e firme adhesaõ ao que lhe convém , que julga pela maior injustiça o contrario. Ambos concordão no facto ; ambos tem as mesmas leis , a mesma doutrina , os mesmos principios , por serem constantes : ambos vivem no mesmo clima , e professaõ os mesmos costumes ; e com tudo hum diz que *sim* , e dará a vida pela sua opiniaõ ; o outro diz que *naõ* , e com tal certeza , que nem duvida. Ora naõ procede isto sómente da variedade de pessoas , e de juizos ; porque entãõ

naõ

naõ seria infallivel pensar cada qual a seu favor. Nunca Vós vereis hum teimar a favor do seu contrario ; sempre para cada qual he mais certo o que lhe faz mais conta. Ora se este effeito faz a paixãõ do interesse nas leis que estaõ escritas com termos , e palavras que ninguem póde ignorar , e de que ambos os contendores convêm , que contrariedade se achará na interpretação da *Lei Natural* , cujos caracteres se naõ vem , e cujos termos , e a força delles cada qual póde dizer que ignora ? ou tambem os póde acrescentar sem que ninguem o crimine ? A Lei da Razaõ fim he commum a todos , e todos confessaõ que a tem impressa no seu entendimento ; mas com que termos , com que força , com que modo ella se explica a cada qual , só elle mesmo o sabe. Quem me póde provar a mim , quando faço hum desproposito , que eu na minha consciencia , e com a Luz da minha Razaõ naõ entendi que fazia bem ? Se eu teimar que assim o entendi , quem me ha de convencer do contrario ? Ainda que eu minta , quem mo ha de provar ?

Ba-

Baron. Assim he : os Principios Generalíffimos da Luz da Razaõ , e *Lei Natural* são confessados por todos ; mas que difficuldade não ha na applicação a cada facto particular ?

Theod. Pergunto agora : cu devemos fiar essa applicação só da pura Luz da Razaõ , e escrita no cerebro de cada qual ; ou ha de haver regra exterior escrita , á qual todos se devaõ accomodar sobre a applicação a este , ou áquelle facto singular ? Se se admitte esta *Regra exterior escrita* , sobre as applicações , ahí temos a *Lei Positiva* , que não julgavaõ necessaria : se pelo contrario só a Lei da Razaõ escrita no cerebro de cada qual ha de decidir sobre a applicação dos Principios Geraes , que faremos nós quando dois contendores julgarem cada qual que da sua parte está a *Lei Natural* , que applica esses principios certos ao seu caso ? Abrirlhes-hemos a cabeça para ver com que termos se explica , e está lá gravada a Lei da Razaõ que elle mentalmente lê ? Ou decidiremos por quem mais gritar ? Quando ha *Lei Positiva* , se podem chamar ambas as partes a que vejaõ , e lêaõ

os termos da Lei , a qual a hum condemna , a outro favorece : mas na Lei não escrita quem os ha de obrigar a ambos a que lêão do mesmo modo , e que entendaõ a Lei pelos mesmos termos , se cada qual tem no seu cerebro o Código , que reputa infallivel , por onde se governa ?

Baron. Tenho contra isso , meu Theodosio , que Vós no principio nos fizestes assentar , que esta Voz da Natureza era Voz de Deos , e que nós não a podiamos mudar , nem torcer.

Theod. Disse ; e ainda o digo : mas isso he nos *Principios Geraes* , que são de tal evidencia , que ninguém os duvida : mas na applicação desses *Principios* a casos particulares he a dúvida ; por quanto cada qual puxa para si , e interpreta a Lei a seu modo ; e ainda que no fundo do coração o condemne , elle se calla , e disfarça , e grita , dizendo , que a sua Luz da Razão diz o contrario.

Baron. Já entendo : meu Irmaõ , eu estou convencida : Theodosio tem razão : aliás deixando a cada qual a liberdade de seguir a Luz da sua Razão , lá como elle a entender , deixamos

mos a cada hum ser Juiz da sua Sentença , que he ser Juiz em causa propria. Ora sendo assim , quem se entenderá neste mundo , sendo cada qual Juiz de si mesmo , sem ninguem o poder arguir , de que julga mal ; por quanto ninguem sabe o que lhe dicta lá a sua Razaõ. Galante systema para a sociedade, cuja Lei fundamental he , e deve ser o mutuo soccorro , e concordia entre os seus membros. Que respondeis Baraõ ?

Baraõ. Eu naõ sei que vos diga : anda o meu entendimento luçtando, naõ posso socegar como queria.

Theod. Deixai , meu Baraõ , que eu vos dê mais força para essa luçta.

§. III.

Da necessidade das Leis Positivas , e da força Coactiva.

Theod. **R** Eduzindo pois o que está dito a proposições soltas , que fação a serie do nosso discurso , digo :

I. Que a Lei Natural como reside no coração de cada hum , ainda que

que a ouça , póde negalla , e dizer que tal naõ conhece.

2. Que as paixões de cada hum podem offuscar de tal modo o entendimento , que erre inteiramente na applicaçã dos mesmos Principios Geraes , que naõ póde ignorar , e deffe modo naõ ouço as vozes da Luz da Razaõ.

3. Logo nos he precisa huma Lei visível , que nos diga o mesmo que a Lei da Razaõ , em ordem a que ninguem a ignore , ou possa fingir que a ignora , e todos (antes que chegue o caso , que lhe excite a paixãõ) concordem nos seus termos , e na força delles.

Ora como a nossa liberdade he independente da Razaõ , póde mui bem o homem conhecer , qual he a Razaõ , e fazer o contrario : logo

4. Accrescento , que a mesma Lei da Razaõ pede , que haja huma força coactiva que obrigue a todos a observarem a sua obrigação , ou , como dizem , o seu *Dever* , por quanto a *Lei da Razaõ* manda , que quem vive em sociedade , e tira della o proveito de ser soccorrido nas afflicções , e apertos , deve da sua parte contribuir ao bem

bem da sociedade. Este bem essencial he que todos observem a *Lei da Razaõ*; e como a liberdade póde fazer, que faltem a isto, pede a Lei da Razaõ que haja quem os contenha nos limites da Razaõ; e isto he o que eu chamo *Lei Coactiva*.

Baraõ. Assim he; mas essa Lei Coactiva pede huma superioridade a todos: e quem a deo a esse homem, sendo todos iguaes? Esta he a Razaõ de Voltaire.

Theod. De vagar que tocais hum ponto mui delicado, e por esses Senhores da moda muito mal entendido. Perguntais: Quem deo a superioridade a esse Homem, que poem a Lei Positiva expressa conforme a Lei da Razaõ escondida? Digo que a dá quem a tem. Ora ide comigo de vagar, meu Baraõ, que o caminho he perigoso.

Deos pela Lei da Razaõ manda a todo o homem, que tem esta luz, o seguinte:

1. *Que ainda que a Natureza fizesse todos os homens iguaes, não vivão todos como iguaes*: porque entãõ (supposta a liberdade de cada qual

fa-

fazer o que se lhe antojar ao seu livre alvedrio) não haverá sociedade alguma , ninguém poderá estar seguro da invação dos inimigos , nem hum homem se poderia prometter soccorro , ou ajuda de outro homem ; pois elle nenhuma obrigação podia ter por modo algum de lhe fazer esse serviço , sendo seu igual em tudo. He logo hum preceito da Lei Natural que entre os homens , que vivem em sociedade , deve haver sujeição de hum a outro homem. Logo Deos manda pela sua Voz da Lei da Razaõ , que haja entre os homens superioridade , e sujeição.

Baraõ. Concorde : ide dizendo.

Theod. Esta superioridade humas vezes he dada pela Natureza , como v. g. ao Pai sobre seus Filhos : outras vezes he dada por convençaõ , como o Senado sobre o seu Povo : mas em todos os casos he esta superioridade conforme a Lei da Razaõ , por conseguinte mandada por Deos ; pois já concordámos que a Voz da Lei da Razaõ , era Voz de Deos.

Eu me explico mais. Deos não se embarça com que *Henrique Dandol* seja , ou não seja Doge em Veneza ;
mas

mas supposto que o elegeraõ legitimamente, manda que elle seja superior na forma desse Estado, e que lhe obedeçaõ. Do mesmo modo pouco importa a Deos, que Francisco seja Pai de Joaõ; mas supposto ser seu Pai, quer, e manda, que Joaõ lhe obedeça. Pouco interesse tem Deos que Pedro sirva a Luiz, ou Luiz a Pedro: mas supposta a venda que Pedro fez a Luiz do seu serviço por espaço de hum anno por certa somma de dinheiro, quer Deos, e manda que Pedro cumpra a sua palavra, e ajuste. Naõ importa a Deos nada, que eu vos dê huma boa caixa de ouro, &c. porém supposto tælla dado, manda Deos, e quer positivamente, que eu vo-la naõ tire com fraude, ou por força.

Eis aqui pois, meu Baraõ, como Deos dá a superioridade aos homens que impoem Leis justas a outros homens: naõ poem as Leis por authoridade sua seccamente, mas pela authoridade que Deos lhes deo, supposta a convençaõ dos povos, ou a conquista delles, ou outro legitimo titulo. Vedes como as cousas saõ mui diversas do que Voltaire pintava.

Bar-

Baraõ. Agora estou convencido ; e vejo como só de Deos , que a todos he superior , vem a authoridade de toda a Lei Positiva , porque são fundadas na Lei da Razaõ que he a Voz de Deos.

Theod. Concluo agora o que tenho dito com estas tres proposições , que hireis assentando.

1. Toda a authoridade , e superioridade legitima vem de Deos.

2. Todas as Leis Positivas que se fundam nessa authoridade , vem de Deos.

3. Logo quem desobedece a essas Leis Positivas desobedece a Deos.

Vedes , meu Baraõ , que quem admittir a Lei Natural , e Luz da Razaõ , por força ha de admittir as Leis Positivas. Ora estou descansado que não ficamos mal da briga com Vós ambos.

Baron. Graças a Deos que não tivemos gente que nos perturbasse. Grande serviço fizestes , Theodosio , a meu Irmão , que estava bem persuadido de que bastava a Lei Natural.

Baraõ. E Vós não estaveis , minha Irmã , muito longe ; porque vos agradavaõ todos os discursos que eu vos fazia.

Ba-

Baron. Lá me fazia pezo a estimação que faço do vosso bom juizo : vamos a passeio , Theodosio.

Theod. Vamos.

T A R D E VI.

Sobre a Materia , e Espirito.

Baron. **V**Inde , vinde Theodosio , que me está aqui quebrando a cabeça meu Irmaõ com Metaphysicas , que eu não entendo. Eu não sei onde elle foi aprender estas extravagancias de entendimento , que elle não tinha algum dia.

Baraõ. Minha Irmã , Vós ledes pouco , e discorreis muito : a vossa cabeça he muito arrumadinha , e todos os vossos discursos tem muita clareza ; as vossas idéas se ataõ ; as vossas consequencias são claras ; mas quando eu no Regimento de Saumur comecei a tratar com mui diversas qualidades de pessoas , e quando entrei a lêr varios livros , confesso que perdi aquella clareza de discorrer , que algum dia tinha

na , em que nós eramos bem irmãos , e a multiplicidade de idéas me confunde , e deixa perplexo. O que eu dizia , Theodosio , a minha Irmã , era (o que Vós bem haveis de saber) que ha quem se affoite a dizer , que talvez huma cousa puramente materia poderá ter a força de pensar , e querer : e ella escandalizou-se muito disto.

Theod. E com razão. Ora dizei-me , Senhora ; e esse author dá diſſo alguma prova ?

Baraõ. Não ; mas sómente diz , que nós vemos cada dia cousas taõ novas , e taõ admiraveis , que nos faz lembrar , se algum dia apparecerá huma maquina toda de materia , que pense , e ame , e escolha , e queira , &c.

Theod. Com que isso não he , senão huma lembrança de que algum dia poderá apparecer huma cousa , que agora nos parece impossivel.

Baraõ. Assim he.

Baron. Ora deixai-me , Theodosio , divertir hum pouco com meu Irmaõ , que quero tirar-me de hum escrupulo , e logo continuaremos a conversação séria. Dizei-me , Baraõ : e se vos dissessem , que talvez hum dia se poder-

desse descobrir hum modo de Vós ficardes invisível a todos , excepto áquelles , a quem quizeis recrear com a vossa figura gentil , porém a todos os mais serieis invisível ; e isso vendo tudo , até o interior dos outros ; que caso farieis desta lembrança ?

Baraõ. Nenhum ; porque isso he hum despropósito.

Baron. Pois entaõ porque fizestes tanto caso da outra lembrança , que ainda he maior despropósito , querendo que a materia pura possa pensar , e amar , e querer , &c. ?

Baraõ. Naõ , que essa lembrança interessa muito.

Baron. Em que interessa ? fallai claro.

Baraõ. Ora , minha Irmã , a Vós hei de dizer tudo o que o meu coração escondia. Se a materia pensar , e discorrer , entaõ a minha alma poderá ser pura materia ; e se o for , morre com o corpo ; e se isso houver de acontecer , posso viver á minha vontade , sem opprimir as minhas paixões.

Baron. Quero-vos dar hum abraço , meu querido Irmãõ , porque me fallastes claro , e descobristes o que eu ha muito percebia , no vosso coração , e dos

outros que trepaõ por paredes acima , para se livrarem da lei que lhes opprime as paixões. Vós rides ?

Baraõ. Fallando aqui amigavelmente confesso que esta he a mira de todos quantos systemas se inventaõ , e de quantos discursos agora se formaõ. Quereis Vós , minha Irmã , saber as principaes regras do Alcoraõ da moda , a que todas as mais se encaminhaõ ; saõ estas duas :

1 Huma regra he que *As nossas paixões saõ boas ; e que he parvoice reprimillas.*

2 *Que toda a virtude consiste em saber amar ; e que toda a alma , que ama , he virtuosa.*

Baron. Isto supposto acho-vos razaõ em dizer que a alma he materia ; que naõ ha Deos , ou que Deos naõ se embaraça comnosco ; ou que he como Jupiter adultero , e torpe ; e que tem os mesmos vícios que nós para nos naõ castigar depois da morte. Ah , meu Baraõ , em que labyrintho de confusões , e de despropositos se ha de enredar o entendimento de quem quizer discorrer tendo essas maximas ?

Baraõ. Minha Irmã , confesso a verdade

de : eu depois que entrei a lêr esses livros , não fei da minha cabeça , porque cada dia vai para sua parte.

Theod. E achais algum desses livros , que prove o que diz , e dê razão positiva do seu dito , ou desse seu systema ?

Baraõ. Não : todos elles dizem : *quem sabe ?* outros ; *eu não creio* : outros dão por prova do seu dito isso mesmo que deviaõ provar : porém o mais commum he dizer : *Poderá ser que alguém prove , ou talvez que algum dia se prove : logo entaõ será assim ;* e encadeando humas cousas sobre outras , todas se fundaõ em *poderá descobrir-se : quem sabe ? não entendo ,* e outras bases semelhantes.

Theod. Eu já o tinha dito a Baroneza , porque tenho feito algum estudo por esses *Grandes homens* de Filosofia da moda ; mas estimo que vossa Irmã o ouviisse da vossa propria boca. Mas vamos nós á questãõ primitiva : porém , meu Baraõ , havemos de discorrer como algum dia ; isto he , sériamente , e sólidamente.

Baraõ. Isso he o que eu quero ; porque quero conhecer a verdade.

Theod. Ora , meu amigo , tomemos o passo

fo de longe , porque a tarde he nos-
sa , e averiguemos estas idéas de *Esf-
pirito* , e de *Materia*.

Baraõ. Quero conhecer isto , como al-
gum dia conhecia as Verdades , que
me ensinaveis.

Theod. Primeiramente nós chamamos *Idéa*
huma pintura interna do objecto au-
sente : se o objecto he sensível , faze-
mos a pintura na imaginação , e ve-
mos as bellas cores de hum passari-
nho , ouvimos a sua voz , e fingimos
o seu vôo , &c. tudo isto como são
cousas sensíveis , tem huma idéa ima-
ginaria : outras cousas porém que não
são sensíveis , como v. g. a *Verdade* ,
a *Razaõ* , a *Virtude* , o *Amor* , o
Pensamento , o *Odio* , &c. formaõ no
entendimento , ou alma , outra pintura ,
por modo que he fácil de entender ,
mas não de explicar. Vós , amigos ,
quando discorreis destas cousas , não
trocaes humas pelas outras , final que
de cada huma tendes huma como ima-
gem , que se vos offerece ao enten-
dimento quando discorreis nella , e
quando passais a pensar em outra , ti-
ra-se aquella intellectual pintura co-
mo bastidor de theatro , e vem outra

presentar-se aos olhos do entendimento para a vêr, e reparar nella, e dizer; tem ou não tem isto.

Baron. Já na Logica Vós me ensinastes isso; e na que Vós me déstes impressa o tenho lido muitas vezes, e o Barão concorda nisso.

Barão. Concordo; mas eu creio que o Entendimento, segundo o que lê na vossa Logica, também faz a sua pintura espiritual, ou intellectual dos objectos materiaes, e sensiveis, da *Côr*, do *Som*, da *Dureza*, &c.

Theod. Sem dúvida; porque o entendimento não pôde julgar de nada sem combinar duas idéas, para dizer esta idéa caza com estoutra (quando afirma) ou esta repugna á outra (quando nega) E quando o entendimento discorre, forçosamente ha de desenvolver huma idéa, para vêr se dentro della acha cousa que puche, ou que repugne ao predicado, que lhe querem dar.

Baron. Entendo bem: a differença da Imaginação, e do entendimento faz que a Imaginação só pôde pintar cousas sensiveis, que nos entraõ pelos cinco sentidos, e o entendimento pinta o
que

que he sensível , e tambem o que não he sensível , porque pinta tudo sobre que discorre , e até pinta as *negações* , quando sobre ellas discorre , como Vós dizeis na Logica contra Wolfio , se me não engano.

Theod. Louvo-vos a memoria ; mas assim he. Isto posto nós podemos ajuntar as idéas , que nos parecer , e fazer humas idéas compostas : v. g. tenho idéa de *linha* , ajunto-lhe a idéa de *rectidão* , e pinto huma *linha recta* : depois ajunto-lhe a idéa de numero *tres* v. g. , e digo : *Tres linhas rectas* , vou accrescentando a idéa de *uniaõ* entre as suas extremidades de duas em duas , e apparece a idéa de *Triangulo rectilineo* ; ultimamente ajunto a idéa de *igualdade* , e tenho a idéa composta de *Triangulo rectilineo equilatero*.

Baraõ. Mas se nós ajuntar-mos idéas repugnantes , v. g. *Circulo* , *Quadrado* , não fica idéa composta ?

Theod. Não : fica huma idéa quimerica ; porque huma destróe a outra. Ora para huma cousa ser composta de duas , convém , que depois de juntas perseverem ambas na sua natureza ; e isso
naõ

naõ temos nós quando as duas idéas faõ repugnantes, como faõ essas de *Circulo triangular*, ou *quadrado*, &c. porque nem he circulo, nem he triangulo, nem he cousa que possa ser.

Baraõ. Já conheço a differença; continuai no vossio discurso.

Theod. Mas reparai amigos, que só podemos ajuntar á primeira idéa as outras, que lhes faõ cognatas; isto he, da mesma ordem. V. g. A' idéa da *Materia* ajuntamos á idéa de *extensão*, e dizemos *grande*, ou *pequena*; ajuntamos *dura*, ou *molle* pela resistencia que faz a outra materia, &c. A' idéa de *côr* ajuntamos o ser *encarnada*, ou *verde*, &c. A' idéa de *som* ajuntamos o ser *agradavel*, *forte*, *semelhante*, *suave*, *harmonioso*, &c. A' idéa de *sabor* ajuntamos a idéa de *doce*, *amargo*, *azedo*, *insipido*, &c.

Baron. Quereis dizer, que a cada cousa só devemos ajuntar as idéas das qualidades, ou affecções, que lhe pódem quadrar.

Theod. Ora, Senhora, se Vós fallasseis com hum homem presumido de fábio, que trocasse todas estas idéas, applicando as affecções de humas a sujeitos

tos estranhos. Ponho exemplo : se vos dissesse que tinha visto huma *côr aze-da* , hum *som encarnado* , que não ri-riéis Vós ?

Baron. Eu tinha-o por doido ; ou pelo menos por extravagante.

Theod. Está bem ; ora lembrai-vos disso. Vamos adiante. O espirito tambem tem suas affecções , que lhe pertencem , que são o *pensar* , o *querer* , o *amar* , o *aborrecer* , o *escolher* ; e estes effeitos são proprios d'isto , que se chama *Espirito*. Porque nós chamamos *Espirito* ao principio que *pensa* , ou *quer* , e *discorre* ; &c. Se lhe quizerem chamar de outro modo , pôdem fazello : porém servindo-nos da linguagem commum , assim como damos á *materia* estas affecções , *extensão* , *figura* , *movimento* , *choque* , &c. assim damos ao *Espirito* estoutras ; *pensar* , *querer* , *amar* , *aborrecer* , *escolher* , &c. Parece-me que até aqui tudo he claro , e conforme á boa Razaõ.

Baraõ. Para mim tudo isso he justo , e tambem para a Baroneza , segundo o que nella percebo.

Baron. Já vejo , Theodosio , a vossa malicia : aposto eu que me quereis dizer ,

zer, que assim como he materia de riso trocar as affecções, ou attributos do som, e cores, chamando a hum *som amarello*, e a huma *côr sonóra*; assim tambem ferá a materia de riso, dizer que a *Materia pensa*.

Theod. Adivinhastes, Senhora: mas Vós começastes a troca (e deixai-me dizer assim) e a contradação dos attributos, e não a acabastes. Dêstes á *Materia* os attributos do *Espirito*, e sahio *Materia pensando*; falta casar agora o *Espirito* com os attributos da *Materia*, e sahirá o *Espirito quadrado*; teremos *metade de hum pensamento*; hum *quarto de amor*, hum *discurso amarello*; hum *amor verde*; porque tanto podemos nós dar á materia o officio do *Espirito* dizendo que a *Materia pensa*, como dar ao *Espirito*, e seus actos as propriedades da materia, que são *extensão*, *metade*, *quarto*, *côr amarella*, *verde*, &c.

Baraõ. Todos nós rimos, e o caso he para isso.

Theod. Meu *Baraõ*, toda a vez que os attributos, ou officios de huma cousa se dão a outra de caracter diverso, sahem despropósitos. Eu não fallo
quan-

quando as palavras se tomaõ em sentido metaforico , como quando dizemos hum *discurso-sólido* , hum *pensamento agudo* ; porque ahi ha outra razaõ ; mas tomando as palavras no seu sentido natural ; vêde que despropósitos sahem , ainda trocando os attributos de cousas sensiveis , como saõ os que pertencem aos nossos sentidos. Dizei que os *olhos ouvem* ; que os *ouvidos vêem* , e com tudo saõ ambos estes sentidos corporeos , animados pelos espiritos nerveos do mesmo corpo. Posto que sejaõ dissemelhantes , bem parentes saõ ; mas não pôdem trocar os seus officios. Dai ao *sabor* , o epitheto de *azul* ; dai ao *som* o attributo de *encarnado* , ou á *harmonia* o nome de *quadrada* , ou *esquinada* , epithetos que saõ do *taõto* , e vereis bellos disparates. Ora se trocando nós os officios de cousas materiaes , e sensiveis , e casando as cousas , que saõ parentas em segundo gráo , (deixai-me explicar assim) sahem monstros ridiculos , se casarmos cousas , que saõ taõ disparadas , como a *Materia* , e o *Espirito* , que não pôdem ter maior disproporçaõ , e combinar-mos a *ex-*
ten-

tenção, metade, quarto, solidez, figura, côr, &c. propriedades da materia, com *pensamento, vontade, amor, odio, dúvida, escolha, &c.* effeitos, ou actos do Espírito; tahiráõ ainda mais enormes monstros dizendo: *Amor verde, pensamento triangular, huma metade de odio, huma dúvida quadrada, &c.*

Baron. Ora tornai cá, meu Baraõ, a vir-me com as Metafisicas lá desses vossos livros novos: confessai, confessai agora, que eu tinha bem razão de me escandalizar do que Vós me dizieis, que alguns affirmavaõ que a materia poderia algum dia pensar.

Baraõ. Eu não disse isso: disse que alguns diziaõ, que talvez pelo tempo adiante, se descobriria alguma razão para dizer, que a Materia podia pensar.

Baron. Como vêm de longe o despropósito, elle deve ser bem horrendo; pois não ousa a apparecer: he como quem diz: Quem sabe se pelos tempos futuros virá lá do Pólo Antartico hum homem que diga, que Vós Baraõ (sendo o mesmo que agora sois) apparecestes lá no ar acavallo em huma

Agua

Agua feito Jupiter , espalhando raios pelo mundo ; e isto daqui a duzentos annos : que diries Vós disto ? Pois toda esta plausivel quimera não ata coufas tão distantes , e infociaveis , como esse dito , que pelos tempos futuros possa apparecer razão que diga , que *a Materia póde pensar.*

Barão. Vós , minha Irmã , estais mui adiantada na materia de argumentar. Quando eu vos deixei para ir para o meu Regimento de Carabineiros , Vós não tinheis essa argucia.

Baron. Pois que ? Vós cuidais que as mulheres não tem cabeças , senão para toucados ? nem tempo , senão para os enfeites ? Muitas graças a Theodosio , que nos deo a nós este espirito de discorrer , e a mim esta desconfiança de me firmar em coufas , que não são sólidas.

Theod. Ora já que vosso Irmaõ vos acha tão adiantada em discorrer , respondi-lhe áquella razão , que elle disse , dos novos inventos , e maquinas passmosas , que cada dia apparecem ; que he o sólido fundamento para que algum dia possa apparecer materia que pense.

Baron.

Baron. Em quanto vos tenho a Vós presente, antes vos quero ouvir, do que fazer a vaidosa figura de filosofar. Respondei Vós, Theodosio, que eu nisso sempre hirei aprendendo.

Theod. Meu Barão, os novos automatos, ou maquinas que apparecem, todos nascem de novas combinações da materia, todas dentro dos limites da sua *figura, extensão, movimento*: aqui se reduz tudo, e fóra daqui não tem a materia nada, que tenha apparecido. E como o *pensamento, dúvida, amor, complacencia, &c.* não tem parentesco com figura, movimento, extensão, como quereis esgaravatar nos escondrijos da *Possibilidade*, para vêr se achais lá *Materia que pense*.

Barão. Já que me tocais no infinito thesouro da *Possibilidade*, não poderá Deos, que he Omnipotente, ajuntar á *Materia extensa* a qualidade de *pensar*?

Theod. Deos póde ajuntar á *Materia extensa* hum principio, que pense, discorra, e ame, &c.

Barão. Pois ahi está o que elles dizem?

Theod. Dais-me licença para rir?

Barão.

Baraõ. Naõ vejo o motivo : que dizeis Baroneza ? aqui ha motivo de riso ?

Baron. Naõ o vejo : com que Vós Theodofio concedeis que Deos póde ajuntar á Materia extensa , hum principio , que pense , discorra , e ame ?

Theod. Pois Vós , Baroneza , e voffo Irmaõ , e eu naõ somos huma materia extensa , e figurada , á qual Deos ajuntou hum Principio que he a nossa alma , a qual pensa , discorre , e ama ?

Baron. Tendes razaõ para rir , que tambem eu de mim mesma me rio ; vendo que me parecia impossivel o que em mim , e em todos os mais estou vendo.

Theod. Meu amigo : Deos póde ajuntar duas cousas differentes , e fazer hum composto ; mas naõ póde fazer que huma seja outra : póde ajuntar a Materia com o Espirito ; mas naõ póde fazer que a *Materia* seja *Espirito*. Em nós póde ajuntar corpo , e alma , e cada huma destas partes goza das suas propriedades , e ambas ellas se attribuem ao Todo : por isso dizemos : *Esta Menina formosa discorre bellamente* , onde a primeira parte de ser *Menina* , e ser *formosa* pertence

só á *Materia* ; mas o *discorrer* pertence á sua alma , porém nunca se diz , que na *Menina* a *Materia* *discorre* , nem que o *Espirito* *he formoso*. Ponhamos mais exemplos : Se dissermos que o *Circulo* *he amarello* , que o *Quadro* *he pezado* , e que o *Triangulo* *he sonoro* , dizemos tres heregias em Geometria : mas se dissermos , que hum circulo de lataõ he amarello , que hum quadrado de chumbo he pezado ; que hum triangulo de aço he sonoro ; dizemos bem ; porque não damos a *côr* , o *pezo* , o *som* , senaõ á materia do *circulo* , do *quadrado* , e do *triangulo*. O mesmo digo no noilo caso : póde Deos ajuntar (como faz no homem) *Materia* palpavel , e dura , e *Espirito* que pensa ; mas não póde dar o pensar á *Materia* , nem ao *Espirito* a dureza.

Baron. Eu estou inteiramente persuadida dessa impossibilidade : que me dizeis *Baraõ* ?

Baraõ. Não posso deixar de dizer , que esta doutrina casa com a *Razaõ* , e tem aquella solidez em que o *Entendimento* descansa ; o que confesso que não acho em outras explicações nem doutrinas.

Theod.

Theod. Meu Amigo , se buscardes folidez nos discursos , e principios , que são dissonos á Razaõ , haveis de achar muito poucos livros que vos agradem. Advirto , que ordinariamente tem huma eloquencia femenina , que nasce da harmonia dos periodos , belleza de pensamentos , e pico , e graça das expressões , que supre a sólida força , que Vós deveis buscar nos discursos importantissimos desta materia : e assim acautellai-vos muito de livros , cujo estilo agrada muito.

Baron. Sabeis Vós , Theodosio , huma maxima que ha entre as Senhoras (falando cá na nossa linguagem) onde ha muitas fitas (dizemos nós) muitos enfeites requintados , ha pouca formosura no rosto : huma Basqueza , lavada na fonte , com os cabellos ora soltos , ora com hum natural desdem , entochados debaixo do seu lenço branco , formado como turbante no alto da cabeça á sua moda , faz-nos envergonhar a nós cobertas de mil enfeites , e de joias. Chegaõ carruagens , ponhamo-nos em tom de passeio , antes que nos empatem em casa.

Baraõ. Sahiamos.

Theod. Estou prompto.

TAR-

T A R D E VII.

Da Espiritualidade, e Immortalidade da Alma.

§. I.

Da sua Espiritualidade.

Baron. N Aõ vos posso explicar ; Theodosio, a consolação, que me déstes Domingo passado, quando disputastes com o meu parente, o *Chevalier*, sobre a Immortalidade da nossa alma : eu naõ cuidei que elle estava taõ contaminado na Religiaõ, que chegasse a alentar, que a sua alma morreria com o corpo.

Theod. Pois eu estava mortificado, receando, que o vosso respeito ficasse offendido com as minhas respostas, em que por fim faltei á attençaõ, que se devia a hum Cavalheiro vosso parente, e da sua idade.

Baron. A sua idade o desculpa, e tambem ser hum fidalgo, que sómente se

occupou na sua vida no serviço militar : mas eu não sei que as vossas respostas offendessem a cortezia , que lhe he devida.

Theod. Pois não reparastes na Razaõ ultima , que elle me dava , para dizer que a nossa alma morria com o corpo?

Baron. Não me lembra.

Theod. Elle por ultimo dizia : Eu vejo que os cavallos comem , dormem , tem filhos , e morrem : o mesmo vejo nos homens ; *assento que nós somos como elles* : eu respondi promptamente : *Vós fereis o que quizerdes , eu não.* Elle não reparou na malicia da minha resposta , de que eu depois me condemnei a mim mesmo.

Baron. Elle tinha-vos impacientado com muito despropósito ; tem desculpa humana viveza enfadada com ridiculos argumentos ; e eu com o riso disfarcei , que tinha percebido a vossa malicia. Mas vamos ao ponto sériamente.

Theod. Bom seria chamarmos vosso irmão , que me disse , queria fallar comigo nessa materia : elle he especulativo , e precisa instruir-se bem nestes pontos , porque a vida militar o expõem a mil combates.

Baron. He justo, e em quanto Vós disputais, eu me vou instruindo com duplicados meios. Poucos dias ha, que me cahio nas mãos hum caderninho impresso, em que se dizia, que certo Author (cujo nome me esqueceo) entre os Vegetaes, e os Animais suppunha hum parentesco taõ grande, que sómente punha a differença de mais ou menos grãos de perfeição; e que outro punha tal parentesco entre os brutos, e o homem, que tambem não differiaõ senão em mais, ou menos grãos de perfeição: e deste modo entre o Hortelaõ, e a couve, que elle planta, sómente ha differença de mais ou menos (1).

Baraõ. Eu sou chamado a juizo; e para que fim?

Baron. Para vos perguntar, se quereis pertencer á classe da couve, ou á classe dos brutos, de que nós somos parentes em grão mui chegado, segundo os Filósofos da moda.

Baraõ. Já sei o motivo da vossa pergunta, e não está mui longe o livro, em que eu li esse systema de querer reunir

(1) O homem planta, p. 31, e 24.

nir tudo em huma classe. Para unirem os Vegetaes com os brutos, lhes servem de passagem os *polipos*, que são Insectos, que muitos annos passáraõ por pequeninas plantas, tendo a figura dellas; e ultimamente se descobrio, que eraõ animaes, e animaes vorazes, porque comem huns aos outros, até os seus semelhantes.

Theod. E não ha muitos mezes, que eu vi huma Lombriga, que tinha inteiramente, como os Polipos, a figura de hum ramo de arvore, cuja cabeça estava no tronco, e estava viva; teria de comprido quatro pollegadas, e o tronco de grossura de huma penna de escrever delgada, e a côr muito clara. Constou-me depois que a mesma pessoa lançara segunda da mesma forma: com que a uniaõ das duas classes he facil, metendo-lhe este degráo no meio.

Baron. E que degráo poráõ elles para communicarem o homem com os brutos?

Baraõ. Os Bugios: porque esses tem muita semelhança com os homens. Que-reis Vós saber o que eu li há poucos

dias (1)? Eu tomei de cór as palavras : *Todo o Reino animal* (diz este livro) *he composto de differentes especies de Bugios , huns mais habili-dosos do que outros , na cabeceira dos quaes Pope collocou a Neuton.* Vedes, minha Irmã , que tendes innumera-veis parentes , que Vós não conheceis : daqui por diante teremos menos pressa quando correremos a posta ; porque em fim , neste systema os cavallos são nossos irmãos.

Baron. Contentarnos-hemos com sermos Bugios mais perfeitos do que os ordinarios.

Barão. De vagar, que tambem dizem muitos desses senhores , que elles são mais perfeitos do que nós. *Os brutos* (diz hum grande homem dos seus (2)) tem huma alma capaz de todas as operações , que forma o espirito do homem ; isto he , de conceber , de ajuntar os pensamentos , e tirar huma boa consequencia. E outro (3) diz , que *os homens espalhados pelos matos obser-
vã-*

(1) Sistema d'Epicur.

(2) Philosoph. du Bonfensf.

(3) L' Origine del' inegalité des homes.

vãraõ , e imitaraõ a industria dos brutos ; e que assim se elevaraõ quasi ao instincto dos brutos. Com que , minha Irmã abatei a vossa vaidade , porque os brutos foraõ os nossos mestres ; e nós (quando muito) nos elevamos , e quasi que chegamos ao seu juizo. Outro (1) diz , que a razaõ delles naõ terem as producções de juizo , que nós temos , he porque tem patas em lugar de dedos , e porque a sua vida he mais curta que a nossa. Como elles tem milhores armas , e melhor vestido do que nós , tem menos necessidades , e por isso tem menos invenção ; pois he cousa sabida que o nosso mestre quasi universal he , e tem sido a *Necessidade*.

Baron. Basta , basta ; que já me aborrece ouvir tanto desproposito : vamos , Theodosio , a fallar seriamente da nossa alma , que esta he a materia (meu Irmaõ) para a nossa conferencia.

Baraõ. Estou attento , e gosto de vos ouvir , Theodosio , nesta materia.

Theod. Dois pontos ha aqui ; mas hum depende do outro : o primeiro he ,
se

(1) Essait. de l'Esprit.

se a alma he espirital : o outro he , se fica por isso immortal. Quanto ao primeiro , já nós fallamos hum destes dias , que tratámos da differente idéa , que havíamos de fazer da Materia , e do Espirito , dando a cada cousa destas as suas propriedades , e effeitos ; e já se vê , que tendo nós a faculdade de *pensar* , e de *querer* , não podemos ter huma alma que seja materia.

Baron. Se he taõ impossivel , que a Materia pense , e escolha , e queira , e ame , e aborreça , e duvide , &c. como he impossivel , que o som seja amarélo , ou o pensamento verde , ou o amor encarnado , já se vê que a nossa alma he espirital.

Baraõ. E que dizeis Vós da alma dos brutos ? Eu tenho lido , que muitos Catholicos seguem , que ella he espirital.

Theod. Bem o fei ; nunca tal julguei , nem posso julgar : e não obstante os grandes fundamentos , que elles tem , eu nunca me pude inclinar a isso ; porque ha grande differença da nossa alma ás suas (1).

Baraõ.

(1) Recreação , tom. 5. Tard. 22.

Baraõ. Sempre he mais imperfeita.

Theod. De vagar : porque se elles tem alma , que governe , dirija , e coordene as suas acções , tem alma muito mais perfeita que a nossa.

Baron. Isso agora não creio , meu Cavalheiro , perdoai-me.

Theod. Reparai , Senhora , que os brutos obraõ sem estudos , sem educação , sem livros , sem experiencia , e sem instrumentos , e fazem cousas ás vezes muito mais perfectas que os homens. Dizei-me : as Andorinhas , e mais passaros de arribação , quando fazem os seus ninhos o primeiro anno , os fazem taõ perfectos , como o ultimo ; e nenhum homem os faria assim , tendo em lugar de mãos , e de instrumentos sómente hum bico , e dois pés. A Andorinha que nasceo em Lisboa , sim nasceo no seu ninho ; mas não o vio fazer ; e chegado o Inverno partio para a Africa , e lá nunca vio a seus pais fazer ninhos , porque lá não criaõ , voltou no Veraõ seguinte para a Europa , e cuidou logo em fazer o seu ninho.

Mais. Quem enfinon ás Abelhas novas a fazer os seus favos com a

geo-

geometria admiravel, que todos vêm, e ninguem antes dellas havia de idéar, taõ propria a seus fins? Ninguem por mais douto, que seja, poderá dar idéa diferente, sem muitos defeitos. A Abelha sahio do seu cortiço, e como nasceo em huma casinha de cêra já feita, não a vio fazer. Sahe com a sua Abelha mestra, e mais familia, e no primeiro cortiço, ou concavidade escura, que achão, fazem o seu favo accommodado ao lugar; mas seguindo a mesma idéa inimitavel. Qual he o homem, que sem experiencia, sem vêr, nem lêr, nem ensino, nem instrucção alguma faça obras perfeitissimas?

Barão. Mas isso he, Theodosio, tudo a meu favor; porque creio que tem alma espiritual.

Theod. Hum pouco de paciencia, meu Barão. Digo que as obras dos brutos pedem muito juizo, e juizo muito maior do que o dos homens, quando elles são como os brutos; isto he, sem ensino, nem instrumentos. Até aqui não ha dúvida. Agora a dúvida he, se esse juizo, que dirige as suas obras, he a alma que está no bruto,
ou

ou se he coufa superior que esteja fóra deffa alma.

Baron. Não entendo ; isso he enigma ; e porque não dais esse juizo aos brutos , se elles são os que fazem essas obras , e se governaõ com essas acções ?

Theod. Porque vejo nellas duas coufas , que me obrigaõ a não lhes dar a elles essa gloria. Huma he a uniformidade das suas acções em todos os seculos , e em todos os lugares do Universo. As Abelhas na Ruffia , no Japaõ , na America , na Africa , e em Portugal fazem os seus favos com o mesmo risco , e fabrica , sem discrepancia ; e taõ perfeitos se fazem agora , como sempre se fizeraõ.

Baron. Creio isso com facilidade.

Theod. Logo não he a sua alma , que dirige as suas obras. Porque primeiramente he impossivel , que o *Acafo* fortuito seja causa de huma tal semelhança em tempos , e lugares remotifimos. Dizei , Baroneza , e Vós tambem Baraõ ; póde ser que por acaso hum homem faça aqui em Baiona huma obra semelhante inteiramente a outra , feita na Ruffia , e outra na America , sem se terem os artifices comu-

municado entre si? Que obras de homens achais assim conformes? No comer, no vestir, no edificar, no navegar, não achareis semelhança; não obstante que todos aprenderão com o mesmo mestre, que he a *Necessidade*: todos tem a mesma *necessidade*, mas cada qual come a seu modo, veste por seu feitio, edifica segundo a sua fantazia, e fórma as embarcações por seu modello. Ainda quando os livros, e os mestres, e a experiencia vão de huns a outros homens, sempre ha differença nas suas obras. Logo como podia ser, que não se communicando os brutos entre si, as suas obras em todos os lugares sejaõ as mesmas? Como pôde isto ser, sem que haja hum entendimento, que veja em todos os lugares? Como podem ser as mesmas em todos os seculos, sem que haja hum entendimento que assista a todos os tempos? Aguçai, meu Barão, o vosso discurso Mathematico, e explicai-me isto. Como podem obras distinctas em tempos, e lugares diversissimos, sem haver communicação alguma, nem por livros, nem estampas, nem mestres, nem experiencia, fa-

fahir perfeitissimamente semelhantes ?
Só por mero acaso ?

Baraõ. Isso he de maxima impossibilidade.

Theod. Logo só podem proceder de hum juizo , que veja em todos os lugares , e em todos os tempos , em ordem a combinar , e ajustar humas obras com outras para sahirem perfeitissimamente semelhantes. Respondei-me.

Baraõ. Parece-me isso summamente necessario : sem que essa causa dirigente assista a todos os lugares , e tambem a todos os tempos , naõ póde ajustar perfeitissimamente cousas taõ distantes.

Theod. Accresce a isto , que nos homens fim achais alguns movimentos inteiramente semelhantes em todos os tempos , e lugares ; mas saõ os movimentos , que naõ dependem da sua liberdade , como he o palpitar do coração , o respirar , e todos os mais que estaõ na Natureza , e naõ na vontade livre : nestas cousas ha uniformidade ; mas no que he livre , e procede da alma voluntaria , achareis sempre muita dissemelhança. Ora a disposiçaõ de meios , para os fins , que se propoem ,
saõ

saõ obras de vontade, que escolhe o que he livre.

Baraõ. Que me dizeis Baroneza? Que sahida lhe dais? acudi-me, se podeis. E que resposta lhe dais Vós, Theodosio?

Theod. Dou esta: a Intelligencia Divina, que vê em todos os lugares, e tempos, he a que de tal modo dispoz a organização das Abelhas, que sem juizo proprio, mas por impulso alheio fação essas obras taõ reguladas. Assim como hum Relojoeiro em Genebra faz Relogios para toda a Europa, de forma que todos os da sua fabrica fazem iguaes movimentos em qualquer parte do mundo, onde os levarem. A disposição para a ordem, e proporção com que o Relogio faz os seus movimentos regulados, não está no Relogio, está no Relojoeiro. Assim saõ as acções dos brutos, e da sua alma: ella obra as acções, assim como a móla do Relogio obra os movimentos; mas a alma não governa, nem combina, nem escolhe, nem proporciona as acções do bruto com os seus fins; bem, como a móla não combina, nem proporciona, nem dirige, nem escolhe

lhe os movimentos do Relogio em ordem aos fins a que elles se destinãõ. Toda a combinaçaõ, e governo está fóra do Relogio, e tambem fóra do bruto.

Baraõ. Não sei responder, vamos adiante : e qual he a outra cousa, que Vós vedes nas acções dos brutos, para lhes negar a gloria de as dirigirem elles mesmos ?

Theod. Vêr que desde o principio do mundo até agora nunca houve milhoroamento, nem invençaõ nas obras dos brutos. Olhai para as obras dos homens, e ficareis pasmado do que vaõ cada qual accrescentando aos antepassados. Nos principios da Impressãõ eraõ as letras gravadas no páo, depois passou isso para o metal; depois se tem posto em tal perfeiçaõ, que he pasmar. Pelo contrario, que adiantamento tem os favos de mel ? ou as téas de Aranha; ou os ninhos dos pafaros ? &c. Tudo he agora, como sempre foi : logo não he a sua fabrica dirigida pela alma dos brutos com intelligencia propria, e propria liberdade, como nos parece.

Baron. Bem percebo o vosso argumento.

Quem

Quem vê a sagacidade dos Bugios , Aranhas , Abelhas , &c. sem terem mestres , nem experiencia de vêr fazer semelhantes obras , nem instrumentos a proposito , nem educação , livros , ou modellos ; e que os homens nunca tal fizeraõ ; e os mais habeis de véraõ a sua habilidade , e discursos a mestres , livros , experiencia , estudo , &c. Quem vê (dizeis) esta superioridade da parte dos brutos , está tentado a crêr , que a sua alma he mais perfeita que a nossa : mas quem vê que elles desde o principio do mundo atégora nada tem adiantado na perfeição dellas , quando os homens nunca paraõ , e sempre vaõ accrescentando , fica obrigado a negar-lhes a elles a direcção , e governo das acções ; isto he , que elles voluntaria , e livremente fação esta acção com este fim , e outro , &c. Não he isto o que dizeis ?

Theod. Não ha dúvida , que he a força do meu argumento , para provar a grande differença entre a alma do homem , e as dos brutos ; e que a nossa , que obra com propria intelligencia , reflexão , liberdade , e escolha , &c. não póde deixar de ser espirito , se-
ja

ja a alma dos brutos o que quizerem , porque nelles não ha , nem perfeita intelligencia , nem escolha , nem liberdade.

Baraõ. Eu nunca me poderia persuadir ; nem fei que homem sério se persuada , que deixe cada qual de ter em si huma alma espiritual , vendo que nós somos dotados de conhecimentos , e da liberdade das nossas acções , e de amar , aborrecer , duvidar , &c. o que certissimamente não cabe na materia. Vamos adiante á Immortalidade da nossa alma , que he o ponto mais controvertido entre os Incredulos.

Theod. Primeiro devemos tratar da sua simplicidade.

§. II.

Da Simplicidade da nossa alma.

Baron. **Q**ue quer dizer *simplicidade* da alma ? Não entendo bem estes termos.

Theod. Chamamos *simples* huma cousa quando não he composta de muitas. Na nossa alma ha varias funcções : ella apprehende , julga , discorre , du-
ví-

vída , nega , &c. e isto se chama *Entendimento*. Ella se recorda do passado , e isso se chama *Memoria* : ella ama , aborrece , quer , e não quer , escolhe , despreza , e isso se chama *Vontade*. Agora alguns questionaõ se isto são diversas cousas que se ajuntam na alma , assim como no corpo se ajuntãõ o cerebro , o coração , e estomago , que tem cada qual suas determinadas operações , que não se podem trocar , e são entre si cousas muito diversas.

Baron. Eu assento que tudo he o mesmo , e que as tres diversas potencias são tres empregos da mesma alma.

Theod. Assim se diz communmente : mas eu levo o meu pensamento mais ávante , e pergunto , se essa alma , que entende , quer , e se lembra. Se he huma cousa simples , ou se he (como o corpo em que vive) hum composto de varias peças : escolhei o que quizerdes , e vamos discorrendo.

Baron. Ora eu quero , por travessura de entendimento , quero suppor que a nossa alma se compoem de muitas partes simples. Vejamos como me arguís de falsidade. Sede Vós , meu Irmaõ ,
juiz

juiz desta nossa disputa, para vêr de que parte fica a razaõ.

Baraõ. Com gosto ; porque ainda não vi discorrer nesse ponto. Vêde Vós, Theodosio, como discorreis : olhai que estou feito vosso juiz.

Theod. Sê-de embora. Se a nossa alma he composta de muitas partes espirituaes, eu quero saber se cada huma dessas partes per si só he intelligente, e se he livre, e tem alvedrio?

Baron. Isso não : a alma, que dessas partes resulta, he que tem intelligencia, e vontade : porém as partes, de que se compoem, não tem essa intelligencia : assim como hum Relogio tem movimento, e as partes de que se compoem separadas, não tem movimento.

Theod. E não me direis Vós, de que modo se póde fazer, que de muitas partes, das quaes nenhuma tenha intelligencia, resulte huma alma intelligente? Isto de Intelligencia, ou Vontade não póde nascer da combinaçaõ ; e ajuntamento de partes. A comparaçaõ do Relogio não vos defende ; porque o Relogio sem corda não tem movimento algum, e as suas partes em

particular também não o tem; e se fallais do Relógio com corda, que tem movimento, he porque a móla real lho dá; e essa móla real só por si, se a enrolarem, e depois a deixarem, se solta com movimento rápido: este movimento, que na móla solta, dura hum instante, quando o Relógio está armado, dura vinte e quatro horas; porque a combinação das rodas, e a pendula a demora, e não deixa que a móla se desenvolva, senão pouco a pouco. Fazei Vós, que a móla real estalle, parou o Relógio, e não tem movimento o todo, porque também a parte delle o não tem em si, nem lho póde dar.

Barão. Minha Irmã, eu sou juiz, não teimeis, que eu não posso entender como de muitas peças não intelligentes resulte huma alma, que entende, quer, e discorre, &c.

Baron. Pois seja huma parte da alma intelligente, e outra seja dotada da vontade, e de ambas juntas resulte a alma, que he intelligente, e livre.

Theod. Também não póde ser; porque essa parte da alma, que livremente quer, e que escolhe, deve saber que he

he

he isso, que ella quer, e porque razã escolhe. Se essa parte por ser privada de intelligencia não entende nada; e he cega, como póde amar, como póde aborrecer, como póde preferir isto áquillo? Se Vós, Baroneza, tivesséis duas criadas, das quaes huma visse muito bem, mas fosse *muda* para determinar cousa alguma; outra fallasse muito, e fosse capaz de determinar tudo, mas estivesse *cega*, e surda; que poderiaõ fazer em vossa casa, quando Vós vos não achasseis nella?

Baron. Nada sem dúvida; porque a que via não podia dizer nada á outra; e a que podia mandar, nem via, nem lhe diziaõ nada, porque era surda. Estando eu em casa, entãõ a que via, com acenos me dava parte a mim, e eu me valia da outra para fallar, e dar as ordens.

Barãõ. Pois entãõ ponde Vós, Baroneza, tres partes na alma, huma que seja intelligente, outra que tenha a liberdade, e a terceira que se sirva de ambas, para fazer que a intelligencia de huma governe a liberdade da outra.

Baron. Pois seja assim: tenha a nossa al-

ma tres partes : fiquemos nisso.

Theod. Mas esta terceira parte que vai fazer a vossa figura , deve ter intelligencia para entender o que lhe diz a criada , que vê ; e deve ter liberdade para determinar o que lhe parecer á criada , que muito falla.

Baron. Por força deve ser assim : seja como quizerdes , com tanto que ponhais tres partes na alma.

Theod. Está bem : ora tendo Vós nessa alma huma parte simples , que participa , e tem a *intelligencia* da primeira ; e que tambem participa , e tem a *liberdade* da segunda , nesse caso tendes huma parte da alma , a qual por si só póde mui bem fazer tudo o que faz a Alma toda , porque ella he *intelligente* , e *livre*.

Baron. Não o posso negar.

Theod. Pois se Vós admittis huma parte da alma , que sendo simples em si tem tudo o que faz a Alma total , de que servem lá essas duas peças escufadas ? Vamos á comparação. Se Vós estais em casa , e podeis vêr , e podeis fallar , de que vos servem essas duas criadas huma *cega* , outra *muda* ?

Barão. Botai fóra , minha Irmã , essas duas

duas criadas inuteis , e confessai a Theodosio , que a alma por força deve ser simples ; isto he , que a mesma substancia , que entende , he a que tem liberdade. Fizeste-me juiz , tende paciencia , que sentenceio sem carne , nem sangue.

Baron. Estou pela vossa sentença ; e agora fico firme no que Theodosio tem provado : passemos adiante.

Theod. Agora segue-se a grande questão da Immortalidade da Alma , cousa que estes Senhores não querem conceder por modo algum.

§. III.

Da Immortalidade da Alma.

Barão. **T**enho observado , que este he o ponto , em que elles fallaõ com maior empenho.

Baron. Com razão : porque se a alma morre com o corpo , não tem que temer castigos das suas desordens ; nem o virtuoso pôde esperar premio da sua virtude. Eu não sei nada das vossas provas metafisicas ; mas o que se casa mais com a razão (ainda prescindindo

do da Fé) he , que a nossa alma he Immortal ; porque , dizei-me Barão , o Creador , que nos deo a *liberdade* , e tambem a *Luz da Razaõ* ; e *Lei Natural* , certamente foi para que nós a seguísse-mos nas acções livres. Quem de noite dá hum archote ao seu criado , que manda a algum recado , certamente he para que elle fuja dos precipios , e siga o bom caminho , até fazer o que lhe manda. Não he assim , Barão ?

Barão. Sem dúvida : porque se o Amo não quizesse que executasse o que lhe ordenava , não lhe daria o recado , nem o archote para o livrar dos perigos , que aconteceriaõ na execuçaõ do preceito.

Baron. Logo se Deos nos deo a *Lei Natural* , e a *Luz da Razaõ* , e juntamente a liberdade he porque quiz , que nós seguísse-mos esta luz , e obedecéssemos a esta Lei.

Barão. Sem dúvida : mas que tirais dahi para a Immortalidade da Alma ?

Baron. Tiro , que se nós não fizermos o que Deos intenta , e obrar-mos contra a Lei Natural , que Elle nos deo , necessariamente se ha de desfagradar dif-

disso , e por conseguinte (como justo) nos ha de castigar. Aliás a creatura poderia affoitamente zombar de seu Creador , ficando impune : o que não he decente ao Ser supremo.

Baraõ. Tambem concordo nisso ; mas vamos ao Ponto da *Immortalidade* , que he o ponto da questãõ.

Baron. Mais paciencia , Baraõ ; se Vós concordais nisso , de que quem obra mal , por força deve ser castigado , e quem obra bem , deve ser premiado , hum por obedecer ao Creador , outro por zombar delle , entãõ forçosamente ha de haver vida depois desta ; e a morte não ha de destruir a alma ; porque de ordinario succede , que os bons , e virtuosos saõ toda a vida opprimidos ; e os preverfos muitas vezes triunfaõ , e levaõ a dissoluçaõ impune até á morte : e assim , meu Irmaõ , bem vêdes que ou depois da morte ha de haver premio , e castigo ; ou Deos ficará bem mal , dando licença que nesta vida os bons sejaõ opprimidos , e os máos cheios de felicidades.

Baraõ. Agora conheço o vosso argumento ; e confesso , que essa razaõ he mui for-

forte ; porque além da Luz da Razaõ , que condemna as nossas acções preverías , temos hum estímulo , que nos remorde , e accusa , e reprehende ; e este estímulo he sem dúvida a Voz de Deos , que nos reprehende ; e quem zombar desta Voz para ir seguindo a sua vontade , e desprezando a de Deos , forçosamente deve ser castigado ; e pelo contrario premiado quem for fiel a esta Lei da Natureza , e Luz da Razaõ , e Voz interna ; ora não o sendo aqui , necessariamente ha de haver outra vida , em que se dê a cada qual o que merece. Que dizeis a isto , Theodosio , que estais tão calado !

Theod. Digo , que discorreis muito bem ; e os que discorrem o contrario , fazem á sua Razaõ huma grande violencia. Mas vamos a outra prova metafísica , de que Vós , Baraõ , haveis de gostar , por terdes genio de especulação.

Baron. E tambem eu : vamos a essa prova.

Theod. Huma cousa composta de muitas partes póde destruir-se , sem se aniquillar parte alguma della ; sómente pela
des-

defuniaõ , e descomposiçaõ dellas. Por exemplo : Hum Palacio pôde destruir-se , e ser arrazado , sem que se destrua parte alguma delle ; mas só pela separaçãõ das partes que o compoem : alli se vê a cantaríá pelo chaõ , a calíça em montões , as madeiras em pedaços , as telhas quebradas , e tudo feito huma montanha de destroços ; e comtudo nada se destruo. Deste modo perecem as cousas que sãõ compostas de muitas : porém as cousas que sãõ simples , não podem perecer deste modo , por se desmancharem : porque se ellas não tem partes , não se pôdem desfazer deste modo.

Baraõ. Pois de que modo as pôde Deos destruir.

Theod. Reduzindo-as a nada , que isto he que chamamos *aniquillar* : esta he a differença de hum poder infinito ao limitado , que Deos como omnipotente pôde fazer passar huma creatura do *Nada* para o *Ser* , creando-a de novo ; e tambem do *Ser* para o *Nada* , aniquillando-a. Os homens porém nada disto pôdem fazer ; só pôdem separar as cousas , que estavaõ juntas , ou ajuntar as que estavaõ separadas.

Quan-

Quando se faz hum edificio , nada fazem os homens , senão ajuntar de huma certa maneira os materiaes , que de longe mandaõ vir ; mas tudo quanto está no edificio depois de acabado , estava muitos tempos antes em diversos lugares : como tambem fica espalhado pelo campo tudo quanto compunha hum edificio , quando elle se arruina. O mesmo digo das obras da Natureza. Quando cresce huma arvore , se ajunta o que estava disperso , em quanto não concorria a agua , e terra , ou fáes , &c. O fogo altera , muda , analyfa , resolve , &c. mas não faz que pereça totalmente substancia nenhuma. Este salto do *Ser* para o *Nada* he de infinita distancia ; sómente hum braço de força infinita o póde vencer : nas obras das creaturas só ha a differença de estarem as particulas da materia , ora de hum modo , ora de outro. Creio que concordais nisso ?

Baraõ. De fórma o tendes explicado , que eu nenhuma dúvida tenho.

Theod. Concluo agora o nosso ponto. As cousas , que são simples , e não constão de partes , não se podem desmanchar , e desfazer ; por conseguinte ,
crea-

creatura nenhuma tem acção sobre ellas ; e deste modo ficaõ izentas de toda a força , que ha na Natureza. Neste sentido he a nossa alma immortal ; isto he : não ha na Natureza força para a destruir ; porque sendo simples , não a podem desmanchar : ora para aniquillarem , e reduzirem a *Nada* não tem as creaturas força alguma. Assim , só o Creador , que a tirou do *Nada* , a póde tornar a reduzir a esse *Nada* : o que Deos nunca faz.

Baron. Agora já faço conceito da nossa Immortalidade ; porque o homem morre por ser composto de duas cousas *alma* , e *corpo* ; separa-se huma cousa da outra , e desfaz-se o homem : da mesma forte o nosso corpo podem desfazello , e queimallo , &c. porque consta de muitos membros ; mas a alma sendo simples , como dizeis , he impossivel que a Natureza a destrua , e fica desse modo immortal.

Baraõ. E que me dizeis á alma dos brutos ?

Theod. A alma dos brutos ; isto he : a parte que nelles obra os movimentos , consiste no sangue , ou na parte mais espirituosa delle , a que chamaõ *espiri-*
ri-

ritos animaes, ou *succo nerveo*, que trabalha nos musculos, e faz os movimentos : esta alma não he simples, por isso exaurido o fangue, se dissipa, e destróe : a intelligencia porém, que dirige os movimentos, está em Deus, e fóra dos brutos : assim como a móla do Relogio, que he como a sua alma, está no Relogio ; mas a intelligencia desses movimentos está na cabeça do Relojoeiro, e não se acaba ainda que quebrem o Relogio. Já em outras occasiões vos fallei nisto (1) : por isso não me explico mais.

Baron. Agora respiro, Theodosio, porque fei o como, e a razão de ser a nossa alma Immortal : até aqui cria isto, mas confusamente. Por ora basta de especulações : vem visitas, vou recebellas : Adeos.

(1) Recr. tom. 2. Tard. ult. e tom. 5. Tard. 1.

T A R D E V I I I .

*Dialogo sobre a Religiaõ Revelada em
commun.*

Baron. **I**Sfo naõ , Theodosio , isso naõ . Bem pôde fer que o Conde tenha sua extravagancia no modo de pensar ácerca da Religiaõ , mas *Incredulo* naõ he : tem muito juizo para adoptar semelhante systema.

Theod. Senhora , pôde fer que eu me engane ; mas o modo , com que elle se explica , bem dá a entender , que o seu coração está gangrenado : picai-lhe Vós com disfarce na materia , e vereis o que sahe do tumor disfarçado . A sua maxima he esta , que Deos igualmente recebe gloria por qualquer modo , que os homens lhe dem culto ; quer sejaõ Mouros , quer Judeos , quer Gentios , quer Christãos ; que isso de ter esta , ou aquella Religiaõ he o mesmo que levar o vestido de huma , ou de outra côr ao beijamaõ em dia de annos , onde basta que se-
ja

já decente , e rico , e pouco importa o ser encarnado , ou rôxo , ou azul , &c. Mas como he terça feira , em que costuma vir jantar comvosco , hoje vos podeis certificar do que digo.

Baron. Eu pasmo de vêr o excessso a que chega esta desesperada febre de discorrer livremente.

Theod. Naõ vos admireis , porque quebrado huma vez o freio da Religiaõ Romana , tudo ha de ser assim. O Catholico sujeita a sua crença às Escrituras interpretadas , naõ como elle quer , mas como quer a Igreja ; e por isso todos cremos o mesmo em todos os tempos , e em todos os Paizes : porém se cada qual toma a liberdade de interpretar a Escriutura , ou de formar maximas , em que se estribe para discorrer na Religiaõ , virá tempo em que dez mil cabeças terãõ dez mil Religiões ; por quanto nenhuma razaõ ha para que os outros accomodem o seu juizo ao meu , e elles naõ pretendãõ que eu accommode o meu juizo ao seu.

Baron. Todos se devem accommodar á Razaõ , que he a Lei geral de todos os entendimentos.

Theod.

Theod. Dizeis bem , Senhora : todos estaõ por isso que dizeis ; mas cada qual quer que o Idolo da sua Razaõ seja o geralmente adorado por todos ; e como cada qual tem na sua cabeça o seu particular Idolo , todos pertendem conseguir a adoraçaõ geral dos outros. Se houvesse huma só Razaõ em todos , dizieis bem ; mas dez mil cabeças tem dez mil razões ; e punindo cada qual pela sua Razaõ , temos huma geral dissençaõ. Mas ahi está o nosso Conde , se me naõ engano.

Conde. Naõ ha discipula mais attenta ás lições de seu Mestre do que Vós o sois ás de Theodosio. Ora deixai , deixai , Senhora , essas subtilezas metafisicas , que vos roubaõ á bella sociedade , para que Vós nascestes. Eu , em vos naõ vendo nas nossas assembleas , já vos considero toda occupada nos vossos estudos mathematicos. Senhora , já que a Natureza vos destinou por essas bellezas , que com maõ larga repartio comvosco , para serdes a alegria da humana sociedade , para que nos roubais o que de direito he nosso ? A vossa livraria sabeis onde ha de ser ? no vosso toucador ; e os vos-

vossos livros só devem ser as joias preciosas. As flores, e fitas suprem mui bem os calculos delicados: deixai isso para vossos Irmãos, que são soldados, e devem estudar a Tactica.

Baron. Com que em não me vendo com joias, com flores, e fitas, já não me devo apresentar na bella sociedade!

Conde. Não digo isso, Senhora, antes vos confesso, que hoje que estais sem algum enfeite, me pareceis mais bella, mais engraçada do que nunca. Tomára, que vos fosse permittido apparecerdes assim como estais á tarde na Assembleia; verieis que todos os olhos se fixavaõ em Vós; porque tendes hoje hum não sei que, que vos faz extraordinariamente bella.

Baron. Pois com effeito hoje me achais melhor do que nos outros dias?

Conde. Incomparavelmente melhor; hoje o vosso rosto brilha, com huma graça encantadora.

Baron. Mal sabeis quanto estimo saber isso, porque entãõ já dei no segredo da formosura.

Conde. E qual he?

Baron. He que hoje me fui confessar; e a belleza da minha alma vejo ago-

ra que reverbera no meu semblante. Já vejo que tenho cara de vidraça ; porque apparece fóra , o que vai cá dentro. Eu me sinto no interior muito mais alegre , e satisfeita ; e nada duvido que o meu rosto participe da mudança do meu espirito. Tomai Vós , Conde , esta mesma receita , que tambem vos presentareis nas assembleas mais gentil do que nunca.

Conde. Ora , Senhora , eu não esperava do vosso juizo , que tiveis taõ grande prevençãõ : discorrei como pessoa , que se não deixa levar cegamente pela fanatica fantazia dos Padres. Quem tem discurso sólido , prescinde dessas idéas , e serve a Deos em espirito , e verdade ; e não se liga a certas ceremonias de Religiãõ , que mudaõ conforme os climas , em que vivemos.

Baron. Com que Vós não credes firmemente nesta Religiãõ , que exteriormente professais ! Fallais seriamente , ou brincas ?

Conde. Não me permite o decóro , que vos devo , o zombar nesta materia. Eu nem creio , nem deixo de crêr ; não me embaraço com isso : porque hum homem , que sabe discorer sólido.

damente , não se liga a Religião nenhuma. Aqui tendes Vós , Theodosio , que se fallar sinceramente , talvez que tenha o mesmo modo de pensar , que eu tenho ; porque o reputo por homem sólidamente Filosofo.

Theod. Não me he licito , Senhor , encobrir o meu modo de pensar , já que Vós me desafiáis , e a Baroneza o deseja saber. Eu penso como a Baroneza inteiramente ; porque muitas vezes temos communicado os nossos sentimentos. Sou Filosofo , e faço profissão de o ser ; mas sabeí que quanto mais tenho reflectido na Religião , mais firme me acho na minha crença. E se quizerdes , eu vos direi os motivos , em que me fundo.

Conde. Motivos sim : motivos de beatice , que vossa ama velha vos ensinou á chaminé , quando Vós ereis menino. Que motivos sólidos me podeis allegar , que convenção hum Filosofo ? Não sei que os haja : e senão , gostarei de os ouvir.

Theod. E eu de vêr como Vós lhe respondeis.

Baron. Está travado o desafio , que eu desejava ; e eu serei a testemunha. Mas

rogo-vos a ambos , que ponhais de parte tudo o que não for resposta sólida , porque de ditos engraçados , e respostas simuladas estou eu bem enfadada. Amigos , *Honra* , e *Verdade* , e *Sinceridade* ; e coitado daquelle que me faltar a isto ; porque com a authoridade de Senhora , não lhe hei de perdoar. Fallai , Theodosio.

Theod. Eu supponho , Senhores , que Vós firmemente crêdes esse facto historico , de que ninguem duvida ; isto he , que houve na Palestina ha mil e setecentos annos hum homem chamado *Jesus Nazareno* , o qual dizia , que era Filho de Deos , e que por isso o matáraõ , &c.

Conde. Disso não duvido : do facto historico não se disputa , nem se duvida.

Theod. Bem estamos : pergunto agora : *Ou esse homem mentia , ou fallava verdade* ? Escolhei o partido , que quizerdes , que para mim tudo me faz jogo.

Conde. Como me dais essa liberdade , digo por ora , que mentia : e Vós , Senhora , não vos escandalizeis ; porque como isto he hum desafio , e duélo de discurso , quero-me pôr na postura ,

e situação mais vantajosa, que possa ser, para não ser vencido. Vamos a isto, Theodosio, supponde que digo, que mentia.

Theod. Nesse caso haveis de conceder que esse homem era o mais malvado, que jámais houve no mundo.

Conde. Isso não: era máo por se fazer Filho de Deos, sem o ser; porém mais nada.

Theod. De vagar; porque já temos huma blasfemia a mais execranda, que se póde dizer: por quanto Elle dizia, e ensinava que era o Filho substancial do Omnipotente; e de sua mesma natureza; e igual a Elle, e o mesmo com Elle na substancia. E isto não foi dito no calor de alguma disputa, em que o cerebro esquentado costuma ás vezes saltar fóra dos eixos, em que deve rolar o pensamento racional, e forjar idéas romancescas; ou talvez a lingua veloz pronuncia com pouca reflexão o que a idéa lhe dicta. Isso não foi assim; antes pelo contrario, Jesu Christo com animo pouzado, constante, e continuado por mais de tres annos, sempre o disse em público, e em particular, e assim o mandou

dou prégar pelo mundo todo. Com que já vedes, que isso não era qualquer crime, se teimardes em dizer que Elle mentia.

Conde. Pois seja como dizeis; que eu agora não faço a figura de seu Apologista.

Theod. Ora hide ouvindo, e vereis huma tal serie de precipicios, e barrancos, em que por força haveis de cahir, que talvez que vos vejais obrigado a tornar a trás no caminho que tomastes.

Conde. Vamos a razões, e deixemos palavras de ameaças.

Theod. Sim, vamos. Esse homem teve arte para persuadir essa sua maxima a huma grande parte do mundo; e isso sem soccorro algum humano: porque primeiramente não teve o soccorro das letras. Nenhum Apostolo foi homem letrado: huns eraõ pescadores; S. Mattheus, negociante; S. Paulo, que mais alguma instrucção teve, não alcançou a Jesu Christo em vida; e nem este Senhor em si mesmo deo jámais a conhecer que tivesse estudos humanos. Os seus mesmos inimigos se admiravaõ de o vêr fallar como fallava

va , sem que o vissem jámais aprender.

Além disso o Povo Judaico era summammente ignorante ; a Cidade , em que o Senhor nascera , era mui pequena , e desprezível : a sua vida até os trinta annos , foi sempre retirada , e occulta ; ajudando no trabalho a hum Carpinteiro , e a huma pobre Costureira , sua Mãi. Todos estes factos são constantes. De mais , em toda a Judéa não havia casta alguma de estudos , senão o dos Profetas. Onde foi Jesu Christo aprender essa arte de persuadir tão sublime ? tão simples , e tão efficaz , que triumphou de todos os Filozofos , e Sábios ? Se esta persuasão não foi (como Vós dizeis) triumpho da verdade ; se aqui não houve soccorro da Divindade , pois Deos não mente : he forçoso dizer , que aqui houve soccorro diabolico.

Baron. Essas cousas sómente ouvidas me fazem horror.

Theod. Mas he preciso que Vós , e o Senhor Conde vejais os horriveis precipicios , em que forçosamente cahirão os que tomarem este caminho , que elle tomou.

Conde

Conde. Hide continuando , que não he esta materia tal , que em quatro palavras se aclare. Os ouvidos de Senhora devota são nimiamente delicados : hide discorrendo.

Theod. Accrescentai agora , que Jesu Christo não se valeo , para a introducção do seu Evangelho da authoridade de grandes personagens (como ordinariamente succede) os Apostolos eraõ da plebe ; não houve Doutor que o protegesse , Rei que o patrocinaſse , ou Principe que o favorecesse. Nenhum de seus Discipulos tinha lugar honorifico , ou emprego de dependencia ; nenhum , nem pelas suas cãs , nem pela authoridade , nem pelo entendimento tinha merecido de antemaõ o sequito do Povo ; antes pelo contrario Jesu Christo com quatro homens , por todos os titulos desprezados , teve poder de persuadir a grande parte do mundo coizas summamente arduas , como era crêr , que hum homem pobre , descalço , e açoitado publicamente , e morto em hum patibulo , e pregado em hum páo affrontoso , era o verdadeiro Filho de Deos ; e outras couzas deste genero.

E notai que esta rápida propagação do Christianismo foi depois de Jesu Christo morto, e justificado publicamente. Reflecti bem nisto; e torno a dizer, meus Amigos, que se aqui não houvesse Braço Divino, e virtude do Ceo, havia de haver astucia, e maquina dos Infernos; e Jesu Christo então author desse engano, seria hum monstro de iniquidade.

Conde. Não tireis consequências tão feias, que se afflige a Baroneza.

Baron. Mas ellas, meu Conde, são naturaes: se são feias as consequências, feios são também os principios, de que ellas nascem. Continuai, Theodosio.

Theod. Vamos pois discorrendo por todos os meios, que atéqui tem havido de persuadir. Teria acaso Jesu Christo ao menos o soccorro do dinheiro? do dinheiro, que Vós sabeis mui bem, que persuade por hum modo occulto, e tal, que sentindo-se cada dia os seus effeitos, não se sabe atéqui explicar o modo com que obra. Mas ninguem ignora, que Jesu Christo em toda a sua vida foi pobre; e pobrissimos foram os seus Apostolos: viveo sem
fauf-

fausto de rico , nem ostentação de pobre ; franco , sincero , igual , e coherente em tudo : desprezava as riquezas sem soberba , e recebia sem affectação os pobres , nunca offendendo por modo nenhum os ricos.

Baron. A casa de Zaqueo , que era rico , foi Elle jantar com toda a civilidade , e tratava com o Regulo , que o buscava , sem o menor desdem. Em fim ninguem ha de dizer , que Elle désse nunca cousa alguma para que o seguissem.

Theod. Não dizeis tudo , Senhora , acrescentai , que aconselhava a quem o queria seguir , que repartisse os seus bens pelos pobres , e que depois de estarem despídos das riquezas , viessem então para o seu seguimento ; e com tudo isso em poucos tempos se acharão Christãos sem numero. Aqui não chega a força humana.

Baron. Certamente , não.

Theod. Ainda mais : acaso valer-se-hia Jesu Christo do favor das armas , para introduzir o seu Evangelho , como fez Mafoma , que com o alfange na mão he que catequiza , defende , e propaga a sua doutrina ? Faria como depois

pois fez Luthero , o qual para introduzir a sua Seita , fez arder toda a Saxonia em guerras ?

Conde. Não tem faltado sangue derramado por conta do Christianismo.

Theod. Sim : mas como ? Não são os Christãos os que o fizeraõ derramar ; he pelo contrario : os inimigos do Christianismo são os que tem feito derramar aos Christãos todo esse sangue. Notai bem , meu Conde : Jesu Christo em lugar de se valer da força , e da violencia , ensina a Mansidão , a Doçura , a Humildade ; e a soffrer que lhe tirem a capa , dando de mais a mais a tunica : vêde que contraposição ao systema dos Mahometanos , e dos mais Sectarios , que por intriga , e a ferro e fogo fazem os seus Cathecumenos. Torno pois a inferir , que se Jesu Christo não usou destes meios , e conseguiu huma tão rápida propagação do Evangelho , isso foi sem dúvida por virtude Divina.

Baron. Que respondeis , meu Conde ?

Theod. No fim responderá ; deixai-me proseguir , Senhora. Vós amigo sabeis , e todo o mundo o confessa , que o mais seguro meio de introduzir huma
ma

ma doutrina nova , he o favorecer com ella as paixões ; por quanto facilmente crêmos tudo o que nos quadra aos nossos desejos. Quem deixa de crêr hum Advogado , quando elle discorre , e trabalha para mostrar que temos razão ? Mas se apoz de nós lhe vai fallar a parte contraria , não he possível persuadir-se desse mesmo discurso , que nos convenceo a nós ; e isto succede sempre , sempre. Ora de que nascerá , que sempre hum se deixa persuadir desse discurso , e o outro nunca ? Senão de que o discurso favorece os desejos do primeiro , e contradiz os do segundo : e assim vai naturalmente o Entendimento para onde o coração vai ; e custa muito á alma abraçar com o juizo tudo o que nos humilha , abate , e condemna. Eis aqui o meio de que Mafoma se servio para introduzir o Alcorão ; e de que se servem os Protestantes , franqueando mil cousas , que os Romanos prohibem : Eis aqui a hize do systema dos *Incredulos* , que todo se encaminha a favorecer as paixões , e a lhes dar plena liberdade.

Ora eis aqui a maior maravilha do
Evan-

Evangelho de Jesu Christo ; porque nunca houve doutrina mais contraria ás nossas paixões , do que a do Santo Evangelho. He doutrina tal , que obriga os Martyres a soffrer os mais horriveis tormentos , que jámais se imagináraõ ; e isto naõ a hum , ou outro , que se podia suppor doido , ou rematadamente preocupado ; mas a milhares , e milhares de Christãos de todas as idades , sexos , fortunas , climas , condições , e estados. Faz horror vêr todo o mundo armado com ferro e fogo contra o Christianismo , e o inferno todo desesperado , tirando aos homens até os sentimentos da Humanidade , que podiaõ favorecer os Christãos ; e vêr ao mesmo tempo , que quanto mais sangue se derramava por esta causa , mais crescia a semente Evangelica , regada com aquelle sangue.

E ainda sem olhar para os Martyres , quem vê bem a doutrina de Jesu Christo , ha de confessar , que a vida de hum bom Christão he hum continuado martyrio , em que se fazem morrer as paixões a fogo lento , ou suffocadas á força , dentro do peito.

to. Dizei-me, Senhores, não nos obriga o Evangelho a sacrificar a carne, os interesses, e o pondunor mundano? Por ventura as Leis severas da Pureza, da Justiça, da Caridade fraterna, não nos obrigão a nos desnaturalizar em certo modo da propria Natureza? Que mais póde fer? não obriga a doutrina desse novo Legislador a perdoar aos inimigos, e a fazer bem até aos que mais cruelmente nos tem perseguido? Pois esta doutrina publicou-se, seguiu-se, abraçou se por pessoas innumeraveis; e isso resistindo lhe sempre todas ás paixões da carne, todas as maximas do mundo, toda a força do Inferno, todos os interesses da vida; resistindo toda a força dos Imperadores, e todos os systemas dos politicos. Em fim tudo foi contra o Evangelho, todos os Fariséos, todos os Doutores, todos os Principes; e não obstante isso, Jesu Christo o introduzio rigidamente sem o minimo soccorro, nem de authoridade, nem de sciencia, nem de armas, nem de dinheiros, nem de delicias, nem de carinhos: em huma palavra, sem soccorro algum humano. Logo, ou Deos empenhou o seu braço
para

para esta empreza , e Jesu Christo era seu Filho ; ou se o não era , mas antes seu inimigo , e blasfemo (como dissestes) fois obrigado a dizer , que trazia a seu mando os demonios ; e isso (notai bem) para huma empreza , a que elles mesmos bem claramente , e com toda a força se oppunhaõ ?

Baron. Que he isso , meu Conde ? estais afflicto ? Fallai. Emudecestes ?

Theod. Não me atalheis , Senhora , com a vossa viveza impaciente , que ainda não quero resposta ao argumento , que vai para diante. Este homem pois ; para persuadir a sua doutrina , fez admiraveis prodigios , mui raros , e extraordinarios ; e muitos feitos de proposito para prova de que Elle era o verdadeiro Filho de Deos. Isto são factos constantes , e notorios a todos ; e isto he que fez resolver meio mundo , parte para o seguirem pasmados , e admirados do que viaõ ; parte para o perseguirem desesperados. Depois que o mundo he mundo , ninguem teve mais admiravel sequito , ninguem mais horrivel perseguição.

E além disso , tanto huma cousa , como outra , se communicou a seus

Apos-

Apostolos , fazendo todos elles prodigios por sua ordem e mandado ; tudo para prova da Divindade de seu Mestre ; e sendo elles , como seu Mestre , perseguidos , e mortos. Ora he crível , que hum puro homem poder-se voltar de pés para cima (para me explicar assim) toda a Natureza ? e que fizesse servir a seus intentos os Ceos , a Terra , os Mares , e todos os Elementos ? que zombasse das enfermidades , da Morte , e dos Demônios ; que se servisse do passado , do presente , e do futuro ; que penetrasse em fim o interior dos corações ? E tudo isto sem que Deos o protegesse ? Dizei-me , he isto crível ? Ora se Elle não era Filho de Deos , he impossivel , que Deos o ajudasse ; porque então Deos seria author do nosso erro , e cúmplice na mais horrenda blasfemia ; e isto por espaço de tres annos continuos , em que foraõ continuados os prodigios , feitos de proposito em público , na face de todo o mundo , defaziando Jesu Christo os seus contrarios , para lhes provar com elles efficacissimamente , que Elle fallava verdade. Dizei , Conde ; póde Deos dar

a mão com tanta força, e efficacia para que triunfe hum erro, o mais feio que se póde dar, e o mais injurioso á sua Divindade? Dizei agora, Senhores, he isto crível? Respondei-me, Conde.

Conde. Deos assim como não póde mentir, tambem não póde concorrer por modo extraordinario para que triunfe o Erro, e a Mentira.

Theod. Bem estamos: logo se Jesu Christo mentia, não podia ser a Virtude Divina quem lhe désse força para fazer esses prodigios, nem abalar assim o mundo todo.

Baron. Já o Conde disse que não; que no caso que Jesu Christo mentisse, não podia ser ajudado por Deos.

Theod. Logo haveis de conceder, que nesse caso tinha os Demonios a seu mando, e que estava confederado com elles. Credes isto, Conde?

Baron. Não digais, Conde: não vos tente o espirito de teima a pronunciar semelhante blasfemia.

Theod. Não tendes susto, Senhora, que o não póde dizer, porque prevê as consequencias, que eu lhe posso deduzir. Se o quizerdes dizer, que abomi-

minavel seria esse Homem? Mas como se concorda com esta maldade sumamente execranda o ensinar o Senhor huma Doutrina a mais santa, e pura, e coherente, que jámais se ensinou em todo o mundo. Concordai-me, Conde, huma alma preverfissima, com humas maximas as mais santas, que nunca se imaginaraõ. Em toda a vida de Jesu Christo, e em quasi dezoito seculos, que depois d'elle a Igreja tem durado, nenhum dos innumeraveis inimigos d'elle, e della pôde achar o mais leve defeito na sua Doutrina. Ora Doutrina, que examinada por tantos tempos, e por tantos inimigos naõ sahe mordida, e criticada, tem a prova mais authentica de ser santa, e pura. Comparai o Evangelho com todas as Seitas dos antigos Filozofos, todos empenhados a dar leis para a virtude; e naõ achareis nenhuma, cujas maximas se cheguem, naõ digo eu, de perto, mas nem ainda de longe para a heroicidade, santidade, e pureza do Evangelho.

Quem pôde comparar a Idéa de Deos que essas Seitas nos davaõ, com a sublime Idéa, que nos daõ os Myf-

terios altíffimos , que nos ensina o Evangelho? Ainda a Idéa , que nos daõ os Profetas , he mui imperfeita posta a par da que nos daõ as palavras de Jesu Christo. Fallai , Conde , com sinceridade , e dizei qual he em todos effes systemas , que imaginaõ os Modernos , que naõ esteja cheio de mil incoherencias , e abfurdos (fallemos claro) de mil horrores? Se fosse aqui o lugar de discorrer sobre effe ponto , Vós , Baroneza , ficarieis pasmada : mas vamos ao ponto.

Se nos cingimos particularmente ao regulamento das acções humanas , quem oufou jámais duvidar que a Doutrina de Jesu Christo fosse a mais sublime , a mais nobre , e a mais util á humanidade? Esta Doutrina Evangelica he sem dúvida a mais necessaria para as Leis ; a mais conveniente para a paz dos Estados ; a mais doce para a economia das familias ; a mais propria para a consolação dos afflictos ; a mais conforme á boa Razaõ ; a mais suave na conversação humana. Dizei agora , Amigos , como podia hum homem preverfo ensinar huma Doutrina taõ santa , taõ pura , taõ

conforme á mais fólida virtude ?

Conde. A boca , meu Amigo , he mui diversa do coração : bem póde ella estar cheia de santidade , e o coração de crimes.

Theod. Não : que esta Doutrina tão santa , que Jesu Christo ensinava , a praticou em si mesmo toda a sua vida , sem a menor dispensa. E notai , que sendo Elle o Filho de Deos , podia mui bem , sem a menor incoherencia , não praticar as Leis postas para os homens : porém o Senhor , pelo contrario , se sujeitou aos maiores apices da sua observancia : dai o valor justo a esta reflexão , meu Conde. Que differença de Mafoma , que dando no seu Alcorão preceitos para reprimir certos excessos das paixões , sempre no fim dizia : *Excepto o Profeta* , pon-do-se a si mesmo fóra das Leis , que para os outros dava.

Se a vida de Jesu Christo fosse occulta , ou favoneada por adula-dores , e Principes , podiaõ dizer , que os seus crimes contra a rigida observancia da sua Lei , não tinhaõ chegado á noticia dos mais ; porém a sua vida foi patente a todos ; foi observada com

toda a attenção, e miudeza; e o Senhor fallava com tanta segurança, que desafiava os seus inimigos a que o arguillem do mais leve defeito; e todos emudeciaõ á vista delle. Ora ser hum homem falso, mentiroso, blasfemo, e malicioso, e astuto (como he necessario que fosse Jesu Christo na supposição de mentir, quando dizia, que era o Filho de Deos) ser, digo, taõ extraordinariamente máo, e naõ poderem seus innumeraveis inimigos descobrir-lhe o menor defeito nas suas acções, isto he hum Mysterio mais incomprehensivel de quantos excedem á Razaõ humana. Por conseguinte he hum impossivel maximo (deixai-me explicar assim) que Jesu Christo mentisse dizendo, que era Filho de Deos.

Baron. Muito dó tenho, meu Conde, de toda a pessoa que padece affrontamentos de espirito, e convulções de entendimento. Que he o que tendes?

Conde. Deixai-me, Senhora, que eu naõ posso com dois ao mesmo tempo: bem basta Theodosio.

Theod. Ainda naõ quero a vossa resposta, meu Conde; porque atrás de hu-

mas

mas razões vem outras , que eu não posso occultar : no fim respondereis a tudo o que tiver dito.

Todos sabem que a incoherencia he o caracter do *Fingimento* ; e que a *Mentira* tem grande difficuldade de sustentar em público theatro o seu papel por muito tempo. Ora os inimigos do Senhor trabalháráo bem na sua vida , e muito mais depois da sua morte , para lhe descobrirem a minima incoherencia , quer nos seus conselhos entre si , quer entre os seus dictames , e as tuas acções ; e nunca lha poderao achar. Logo Jesu Christo não mentio quando dizia , que era o Filho de Deos. Porém vamos mais ávante , porque para qualquer parte , que voltemos os olhos , se descobrem novos argumentos , e creio que affás fortes.

Conde. Deos me livre dos vossos olhos , Senhora , que me estais alanceando com elles , e perguntando mudamente o que sinto dos argumentos de Theodosio. Elle me attaca fallando , e Vós olhando : ora deixai-me considerar no que Elle vai dizendo , que a materia he a mais importante , que se
pos-

possa tratar. Continuai, Theodosio, e perdoai a interrupção, que esta Senhora me obrigou a fazer-vos.

Baron. Elle perdoa, perdoa de boa vontade, quando não fosse por ser eu a culpada, seria por elle vos ver mais macio, e hum tanto inclinado ao seu parecer; mas já a interrupção he longa; nós nos calamos: fallai, Theodosio.

Theod. Continúo pois ainda com outro novo argumento. Que homem appareceo jámais no mundo, que se visse tão livre como Jesu Christo de tudo o que era paixão, ou desordem, ou excessão? Vêlo-heis no modo de fallar grande, e sublime; mas sem jaçtancia, nem a menor ostentação. Vêlo-heis humilde, e affavel, communicando com pobres, com peccadores, com crianças; mas sem baixeza. Vêlo-heis sabio sem vaidade; eloquentissimo sem artificio; forte em arguir seus inimigos, mas sem cólera. Vêlo-heis cheio de zêlo pela honra de seu Pai, mas sem perturbação; injuriado em público com huma bofetada, mas sem perder a paz, manifestando com summa energia a sua innocencia. Que força!
que

que mansidão ! que igualdade de animo se vêm a hum mesmo tempo na suas respostas ! Desafiaõ-no para milagres , estando pendente na cruz ; e daõ-lhe piques bem injuriosos ; e tendo toda a Omnipotencia na sua mão , nem deo o mais leve signal de offendido : e Senhor de si , só cuidou em cumprir , e consummar a obra da Redempção , a que viera. Mostrou que obrava pela Razaõ , e não por des-pique , nem vingança ; e fazendo milhares de prodigios para fazer bem , nem hum só fez para castigar na occasião do maior agravo , e isso tendo na mão a Omnipotencia. Qual he o homem , ainda justissimo , que tenha feito outro tanto ? Pergunto agora , Conde ; e poderia obrar assim hum homem , que fosse preverfissimo , e de huma maldade jámais imaginada ? Poderia senhorear deste modo as suas paixões , não em hum dia , mas em mais de tres annos de contínua communicação com seus inimigos ?

Ainda mais : consideremos a sua politica ; onde se vio que a houvesse mais sã , e menos favoravel aos intentos da maldade ? Vós , Senhores ,
fa-

fáveis , que a politica he a arma mais subtil , e efficaz com que os maliciosos caminhaõ aos seus intentos , e que sempre vaõ por estradas occultas , e encobertas , e por caminhos torcidos. Mas Jesu Christo pelo contrario diz : *O que eu vos disser de noite , publicai-o na maior luz do dia ; e o que eu vos disser ao ouvido , prégai-o a todos quantos o quizerem ouvir desde o lugar mais alto , e elevado ?* Ora dizei , Amigo , caminha assim hum homem embusteiro , e summamente máo , que pertende enganar com artificio ? As suas palavras eraõ claras ; a sua Doutrina manifesta ; o seu dictame era que fallassem claro : sim , sim ; não , não. He este o estylo de hum enganador ?

Conde. Basta , basta , Theodosio , que eu não quero passar por louco ; e sómente se o fosse , deixaria de conhecer a força do vosso argumento. Nunca esperei , que me atacasseis assim ; e imaginava que negando , ou duvidando da Divindade de Jesu Christo ficava livre dos tiros dos Christãos ; mas agora vejo que quanto mais quiz duvidar da sua Divindade , mais me precipitei , não podendo conciliar a malicia

in-

indivível, que nesse caso teria, com a fantidade inegavel, e Divina, que em todas as suas palavras, e obras resplandecem. Estais contente Baroneza?

Baron. Ora graças a Deos, meu Conde; graças a Deos, que vos vejo proceder como homem de juizo saõ, e tambem de honra; porque conhecer a verdade em materia taõ grave, e estar ridiculizando o discurso com respostas fóra de proposito, naõ he proceder com honra, nem eu vo-lo havia de consentir. Conclui agora, Theodosio, e faizei-me hum epylogo do que está dito, para que eu me possa defender, quando me atacarem.

Theod. Eu vos vou dizendo as proposições que estão tratadas: Vós as hereis ajuntando, e de caminho replicareis, se em alguma consequencia tiverdes dúbida; e Vós, Conde, podeis fazer o mesmo, por quanto ás vezes no calor da disputa naõ lembra alguma resposta, que depois, estando nós de sangue frio, nos occorre. Ide, Baroneza, pondo na vossa memoria o que vou a dizer.

Baron. Dai-me Vós as flores, que eu faiei o ramalhete.

Theod.

Theod. Jesu Christo, ou foi o peor de todos os homens, e o mais abominavel, ou foi o melhor de todos.

Baron. Pois não ha meio?

Theod. Não: porque dizendo Elle de si que era Filho de Deos, ou mentio, ou fallou verdade: se fallou verdade, então he hum homem Divino; se mentio foi hum homem blasfemo. Ora nós vemos em Jesu Christo mil argumentos, que não podem soffrer que fosse homem máo, e em summo gráo preverso.

1. A santidade da sua Doutrina, pura, santa, coherente e sublime como jámais appareceo no mundo.

2. Praticar elle essa Doutrina á risca, e isso em toda a sua vida; podendo Elle dispensar-se da Lei para os homens, porque era Deos.

3. Ser a sua innocencia examinada por seus inimigos, sem que jámais lhe pódesssem achar defeito, o que depois que o mundo he mundo, nunca succedeo a homem máo; e máo por excesso, e em gráo summo.

4. Nunca se vio em Jesu Christo o minimo movimento de Paixaõ, e isso em mais de tres annos, em que

te-

teve encontros , e disputas. Nunca nelle se vio *jaclancia* , nem *ostentaçaõ* , nem *vaidade* : nunca *lisonja* , nem *frouxidaõ* , nem *temor* : nunca *perturbaçaõ* no discurso ; nunca *hesitaçaõ* nas respostas , &c.

5. Nunca se vio o minimo signal de mentira ; fallava francamente ; naõ gostava de doutrinas em segredo , e mandava que de cima dos telhados prégassem de dia o que lhe tivessem ouvido dentro da casa no discurso da noite. Qual foi o homem mentiroso que fallou deste modo ?

6. Nunca se lhe vio *incoherencia* , nem *mudança* , nem *contradicçaõ* , caracter essencialissimo da mentira.

Logo. *Jesu Nazareno naõ póde ser reputado por homem blasfemo , e mentiroso* ; e por conseguinte fallou verdade , dizendo , que era o Filho de Deos : e se era Filho de Deos , tudo que nos revelou he verdade.

Mais. Este Jesu Nazareno tinha a seu favor hum poder superior a todo o poder , e industria humana ; e necessariamente havemos de dizer , que o Todo Poderoso o ajudava ; e isto por muitas razões.

Por-

1. Porque não teve o soccorro das letras , escolhendo para Apostolos homens rudes , e pela maior parte totalmente ignorantes.

2. Porque não teve a protecção de Principes , antes sempre se retirou delles.

3. Não teve o soccorro das armas , ou da violencia ; antes a sua Doutrina foi sempre persuadida com brandura , e suavidade.

4. Não tinha a seu favor as paixões , porque a sua Doutrina em vez de a lisongear , ensinava a reprimillas , e mortificallas.

5. Para prova de ser a sua Doutrina do Ceo , fazia prodigios , em que mostrava poder superior á Natureza , e nunca se vio homem com tal poder sobre a terra.

6. Dava poder a seus Discipulos para fazerem prodigios , e curar enfermidades , e isso sem excessão alguma.

7. Vexava , e opprimia os Demônios , e os lançava fóra dos possessos ; por conseguinte não era ajudado por elles para estes prodigios.

Logo. Ou havemos de dizer , que

o Omnipotente fomentava a mais horrenda mentira, e a maior de todas as blasfemias; ou que *Jesu Nazareno* não mentia, nem blasfemava, dizendo, que *Elle era o Filho de Deos verdadeiro*.

Logo: *Jesu Nazareno fallou nisso verdade, e he o verdadeiro Filho de Deos.*

Logo: *Devemos crêr o que Elle disse, e obedecer ao que mandou, porque o Filho de Deos deve ser accreditado, e obedecido.*

Logo: *Todos os Mystérios, que nos ensinou no Evangelho, devem ser criados a olhos fechados, porque o Filho de Deos o disse, sejaõ ou não sejaõ superiores á nossa Razaõ, porque o Filho verdadeiro de Deos não mente.*

Logo: *Devemos crêr que Elle fundou a sua Igreja, e que lhe deo huma Cabeça visível para seu governo, a qual ficou em seu lugar, e a essa Cabeça devemos obedecer, porque alli está posta pelo Filho de Deos.*

Logo: *Havendo de durar a sua Igreja até o fim do mundo, como Elle profetizou, até o fim do mundo ha de durar a obediencia á Cabeça visível posta por Jesu Christo.* Lo-

Logo : Não he a santidade dos Papas , nem o seu Poder Temporal o que nos obriga a obedecer-lhe ; mas o lugar , que Elles occupaõ , e a *Authoridade Divina de Jesu Christo* , em cujo lugar ficdraõ : e por conseguinte não se ha de attender á materia dos preceitos da Igreja para regular a nossa obediencia ; mas sim á *authoridade Divina* , que Jesu Christo Filho de Deos concedeo a quem Elle poz por Cabeça da Igreja.

Aqui tendes , Baroneza , o Epylogo , ou ramalhete , que pedieis.

Baron. Não o porei no peito ; mas na cabeça , para me fortificar contra os ataques , e irrisões dos que me desaffiarem. Ora , que me dizeis , Conde ? He este o modo , com que os vossos camaradas attacaõ ?

Conde. Já o disse , e o torno a repetir : nunca ví estas cousas com a luz , que agora tenho , e hei de reflectir neste ponto de vagar : por ora dou-me por convencido.

Baron. Sendo assim , vamos para a meza , que já ouço , que saõ horas. Eis-aqui como eu gosto de disputar com razões , e focego , e paz , e não com chif-

chistes , e bellos ditos , e galantarias que agradaõ , mas naõ convencem.

Theod. Vamos.

T A R D E IX.

Sobre o Peccado Original.

Baron. **V**O's naõ podeis crêr , Theodosio , o que tenho soffrido estes dias ao Brigadeiro , que temos tido por hospede aqui nestas faldas dos Pirineos : tem-me morto com chafcos , e irrisões sobre a minha credulidade nas materias de Religiaõ. Estou vendo que daqui por diante todos devemos ir (como os que querem ser Doutores) estudar Theologia ; porque todos me argumentaõ , e naõ sei responder-lhes.

Theod. Assim he ; Senhora ; todos fallaõ , e todos criticaõ , e zombaõ , que essa he a moda. Mas sobre que materia principalmente vos tem attacado ?

Baron. Hontem foi sobre o peccado Original , dizendo que era indigno de Deos castigar os filhos pelo peccado do primeiro-

meiro Pai ; que isso sómente se achava na crueldade dos homens. Eu fei que elle deseja encontrar-se comvosco , porque diz que vos quer abrir os olhos. Naõ vos retireis , que elle em percebendo , que Vós estais no meu quarto , naõ tarda.

Theod. Eu naõ hei de fugir do duélo ; discorreremos , e no fim se verá quem tem os olhos fechados , ou abertos. Eu creio que o sinto vir. Introduzi Vós a questão , que eu naõ devo atacar ninguem.

Brigad. Em bella conversação estareis Vós , Senhora , occupando os vossos pensamentos. Mas eu vos vejo hum ar triste , e algum tanto afflicto. Que tendes , Senhora ? Porque vos naõ recreaes nos bellos entretenimentos , que a vossa idade , a vossa formosura , a vossa amavel indole vos offerecem ? Desfructai , Senhora , a bellissima primavera dos vossos annos , e deixai cuidados tristes para outros membros da sociedade , destinados a pensamentos melancolicos. Naõ me achais razão ?

Baron. Os que gememos neste valle de lagrimas em castigo do peccado de
Adaõ ,

Adam , não temos idade em que não paguemos a pena da nossa desgraça.

Brigad. Ora deixai-vos , Senhora , destas fabulas Clericaes , com que o vosso Parroco vos tem melancolizado a alma. Achais Vós , Theodosio , que he digno de clemencia de hum Ser de Bondade Infinita punir todos os homens pelo que fez Adaõ ? fazer-nos viver hũa vida miseravel , e até destinar-nos por esse crime a pena eterna de nos privar da gloria ? Vós que tendes tanta authoridade sobre o entendimento da Baroneza , tirai-lhe estas funebres idéas , que não concordão com a Boa Razaõ.

Baron. Ora estimo bem , que Vós nisso discorrais com Theodosio , porque elle melhor do que eu , vos saberá responder , e eu ficarei instruida. Dizei , Theodosio , aqui ao Senhor Brigadeiro o que neste ponto me dissestes algum dia , quando tinha a consolação de me instruídes.

Theod. Eu faço tal conceito do Senhor Brigadeiro , que tambem estimo este encontro , porque poderá com a sua perspicacia descobrir alguma falha (se a houver) no meu modo de discor-

rer ; e vos peço que francamente me digais , em que pecca o meu discurso , porque eu com gosto vos ouvirei. Ponhamo-nos , Amigo , de sangue frio , e longe daquella acrimonia de disputa , em que cada qual , seja como for , quer sustentar o seu dito. Eu exponho francamente todo o meu modo de pensar , e o hirei dizendo parte por parte , para que Vós , Brigadeiro , o examineis bem miudamente. Mas peço-vos a palavra de homem de bem , que não me haveis de regatear hum *Sim* , quando o vosso entendimento vos disser , que eu tenho razão.

Brigad. Vós fallais de hum modo , e tomais hum tom como eu nunca vi nas disputas. Eu vos dou a minha palavra de honra , que assim o farei.

Baron. Está acceito o duélo : eu sou a Madrinha : vamos a isso.

Theod. Por ventura , Senhor , Vós direis que Deos tinha obrigação de conceder ao homem os *Dons sobrenaturaes* , que lhe dá por sua Bondade ? Basta só o nome de *Sobrenaturaes* para se dizer que são sobre , ou além da Natureza ; e por conseguinte não são devidos á Natureza Humana.

Brigad.

Brigad. Nisso tendes razaõ , e mais que razaõ.

Theod. Logo o Homem naõ tem na sua *pura natureza* titulo algum para exigir de Deos , que lhe conceda algum Dom *Sobrenatural* ; e muito menos a *Bemaventurança eterna* , que he o primeiro , e principal Dom , que consiste na vista eterna da Divindade , e he huma especie de Transformaçãõ em Deos , assim como o ferro penetrado do fogo parece transformado em fogo. O que se deve á natureza do homem he o conhecimento de Deos , quanto a Razaõ natural alcança. Ora deixai-me explicar isto.

Os Theologos distinguem tres estados : o da *pura Natureza* ; o da *Natureza inteira* ; e da *Natureza corrupta*. Considerando o homem no estado da *pura Natureza* naõ podia ter direito a cousa alguma além da *Natureza*. No estado da *Natureza inteira* , em que verdadeiramente Adaõ foi creado , a promessa da Bemaventurança naõ foi absoluta , mas dependente da sua obediencia , e merecimentos ; faltando os quaes nenhuma injuria faria Deos a Adam , se o mandasse logo

para o Inferno, como fez aos Anjos quando peccaraõ; e por isso pelo crime de Adaõ ficou elle, e seus filhos no estado da *Natureza corrupta*, em que todos nascemos. Neste estado ficou a porta do Ceo cerrada de todo para o genero humano. Jesu Christo o conquistou com a sua morte; e assim ninguem tem direito ao Ceo, senaõ Elle, e seus filhos, que saõ os que se baptizaõ; por isso o Senhor disse, que Elle era a *Porta*, e que só por Elle deve entrar quem houver de ser salvo. Isto he para Vós, Baroneza. E Vós, Brigadeiro, tendes dúvida nisto?

Brigad. Descançai, que estou por isso: vamos adiante; naõ me importaõ estas metafisicas: ide dizendo.

Theod. Creou Deos a Adam, e supposto o que me dizeis, naõ tinha obrigação pela *natureza pura do homem* de o destinar para o Ceo, nem para a sua vista clara; e por conseguinte só o fez no caso de que o homem lhe obedecesse, e observasse o preceito que lhe havia de pôr.

Brigad. Andai para diante, que nisto concordo: vamos ao ponto.

Theod. Quem naõ quer tropeçar, vá pou-

pouco a pouco ; e apalpando ; assim como eu faço. Supposto isto , peccando Adam , ficou privado da Bemaventurança , que Deos lhe promettera conditionalmente ; e além disso Deos o privou tambem de muitas cousas , que lhe tinha concedido , como era o dominio sobre as de mais creaturas ; e ficou condemnado á morte , e aos trabalhos da vida , e miserias , de que esteve livre em quanto não peccou.

Brigad. Que elle fosse castigado era justissimo ; mas seus filhos que culpa tiverão ? Explicai-me Vós isto , que tudo o mais que disserdes não val nada : Que culpa tiverão se os filhos ?

Theod. Ainda não havia filhos então. Cain , que foi o primeiro , nasceo quando seus Pais já estavaõ fóra do Paraiso , e amaldiçoados por Deos ; e desse modo os filhos de Adaõ sómente tem direito á sua enchada , e ao fructo dos seus suores , e a nada mais. Supponde , meu Brigadeiro , que hum Soberano por ter inclinação a hum moço solteiro o tomava para a sua Camera , e confiando-lhe os seus segredos , o mandava para certa empreza com promessa de o fazer Duque , se
nella

nella se houvesse com fidelidade , e valor ; mas que esse valído se tinha portado com acções tão vís , que por esse motivo havia sido desterrado para a Ilha de Bourbon , ou outro presidio ; e que nessa Ilha esse infeliz ca-fava , e tinha filhos , a quem na sua velhice contava as loucuras da sua mocidade , e como por ser louco perdera o ser áquelle tempo Duque , e elles seus filhos grandes fidalgos. Neste caso poderiaõ aquelles filhos lamentar-se da sua desgraça , e da loucura de seu Pai ; mas não queixar-se daquelle Soberano , nem tê-lo como injusto , e cruel por não os fazer fidalgos. Creio que ambos Vós estais nisto. Pois o mesmo succedeo aos filhos de Adão ; porque quando elles nasceraõ , já seu Pai estava criminoso , e castigado. Podemos lamentar-nos da nossa sorte , e da desordem de Adão : mas por modo nenhum nos podemos queixar de Deos.

Baron. Que me dizeis , Brigadeiro , do argumento ?

Theod. Dai licença , Senhora , que ainda não conclui. Se ElRei mandasse cortar hum braço aos filhos desse seu in-

infeliz válido , ou arrancar-lhes hum dos olhos , feria injusto ; porque os braços , e os olhos são devidos á humanidade ; e não vindo estes bens de ElRei , mas sim da Natureza , não devia o Soberano privar delles esses homens , que não tinhaõ crime pessoal nem do braço , nem dos olhos , que eraõ seus. Mas a gala , as joias , as honras , os titulos , &c. bens que sómente procedem do Soberano , e não foraõ nunca devidos á Natureza desses homens , bem póde o Soberano negar-lhos aos filhos , que ainda haviaõ de nascer ; e negar-lhos sem a minima injustiça , ou crueldade.

Baron. Agora sim , Theodosio , agora faço huma idéa clarissima desse ponto , que eu atégora cria como Catholica , mas não conhecia com a evidencia , que agora conheço.

Theod. Tudo , Senhora , está em que a Bemaventurança não he hum Bem que pertença á humanidade ; sómente temos direito a ella fundado no titulo de filhos de Deos , e herdeiros de Jesu Christo. Quem não tem este titulo , e esta honra , nenhum direito tem ao Reino dos Ceos ; porque sómente
por

por esse titulo se póde possuir ; ora isso faz o Baptismo naquelles que o recebem ; quem não he baptizado nenhum direito tem.

Brigad. Está bem , Theodosio , quanto á Bemaventurança ; mas a morte , as doenças , as enfermidades , os trabalhos da vida são castigos , com que Deos está punindo os filhos de Adaó , que não tiveraõ culpa no delicto que feu Pai cometteo muito antes que elles nascessem ; e isto lá tem não sei que de duro.

Theod. Vou responder a isso : (não tenhais fulto Baroneza , que déstes agora signal de ficar surprehendida : socegai que o ponto está mui meditado.) A morte , e as doenças , e calamidades são effeitos naturaes da constituição do corpo humano , e sómente são castigos do peccado em hum sentido , que vem a ser : Se Adaó não peccasse , Deos o faria immortal , &c. e entaó seus filhos nasceriaõ de Pais que teriaõ outra Natureza , reforçada com o Dote da *immortalidade* ; e já nesse caso , se Deos désse a morte , ou doenças aos filhos de Adaó , poderiaõ talvez queixar-se delle. Mas quando el-
les

les nasceraõ já a natureza de Adão estava privada desse Dote da *Immortalidade* ; e já era a sua constituição puramente segundo a Natureza : ora a Natureza pela sua constituição trás consigo doenças , cansaço , e morte.

Discorrei comigo : Toda a maquina que trabalha se gasta ; todas as peças gastadas , fraqueaõ ; fraqueando quebraõ ; quebrando faltaõ , e a maquina toda se desordena. Assim saõ todas as obras da arte ; e assim saõ tambem as da Natureza. Isto vemos nas arvores que não peccaraõ , vemos nos minerais , e até nos brutos o vemos. Tudo quanto ha na natureza , tem certo movimento , que pela continuacão vem a causar alteracão , e mudanca , e finalmente ruina. Se Adão fosse fiel , Deos lhe daria o Dote sobrenatural da *Immortalidade* , que o faria superior a todos estes descontos : mas como não foi fiel , Deos não lhe fez esse favor sobrenatural ; e se os filhos herdáraõ delle huma Natureza arruinada ; não se podem queixar de Deos , porque lha não deo melhor. Poderá hum potro nascido de pais da mesma especie queixar-se , porque não nasceo homem

mem ? Poderá queixar-se o Insecto , porque não nasceo com natureza mais nobre ; ou huma lagartixa , porque não tem a natureza de Aguia ? Cada animal só tem direito á natureza , e qualidades , que tiveraõ seus pais ; porque no ser que os pais daõ aos filhos , he que se funda todo o direito , que elles podem ter ás boas , ou más qualidades dos pais : logo se quando nasceraõ os filhos de Adaõ já a sua Natureza delle estava estragada , e corrupta , não tem seus filhos direito a outra cousa.

Brigad. Em Adaõ o comer o paõ com o fuor do seu rosto , foi verdadeiramente castigo.

Theod. Sim , em Adaõ foi castigo , porque teve crime , e porque antes do crime não tinha essa precisaõ ; nem a teria , se o não comettesse : mas nos seus filhos essa necessidade foi huma consequencia da Natureza corrupta que herdaraõ dos pais.

Vós não podeis negar , que os filhos que nasceraõ de pais , cuja Natureza está estragada pelos vicios , não costumaõ ter saude robusta ; porque a natureza dos filhos he continuaçaõ ,
ou

ou ramificação da Natureza dos Pais ; e tronco vicioso não dá ramos perfectos. Por isso os filhos de Adão tem necessidade de procurar o sustento com trabalho , e este trás cansaço ; o cansaço fadiga ; e esta he mãe da fraqueza , a fraqueza das enfermidades , e estas da Morte.

Earon. E como explicais Vós a rebelião que nós temos em nós mesmos , e difficuldade em domar as paixões ?

Theod. Se Adão pelo peccado perdeu aquelle dominio pacifico , que tinha sobre todas as suas paixões , até então sujeitas á Razaõ , quando seus filhos nãlcerãõ , já as paixões nos pais estavaõ rebeladas ; e por isso nos filhos logo appareceo a desordem ; como se vio entre Cain , e Abel ; e neste sentido não só as doenças , e Morte , mas a rebelião das nossas paixões he effeito do peccado ; e em certo modo castigo do que cometteo Adão , de que nós participamos. Que dirieis Vós se alguem se queixasse por não ter duas gargantas , em ordem a conservar a vida quando tivesse hum garrotillo ; ou tambem se lamentasse , e criminasse a Deos de injusto (por lhe
naõ

naõ dar olhos para trás , em ordem a defender-se de seus inimigos ? Zombarieis de semelhantes queixumes : pois o mesmo diremos a quem quizer criminalar a Deos pelas calamidades da vida ; por quanto nós só temos direito á Natureza semelhante á de nossos pais , quando nos déraõ o ser.

Baron. E muita parte dos trabalhos da vida vem da nossa liberdade , e de cada qual preferir o seu commodo ao alheio ; o que faz hum terrivel jogo , no qual por força puxando cada qual para si , somos huns contra os outros ; e quanto mais vivas são as nossas paixões , maior he a guerra , que por causa dellas nos fazemos.

Brigad. Tendes explicado isso muito bem lá a vosso modo : mas para mim he árduo crêr que os meninos , que morrem sem Baptismo haõ de ficar privados para sempre da vista de Deos.

Theod. Pois Vós naõ me acabais de conceder , que essa vista de Deos nunca foi devída á Natureza Humana ? Naõ acabais de conceder , que sómente he devido ao Titulo de filhos de Jesu Christo ? Naõ acabais de conceder , que só pelo Baptismo he que o homem pó-

póde ser filho de Deos Homem? Logo como estranhais, que lhes não dem huma cousa, que por nenhum modo se lhes deve? Supponhamos que se não obrou o Mysterio Ineffavel da nossa Redempção: Cain foi homicida, e Abel foi justo: morrendo ambos, nenhum hiria para o Ceo, porque nenhum era filho de Deos: mas Cain seria atormentado, e Abel não. Pois o mesmo digo dos meninos, que morrem sem Baptismo: não vem a Deos, nem a isso tem direito algum: tem tanto direito como huma pedra tem direito a que a ponhaõ na coroa de huma Torre. Mas os adultos, que como Cain fizeraõ crimes pessoas, além de não verem a Deos, serãõ castigados á proporção de seus crimes. Vêdes, Amigo, que a Doutrina da nossa Religiaõ no peccado Original não tem nada de dureza, nem de injustiça, nem de crueldade?

Brigad. Pois não he dureza mandardes Vós tantos mil innocentes para o Inferno, e atormentallos com o fogo, e tormentos eternos, só porque elles não tiveraõ a felicidade de receberem o Baptismo? Este Dogma da vossa Re-
li-

ligião he sumamente árduo , e me parece indigno da Bondade Divina.

Theod. E quem vos disse , que era Dogma da nossa Religião , atormentar eternamente os mininos que morreraõ sem Baptismo ? Nós , meu Amigo , aqui naõ averiguamos opiniões altercadas na Theologia ; defendemos o que he Dogma firmado pela Igreja , como ponto de Fé.

Brigad. Pois nisso estou eu ; mas Vós ensinai como Dogma , e ponto de Fé ; que os meninos , que morrem sem Baptismo ficaõ privados para sempre da vista de Deos , e que vaõ para o Inferno ser atormentados com fogo eternamente. Naõ , naõ ; disto , meu Theodosio , naõ podeis Vós desembaraçaros.

Theod. Veremos. Fazei-me , Baroneza , mercê de mandar buscar ao vosso Gabinete o Cathecismo , por onde vossa Irmã Victória estava os dias passados preparando-se para o exame da Pascoa.

Baron. He o Cathecismo de Montpellier : e que quereis achar nelle para o caso presente ?

Theod. Quero mostrar aqui ao Senhor Brigadeiro , que naõ he Artigo de Fé

o que elle nos imputa como tal : que tragaõ o quarto tomo , que trata dos Sacramentos. Buscai , Senhora , ahi onde falla do Baptismo , o que se diz dos meninos que morrem sem elle.

Brigad. Pois não he isso Dogma de Fé ! Eu estava nisso. Vaõ logo para o Ceo , como os outros , que se baptizaraõ ? Como he isto , Theodosio ? Tirai-me desta confusaõ : ou huma cousa , ou outra.

Theod. Amigo , saõ cousas mui differentes as duas penas , ou castigos que padecem os miseraveis no Inferno : huma he a que chamaõ *pena de damno* ; isto he , a privaçaõ da vista de Deos , e não ir para o Ceo , nem gozar da felicidade , que a vista de Deos trás consigo , nem da companhia dos Anjos , &c. Outra he a *pena* , a que chamaõ *de sentido* ; isto he , os tormentos que ahi padecem. Que os meninos que morrem sem Baptismo , não vaõ para o Ceo , nem vêm a Deos , nem gozaõ de nenhuma destas felicidades , he certo , e he de Fé , e Dogma expressamente ensinado por Jesu Christo quando disse , que *Aquelle que não nascesse segunda vez pela agua , e Espiri-*

to Santo , não entraria no Reino de Deos (1) , o que a Igreja entende do Baptismo. Agora que sejaõ atormentados , he cousa que a Igreja não decide ainda. S. Agostinho com muitos Santos Padres diz , que sim. S. Thomaz com innummeraveis Doutores , e Theologos diz , que não.

Baron. Aqui está o Cathecismo , para que Vós , meu Brigadeiro, vejais , que Theodosio não truca de falso : lêde Vós mesmo. (*Parte 3. Sess. 1. cap. 2. §. 3.*)

Brigad. Pergunta : *São condemnados os meninos , que morrem sem Baptismo ?*

Resposta. *Ficão separados de Deos eternamente , que he a maior pena dos condemnados. Mas a Igreja não tem decidido , se padecem tambem a pena do fogo no Inferno. A Escritura não o diz claramente. A Tradição não he clara sobre este ponto ; e os Theologos se achão divididos sobre esta questão.*

Theod. Basta : tendes visto que não he Dogma ; mas sim opiniaõ controversida entre os Theologos.

Bri-

(1) *Nisi quis renatus fuerit ex aqua & Spiritu Sancto non potest introire in Regnum Dei.* Joan. 3. 5.

Brigad. Já vejo , que esse ponto he controvertido entre Vós. E que sentimento he o vosso , Theodosio ?

Theod. Eu venero infinitamente a Santo Agostinho , como S. Thomaz fazia , a quem chamaõ alguns por isso *O pequeno Agostinho* ; com tudo agrada-me mais a opiniaõ de S. Thomaz , que he a commum do Povo , que reputa esses meninos no Limbo sem pena , nem gloria. Mas acabada a conferencia , eu vos mostrarei , Baroneza , as razões , porque me agrada mais esta opiniaõ , sem desprezar a contraria. Mas sempre quero que fiquemos nisto ; que a Igreja nada tem decidido , nem nos manda crêr , que os Meninos sem Baptismo sejaõ , ou não sejaõ atormentados ; só sim que ficaõ privados do Ceo ; isso sim : porque não saõ filhos de Jesu Christo , como já vos expliquei ; e se não saõ seus filhos não saõ seus herdeiros.

Brigad. Já entendo.

Baron. Tirai , Theodosio , claramente a consequencia , que tiraveis ; que a Doutrina da Igreja sobre o peccado Original não tem nada de crueldade , nem de dureza , nem he contra a boa

Razaõ. Lembrai-vos , Brigadeiro , que está empenhada a vossa honra para não esconderdes o que vos diz o vosso entendimento.

Brigad. Assim he ; Vós com essa lembrança me atastes as mãos ; aliás com quatro graças , e dois furrizos vos impediria levar ao fim o vosso discurso.

Baron. Pois isso faz-se ! E em materia de tanta importancia !

Brigad. Não he tempo , Senhora , de cuidar em escrupulos.

Theod. Mas eu não dou ainda o ponto por discutido , como eu desejava.

Brigad. Pois dissei tudo , que agora já vos oiço com appetite.

Theod. Atégora só provei , que a doutrina do peccado Original não tinha nada contra a boa Razaõ. Porém agora quero mais : quero que a boa Razaõ nos dê armas para nos persuadirmos , que em Adão houve esse peccado Original ; e que estragou a nossa Natureza.

Brigad. *Eris mihi magnus Apolo* : se o fazeis , Theodosio , dou-vos hum abraço , e bem apertado.

Theod. Aceito como devo , todo o signal da vossa amisade ; mas eu não promet-

metto demonstraçõ ; prometto prova mui convincente , e clara.

Baron. Tambem eu estou com alvoroço.

Theod. Tudo o que Deos fez fóra do homem , he no seu genero perfeitissimo. Já sabeis Baroneza (segundo o que vos ensinei na Ontologia) que a perfeiçãõ de qualquer coisa se deve tomar de ser , ou naõ ser bem disposta para se conseguirem os fins a que se destina ; daqui se toma a perfeiçãõ dos artefactos , comparaçãõ grande para se julgar da perfeiçãõ das Obras da Natureza. Isto supposto , todas as obras de Deos fóra do homem saõ no seu genero perfeitissimas. Que delicadeza , que sabedoria , que admiravel mechanismo se vê nos orgãos de qualquer plana ? Como está tudo allí disposto , e bem ordenado para a sua nutriçãõ , e producçãõ das flores , e fructos ? As raizes recebem o succo , e começãõ logo a alterallo , e dispollo : as fibras interiores do tronco o fazem subir até as ultimas pontinhas dos ramos , a pezar da sua gravidade , pela Lei dos Tubos Capillares ; nas series horizontaes de *utriculos* estaõ guardados varios succos , que fer-

mentem com o primeiro, que o cozaõ, altérem, e preparem para a nutrição: na cortiça outros vasos proprios para descer outra vez o succo ás raizes, em ordem á circulaçaõ del- le no corpo da planta, como o san- gue no corpo animado. As tracheas, que correspondem aos nossos bofes, sendo orgãos da sua respiraçaõ, que admiravel constructura tem, sendo to- das formadas de huma só fibra enros- cada, como hum cordel á roda de hum dedo, em ordem a alargar-se a tra- chea, e estreitar-se alternativamente como he preciso para a respiraçaõ das Plantas.

Baron. E que me dizeis dos Insectos?

Theod. Os Insectos, quanto a mim, são os Diamantes em toda a collecçaõ das Obras da Natureza. Ella brilha muito mais nestes Bichinhos da terra, que no Sol, e na formozura dos Af- tros. Eu nos Ceos vejo hum magnifi- co espelho da Grandeza de Deos; mas aqui nos Insectos o vejo da sua Sa- bedoria, da sua Providencia, e da sua Incomprehenfibilidade total. Hum Fi- losofo, que o sabe fer, quando chega aqui, e ao ponto da sua propagaçaõ,

inteiramente se perde , e atira comsi-
go ao mar profundo das maravilhas
de Deos ; e sem ter a que se pegue
para nadar , se deixa gostosamente per-
der neste abyfmo infondavel.

Que astucia nos meios de confe-
guir os seus fins ! que medidas ! que
proporções ! que constancia ! que uni-
formidade ! Quem ensinou Geometria
ás Abelhas , a quem todos os Mathe-
maticos juntos não poderiaõ dar risco
para fazer os seus favos melhor do
que ellas fazem , nem com mais uti-
lidade , nem com mais economia ?
Quem governa as Aranhas em todas
as suas seis especies , para lhes ensi-
nar a armar as suas têas , ou redes
para caçar outros insectos volantes ?
Ninguem poderia mudar qualquer cou-
sa nas Obras da Natureza sem que fi-
cassẽ menos boas. Tudo quanto os
homens tiraõ , ou poem nas obras da
Natureza , as faz imperfeitas. Quanto
mais formosas são as arvores , que
crescem no campo livre á Lei da Na-
tureza , lançando com liberdade os
ramos para huma , e outra parte , e
encurvando graciosamente os troncos ,
do que as outras , que cahindo def-
gra-

graçadamente nas mãos de hum Jardineiro , são obrigadas por triste metamorphóse a converter-se em pyramides , aves , ou cavallos , &c.

Brigad. Nisso vos achão razaõ os nossos modernos Jardineiros , que se inclinão ao gosto Inglez , e buscão na formação de seus Jardins huma perfeita imitação da irregularidade regular da Natureza. Mas continuai.

Theod. Pelo contrario o homem , a creatura sem uestaõ mais nobre de quantas Deos tem feito , que a pezar da sua desgraça , ainda mostra que foi feito para ser senhor das mais creaturas , que imperfeições não tem na sua especie? Segui-me de vagar , neste exame , que importa. Deos lhe deo a Luz da Razaõ , e o altissimo dominio da sua liberdade , cousa em que o homem sómente a Deos se assemelha. Reparai no Dom da *Invençaõ* , que elle tem , formando cousas novas a cada passo , e valendo-se de admiraveis meios para conseguir cousas , que parecião impossiveis? Que astucia para caçar as Aves que voaõ remontadas pelos ares , e os Peixes escondidos , e retirados no fundo do mar , ora para regallo das

me-

mezas , ora para se allumiar com o espremaceite que tiraõ das mais monstruosas , e fugitivas Balêas ! Quem não diria , que vivendo estes animaes em duas regiões , ambas vedadas ao homem sobpena de morte , não haviaõ de estar livres da sua injusta perseguição ? Mas não obstante isso , o homem tudo vence , e de tudo se serve. Que refinada paciencia , e delicadeza de engenho para medir a grandeza , e distancia dos Astros ! e que constancia para poder adivinhar o seu curso , e fixar os tempos das suas revoluções , e Ecclipses ? Quem não pasma do modo , com que até pezaõ o Sol , a Lua , a Jupiter , e a Saturno ; ainda que não possaõ pezar Marte , nem Mercurio , nem Venus , que lhes ficaõ mais chegados ! Nada disto ha nos brutos , onde huma serie fixa , constante , e uniforme de movimentos vai seguindo sempre o seu caminho sem novidade , sem a menor invenção , sem o minimo augmento.

Baron. A verdade he , que por mui sagazes que pareçaõ os brutos nas suas acções , jámais se vio nelles a menor invenção : e o ultimo favo de mel que

que faráõ as Abelhas no fim do mundo , não será mais perfeito que os que fizeraõ ha tres mil annos ; nem os de huma provincia seráõ mais bem feitos que os de outra.

Theod. Vejo-vos impaciente , Brigadeiro , porque não vêdes a que fim faço esta que parece digressão : ora tende hum pouco de paciencia , e vereis que isto não he occiosa ampliação disso que todos sabem.

Brigad. Discorrei como quizerdes , que com gosto vos ouço.

Theod. Quanto á liberdade , que temos , quem póde avaliar dignamente o preço desta admiravel , e Divina joia. Podem os homens prender-me , arrastar-me , matar-me, isso sim ; mas obrigar-me a que eu queira , sem eu querer , isso he impossivel. Agoa , Fogo , Ceos , Terra , Ventos , e Mares , rogos , ameaços , premios , castigos , nada póde abalar a vontade do homem , se elle não quer. Sou livre , e absoluto senhor (diz qualquer rustico) ninguém tem authoridade , nem poder para me obrigar a que eu queira. *Naõ quero* , e está dito. Esta soberania só Deos a tem , e o homem. Naõ fallo dos

dos Anjos , porque os Senhores contra quem disputamos , não crêm nelles.

Baron. O Brigadeiro furrio-se.

Theod. Vamos ao argumento agora. Esta suprema obra , que Deos fez com tanto empenho , se acha com mais defeitos do que quantas o Senhor tem creado ; e ella he que se affasta mais que nenhuma do fim para que foi feita. Porque , primeiramente , o Entendimento foi feito para nos guiar ao conhecimento da verdade ; e nos achamos cheios de mil erros , e absurdos. Temos inclinaçãõ para amar a verdade ; mas todos caminhaõ pelo caminho da mentira ; e quem melhor sabe mentir , mais se préza de habilidade , e se desvanece sobre os outros. Ignoramos as cousas mais palpaveis , e ainda ninguem soube como a sua alma estava unida ao seu proprio corpo ; nem tambem soube como hum Castanherio dava castanhas , e as castanhas outra vez castanheiros ; porque isto das sementes das plantas he mysterio escondido aos mais habeis Filosofos.

Baron. Inda mal , que tanta verdade fallais.

Theod.

Theod. Quanto á vontade ella foi feita para amarmos o Bem ; porém qual he o mortal , que nesta , ou naquella occasião não busca o mal ? Ora póde haver maior aleijão ? Todo o homem appetece a alegria , e estes desejos vem nas raizes da nossa Natureza : e qual he o homem do juizo , que se não veja cercado de muitos motivos para a tristeza ? Haverá em todo o Universo creatura mais amofinada , e infeliz do que he o homem ? He Lei innata amar cada creatura a sua semelhante. Nenhuma féra destróe as da sua especie , senão rarissima vez ; e os homens se estão matando huns aos outros continuamente , sendo contra seus semelhantes peiores , que as mais ferozes féras ; e temos grande gloria quando inventamos modo de matar mais gente com pouco trabalho , ou de fazer feridas incuraveis. Em huma palavra deo-nos o Creador liberdade , e Razaõ , para que esta governasse aquella ; e he cousa ordinaria , que a Razaõ diz huma cousa , e a liberdade ouvindo os seus conselhos faz o contrario. Ora não he isto outra bem grande aleijão , e monstruosidade ?

Ain-

Ainda mais : nenhum animal tem tantas enfermidades como o homem ; nenhum tantos inimigos , nenhum tantos fustos. Que tormento não temos com a lucta das nossas paixões ? que inferno ? que angustias ? e nada disto se vê nas outras creaturas , que com hum passo constante , firme , e uniforme vão cada qual aos seus fins. Concordais nisto Amigo ?

Brigad. E como posso deixar de confessar huma cousa evidentissima ? O homem he hum compendio de perfeições , e tambem de defeitos com superioridade em huma , e outra cousa ás de mais creaturas ; isto he ponto demonstrado.

Theod. Mas eu observo , que quando hum Artifice de grande intelligencia faz a sua obra com summo empenho , cuidado , e despeza , se vemos que a obra que esperava-mos perfeitissima , apparece com defeitos extraordinarios , dizemos que a obra teve desmancho , e que não está como sahio das mãos do Artifice. Exemplo : Se visse-mos hum relógio de ouro , guarnecido de brilhantes , e feito por *Juliaõ le Roi* , ou outro insigne Relojoeiro de Pariz ,

e que fora destinado de proposito para a Rainha mandar de presente á Rússia ; mas que este relógio parava a cada passo , e que não fazia os movimentos com regularidade : quem deixaria de crêr , que o relógio tinha tido alguma queda ? Todos affirmariaõ que não tinha sahido assim da mão do Relojoeiro , pois o seu nome segurava a sciencia , e a sua riqueza nos dava a conhecer o cuidado , e o empenho : Pois este he o caso , em que estamos. Não ha em todo o Universo obra por hum lado mais primorosa , por outra mais cheia de defeitos do que o homem : Logo esta obra não sahio assim das mãos do seu Artifice , que he Deos. No homem tudo he desordem , em Deos tudo ordem summa ; não podiamos sahir deste modo das suas mãos : logo esta obra cahio , e teve desmancho : este foi o peccado Original , origem de todos os nossos males. Reparai que esta desordem do homem começou nos filhos de Adão , pois Caim por pura inveja matou seu Irmaõ. Logo a desordem veio de seu proprio Pai.

Baron. Que me dizeis , Brigadeiro ?

Theod.

Theod. Esperai, Senhora, que ainda quero rematar o discurso. Nós temos em nós mesmos hum principio que nos chama para a verdade, e para o bem: temos as paixões que nos impellem para o mal, e nesta contenda contínua está o combate, e a guerra, que todos sentem. Pergunto agora: donde vem ao homem a Razaõ, e inclinação para o Bem?

Brigad. De Deos?

Theod. E donde lhe veio o principio, que repugna a este bem, esse principio, que quasi nos arrasta para o mal? Não podemos dizer, que he de Deos pois não póde Deos attrahir-me para o bem, e impellir-me para o mal: persuadir-me a virtude, e estar arreioando a favor do vicio. De Deos he impossivel que venhaõ estas inclinações contrarias.

Brigad. Assim he: mas que inferís d'ahi?

Theod. Logo toda a inclinação para a ordem veio de Deos na nossa formação, e toda a inclinação para a desordem veio da quèda que o homem deo, veio da rebelliaõ das nossas paixões. Bem como o doente, que vai andando, e cahindo; o qual deve o andar á sua

Natureza primitiva ; mas o cahir á sua enfermidade.

Brigad. Basta , Theodosio : dai-me cá hum abraço : crêde que me tendes satisfeito.

Baron. Vêde , meu Brigadeiro , que differença vai de discorrer de sangue frio , e espirito poufado , a fallar com chiftes , e mófás , e gracinhas em conversação interpolada , que he como Vós costumais discorrer. Pelo menos quando Vós me tocais , e outros Cavalheiros nestas materias , sempre he dizendo galantes chiftes para agradar , mas não allegando , como faz Theodosio , razões para convencer.

Brigad. Basta de Theologia , Senhora ; ponde escóla , que eu quero vir aprender comvosco. Agora convém que eu vá saudar Madama vossa Mãi , que ainda hoje não tive a honra de lhe fallar.

Baron. Fallemos agora de novidades da Corte , Theodosio.

Theod. Fallemos , que neste correio não faltaõ.

Baron. Mas antes que fallemos em novidades da Corte , quero que me cumprais a promessa , que me fizestes du-

ran-

rante a disputa , de me instruir a mim particularmente das razões que vos moviaõ a inclinar mais á Sentença de S. Thomaz , que poem os Meninos sem baptifimo em lugar sem pena , nem gloria , naõ obstante a Sentença de S. Agostinho , e outros Santos Padres , que julgaõ o contrario. Por quanto , ainda que esta opiniaõ de S. Thomaz me quadra mais com o meu genio feminino , brando , e compassivo , com tudo gosto de discorrer masculinamente , e com solidez , e dar a razãõ do meu parecer. Mas advirto , que eu nunca aprendi Theologia , nem faço tençaõ de a estudar : fallai-me em linguagem que eu entenda.

Theod. Farei por vos satisfazer. Eu falando com o Brigadeiro contentei-me com lhe mostrar , que essa Sentença que condemna os Meninos ás penas do Inferno , naõ era Dogma de Fé ; porque a minha obrigaçaõ era defender a minha Religiaõ de todos os ataques , que os Impios lhe fazem ; os quaes na Sentença de S. Thomaz nenhuma força tem ; e bem vistes que elle pasmou de vêr que naõ era isso Dogma ; mas Sentença controvertida

por

por muitos Theologos, de cuja Fé ; e boa Religião ninguem se atreve a duvidar. Quem ha de duvidar da Fé, e Religião de S. Thomaz ? que não só era devotissimo Discipulo de S. Agostinho, mas que estudava muito pelas Santas Escrituras, e Padres : e não obstante isso em muitos lugares exprefamente diz, que os Meninos que morrem sem a felicidade do Baptifimo, ficaõ privados para sempre da vista de Deos, mas sem tormento algum (1). Quem ha de duvidar da Fé, e da Religião de S. Boaventura (2) ? Quem ha de duvidar da Fé, e da Religião de Scoto, cabeça da escola dos Scotistas ? o qual junto com S. Thomaz, cabeça da escola dos Thomistas, envolvem hum numero sem numero de Theo-

(1) S. Thom. 3. part. quæst. 1. a. 4. *Ad secundum dicendum, quod peccato Originali in futura retributione non debetur pœna sensus, O mesmo in 2. dist. 33. q. 2. a. 1. Ideo carentia hujus visionis est propria, & sola pœna originalis peccati post mortem. O mesmo quæst. 5. de Malo a. 2. O mesmo in 3. dist. 22. a. 1. onde assigna o lugar do Limbo dos Meninos in quo sunt tenebræ propter carentiam Divinæ visionis, & propter carentiam Gratiæ ; sed non est ibi ulla pœna sensibilis . . . & alibi.*

(2) S. Bonav. in 2. dist. 33. a. 2. q. 1.

Theologos , a quem a Igreja ainda não reprehendeo ? Quem ha de duvidar da Fé , e Religiaõ de S. Gregorio Nazianzeno (1) , que em huma Oraçaõ sobre o Baptismo diz exprefamente , que estes Meninos nem com Gloria Celefte , nem com tormentos feráõ sentenciados pelo Juiz Supremo ? Quem ha de duvidar da Fé , e da Religiaõ do Cardeal Belarmino , de Soares , e Vasques , Theologos , que todos respeitáõ ? não para seguir as suas opiniões , mas para não ultrajar a sua Fé. Quem ha de enfim duvidar da Fé , e Religiaõ da opiniaõ mais commum , e geral , que ha perto de quinhentos annos na Igreja se ensina , sem que a sua Cabeça formalmente a reprehenda ; como se póde vêr no Cardeal Gotti (2) , que trata esta materia diffusiffimamente ; onde cita S. Thomaz em todas as respostas , que o

Tom. IX.

Q

San-

(1) Greg. Nazianz. Orat. 40. de Baptism. *Postremi denique nec Cœlesti gloria , nec suppliciis a Justo Judice afficiantur ; ut pote qui , licet signati non fuerint ? improbitate tamen careant.*

(2) Gotti Tom. 6: quæst. 10. Dubio 3. per totum. O mesmo Tom. 13. de Sacram. & Baptism. p. mihi 263.

Santo Doutor dá aos fundamentos da Sentença contraria.

Baron. Já vejo, Theodosio, que Vós tinheis estudado o ponto.

Theod. Não vêdes, Senhora, que he de grande importancia, por huma parte revindicar a reputação de tantos homens grandes; e por outra tapar, quanto puder ser, a boca aos que insultão a nossa Religião, affirmando que nós seguimos Dogmas crueis, e contra as Leis da Caridade do nosso Divino Legislador. Siga cada qual a que quizer, mas não queira fazer Dogma de Fé, o que a Igreja não tem declarado. Além de que, os que seguem S. Thomaz fazem justas reflexões sobre S. Agostinho, que com grande vehemencia escreveu contra os Pelagianos, os quaes, não obstante excluirem os Meninos não baptizados do Reino dos Ceos, diziaõ, que sem entrar no Reino de Christo podiaõ por outro modo ter vida feliz, e bemaventurada. Os argumentos do Santo são fortes, mas as respostas, que lhes dão os que seguem a S. Thomaz, não são dignas de desprezo.

Baron. Dizei-me alguma cousa sobre isso, quanto eu possa entender.

Theod.

Theod. Santo Agostinho , e os Santos Padres , que o seguem , tomão o fundamento principal da sua Sentença , que affirma , que os Meninos sem baptifmo terãõ penas eternas ; tomão (digo) da Sentença que o Supremo Juiz dará a todos os homens no ultimo dia. Sabemos que o Senhor dividindo todo o genero humano em duas turmas , porá a dos escolhidos á mão direita , e a dos reprobos á esquerda ; e dirá aos que estiverem á mão esquerda , que vaõ para o fogo eterno (1). Argumenta agora Santo Agostinho : estes Meninos não podem estar á mão direita , porque Jesu Christo positivamente exclue dessa mão todos os que não tiverem nascido segunda vez pela agua , e pelo Espirito Santo (2) : logo ficaõ á mão esquerda : e sendo assim , haõ de ouvir a Sentença do fogo eterno , que o Senhor dirá aos que estiverem dessa parte. Porque não tendo o Juiz mais que duas mãos , não ha

Q ii

fe-

(1) *Dicet his qui a sinistris erunt , Disceditis à me in ignem æternum.*

(2) *Nisi quis renatus fuerit ex aqua & Spiritu Sancto non potest introire in regnum Dei.* Joan. 3. v. 5.

senão dois lugares , e duas sentenças : a dos filhos de Deos não lhes pertence : logo pertence-lhes a dos reprobos , que he não só privação da vista de Deos , mas pena de fogo.

Baron. Oh , Theodosio , esse argumento he fortíssimo.

Theod. Todos assim o confessão , e eu tambem : mas a resposta que S. Thomaz , e os mais lhe dão , he tirada do mesmo lugar , e não merece desprezo.

Baron. Agora vos ouço com grande appetite ; e nunca cuidei que materias de Theologia me interessassem tanto. Que respondem ? Dizei-mo.

Theod. A Sentença do Supremo Juiz aos da mão esquerda não he simplesmente que vão para o fogo eterno , mas diz , que vão para lá , *porque teve fome , e não lhe deraõ de comer , &c.* (1). Isto he ; porque faltáraõ as obras boas , que deviaõ fazer. Ora aqui certamente não entraõ os Meninos , que morrerãõ sem baptismo. Dizem agora os que seguem S. Thomaz : se ninguém

(1) *Dijcedite a me in ignem æternum . . . esurivi enim , & non dedistis mihi manducare , &c.*

quem dirá que os Meninos se comprehendem no crime que a Sentença allega, como se haõ de comprehender no castigo que a Sentença fulmina? *Baron.* Estou calada: esta resposta satisfaz.

Theod. Accreicentai: que a Sentença dos reprobos naõ só falla do *crime*, e do *castigo*, mas ata o castigo com o crime, dizendo, que huma cousa he que tráz consigo a outra; pois esta he a força da particula *enim*, que significa *porque*, ou *por quanto*. Deste modo: diz o Senhor: *Ide para o fogo, porque naõ fizestes o que devieis*. Logo se o Senhor por modo nenhum ha de arguir os Meninos de faltarem ás Obras de Misericordia *esurivi*; como os ha de comprehender no fogo *ignem aeternum*; e isto quando declara, que o fogo só veio pela falta de obras boas *non dedistis*? S. Agostinho naõ deixou de vêr esta difficuldade, e escrevendo a seu grande amigo S. Jeronymo sobre este ponto (1) diz

(1) Aug. Ep. 28. aliás 166. ad Hieronym. *Scilicet cum ad pœnas ventum est parvulorum, magnis mihi credo coarctor angustiis, nec quid respondeam prorsus invenio.*

diz sinceramente : *Quando chego a tratar dos castigos dos Meninos , crede-me que me vejo em grandes angustias ; nem acho verdadeiramente que responda.* Escrevendo o Santo contra Juliano Apostata (1) , diz : *Eu não digo , que os que morrem sem baptismo , que serão castigados com tal tormento , que melhor lhes fora o não ter nascido : e mais abaixo repete o mesmo.* Onde se vê que o Santo neste tormento dos Meninos se via apertado ; e por isso em outro lugar diz , que (2) *aquelles que além do peccado original , que contrahiraõ , não accrescentaraõ algum peccado , teraõ o tormento o mais brando de todos.*

Baron. Nesse modo de fallar bem se vê que o Santo , não por genio , mas escrupulo da intelligencia da Sentença do

(1) O mesmo Santo Doutor contra Julian. c. 11. *Ego autem non dico parvulos sine baptismo morientes tanta pœna esse plectendos , ut eis non nasci potius expediret . . . quæ (pœna) qualis & quanta erit , quamvis definire non possim , non tamen audeo dicere , quod eis , ut nulli essent , quam ut ibi essent , potius expediret.*

(2) Aug. in Enchirid. c. 93. diz : *Mitissima sanè omnium pœna erit eorum , qui præter peccatum quod Originale traxerant , nullam insuper addiderunt.*

do Juiz he que os dá no inferno.

Theod. Mas estando lá, e ardendo em fogo, como pôde ser taõ leve o seu tormento, que naõ lhes pêze de ter nascido, como o Santo affirma duas vezes? Augmenta-se a admiração reparando que na Sentença dos reprobos se diz, que vaõ para o fogo, *que está apparelhado para o Diabo*: Ora o fogo apparelhado para o demonio naõ he brandissimo, nem tal que os Meninos metidos nelle, naõ lhes fosse mais conveniente o naõ ter nascido como o Santo expressamente diz: Donde se vê que a Sentença fulminada contra os Meninos do fogo eterno, naõ he cousa certa, nem de Fé; pois S. Thomaz com innumeraveis o nega, e S. Agostinho treme, e vacilla, e se afflige quando os comprehende nella; e lhe poem quantos lenitivos pôde, dizendo, que he brandissima, e que nem por isso lhes pezarã de ter nascido, &c.

Baron. Tenho visto que esse fogo he muito duvidoso nos Meninos que morrem sem baptismo, e que por modo nenhum he ponto de Fé, e Dogma. Basta de Theologia. Vamos juntar-nos
com

com minha Mãe , e com os mais que
ouço fallar no Bosque.

Theod. Vamos.

T A R D E X.

*Sobre a Maxima , que diz : Fóra da
Igreja não ha salvação.*

Baron. **N**Aõ posso explicar , Theo-
dosio , a differença , que
acho em mim depois que conversamos
sobre o *Peccado Original* : a minha
alma recebeo huma claridade tal , que
me parece que agora a trago de dia , e
que até entãõ andava como de noite ,
vendo a verdade sómente com a luz
que me bastava para conhecer que era
verdade , mas não de fórma que po-
desse reflectir na sua admiravel bel-
leza.

Theod. O que eu desejava saber era o
efeito que a nossa conversação fez
no Brigadeiro.

Baron. Tem fallado com mais modera-
ção : mas o que elle não póde levar
á paciencia , he dizermos nós que fó-

ra da Igreja não ha salvaçãõ. Diz que isto he presumpçãõ diabolica , e falta de caridade ; e até huma quasi blasfemia contra a Bondade Divina. Fez-me huma tal pintura do horror desta injustiça , que eu não tive animo para o impugnar ; e sómente lhe prometti , que na primeira vez , que nos encontrassemos vos consultaria diante delle neste ponto , o que elle estimou grandemente.

Theod. Descançai , Senhora , descansai que todos esses horrores da pintura que elle vos fez , espero no Deos da verdade , que desapparecerãõ brevemente. Em quanto não apparece a luz , tudo faz medo , especialmente a Senhoras da vossa idade , e viveza ; mas em apparecendo a luz , ainda que não seja sennaõ a de huma tocha , desapparecerãõ todos os fantasmas. Eu não vos hei de allegar subtilezas , mas doutrinas claras , correntes , admittidas geralmente no mundo ; e conformes a boa Razaõ : e como eu vi quanto elle era sensível ao ponto de honra , em o conjurando a elle mesmo para nos fallar como homem de bem , segundo o que na realidade entendesse , estou

tou livre de que ande fugindo com tergiverfações dos meus argumentos.

Baron. Como elle está estes dias nosso hospede, dizia eu que o fossemos buscar ao seu quarto, e desalfallo para o passeio antes que se ajunte companhia Vinde comigo.

Theod. Estou prompto.

Baron. Aposto eu, Senhor Brigadeiro, que Vós estaveis fazendo horas para me irdes buscar para o passeio costumado : aqui temos Theodosio ; vamos nós sómente os tres passear até o bosque, que he frondoso, e grande abrigo para o tempo da calma ; e depois acabada a nossa conversação (que será importante) sahiremos para os Jardins lá pela fresca, para nos ajuntar ao rancho grande dos Cavalheiros, e Senhoras, que aqui se ajuntão.

Brigad. Todo o meu cuidado, e desejo, Senhora, he adivinhar os vossos pensamentos ; e estou prompto para vos dar o braço, se me quizerdes fazer essa honra.

Baron. Mais estimaria eu, que Vós me desseis Não me sei explicar.

Brigad. O que ? o coração ? esse já Vós

o tendes , Senhora , ha muito tempo.

Baron. Não quero prejudicar a Madama vossa Esposa , que tem direito a elle , e he minha amiga intima. O que eu queria , não he o coração , era o Entendimento , para que Vós cresseis tudo quanto eu creio.

Brigad. Oh Senhora , não me peçais obsequios do entendimento , porque elle não he livre , como he o coração : Nem eu sou senhor d'elle : não creio o que quero crêr ; só creio que o Entendimento vê que he verdade ; e por mais que forceje a fazello crêr o que Vós crêdes , não he possível : perdoai , Senhora , a rebeldia do meu Entendimento ; e contentai-vos com o rendimento da minha vontade , ficando bem persuadida , que se eu pudesse fazer violencia á minha cabeça , a ninguem a renderia com mais gosto do que a quem he senhora de toda a minha alma.

Baron. Basta , basta , Brigadeiro. Vós não vêdes que faz vento ! Todas essas palavras vão com elle ; e para mim desaparecem em hum instante. Taõ facéis fois vós outros os Cavalheiros em nos protestar sacrificios , adorações ,

ções, incensos, e outras cousas do vosso Ritual Politico, como nós somos difficeis em crêr essa linguagem da moda. Vamos nós convertendo sobre aquelle ponto que Vós hontem á tarde achaveis tão absurdo: Aqui está Theodosio para vos explicar o meu sentimento, e o delle, e vos dizer a razão que ha para dizermos, que *fóra da Romana Igreja não ha salvação*.

Brigad. Oh Senhora, peço-vos por quanto posso, que não deis credito a semelhante absurdo: primeiro vereis que estas arvores se voltaõ com os ramos para o chaõ, e as raizes para o ar: primeiro vereis fallar esses rochedos, e emudecer as aves; primeiro tornarãõ as fontes á sua origem, retrocedendo no seu curso, do que tereis a desgraçada consolação de que eu concorde comvosco em semelhante blasfemia contra a Bondade Divina. Por ventura no Livro da Sabedoria não vos mandaõ, Theodosio, julgar de Deos com espirito de Bondade (1)? E como fazeis conceito que

Deos

(1) *Sentite de Domino in bonitate. Sap. 1. 1.*

Deos seja cruel? Como vos atreveis a dizer, que Deos manda para o Inferno, e que atormenta sem fim innumeraveis almas innocentes, que nunca tiveraõ mais crime, que naõ saberem, que houve hum homem chamado Jesu Christo, ou de naõ obedecerem a hum Clerigo velho que ha em Roma, que chamaõ Papa; e isto quando nem sabiaõ que couza he Roma. He couza insupportavel que os Christãos, tendo ordem de seu Deos para obrar sempre com caridade, dêem contra seus Irmãos inculpaveis huma sentença de condemnação eterna; e isto tendo preceito do seu Chefe para ter amor até aos seus proprios inimigos, que lhes desejassem tirar a vida. Se naõ quereis vêr, Senhora, Theodosio envergonhado, e confuso, dispensai-o desta conversação, e siga elle embóra o que quizer; mas Vós, Senhora, mudai de sentimento, se quereis passar por pessoa de bom juizo, e coração bem formado. E Vós, Theodosio, perdoai o fogo, com que fallo, porque bem sabeis que a verdade dá grande direito para que se advogue a sua causa, a pezar de todas as Leis da Civilidade.

Theod.

Theod. Mal sabeis, Amigo, quanto gosto de vos ouvir essas ultimas expressões a favor da Verdade. Eu tambem me morro de amores por ella; e nada me he tão agradável. Quando chego a vê-la de perto, pasmado me ponho a olhar para a sua belleza; e o coração logo me vai atrás do Entendimento, e a lingua atrás do coração; e todo eu me acho seu escravo. É por essa mesma razão, tinha persuadido á Baroneza todos os sentimentos da minha Religião. Mas agora lhe explicarei tudo de fórma (como espero da sua docilidade) que fique vendo as cousas como eu as vejo. E se Vós fois (como eu) amante declarado da Verdade, e me dais, como os dias passados, palavra de honra de não brincar com travessura, jogando com palavras sem a persuasão interna disso mesmo que differdes, talvez que sem verdes as arvores com as raizes para o ar, fiquemos hoje concordés.

Brigad. Perdoai-me, Senhora, o riso, que me escapou contra a civilidade.

Baron. Eu perdo-o, perdo-o da parte de Theodosio, e quero ficar com o di-

direito salvo para tambem dar o meu furrifo , quando vir algum dos combatentes ir a terra ; que já sabeis que toda a quéda provóca a riso , especialmente a Senhoras.

Brigad. Gabo-vos o defenfado : vamos ao ponto , Theodosio , que estou com vontade de vos ouvir. Vós , Senhora , que fois a Madrinha deste Dué-lo , acudireis a quem cahir , e ride embora , dou licença , que tambem eu rirei.

Theod. Antes que entremos no ponto principal , vamos a isso , que dissestes , que a nossa maxima era contra a caridade : dizei-me , Amigo : Achais que seria caridade estar eu persuadido seriamente , que huma estrada he falsa , e que no fim tem barrancos inevitaveis , e vêr que a Baroneza de noite hia a entrar por ella , enganada com vêr ir por alli muita gente ; achais , digo , que seria caridade o calar-me , e deixalla ir com todo o seu focego , só pela não affligir ? e isto ainda que eu estivesse certo , que de lá não tornava ; e que ella , coche , e cavallo se faziaõ em pedaços ? Seria caridade o calar-me ?

Ba-

Baron. Deos me livre de tal caridade : a Lei do Christão , e da amizade vos obrigava a gritar , e clamar , e correr , dizendo , que essa estrada era perigosa. Attendei , Theodosio , que o caso está provado de fresco. Os dias passados quiz o Brigadeiro ir comnosco ás Minas de Cobre aqui perto em *Baigorre* , minas que os Romanos deixaraõ vassias até ao nivel da agua , furando os Pirinéos , que Vós vêdes esburacados ; e que os Suissos minaraõ outra vez para tirarem o Cobre , que fica debaixo da agua ; e já andaõ trabalhando em quinhentas e vinte huma braças abaixo do nivel dos rios , como creio que Vós já vistes. O Brigadeiro , digo , quiz entrar por huma Mina dos Romanos , que já está arruinada lá por dentro , e hum rapaz , que o vio entrar , começou a gritar de longe , e lhe acodio ; aliás se vai andando mais tempo , se precipita ; e Vós Brigadeiro lho agradecestes bem , e premiastes o seu zelo. Agora , Theodosio me faz outro tanto a mim : se elle se persuade que a estrada unica para a salvaçaõ he a sua , a mesma Lei da caridade lhe manda
que

que me avise de que he enganosa a estrada por onde muitos vaõ.

Brigad. Se muitos vaõ por ella, naõ póde ser enganosa.

Theod. E vistes já vir algum de lá, para vos dizer que chegou bem, indo lá por onde hia? Se nesta materia de salvação nós fallassemos com os defuntos; e elles que caminháraõ por onde Vós ides, vos viessem dizer, que chegaraõ a salvamento, entaõ podia a Baroneza ir affoitamente por onde visse entrar os mais: Mas se de lá naõ nos torna ninguem, devemos antes de entrar por essas minas escuras, certificarnos bem, que saõ seguras, e que naõ tem despenhadeiros.

Brigad. Vamos ao ponto principal; deixemos essas disculões menos essenciaes. Dizei, Theodosio: porque razaõ naõ dais licença que entrem no Ceo a gozar da Bemaventurança, senaõ os filhos da Romana Igreja? Se me explicais este ponto de forma que eu fique satisfeito, vereis em mim hum santo.

Baron. Eu vos executarei pela palavra: descançai.

Theod. Eu quero certos preliminares,

em que devemos concordar, e depois formarei o meu argumento. O primeiro preliminar he, que o *Direito á Gloria eterna, Visão de Deos Beatifica, &c.* não he; nem jámais foi prenda da *Natureza humana, ou qualidade, ou condição devida á sua Integridade*; porque *Dom sobrenatural* nunca foi devido á *Natureza*.

Brigad. Nisto já nós concordámos os dias passados, e he bem claro, que os dons sobre, ou além da *Natureza*, não podem ser devidos á *Natureza*. Vamos adiante.

Theod. Accrescento agora o segundo, e he, que *sómente a promessa que Deos fizesse a Adão, e seus filhos, de que lhes daria essa Bemaventurança no caso que lhe fosse obediente; só essa promessa, digo, he que lhes podia dar algum direito condicional á Gloria do Ceo.*

Brigad. Concordo, e sem escrupulo; porque isso he assim.

Theod. Ainda digo mais: que tendo Adão perdido pelo seu crime, esse direito, nem elle, nem seus filhos o podião recuperar pelas suas acções puramente suas, e naturaes; e isto por duas razões:

zões : huma , porque estando elles criminosos , não podiaõ as suas obras ter acceitação para por ellas merecerem o perdaõ do seu crime : Muito mais não sendo pessoas de alguma forte condecoradas para serem acceitas. Segunda , porque obras da Natureza não podiaõ ter proporção alguma para merecerem a Gloria do Ceo , e vista clara de Deos , que he Dom sobrenatural , e o maior : e assim os filhos de Adaõ , sem lhes vir algum soccorro extraordinario do Ceo , não podiaõ alcançar este direito á Gloria eterna , que seu Pai tinha perdido : concordais tambem nisso ?

Brigad. Acho essa verdade taõ evidente , que me admira que vos queirais segurar , fazendo-a ponto de convenção : mas como quereis ir com esse methodo , approvo , e convenho tambem nesse artigo.

Theod. Ultimamente digo , que o Filho de Deos feito homem não só quiz pagar por Adaõ , e seus filhos , em ordem a lhes alcançar o perdaõ ; mas com a sua morte de Cruz mereceo o ser Rei da Gloria ; e nesse estado quiz adoptar os homens fazendo-os filhos seus pela regeneração do Baptismo , e

em consequencia disso seus herdeiros. Eis aqui em que está todo o direito á Gloria, que podem ter os homens : consiste sómente em serem filhos do Rei da Gloria, com direito á herança de seu Pai. Achais neste nosso Dogma alguma cousa contra a boa Razaõ, ou alguma cousa contra a Bondade de Deos, e sua Caridade ?

Brigad. Nessa acção a mais heroica que se póde imaginar, brilha ineffavelmente a Bondade Divina, e he hum lance de caridade o mais digno de Deos, que se póde dizer.

Theod. Porém dizei-me mais isto; se ha ahi alguma cousa contra a boa Razaõ? que me he precisa esta palavra.

Brigad. Nada; nada se acha ahi contra a boa Razaõ.

Theod. Ora bem: vêde agora, meu Amigo, as consequencias necessarias que se seguem dos Preliminares, que tendes concedido, que dizeis serem sumamente conformes á boa Razaõ, e dignos da Bondade de hum Deos.

Segue-se em primeiro lugar, que Jesu Christo Filho de Deos he o Rei da Gloria nosso Redemptor, e o Principio de toda a nossa felicidade sobrenatural: que dizeis? *Brigad.*

Brigad. Concordo : seja.

Theod. Segue-se em segundo lugar, que ninguem tem direito á Gloria, senão quem for filho de Jesu Christo, pois sómente nesta filiação he que se funda o direito á sobrenatural herança. Assim como ninguem tem direito á Coroa de Inglaterra, de Hespanha, de Suecia, &c. senão quem for filho, ou descendente dessas Casas Reaes.

Brigad. São essas consequencias tão naturaes, que não se pódem negar.

Theod. Ora como póde ser filho de Jesu Christo, herdeiro de seus merecimentos e Gloria, o Judeo que o blasfema, e detesta? O Pagaõ que o não conhece, e que adora o Sol, a Lua, os monstros, e as mais ridiculas creaturas, e até os homens que foraõ viciosos, e cheios das maiores abominações? Serão estes filhos de Jesu Christo? Como ha de ser seu filho o Mouro, e o Turco, que o abominão, que lhe preferem o Profeta falso, e perseguem a quem o adora? Como ha de ser filho de Jesu Christo, e seu herdeiro, o *Incrédulo*, que depois de lêr os Evangelhos os despreza? depois de ter noticia de Jesu
Chris-

Christo zomba delle , escarnece de quem o segue , e poem todo o estudo , e eloquencia , e astucia , e sagacidade em rebelar contra elle os povos , que nelle criaõ , e o adoravaõ ? Como póde ser filho de Jesu Christo o Impio , que nas obras he apostata da Fé que confessa com a boca ? que com as obras desobedece a seu Deos , conhecendo mui bem , que Elle lhe manda o contrario ? Como ha de este homem ser filho de Jesu Christo , se elle tem em pouco as promessas , com que o convida para o seu serviço , de lhe dar a Bemaventurança ; e as ameaças dos castigos pela sua desenvoltura ? Dizei , meu Amigo ; tendo o Filho de Deos vindo ao mundo fundar a Igreja , ensinar o Evangelho , e estabelecer pela sua Lei a estrada do Ceo ; do Ceo que elle unicamente conquistou , como poderemos dizer , que são seus filhos , e herdeiros de seus serviços , e da gloria merecida com elles , estes homens que o perseguem ! Que me dizeis ; Amigo ?

Brigad. A fallar com sinceridade , nenhum desses homens mercede ser filho de

de Jesu Christo , nem seu herdeiro : mas explicai-me mais esse ponto , que a luz vai-me raiando no horizonte ; porém ainda não distingo com claridade os objectos de que trato : ide discorrendo.

Theod. O Filho de Deos foi quem instituiu este morgado da Gloria , e chamou á sua herança , sómente os seus filhos : isto he , os que fossem regenerados á Graça pelo Baptismo : e as palavras desta Instituição são bem claras : *Sem que cada qual torne a nascer pela agua , e Espirito Santo , não póde entrar no Reino dos Ceos.* Falla do Baptismo , e diz , que por elle renascemos como filhos seus , tendo primeiro nascido como filhos de nossos pais.

Baron. As palavras são bem claras.

Theod. Porém ainda ha mais : Jesu Christo nessa Instituição do seu Morgado , fez como Vós outros ás vezes fazeis nas Instituições dos vossos , chamando os vossos descendentes ; mas desherdando positivamente desses vossos filhos , cu netos todos os que fizessem crimes de Leza Magestade ; ou que fossem falsos á Patria , ou rebeldes ao

Soberano , ou falsos ao Morgado , &c. Assim fez o Filho de Deos. Declara que deſſes que forem ſeus filhos pelo Baptiſmo , ficarão deſherdados todos aquelles que fizerem crimes de Leza Mageſtade Divina , ou forem rebeldes ao Rei da Gloria , &c. Pelo que aqui ha duas claſſes de peſſoas , que ficam fóra da herança Celeſtial (Tomai bem ſentido , Baroneza , que ás vezes confundís huma com outra couſa). Huns ficam fóra da herança Celeſtial , porque não foram chamados a ella ; e aqui entram todos os que não ſão filhos de Jeſu Chriſto , nem jámais foram baptizados , como ſão os Judeos , os Mouros , os Gentios. Outros ha que ſão filhos de Jeſu Chriſto , e baptizados ; mas ficam fora da Celeſte herança por ſerem deſherdados della expreſſamente pelos crimes que cometterão ; e aqui ſe comprehendem os Incredulos , os Hereges , os Impios ; e a clauſula , em que ficam deſherdados ; he bem clara , porque o Senhor manda a ſeus Apoſtolos que *vão por todo o mundo baptizando ; mas enſinando-lhes logo a guardar tudo quanto Elle lhes tem mandado* : e em mil clauſulas do

Evangelho declara expressamente o mesmo; isto he, que Elle exclue do Ceo os que teimaõ em desobedecer-lhe, sem guardar a sua Lei soberana.

Baron. Isso agora me faz grande escrupulo. Pois toda a pessoa que comette peccado grave, fica desherdada da herança do Ceo?

Theod. Se morre nesse estado, sem dúvida; mas se he filho de Jesu Christo pelo Baptismo tem os seus merecimentos nos Sacramentos, em virtude dos quaes pôde alcançar perdão, e restituir-se pela confissão boa á graça, e estado da amizade de Deos, recobrando o direito á herança Celestial, que pelo peccado tinha perdido. Estais satisfeita?

Baron. Agora sim: ide lá contendendo com o Brigadeiro.

Theod. Isto supposto, dizei Amigo: se hum Africano, ou hum China, ou qualquer Americano viessem a Hespanha queixar-se de que nunca o deixavaõ governar nesse Throno, sendo elle homem como os mais, quem não riria de semelhante pertençaõ? Todos o teriaõ por louco; pois para governar no Throno de qualquer Estado, não

naõ basta ser homem , he preciso ser filho , ou descendente deñã Casa Real Hereditaria. Dizei agora : Seria por ventura impiedade naõ os deixar jámais subir ao Throno de Hespanha , Inglaterra , ou Suecia ?

Brigad. Naõ , certamente.

Theod. Logo naõ he impiedade prohibir , que herdem o Reino do Ceo todos esses , que naõ são filhos de Jesu Christo por mais que sejaõ homens , como os filhos da Igreja.

Baron. Que dizeis áquillo , meu Brigadeiro ?

Brigad. Eu naõ posso com dois combatentes , a hum tempo ; deixai-me cá com Theodosio : Vós , Senhora , sois terrivel !

Baron. Perdoai-me , porque eu tenho olhado para as arvores , e ainda naõ vi nenhuma esta tarde com as raizes para o ar , como Vós dizieis : Mas eu deixo o campo a Theodosio.

Brigad. O que me faz mais horror , Senhora , são os Gentios , que nunca tiveram noticia de Jesu Christo : A innocencia destes nossos semelhantes clama no intimo do meu peito. Ah Senhora , deixai enternecer o vosso coração , e naõ queirais castigar taõ cruelmen-

mente estes innumeraveis innocentes.

Baron. Até ahi basto eu , meu Brigadeiro. Não acaba de dizer Theodosio , que para os que não forem filhos de Jesu Christo o ficarem fóra do Ceo não he castigo ; he inhabilitação , e falta de direito. Ora , dizei-me. Se hum dos meus caseiros homem bom , manso , e sizado , que nunca fez mal a ninguem , quizesse entrar com vossos filhos á herança da casa de Santo Estevaõ , Vós não o consentirieis certamente : não obstante ser a vossa casa das maiores desta Provincia da Baixa Navarra.

Brigad. Certamente não. Os meus Antepassados servindo á Coroa ha mais de quatrocentos annos , não serviraõ , e não receberaõ as balas , para repartirem os seus serviços pelo vosso caseiro , ainda que seja muito bom homem.

Baron. Outro tanto , meu Brigadeiro : Vós não sois cruel , nem castigais o meu caseiro , excluindo-o da herança da vossa casa , porque elle não tem direito algum a ella : isto não he castigo , he inhabilitação. O Filho de Deos não instituiu para os que não
fos-

fossem seus filhos o Morgado adquirindo pelos seus serviços : não se podem queixar, se os não deixarem entrar nelle.

Brigad. Não será castigo, mas elles sempre vão para o Inferno. Vêde se he crueldade, ou não, fazellos padecer sem culpa.

Theod. De que Gentios fallais Vós, meu Amigo? Dos que seguirem em tudo a Luz da Razaõ, sem obrar jámais contra a Lei Natural? Ou fallais dos que levados das suas paixões, como nós, miseravelmente cometerem crimes contra a Lei Natural? Quero saber de quem fallais, para responder?

Brigad. Fallo de todos : fallo dos criminosos, e tambem dos innocentes.

Theod. Pois quero responder com distincção. Os que forem peccadores, e furtarem, ou matarem, ou fizerem outros crimes contra a Lei Natural, serão (como os nossos peccadores) castigados com tormentos á proporção de seus crimes : mas os que toda a sua vida viverem, e morrerem sem obrar couza alguma contra a Lei da Natureza, esses (se accaso houver algum em todo o mundo); esse tal, ou (como segue S. Thomaz) será illus-

trado por Deos singularmente , e salvo pela Fé em Jesu Christo , e pelo Baptismo de desejo ; ou (sendo taõ innocente como os meninos) correrá a mesma forte , que tem os que morrem nessa idade sem Baptismo. Huns e outros ficaõ fóra do Reino do Ceo , por naõ serem filhos do Rei da Gloria , por quanto sómente pelo Baptismo he que renascemos como seus filhos : e por conseguinte nem os Gentios , nem os filhos dos Christãos , que morrem sem Baptismo , tem direito ao Ceo , e ficaõ privados da Eterna Felicidade , ao que chamaõ *pena de Damno* , e vaõ para o Limbo sem pena , nem gloria , como vos disse os dias passados , fallando dos Meninos.

Brigad. Se Vós metteis no Limbo naõ sómente os Meninos filhos de Christãos , que morrem sem Baptismo , mas todos os Gentios adultos , que observarem perfeitamente toda a vida a Lei da Natureza , mui cheio , e atulhado haveis de ter o Limbo : porque saõ innummeraveis os Povos , que vivem perfeitamente segundo a Lei da Razão , e nunca ouviraõ o Nome de Jesu Christo. Que innocencia naõ reina nos

cer-

Certões da America Meridional , onde não pôde ainda entrar , ou penetrar o conhecimento do Christianismo? ou lá na America Septentrional pelo Mississipi , Canadá , Bahia de Hudson , e Certões da California , e Groelandia , onde os Gelos teráo moderado as paixões , e não tem ainda os Europeos introduzido a péssima Lei da ambição , e má fé ; que tantos males causa entre nós ? Quem quizer vêr homens innocentes , vá buscallos lá a esses Certões , onde os homens são menos homens na civilidade , mas verdadeiramente homens nas innocentes Leis da Natureza , e Boa Razaõ.

Theod. E Vós tendes correspondentes fidedignos nesses Paizes ? pessoas que lá tenhaõ vivido , e contratado , e que possaõ dar bom testemunho de seus usos , costumes , e procedimentos ? Se Vós dizeis , que ainda lá não chegou nem o Nome de Christo , nem os Europeos ; quem vos trouxe de lá taõ miudas noticias ? Quem vos disse , que lá não ha paixões , que não ha ambição , que não ha desordens ?

Quando esses Paizes se vão conquistando , sabemos , que muitos comem
gen-

gente ; isto he , entre si huns aos outros do seu mesmo clima , por serem inimigos mutuamente (coula que nem os brutos fazem) , e pasmamos da brutalidade de seus costumes. Pois se quando se conquistaõ , se achaõ taõ barbaros , e taõ máos , com que consciencia dizeis Vós , que os mais , que ainda se naõ conquistaraõ , todos vivem innocentes , e perfeitissimamente conformes á Lei da Razaõ ? Quem vos disse , que todos os Gentios salvagens regularmente observaõ em toda a sua vida a Lei da Natureza ?

Brigad. Lêde a Historia de Mr. de Bougainville na descoberta de Taiti , ou nova *Cithéra* , onde elle diz , que ahi se guardava perfeitamente a Lei da Natureza.

Theod. Ah , meu Amigo Brigadeiro , e que materia de riso fornecestes agora á nossa conversação ! A eloquencia de Mr. de Bougainville enrrouqueceo á força de prégar os elogios dessa barbara gente , que lhe cahio em graça , e á tripulação do seu Navio , pela estranha polidez , com que os naturaes da terra lhes vinhaõ offerecer as suas filhas as mais formosas. Mas dizei-me , de que

que modo seguiaõ todos a Lei da Natureza , se ahi havia ladrões , como consta da sua Historia ? Como seguiaõ todos a Lei Natural , se haviaõ Leis para cohibir os crimes , e para os castigar , como elle confessa ? E que tempo tiveraõ os soldados para tirar huma inquiriçaõ exacta de *vita & moribus* de toda essa barbara gente ? E quem entendia a lingua desses habitantes de quem naõ tinhaõ até aquelle tempo havido as mais leves noticias ? E da verdade desse tal qual Interprete , que por necessidade se poz a esse officio , que testemunhos temos ? Naõ podia dizer o que quizesse ? E que tempo tiveraõ para nos affirmar o que diziaõ da innocencia geral desses barbaros , quando todos estavaõ occupados , huns a gozar das delicias , que se lhes franqueavaõ ; outros a salvar as amarras , que se cortavaõ nas pontas das pedras , por onde roçavaõ ; outros a contratar , trocando prégos por peças de tafetá de papel , de que Madama d'Armendariz Mãi da Senhora Baroneza me deo hum bom pedaço ? Vós , Amigos , por ventura naõ sabeis o Privilegio antiquissimo , que
tem

tem todos os descobridores de novas Ilhas, de poderem mentir a seu salvo, principalmente em mares remotos? Que mentiras não conhecemos agora nos primeiros descobridores da America! Vós ignorais o que he o Homem? e que quando lhe tocaõ em huma certa técla, todo o orgão fôa com admiravel consonancia: franqueai aos soldados, e maritimos a porta de Venus, e vos dirão maravilhas, e o Paiz mais infame será pintado como os Campos Elyfios. Vós; Brigadeiro, sabeis que cousa são soldados; e eu conheço bem os maritimos.

Brigad. Nisso não posso deixar de concordar comvosco. Todos tem hoje essa historia, como huma Novella.

Baron. Pois eu confesso, que dava credito ao que me tem dito da innocencia dessa gente inculta.

Theod. Ora vinde cá: discorramos pela propria experiencia. Nós temos educação, livros, Evangelho, &c. tudo o que nos persuade o bem, e retira do mal. Os Hereges igualmente tem toda a Escriitura, e muitos Sermões, e mestres que os educaõ, e retiraõ do

mal. Os Judeos tem o mesmo, excepto o Evangelho ; mas tem os Profetas , e todo o Testamento Velho. Os Mouros tem o seu Alcoraõ com muitos conselhos bons. Pergunto agora : Achais , Baroneza , que entre os Catholicos , ou Hereges , ou Judeos , ou Turcos seja cousa regular observar-se a Lei Natural ? e observalla sempre , sempre em toda a vida ? Eu não posso dizer isso de mim , e mais não me tenho por dissoluto : mas as nossas paixões luctando sempre com a razão , qual debaixo , qual de cima , humas vezes vencem , e temos crime contra a Lei Natural , outras vezes são vencidas , e a virtude triunfa.

Baron. O mesmo confesso eu de mim , e todos devem confessar o mesmo ; porque eu não conheço ninguem , que ou mais , ou menos não se veja arrastado alguma vez das paixões.

Theod. Pois se nós , que temos educação , e mil soccorros contra as paixões , ainda assim cedemos muitas vezes a ellas , como he crível , que os barbaros , sem a menor educação , sem soccorro algum da Natureza , ou da graça

ca sempre triunfem das suas paixões ? É se nem sempre triunfaõ , como se póde dizer delles que em toda a vida observaõ a Lei Natural ? Baroneza , o homem em toda a parte tem a mesma constituição , em toda a parte tem as mesmas paixões , ou mais , ou menos indómitas , ou domesticadas.

Baron. Talvez que nos Gentios as paixões sejaõ menos vivas , ou menos desordenadas do que em nós ; e assim não lhes faráõ tanta guerra.

Theod. Quereis dizer nisso , que as Leis Sagradas feitas para corrigir as paixões ; os conselhos do Evangelho dados pelo Filho de Deos para as moderar , e tambem as promessas Divinas para nos convidar á virtude , e ás ameaças de Deos , em ordem a que nos retiremos do vicio ; tudo isto que nós temos , e elles não tem , he a causa da depravação dos nossos costumes ; pois que elles não tendo nada disso , são muito melhores. Ora dizei , Baroneza , cabe isto na vossa credulidade ?

Baron. Não : não cabe nella semelhante despropósito : eu não reparei no que disse.

Theod. Logo temos que se nós não nos podemos gabar de que em toda a nossa vida sempre tenhamos seguido a Lei Natural, e obrado segundo a Recta Razaõ, muito menos o farão os barbaros que não tem Lei, nem Civilidade, nem instrucção, nem Religião, entregues como brutos a tudo o que lhes pedir o appetite, e a paixão: e por conseguinte vêde quão longe da verisimilhança he a maxima de muitos, que fundados nessa descripção da *Nova Cithéra*, assentaõ que os Gentios regularmente obraõ segundo a Lei Natural.

Baron. Agora faço reflexaõ, que huma Maxima taõ importante, e taõ absona, e incrivel, he fundada unicamente no dito desse Interprete, que se faria intelligente da lingua dessa terra, onde não tinha jámais ido, nem se sabia, que a houvesse no mundo. Na verdade que grande fé merece esse chamado Interprete: e além disso o seu testemunho he contrariado pela mesma historia, e explanado por hum Historiador poetico no genio, mais applicado a pintar com cores lindas, que a retratar a verdade. E ultimamente
ain-

ainda ha outra falha no Discurso , que he julgarem pelo que elle disse dessa Ilha , para concluir que assim seria em tódo o mundo barbaro. Vêde , Brigadeiro , que loucos são os homens quando querem apoiar as suas paixões ; e como sobre hum *Nada* fundão maquinas de grande importancia. Parece-me isto a extravagancia de hum Pintor , que debuxou hum Palacio grande , sustentado sobre duas flores com os seus pés delicados. Não são menos dignos de riso os que discorrem desse modo.

Brigad. Não se falle mais em Mr. Bougainville ; vamos ao ponto principal.

Theod. Digo pois , que os Gentios que peccarem contra a Lei Natural , ferão excluidos do Ceo , (ao que chamaõ *pena de Damno*), e atormentados com *pena de Sentido* , á proporção de seus crimes : mas se houvesse algum Gentio , que obrasse exactamente o que lhe manda a Lei Natural , que esse homem não irá vêr a Deos no Ceo , porque nunca foi filho de Jesu Christo , nem pertencia á sua familia ; mas sendo elle tão innocente nos costumes , como os Meninos , não será atormentado com tormentos alguns ; porque segundo a dou-

doutrina de S. Thomaz , de que fallámos os dias passados , o peccado de Adão o privou do direito ao Ceo , mas não o fez réo de penas , e tormentos ; que isto he o que communmente se diz dos Meninos , que morrem sem Baptismo , que só tem *pena de Damno*.

Brigad. E achais que he pequeno tormento vêr ir os seus semelhantes para o Ceo , e que elles ficam de fóra. Isto só , mortifica mais que todos os tormentos sensiveis.

Theod. Amigo Brigadeiro ; não vos deixeis levar da primeira apparencia : reflecti antes de sentenciar. Toda a pena e mortificação , que podemos ter , se funda na injustiça que se nos faz em não attender a tal , ou qual direito que temos ao que desejavamos. Dizei-me , que pena tem os Aldeões do vosso povo de não serem herdeiros com vossos filhos do vosso precioso Morgado ? Lembrou nunca isto a nenhum dos subditos das vossas terras ?

Brigad. Certamente não : tomáramos elles que lhes rendessem bem as suas seáras , para me pagarem o quarto.

Theod. E porque ? senão porque sem di-
rei-

reito a huma cousa , nem ha esperan-
ça ; e sem esperanza frustrada não ha
pena : esses Gentios nenhum direito
tiverão ao Ceo , e nenhuma esperan-
ça ; não se lhes faz injuria , nem el-
les devem ter pena. Vêde , meu Ami-
go , que a verdade vai sempre sobre
nadando a todas as difficuldades !

Brigad. Assim he , não vos posso negar
que tendes posto isso em hum ponto
de clareza , que eu não esperava ; mas
que razão podia ter Nosso Senhor pa-
ra especializar este terreno em que Vós
os Catholicos viveis , ás outras Re-
giões onde nunca se ouvio o nome do
Salvador ? Esta espinha sempre me em-
baraça , e afflige.

Theod. Este Privilegio não he do terre-
no , porque aqui mesmo nos Paizes
Catholicos morrem muitos sem Bap-
tismo , e ficam privados do Ceo : Aqui
mesmo ha muitos baptizados , que por
seus crimes são desherdados da Glo-
ria , e se perdem : ao mesmo tempo
que dos Paizes barbaros , e gentilicos
vemos vir cada dia por modos não es-
perados alguns , que tendo noticia do
Evangelho , recebem o Baptismo , e
herdam o Ceo. Com que , meu Ami-

go , não ha aqui favor feito ao terreno ; ha graça livremente feita a huns , mas não concedida a todos.

Brigad. Sempre me parece tal qual injustiça em Deos , por não conceder a todos essa mesma luz , que concede a alguns.

Theod. Não ha maior injustiça do que semelhante accusação. Quem jámais obrigou a hum Soberano a que não fizesse beneficio a ninguem , já que não os havia de fazer a todos ? Vós não tendes concordado comigo , que pela culpa de Adão ficou elle privado de todo o direito á Gloria , e que seus filhos nascendo já depois da desgraça do Pai , nunca tiverão tal direito ?

Brigad. Concordei.

Theod. Podia logo Deos não voltar jámais os seus olhos de clemencia para homem algum ; e isso sem a menor injustiça , ou crueldade ; assim como fez aos Anjos , em quem executou a sua justiça plenamente , sem perdoar a nenhum. O mesmo podia fazer nos homens : Dizei ; podia ? ou não podia ?

Brigad. Não o nego : bem podia.

Theod. Pois se o Senhor sem injustiça po-

podia não dar liberalmente remedio a nenhum homem , será injusto por dar liberalmente remedio a alguns ; ainda que nem todos se aproveitem d'elle ? Quem jámais foi cruel por fazer bem ? ou injusto por fazer mercês , além de toda a justiça ? Não he Deos , Senhor dos seus Dons para os dar , e conceder a quem muito quizer ? e isto sem que haja da parte delles o menor merecimento ? Se Deos só podesse fazer favores a quem lhos merecesse , seria escravo , e não Senhor ; porque ao Senhor sempre competio a liberdade em suas acções , quando não prejudicão a direito algum. Esta liberdade sómente he para fazer bem , a quem mais quizer ; ainda que lho não mereça ; mas não para fazer mal a quem lho não merecer : porque fazer mal a quem não tiver crime , he crueldade ; mas fazer bem a quem não tiver merecimento , he liberalidade.

Além de que , Deos não fechou a porta a nenhum filho de Adão para receber a luz do Evangelho ; e quanto he da sua parte tem franqueado a todos o serem seus filhos pelo Baptismo , e poderem por esta filiação ser her-

herdeiros do seu Reino. Não ha para elle distincção de Judeo , nem de Grego , de Barbaro , nem Romano. As suas riquezas a todos podem chegar , e as derrama com abundancia por hum modo universal , que a ninguem exclue: primeiramente , porque o Evangelho o mandou prégar por toda a parte ; em segundo lugar , porque os Sacramentos do Baptismo , &c. a todos se franqueaõ , se os desejarem. A sua Providencia tem brilhado no modo rápido , e suave , com que o Nome de Jesu Christo se tem annunciando em Regiões innumeraveis , e remotas ; servindo-se Deos humas vezes até da ambição dos homens , outras da sua crueldade , outras da verdadeira injustiça , e enfim de outros vicios dos homens ; vicios que Elle detesta , mas de tudo se serve para os fins da propagação da Igreja. Não ha parte consideravel no mundo , onde se não tenha annunciado o Nome de Jesu Christo. Primeiramente , não ha na Europa canto , ou recanto em que Elle seja ignorado. Na 'Turquia da Asia , onde o Salvador viveo , e morreo , e onde se veneraõ os Lugares santos , como

pó-

póde ser o seu nome ignorado? Nas Indias Orientaes, onde vive o commercio dos Europeos, he bem conhecido o Christianismo. Na China ha mais de vinte mil Christãos; e menos que isto bastava para que nesse Paiz dilatado este santo Nome não fosse desconhecido. Em toda a Tartaria Russa desde a Europa até o Cabo de Kantchastkâ a Religião he scismatica, e por conseguinte não se ignora a Christo: nas bordas da Africa sobre o Mediterraneo o odio dos Mouros faz o Christianismo conhecido; e quantos captivos detém lá os Piratas, tantas sementes tem o Evangelho.

Na Costa de Guiné, e Ilhas adjacentes, no Reino de Congo, Loango, Benguela, no Monomotapâ, e Rio de Sena, em Moçambique, Quijoá, Melinde, e Costa de Zanguebar, tem os Portuguezes plantado a Cruz de Christo, e a tem regado com sangue: nas Molucas, nas Philippinas, o commercio que tráz para a Hespanha as riquezas da terra, leva muitas vezes as do Ceo: e na America, quer Septentrional, quer Meridional sabemos que hoje tem feito grandes Conquif-

quistas o Evangelho. Quasi tudo o que vai do Rio das Amazonas , até o Rio da Prata está no dominio dos Portuguezes ; e o Paraguai se reparte entre elles , e os Hespanhoes ; e estes por todo o Chili , Perú , Velho , e Novo Mexico , e a California ; e os Inglezes por todas as suas Americas , e Canadá ; e os Francezes pelo Mississipi , buscando os interesses das suas nações , levão a noticia do Christianismo. Que mais quereis para que Jesu Christo não exclua nenhum terreno , e conheçais a franqueza de poderem todos ser seus filhos , e seus herdeiros. Por ventura (como já disse) não podia Jesu Christo passar sem se lembrar dos homens , como não se lembrou dos Anjos ?

Brigad. Podia.

Theod. Não podia lembrar-se de hum , ou dois , ou quatro , fazendo-os seus filhos , e herdeiros por Privilegio especialissimo ?

Brigad. Podia.

Theod. Logo póde sem injuria de ninguem chamar com especial empenho a vinte mil , ou quarenta mil , ou quantos quizer , sem chamar com especial empenho todos os mais. Que dizeis ?

Brigad.

Brigad. Não posso negar que assim he.

Theod. Logo com muita mais razão o póde Deos fazer , franqueando as portas da sua Igreja a todos ; e pela sua Lei firmemente estabelecida adoptar por filhos seus os que crendo nelle se baptizarem deste , e daquelle modo : e isto sem a minima injuria de ninguem , nem apparencia de crueldade , antes com summo louvor de todos : Dizei *sim* , ou *não* ? Lembrai-vos que vos tenho conjurado pela vossa honra a fallar com sinceridade.

Brigad. Não vos esqueceo essa palavra ! Conjuraes-me pela minha honra : ora digo que *sim* , *sim* , nisso verdadeiramente concordo.

Theod. E tambem não será injusto , se a alguns desses filhos adoptados , ou regenerados , a quem em virtude dos seus merecimentos tiver dado o direito á herança celeste , se os desherdar desse direito , e dessa herança por cometerem crime de Leza Magestade Divina , ou por lhe desobedecerem em materia grave ; assim como fazem muitos Instituidores dos nossos Morgados : que dizeis ?

Brigad. Quizera negar , mas não posso.

Theod.

Theod. Logo todos os que não são baptizados , ou que sendo-o , offendem a Jesu Christo , ficam sem direito á gloria : respondei , meu Amigo.

Brigad. Deixai-me com tantas consequências , que me fatigão muito.

Theod. Não deixo : por força haveis de concordar , e então tiro a ultima : logo he summamente conforme á Razaõ , e ás idéas que todos temos , que fóra da Igreja Romana não ha salvaçaõ : os Judeos , Mouros , e Pagãos porque não são filhos de Jesu Christo , por conseguinte não tem direito á sua herança : os Hereges , os Incredulos , os Impios porque são desherdados desta filiaçaõ , e herança por conta dos seus crimes pessoaes. E quanto aos Gentios , ou Pagãos que nunca tiverão noticia de Jesu Christo , digo , que ficaraõ fóra do Ceo por não serem seus filhos , e além disso atormentados sómente pelos seus crimes pessoaes ; e por não guardarem a Lei da Natureza , que nenhum delles ignora : só por isso he que haõ de ser atormentados , e á proporçaõ dos seus crimes serãõ os seus tormentos. Que me dizeis , Amigo ?

Baron.

Baron. Diz que já as arvores estaõ de raizes para o ar, e já fallaõ os rochedos : naõ he assim, Brigadeiro ?

Brigad. Naõ se póde disputar na presença de Senhoras ; que attacaõ de fórma, que hum homem de bem naõ se póde defembaraçar.

Baron. Naõ vos queixeis de mim : queixai-vos de que Theodosio vos penhorou a vossa honra, obrigando-vos com ella a naõ fallar contra a sinceridade. Ah meu Brigadeiro, se Vós nos vossos systemas discorresseis com a sinceridade, e miudeza, e solidez, com que aqui se discorre, naõ publicariéis tantos absurdos. Ora eu vos perdo-o as irrisões do principio, e sabei, que em quanto ha razões sólidas, naõ se combate com graças, e irrisões jocosas. Vamos buscar a nossa companhia, que supponho anda pelo bosque, e eu já ouvi rir a Madama vossa Esposa, vou buscalla, que sou bem sua amiga.

Brigad. Vamos : podeis tomar a borla de Doutora em Theologia.

Baron. Inda assim, naõ me affoitarei a atacar ninguem em materia de Religião, como Vós me fazieis a mim, mas inda bem, que estou bem vingada.

Brigad.

Brigad. Com gloria minha me vencestes, Senhora.

Theod. Com gloria, e com proveito; porque ficastes mais illustrado.

Brigad. Não o nego, Theodosio.

T A R D E XI.

*Sobre o Interesse, que Deos tem nas
nossas acções.*

Baron. **N**ÃO sabeis, Theodosio, o animo que me tendes dado com as nossas conferencias sobre a Religião; e o bem que me parece, que fizestes ao Brigadeiro. Hontem á mesa se excitou entre varios Cavalheiros huma questãõ, para mim nova; ácerca do interesse, que Deos tomava nas nossas acções, e huma Senhora (o peor he que era minha Tia, a Marqueza) seguia que Deos não se embarçava com as nossas acções; minha Mãi defendia o contrario; e o Brigadeiro fallava com huma moderação não costumada, ou fosse por não contradizer minha Mãi, ou fosse por
não

naõ ir contra os sentimentos da sua alma, porque nunca assentou na opiniaõ de minha Tia.

Theod. E essa Madama he pessoa de estudos?

Baron. Tem muitos estudos de bellas letras; e tem composto varias peças de Theatro.

Theod. Oh, isso he prova grande para ter attendivel voto na materia de Religiaõ, e conhecimento de Deos! Com que, já os Mysterios de Deos andaõ pelo Parnaso! He desgraça.

Baron. Quereis Vós que a desafemos para a disputa?

Theod. Por modo nenhum: eu naõ brigo com Senhoras, porque tem certas leis de Politica, que ataõ muito as mãos no discurso: agora se o Amigo Brigadeiro vier, podeis tocar-lhe na materia, e veremos o seu sentimento.

Baron. Creio que naõ vos podereis livrar do combate; porque ella naõ tarda: quero prevenir-vos; porque tem hum ar, sobre maneira, picante, e activo na disputa.

Theod. Se tem juizo sólido, e sabe aturar as consequencias do que tiver concedido, naõ a temo: posto que sem-

pre custa brigar com armas desiguaes , e a huma Senhora não se póde dizer o que se diz a hum Filósofo. Ahi a temos.

Marqueza. Já se sabe , que Vós , Baroneza , haveis de estar com as vossas Filosóficas delicias : em estando aqui Theodosio , já a Baroneza não apparece , encantada com as vossas doutrinas. Não me façais , Theodosio , voar tanto esta rapariga lá pelos ares , e astros , e Ceos que nos desappareça hum dia ; que não he para perder a sua companhia.

Theod. Senhora ; eu não posso deixar de fomentar o leu espirito curioso de indagar a verdade , sendo aliás a sua percepção tão clara , como Vós sabeis : E o que mais me obriga a servilla nesta materia , he vêr-lhe huma constancia summa em sustentar todas as consequencias , que legitimamente se seguem de qualquer proposição em que tenhamos assentado : porque , Senhora , Vós não sabeis quanto afflige a hum Filósofo disputar com almas de azougue , que na disputa não páraõ , nem tem consistencia , ora concedem , ora negaõ , dizem e desdizem ; e não sabe

fabe ninguem como possa haver-se com ellas.

Marq. Nada , nada ; isso não presta. As almas bem feitas não fallaõ fenaõ quando tem idéas claras ; e como não tem espirito servil , estaõ sempre cheias daquelle nobre enthusiasmo que a Natureza lhes forneceo , para buscar , e unicamente seguir a verdade , calcando as maximas do vulgo , e opiniões já corcomidas de velhas , e idéas rasteiras. Eu desespéro de almas pequeninas , que á maneira de formigas louras , em encontrando huma palhinha levantada no caminho por onde hiaõ , já ficaõ atarantadas , e voltaõ buscando outra estrada. As almas grandes , e generosas saõ como as Aves que cortaõ pelos ares direito , sem se verem obrigadas a caminhar pelos torcicólos das estradas , por onde vai a gente de pé. A verdade , meu Theodosio , he o unico objecto , que deve amar hum engenho grande : authoridade , costume , preocupações , tudo isso he palha , que se deve lançar ao vento. Que me dizeis , Baroneza ; não sois deste voto ?

Baron. Assim me tem creado Theodosio ; e Vós não podieis achar hum ef-

pirito mais conforme ao vosso ; porque em todas as instrucções , que me tem dado , sempre vi , que se não atava á opinião deste , ou daquelle ; nem ainda ás communs de certos tempos : fallar-lhe a elle na belleza da verdade , he tocar-lhe na técla unica , que lhe faz consonancia.

Marq. Sendo assim , Theodosio , conversaremos com gosto , e communicando-nos mutuamente as nossas idéas , mutuamente nos enriqueceremos hum ao outro ; pois não sendo Vós escravo de opiniões velhas , não estranhareis se virdes , que eu penso com novidade.

Theod. A informação , que de Vós me tinha dado a Baroneza , e o que eu alcanço pelo que aqui tendes dito , me faz estimar esta occasião de aprender de Vós ; e vos seguro que não achareis amante mais firme da verdade do que Theodosio : porém , Senhora , haveis de dar licença ao meu espirito sincero , que vos declare o meu receio de entrar comvosco em discussão alguma ; porque o caracter de Senhora impoem hum tal respeito a hum homem bem criado , que não póde discorrer com

a liberdade , que temos os Filósofos huns com os outros , ou com a Baroneza , cujo carácter de Discipula dá confiança tal , que compensa bem o acanhamento que inspira o de Senhora.

Marq. Não , não ; Theodosio , isso não quero eu : os que me lisongeaõ , me fazem o favor de dizer que eu tenho espirito masculino em corpo de mulher : com que , na disputa eu sou Marquez , não me trateis como Senhora , e fiquemos nisto : escolhei a materia da nossa conversação ; e vereis como me porto.

Baron. Eu escolho : Seja o que Vós , minha Tia , dissestes hontem á meza , que Deos não se embaraçava cá com as nossas acções , e que quer boas , quer más , para Deos tudo era materia de desprezo.

Marq. Se Theodosio tem engenho nobre , como eu cuido , tambem ha de ser desse sentimento. Que me dizeis ?

Theod. Senhor Marquez , não concordo : Vós rides ! Tomo a licença que me destes , dizendo , que na disputa ereis Cavalheiro , e não Senhora.

Marq. Fazeis bem , fazeis bem ; gosto ditto : mas vamos ao ponto : e porque não concordais comigo ? *Theod.*

Theod. Porque não dou sentença sem vêr os autos : dizei Vós , Senhora , o motivo que tendes para esse sentimento ; e se for mais forte do que eu tenho para o contrario , eu cederei ; mas se o meu for mais convincente , pelo voffo mesmo admiravel systema , e pela vossa mesma palavra , vos concordareis comigo. Dizei Vós primeiro.

Baron. Está posto em razão : o primeiro lugar sempre se deve ás Senhoras : correi Vós , minha Tia , a primeira lança ; veremos com que escudo se defende Theodosio.

Marq. Dizei-me Vós , Theodosio , não devemos nós fazer de Deos a Idéa mais nobre , e mais elevada , e mais digna da sua Infinita Grandeza , que pudermos ?

Theod. Devemos.

Marq. Bem está (figo meu Cavalheiro , este methodo sintético , porque disputo com homem mathematico ; e he o mais seguro para conhecer a verdade) e Vós quereis isto.

Theod. Approvo.

Marq. Logo devemos julgar de Deos , como julgamos das pessoas maiores , e mais elevadas , que temos no mundo.

do. Ora , os Grandes não se embaraço com ridicularias , e o seu entendimento sómente se occupa de objectos nobilissimos , e dignos de entrarem no gabinete do seu entendimento. Assim os objectos que rólaõ no pensamento dos Grandes , e entretem os seus cuidados , são cousas tambem mui grandes ; e á proporção que Vós ides descendo pelo Throno abaixo , ides encontrando cuidados sobre cousas mais miudas , e rasteiras ; até que chegando aos ultimos criados da cavalherice , ahi achais cuidados sobre este cavallo , ou aquelle , se precisa de ser ferrado , ou não , &c. De fórma , que he indécen-te ao Throno ter cuidado das cousas vis. Dizei-me , Theodosio : Se o Imperador da China , Senhor de vastissimos Dominios , que estaõ nos seus Estados , estivesse mui afflicto porque duas formigas , lá em hum boraquinho escuro de Nankim , ou de Cantaõ , estavaõ ás bulhas sobre hum graõ de trigo , a qual o havia de levar para o seu celeiro ; e porque a segunda por ser mais valente , o roubava á primeira , depois de estar de posse d'elle ; se elle Monarca perdesse o somno por esta

esta grande desordem dos seus Estados, que diries Vós deste Imperador?
Theod. Que era hum pobre homem.

Marq. Bem está : logo do mesmo modo devemos discorrer de Deos : por quanto em comparação de Deos todos nós, e ainda os maiores Monarcas somos humas mui pequeninas formigas. Mais distancia vai de nós a Deos esse Ser Supremo, e infinitamente Infinito, do que entre as formigas de Cantão, e o grande Imperador da China; e se Vós achais indigno do Imperador, que elle se embarace com as bulhas, e injustiças de duas formigas entre si, mais indigno he de Deos o embarçar-se com os furtos, e outras acções dos homens. Que me dizeis, Baroneza? Eis aqui porque eu hontem na meza fallava deste modo. A Vós, que sois huma rapariga, não me cunço de dar razão do meu dito, porque nem todos são capazes de entender tudo; a Theodosio sim, que elle sabe bem sustentar (como disse) as consequencias de huma Maxima bem assentada : assentando pois neste principio de que ninguem duvida de que he indecente á grandeza das pessoas a

vileza dos cuidados , segue-se que sendo os homens , e suas acções objectos vilíssimos a respeito da Divindade , vem a ser indecentíssimo , que Deos no seu altíssimo Throno dos Ceos se embarace com o que fazem estes bichinhos que chamaõ *homens* cá neste globosinho da terra. Que dizeis , Theodosio ?

Theod. Digo , que ainda Vós podeis amplificar mais o vosso argumento com o que tendes diante dos olhos : não reparais no vosso filhinho , que está naquella varanda brincando com seus Primos , todos á roda de huma carapeta , a qual a ha de fazer bailar mais direitinha ; e chorando ha pouco porque a de seu Primo durou mais tempo que a sua : cuidados proprios daquella idade ; mas que seriaõ improprios de Vós , ou de qualquer de nós outros , e mais improprios do gabinete dos Soberanos , e grande Conselho de Estado ? Donde se tira a maxima fundamental , que Vós pondes , que á proporçaõ , que cresce a grandeza dos personagens , cresce a indignidade de que se occupem com cousas vís , e abatidas.

Baron.

Baron. Por certo , que seria cousa bem galante , se sahisse da Corte depois de muitos Conselhos de Estado hum Decreto para que fosse queimada a carpeta do pequeno Chevalier , porque não bailou taõ direita , como devia.

Marq. Pois entaõ mais ridiculo será dizerem , que Deos manda queimar hum bichinho da terra , a que chamaõ homem , porque não andou taõ direito nos seus costumes como devia : Que dizeis , Theodosio ?

Theod. Não vos podeis queixar de que eu affogasse o vosso argumento , ou quizesse illudillo.

Baron. Eu vejo-vos , Theodosio , taõ defaffogado , que não mostrais receio de que vos vençaõ , e lancem por terra : estou impaciente de vos ouvir a resposta. Dizei pois : Concordais com minha Tia ?

Theod. Certamente não ; e mais bem vêdes que dei corda ao argumento. Ora , Senhores , ouvi-me com a mesma attençaõ , que eu tive ; e respondei-me com a mesma sinceridade , que por certo a materia he gravissima , e gravissimas as consequencias della : perdoai-me se for vagaroso nos meus passos ,

fos , porque quero ir bem seguro.

Marq. Podeis tomar bem sentido nos patios que dais , que não vos hei de deixar pôr pé em falso , sem vo-lo dizer bem claramente.

Theod. Isso quero : vamos. Esse principio , em que fundais o vosso argumento , que he bem verdadeiro , de que as pessoas grandes não cuidão em cousas pequenas , funda-se em que não póde a nossa intelligencia applicar-se a tudo ; e quanto mais attende a cousas vis , quanto menos dá attençaõ a cousas térias , e de importancia : daqui vem , que os criados de infima ordem devem applicar-se a cousas minimas , porque tem a cabeça defoccupada de cousas maiores : o que não acontece aos Mordomos , e Criados da primeira ordem ; pois nestes a obrigação he sómente de cousas mais graves ; mas com tudo nunca cuidão daquellas que só pertencem aos senhores. De fórma que se tem por materia de grande louvor quando huma pessoa grande , e muito grande póde ao mesmo tempo tratar negocios de ultima importancia , e attende até ás minimas miudezas de sua propria casa.

Marq.

Marq. Isso he mui raro.

Theod. Não duvido ; mas prova merecimento grande por isso mesmo , que he taõ raro ; prova grande , esféra , pois a não ser ella mui grande todo esse lugar que occupaõ as cousas rasteiras , seria tirado a negocios de maior importancia : Quando a attençãõ que se dá a huma cousa , não tira a que se dá a outra , a multiplicidade de objectos , em que cuidamos , he perfeiçãõ , e não defeito. Que perfeiçãõ não he no Sol poder ao mesmo tempo illuminar os Planetas , assim como illustra toda a terra , e ao mesmo tempo favorecer com a sua luz o humilde caracol , que sahindo da sua casca , a elle se aqueça.

Se o Sol occupado com estas humildes bagatellas faltasse a esse nobilissimo emprego de trazer em hum giro todos esses Planetas , e Cometas , e esclarecer toda essa Região immensa , de que elle he como a alma , seria grande imperfeição : porém Vós bem vêdes que para o Sol seria o mesmo , que se multiplicassem muitos mundos , ou que este se aniquillasse : elle igualmente rico , e benevolo , para todas

as partes enviaria igualmente os seus raios , sem que a profusaõ de luz pelos novos mundos diminuisse em nada a que este nosso mundo recebia ; nem tambem redundasse em beneficio de hum mundo , o naõ precisar o Sol de attender a outros.

Marq. Naõ explaneis mais esse ponto, que o que Vós dizeis , he sem controversia.

Theod. Naõ succederia assim a huma tocha acceza ; porque se lhe fosse preciso dar luz em varias fallas , seria necessario deixar ora esta , ora aquella para illuminar as outras ; e quanto mais se multiplicassem as fallas , que deviaõ ser allumiadas por huma tocha , mais prejudicadas ficavaõ as que necessitavaõ dessa luz.

Marq. Tambem nisso concordo. Mui escrupuloso sois , pois caminhaes taõ de vagar.

Theod. Nada he superfluo : e daqui tiro huma consequencia , que de diverso modo se deve discorrer da luz quasi infinita do Sol , e da luz limitada de huma tocha : creio que concordais ?

Marq. Sem a menor dúvida.

Theod. Logo do mesmo modo havemos de discorrer mui differentemente da Intel-

telligencia de Deos , que he infinita , e da intelligencia de hum homem , que sempre he limitada. Em Deos , he perfeição essencial ver tudo , saber tudo , estar presente a tudo , não ignorar a minima cousa , que exista : assim como he perfeição do Sol illustrar tudo ; e seria ainda o Sol mais perfeito , se tudo penetrassem os seus raios , sendo para elle todos os corpos transparentes. Mas em hum homem seria imperfeição applicar-se as cousas ridiculas , porque isso provava que nada se applicava a cousas serias , e de importancia ; pois sendo a sua capacidade limitada , tudo quanto fosse attender a humas cousas , era dar menos attenção a outras.

Baron. Minha Tia , façamos justiça á verdade : esta resposta satisfaz.

Marq. Sois facil de contentar.

Theod. Não respondais ainda , Senhora , que não he tempo. Pergunto se seria perfeição no Imperador da China , o saber (sem se cançar) tudo quanto succedia no seu vastissimo Imperio ? Reparai , Senhora , que digo *saber* , e não digo *estudar* , ou *examinar* , ou *esquadrinhar*. Qual seria mais glorioso ?

fo? hum Principe , que tivesse tal intelligencia , que soubesse tudo , até as minimas cousas , sem cançar a sua cabeça em as examinar , ou outro que nada soubesse , senão de cousas grandes ?

Marq. Sem dúvida , que sempre o saber foi maior perfeição , do que ignorar , ainda que seja ácerca do mais pequeno objecto.

Theod. Dais logo licença , que estabeleçamos esta maxima , que

I. P R O P O S I Ç A Õ .

Deos vê , e conhece todas as nossas acções , pensamentos , e desejos.

Marq. **S**ENDO Deos huma collecção de tudo o que he perfeição , sem o minimo defeito , nem imperfeição ; e sendo sempre maior perfeição o saber , do que o ignorar , segue-se que Deos tem perfeita , e clarissima intelligencia de todas as nossas acções. Disso nunca duvidei.

Theod. Bem estamos : Agora accrescento outra proposição , *que Deos vê tudo sem o menor canção.* Antes que Vós concedais , ou duvideis desta maxima ,
que-

quero por honra minha fallar sobre isso ; porque nem todos tem o juizo tão vivo , e perspicaz como Vós , Senhora , que com hum simples olhar vêdes o que outros não alcançaõ sem muita reflexão.

Naõ he Deos como nós , nem pensa como nós pensamos. A circumstancia da uniaõ com esta massa corporea , que temos , nos cança no pensar : como Vós sois instruida na Psicologia , ou Sciencia da alma , posso , e devo fallar-vos levando o discurso desde as suas mais profundas raizes. Naõ pôde a nossa alma discurrir sem que o nosso cérebro trabalhe : eisahi porque tudo o que ou impede , ou facilita os movimentos do cérebro impede , ou facilita a intelligencia da alma. O vinho moderado esperta o cérebro , e dá aos Poetas novo fogo , e enthusiasmo ; sendo nimio o perturba , carrega , e opprime , e nos tira o uso da Razaõ : tambem o leite , a comida abundante , ou o somno saõ inimigos do discurso agudo , e delicado ; não porque a comida , ou bebida tenha acção sobre a alma ; mas porque embotta , entupe , e faz inutil o cérebro ; e
sem

sem que este trabalhe como he razaõ ; a alma nada póde fazer : deixai dormir o homem , e fazer perfeita digestaõ , se quereis que vos ajuste hum calculo , ou discorra com segurança. Disto ninguem , que tenha feito estudo sobre as acções da alma póde duvidar ; e daqui nasce o cansaço da cabeça , quando a sua applicaçãõ he nimia , ou por diuturna , ou por multiplicada , ou por ser mui escura a materia. Nada disto póde cahir em Deos , cujo modo de entender , e saber naõ he acompanhado de trabalho do cérebro : Por conseguinte podemos pôr estoutra

II. PROPOSIÇÃO.

Deos tudo vê , e sabe sem cansaço.

Marq. **N**Esse modo de discorrer com passos taõ pequenos , e taõ seguros , se fazeis honra ao vosso juizo , fazeis injuria ao meu. Nunca viria ao pensamento de ninguem duvidar disso.

Theod. O aviso , que me fizestes , me faz acautellar nos meus passos , que para serem seguros , devo ir de vagar , e apalpando. Accrescento agora :

III. PROPOSIÇÃO.

Deos nos deo a luz da Razaõ para que a seguiffemos.

A Liás Deos obraria por hum modo indigno. Para que deo o Creador olhos ao homem , fenaõ para vêr , e governar-se pela vista para os seus passos ? Para que lhe deo ouvidos , fenaõ para ouvir , e governar-se pelas vozes , ou estrondos ? &c. Logo tambem deo a luz da Razaõ ao homem para que o homem governasse por ella as suas acções ; aliás obraria sem fim , como fazem os tontos. Supponho que concordais nisso.

Marq. E suppondes bem.

Theod. He logo essa luz da Razaõ huma Voz Divina , que nos aconselha , que façamos esta , ou aquella acção , e nos prohibe outras ; por quanto o mesmo he pôr Deos na minha alma esta Voz , que me ensina em todos os casos , do que ensinar-me elle mesmo.

Baron. Que he Voz Divina se conhece bem , como dizeis , porque Deos a poz na nossa alma quando a creou ;

e tambem porque Vós em outro tempo mo provaveis ; a saber , porque ao homem he impossivel fazer calar essa Voz , por mais que elle se empenhe , e se esforce. Hum homem apaixonado , tanto que começa a esfriar o fogo da sua paixãõ , que tratos não dá ao seu juizo para que a sua razaõ approve o que a paixãõ lhe aconselha ? forma mil discursos , faz invectivas , préga-se a si mesmo , pondera mil razões a favor , ou verdadeiras , ou falsas ; mas a luz da Razaõ está sempre dizendo *Naõ*. Toma pareceres , para que os juizos alheios façãõ calar o seu proprio , o qual não he possivel que approve o que a paixãõ quer : não busca votos indifferentes , e inteiros , busca-os flexiveis , e em vez de esperar a sua decisaõ sincera , os previne , formando-lhe hum longo arrazoado a favor da sentença , e voto que pertende ; ora a pezar de tudo isso a luz da Razaõ não póde calar-se , e a Voz interna o condemna , e diz *Naõ , naõ , naõ*. Ora sendo esta Voz superior a toda a força humana , deve ser tida por Voz Divina.

Marq. Sendo a Razaõ humana hum raio

da Divindade, que sabindo da Razaõ eterna vem illuminar o nosso entendimento, tudo o que diz este raio da Divindade, a mesma Divindade o diz; e assim concordamos todos, que

IV. PROPOSIÇÃO.

A luz da Razaõ he a Voz de Deos.

Theod. **M** Al sabeis quanto estimo esta vossa Proposiçaõ: e juntandolas, digo assim: Deos vê, e sem cansaço todas as nossas acções (Prop. 1. e 2.) e para as governar nos deo a luz da Razaõ em ordem a que a seguíssemos (Prop. 3.) de forma que esta luz da Razaõ se deve reputar por Voz de Deos: Logo se esta luz da Razaõ approva humas acções, e reprova outras, como todos experimentaõ, segue-se, que Deos approva humas acções das nossas, e reprova outras.

Marq. Vós me enredais por hum modo, que eu me vejo hum tanto inclinada; mas sempre me parece indecente abater-se o Ente Supremo a cuidar em ridicularias.

Theod.

Theod. Já vos respondi, Senhora, porque isso era indecente a hum Principe, e em Deos era perfeição; porque em hum homem esse cuidado em cousas minimas provava falta de attenção ás grandes; e em Deos a perfeição infinita o obriga a nada ignorar, e tambem a não ter no conhecimento das cousas a minima fadiga, ou cansaço.

Baron. Assim he; ja nos satisfizestes a essa difficuldade, que me affustou ao principio.

Theod. Reflecti, Senhoras, nisto que digo: Quem formou a constructura do homem, e os seus sentidos externos, e internos? Quem formou esta harmonia evidentissima, mas inexplicavel do cérebro com a alma? Sem dúvida que foi Deos, e mais ninguem, pois nós não conhecemos na collecção de creaturas, que se chama Natureza, cousa alguma, que tenha o juizo, astucia, sciencia, e poder para formar o entendimento de hum homem: creio que concordais nisto ambas Vós.

Marq. Concordamos, sem escrupulo.

Theod. Pois, Senhora, se não he indigno de Deos, nem indecente, que com as
suas

suas mãos (a noſſo modo) formáſſe com tanta intelligencia , e ſabedoria inimitavel a cabeça de hum homem com intelligencia , e liberdade ; ſerá indigno o querer , que eſſa cabeça ande nos ſeus movimentos internos como elle deſignou no plano da Razaõ , e que lhe riſcou quando a fez ? Vamos á comparaçaõ do Imperador da China. Se vos conſtaſſe que elle com muita habilidade tinha formado com a ſua propria maõ huma formiga viva ; terieis por indigno delle goſtar que a formiga ſe movesſſe ſegundo o plano que tinha formado para os ſeus movimentos , quando ideára eſſe insecto ? D zeí , Senhora , com ſinceridade.

Baron. Vós , minha Tia , rides ! Theodofio quer huma reſpoſta clara.

Marq. Pois dai-lha Vós. Concordai com elle , e ficareis ambos ſatisfeitos.

Theod. Eu o não fico ſem a voſſa reſpoſta , Senhora. Do ſentimento da Baroneza eſtou bem certo ; do voſſo he que eu queria certificar-me. Bem ſabeis que a hum Filoſofo não eſtá bem depois de puxar pela eſpada do diſcurſo , ſenão ou vencer , ou ficar vencido : quero ſaber como fico , ſe prof-
tra-

trado, se victorioso. Tenho gostado de disputar com vosco, porque estou vendo a través da vossa estudada dissimulação, que sentís todo o pezo da Razaõ, e a força de huma legitima consequencia; o que não succede facilmente com outros contendores.

Marq. Theodosio, sabeí, que por agora não me occorre resposta aos vossos argumentos: eu meditarei mais nisso; e se me ocorrer soluçaõ, eu vos buscarei: agora converssemos em outras materias. Dou-vos o parabem, Baroneza, de terdes hum mestre como Theodosio: agora deixai-me retirar, que lá fóra tenho companhia que me espera.

Baron. Daqui a pouco seremos com vosco, deixai-me reflectir cá com Theodosio mais hum pouco nesta materia, que para mim he nova.

Marq. He justo: filosofai quanto quizerdes.

Theod. Ainda nos faltaõ, Baroneza, outros argumentos menos especulativos, porém mais sensiveis, e fortes.

Baron. E quaes saõ?

Theod. Supponde que era verdade o que vossa Tia pensava, e que Deos não se embaraçava com as nossas acções,

e que cada qual era senhor despótico dellas , que horrivel confusão haveria em todo o mundo ! Ponde a vossa familia com esta plena liberdade de cada qual fazer o que muito quizer , sem que Deos , nem creatura alguma se embarace com a sua despótica vontade ; que confusão , que horror seria a vossa casa ?

Baron. Sempre meus Pais haviaõ de ter direito sobre as acções de seus filhos , e dos criados a quem pagaõ , e a quem sustentaõ.

Theod. Por modo nenhum : Ora attendei-me. Se Deos que he Pai de hum modo muito mais forte do que aquelles que nos geraraõ , naõ tem nisso cuidado nenhum (segundo o sentimento desses meus senhores) como podem os Pais que nos geraraõ , ter authoridade sobre as nossas acções ? Primeiramente a nossa alma bem sabeis Vós que toda nasce do seio da Divindade , e que nem Pai , nem Mãi tiveraõ acção alguma sobre a nossa alma , porque he substancia espiritual creada do Nada ; pois nem nasceo de outra alma , nem tambem de materia : por conseguinte só de Deos immediatamente

te

te podia nascer. Daqui se vê já que o modo, com que Deos nos deo o fer, he muito mais rigoroso do que o dos Pais : vamos agora ao corpo. Quem organisou o corpo humano ? Dizei, Baroneza ; discorrei com toda a liberdade ; mas não digais cousa contra a vossa boa Razaõ.

Baron. Eu o digo : O corpo do primeiro homem foi organizado por Deos immediatamente ; mas os corpos dos mais homens foraõ organizados por seus Pais.

Theod. E como ? Se os Pais nunca souberaõ anatomia , nem a fabrica do corpo humano , nem a construcção do minimo orgaõ delles ? Direis que organisou hum Relogio quem nunca soube de que rodas constava hum relógio ? que organisou hum orgaõ , ou qualquer outra cousa , quem nunca vio de que partes se compunha , nem como se dispunhaõ , e proporcionavaõ ? Direis que o Lavrador que semeou huma planta he quem a organisou ? Elle a plantou , e regou ; o Sol a fez fermentar ; mas nunca houve Filosofo que dissesse , que o hortelaõ tinha formado a admiravel organisação de qual-
quer

quer planta : pois muito menos o podereis Vós dizer de qualquer animal , por ser nelles a organisação muito mais admiravel , e incognita a seus pais. Direis que hum cavallo dispoz , armou , e dirigio a organisação de hum potro ? Muito menos logo o podeis dizer do homem , que naõ tendo luz da Anatomia , naõ sabe de quantos ventriculos consta o coração.

Baron. Vejo que disse hum disparate , cuidando que dizia huma cousa indubitavel. Adiante.

Theod. Logo se Deos sendo Author da alma , e o Director da organisação do corpo , naõ querem que tenha direito para se embarçar com as nossas acções , e que podemos fazer o que muito quizermos sem que Elle se escandalize , nem alegre ; sem que approve nem reprove ; com que razaõ esse direito que negais a Deos , quereis Vós dar a vossos pais ?

Do mesmo modo argumento para os criados : a paga , e o sustento , que vossos pais daõ aos vossos criados , naõ tem comparação com o sustento , que Deos dá a todas as suas creaturas , nem com os beneficios , que cada mo-

men-

mento delle recebemos. Logo se estes dois titulos de soldada, e sustento daõ direito a vossos pais para poder governar as acções dos vossos criados, quem o ha de disputar a Deos? E se o negarem a Deos, como esses Filosofos dizem, quem supportará a inconsequencia de o dar ás creaturas?

Senhora, bem vêdes que quem quizer admittir a extravagante opiniaõ, que seguia a Senhora Marqueza, atira comfigo por huma ribanceira abaixo, para se despedaçar em mil despenhadeiros de absurdos.

Baron. Naõ vos canceis mais, que eu estou persuadida, e naõ acabo de admirar-me, que haja homem de juizo, que soffra no seu pensamento idêa taõ absurda.

Theod. Naõ vos admireis, Baroneza; porque o appetite de pensar com novidade, e de se fazer admirar, e de franquear a liberdade de costumes, he huma comichaõ indizivel do espirito esquentado; o qual naõ consente reflectir nas consequencias: olha para o pensamento novo, bello, brilhante; manifesta-o logo enfeitado com quatro galantarias de hum engenho vivo,

e engraçado , e fecha os olhos ás con-
sequencias ; e se- alguém o aperta ,
naõ se responde , senaõ com hum sur-
rifo energico , e com hum *Quem sa-
be ?* acompanhado de certo geito , e
se daõ por desfeitos os mais sólidos
argumentos.

Baron. O caso he , que eu pela expe-
riencia conheço , que assim he ; e que
quem mais graça tem , melhor respon-
de. Deos queira que minha Tia faça
reflexaõ , e caia em si.

Theod. A estas horas já ella está bem in-
teressada no jogo , e bem pouco se lhe
dá dos argumentos , que lhe fizemos.
Naõ sejais assim : Considerai , e refle-
cti , e naõ tenhais a insupportavel ma-
nía de vos agradardes de tudo o que
he novo , ou referido com graça , es-
pecialmente se saõ cousas que jogaõ
com Deos , e com a Felicidade Eterna.

Baron. Muito vos devî sempre , Theo-
dosio ; mas agora mais do que nunca.
Vamos a passear , que hoje naõ que-
ro a companhia brilhante das mais
senhoras ; porque naõ acabo de admi-
rar a facilidade com que se admittem
absurdos horrendissimos , e de conse-
quencias da maior importancia.

T A R D E XII.

*Sobre o Culto devido a Deos Interior,
e Exterior.*

Baron. **N** Aõ posso soffrer, meu Ba-
lio, a mófa que voffo Ir-
maõ fez hontem, quando me encontrou
fahindo da Capella, com algum final
de compunção, porque acabava de af-
fistir ao tremendo Sacrificio do Altar.

Balio. Senhora, eu naõ posso desculpar
meu Irmaõ na grossaria com que vos
tratou: siga elle o que quizer na ma-
teria da Religiaõ, nunca he permit-
tido a hum Cavalheiro o insultar hu-
ma senhora, principalmente nos pon-
tos em que o Fanatismo tem ganha-
do sobre os coraçõs femininos hum
total imperio. Eu nunca vos fiz se-
melhante incivilidade, ainda que naõ
discorde muito dos sentimentos de
meu Irmaõ.

Baron. Agora vejo, Theodosio, que Vós
naõ vos enganaveis. Pois com effeito,
meu Balio, Vós concordais com voffo

Ir-

Irmaõ nos sentimentos , que elle tem ácerca do culto de Deos ! e dizeis que Deos não se embaraça com as nossas adorações , nem obsequios ?

Balio. Eu , minha Senhora , seguirei o que vos agradar , porque não estou em lugar público , nem obrigado a dizer os meus sentimentos ; e assim posso dar á politica , e á amisade alguns direitos , que a sevéra Filosofia em outras circumstancias nega.

Theod. Pois eu , meu Amigo , julgo que a Baroneza teria por prova de amisade , se Vós (sem tomar fogo , nem fazer disto materia de enfado) lhe dissesseis os motivos que vós outros tendes para julgar que a Deos he bem escuzado o nosso culto , não só o Externo , mas tambem o Interior ; por quanto tem particular desejo de examinar fundamentalmente estes pontos.

Baron. Certamente : não porque eu duvide ; mas porque estas disputas na presença de Theodosio me dão huma grande luz , e esta me dá grande consolação na minha crença ; e (se he possivel) duplica a firmeza da minha Religiaõ. Assim ; eu vos rogo , que nos exponhais todas as razões , para cha-

mar

mardes com alguma incivilidade (perdoai-me Balío) chamardes Fanatismo á nossa crença firme nos pontos da Religiaõ.

Balío. Escapou-me essa palavra, que eu quiz reprimir, mas já não era tempo: porém, como sois tão benigna, podeis disfarçalla.

Theod. Dizei pois, Balío, porque julgais que Deos nem quer, nem approva, nem faz caso algum do nosso Culto, ainda o mais religioso?

Balío. Eu não sei se a Baroneza se enfadará de eu dizer o meu modo de pensar tão dissonante do seu: mas se prometteis, Senhora, não vos escandalizardes, eu o direi francamente.

Baron. Prometto não me enfadar, com tanto que Vós sejais homem racional, e que soffrais que de huma proposição se tire huma consequencia, e desta outra, e que se não tiverdes garganta para tragar as ultimas consequencias, vos resolvais a lançar fóra os principios donde ellas sahiraõ, se as tiverdes tragado.

Theod. Adivinhastes, Senhora, o que eu queria dizer, porque todo o homem, que se préza de o ser, tem obriga-
ção

ção de abraçar todas as consequências ; que se seguirem legitimamente de huma maxima , se a julga por verdadeira , e a tem abraçado.

Balío. Nisso estou , e me envergonharia do contrario.

Baron. Pois então , meu Balío , podeis fallar , porque ainda que os ouvidos se me horrorizem ao principio , espero que no fim Vós pensareis por modo differente.

Balío. Sendo Vós , Senhora , minha catequista , farei docil a deixar-me persuadir.

Theod. Dizei pois a razão dos vossos sentimentos.

Balío. Deos he huma cousa tão alta ; tão sublime , e tão superior á nossa esféra , que tudo o que for assemelhallo a nós , he fazer-lhe injuria. Nem os sentidos nos podem dar idéa alguma , que o não offenda ; nem o entendimento fazer conceito , que lhe não seja injurioso : assim todo o Culto , que lhe queiramos dar , lhe he materia de desprezo , e nenhum caso delle póde fazer.

Baron. Antes que passeis adiante , explicai-vos, se fallais do Culto exterior,
em

em que o Pagaõ, o Judeo, o Mahometano, e o Christaõ differem; ou se tambem fallais do Culto interno, com que toda a creatura se deve humilhar na presença de Deos, que a creou, e desejar venerallo, ao menos no seu coração.

Theod. Naõ atalheis, Senhora, o Balio, que na força do discurso bem se ha de conhecer o sentido, em que falla, que he excluir todo o Culto até o interno, porque se funda na superioridade do Ser supremo á nossa vilissima condição; e esta superioridade o obriga a desprezar tudo o que for nosso, tanto externo, como interno.

Bal. Assim he, e nisto tenho dito o que basta.

Theod. Basta para a vossa franca confissão; mas não basta para a nossa curta intelligencia; e assim peço licença para varias perguntas. Dizei-nos: Esse Ser supremo infinitamente superior á nossa intelligencia, he o que nos creou?

Bal. Sem questaõ: Elle foi o nosso unico Creador.

Theod. Bem estamos; e creio que esse mesmo Senhor, naõ obstante a sua infinita superioridade, formou, e traçou

a idéa de tudo quanto em nós fez ; a alma , o corpo , as potencias , e os sentidos , tudo he obra sua. Ora por ventura não foi Elle quem se abaixou do altissimo Throno da sua inacessivel Divindade , para pôr as suas mãos nesta obra sua , que se chama *Homem* ?

Bal. Certamente Elle nos formou , e sómente Elle ; e ninguém o ajudou nesta obra das suas mãos , e da sua Inteligencia ; pois a summa delicadeza , sabedoria , e ordem , que apparece em nós , só de Deos podia nascer ; e eu não posso negar , que somos obra das suas mãos , e da sua suprema Sabedoria.

Theod. Vejo que dizeis como nós. E pergunto mais : Se esse Deos he quem poz em nós essa *Luz da Razaõ* , que tanto nos distingue , e faz superiores a todas as demais creaturas ?

Bal. Sem duvida.

Theod. Mas eu nesta *Luz da Razaõ* , que o supremo Ser nos deu , comprehendo não sómente a luz da intelligencia , e força de combinar , deduzir huma verdade de outra , &c. ; mas entendo tambem esta Voz interna , que nos diz : *Isto he bom ; estoutro he máo : tu deves fazer isto , e resistir áquillo* , &c. Entendo

tendo esta Voz intima , que todos os homens ouvem , e que muitas vezes quereríamos não ouvir. Entendo esta Lei intima , que nos ensina , reprehende , argûe , louva , &c. , e nos serve mil vezes de freio. Tudo isto entendo debaixo do nome *Luz da Razaõ* , ainda que , fallando com mais propriedade , podiamos distinguir estas duas cousas , chamando á primeira *Entendimento* , e á segunda *Lei Natural*.

Bal. Não nos embaracemos com nomes ; como essa Lei Natural he a *Voz da Razaõ* , que nos ensina o caminho das nossas acções , se póde chamar *Luz da Razaõ* , que nos mostra esse mesmo caminho , que a *Voz da Razaõ* ensina.

Theod. Pergunto pois agora : Se essa *Luz da Razaõ* , ou *Voz da Razaõ* , ou *Lei Natural* foraõ plantadas por Deos na nossa alma ; ou se foraõ postas nella por alguma creatura ?

Bal. Não me supponhais tão ignorante , que mereça perguntas semelhantes. Que creatura póde haver que tivesse força para plantar nas almas de todos os homens essa Lei unanime , e constante ? e gravallas em nós tão profundamente , que nenhum esforço possa

haver, que seja bastante para a apagar?
Baron. Não sejas tão escrupuloso, Theodosio; o Balio diz, que Deos, e só Deos podia pôr em nós essa *Lei*, essa *Voz*, essa *Luz*. Elle nos manda pela *Lei*; Elle nos allumia pela *Luz*; Elle nos falla por essa *Voz*: Não dizeis isto, Balio?

Bal. Nunca tive mais fiel Interprete. Isso digo, e isso diz todo o homem de juizo.

Theod. Como fallo com hum grande Mathematico, vou pelo estylo Geometrico, dando passos pequenos, e seguros. Isto posto, pergunto mais: E podia Deos pôr na nossa alma essa *Lei*, e *Voz* constante, sem ter algum fim? Podia por ventura obrar sem fim?

Bal. Isso não, que de todo o homem cordato he indigno obrar sem fim, quanto mais será isso indigno de Deos.

Theod. E que fim podia Deos ter em plantar na nossa alma essa *Luz*, ou em nos fallar por essa *Voz*, ou em nos mandar por essa *Lei*? Julgo eu, que quem manda, he sempre com o fim de que lhe obedeçaõ: quem falla he com o fim de que o attendaõ: quem allumea he com o fim de que sigaõ o bom, fugindo

gindo do máo caminho , que a luz lhe descobre.

Bal. Nisso concordo eu , e todo o homem de juizo ha de concordar.

Theod. Ora que cousa póde haver mais conforme á *Voz interior* , que nos falla , e á *Luz da Razaõ* , que nos allumia , e á *Lei da Natureza* , que nos governa , do que venerar huma creatura aquelle Senhor , de quem recebeo todo o seu ser , e todas as suas perfeições , e n'uma palavra , *Tudo* ? Esta sujeiçaõ do inferior ao superior , este obsequio do agradecimento ao Maximo Bemfeitor , porventura esta homenagem ao seu Soberano , não he huma cousa , que a Luz da Razaõ mostra ser devida ? e a Lei da Natureza não a manda ? e a Voz interior de cada qual não lho persuade ? Parece-me que ninguem o póde duvidar : Logo Deos (cuja he essa *Voz* interna , essa *Luz* , e essa *Lei*) quer , e manda que lhe sejamos agradecidos , que o veneremos , e que lhe rendamos homenagem.

Bal. Sem duvida.

Theod. Pois isso se chama Culto de Deos.

Baron. Forte pontada vos deu agora , meu Balio ! Vós não estais bom. Que ten-

tendes ? Vós mudastes de côr. Tendes alguma cousa ?

Bal. Não zombeis, Senhora, agora. Como tirastes essa consequencia, Theodosio ?

Theod. Deste modo. A Luz da Razaõ nos manda ser agradecidos a quem nos faz bem, e obsequiar a quem nos deu o ser, em qualquer genero que seja; e dar homenagem ao nosso legitimo Soberano. Duvidais disto ?

Bal. Não duvido disso.

Theod. E quem nos deu essa Luz da Razaõ ?

Bal. Deos.

Theod. Logo Deos he quem nos manda venerar os Superiores, e agradecer a quem nos deu o ser, &c. Logo Deos manda que o veneremos, e lhe rendamos homenagem, pois que Elle foi quem nos deu o ser, tirando-nos do nada, dando-nos a vida, &c. Parece-me que não foi mal tirada a consequencia.

Bal. E de que lhe servem lá os nossos obsequios ?

Theod. Eu não digo que tenha necessidade delles: digo que nós devemos obsequiallo por obrigação nossa, e não
por

por interesse delle. A grandeza infinita de Deos faz a sua summa independencia; mas a nossa summa dependencia delle, e inferioridade fundaõ a nossa devida veneraçãõ. De que serve ao vosso Graõ Mestre, que no dia dos seus annos Vós gasteis tanta polvora nas salvas de artilharia, que deu hontem a vossa náõ? Por certo, que de nada lhe serviaõ: Mas pede a Razaõ, que sendo Elle o vosso Soberano, que vos deu a vossa commenda, Vós lhe façais esse obsequio. Porventura só temos a Lei do Interesse? E sómente podemos mandar aquillo, de que recebemos utilidade? Deos manda-nos que o honremos, não por interesse seu, mas por obrigaçãõ nossa; porque assim he decente, que seja: e tambem para que por esse modo mereçamos o premio, e que Elle nos faça felizes. Dizeti: Se os vossos Sobrinhos, a quem tendes feito tanto bem, vos forem ingratos, e incivís, e nenhum caso fizerem de Vós, quando vierdes aqui, parecervos-ha bem?

Bal. Certamente não; nem a pessoa alguma pareceria bem.

Theod. Nem aos Judeos, nem aos Turcos,

cos, nem aos Gentios pareceria bem?

Bal. Certamente não, se forem homens, em quem a Razaõ governe: agora se fossem brutos, não digo nada.

Theod. Logo haveis de conceder, que esse agradecimento, e obsequios, que elles vos devem, não he preocupação de alguma pessoa, ou familia, ou religião; mas he lei gravada na Natureza racional de todo o homem.

Bal. E quem o duvida.

Theod. Vós que duvidaveis, que estivesse gravado na Razaõ de todos os homens o serem agradecidos a Deos, o respeitallo, e obsequiallo; porque se Deos não mandou pela sua Lei Natural, que todos os homens lhe fossem agradecidos, e venerassem; tambem não mandou que os vossos Sobrinhos (que de Vós receberaõ o serem gente) vos respeitem, venerem, e obsequiem. Parece-me, que essa voz interna, que os Judeos, Turcos, e Gentios, Hereges, e Catholicos ouvem dentro do seu coração, e que lhes persuade, que he devido o obsequio, e veneração, o respeito de vossos Sobrinhos, olhando ao que Vós por elles tendes feito, muito mais lhes ha de persuadir a ve-

nera-

neração a Deos ; porque he muito mais o que todos nós lhe devemos.

Bal. Desse modo não duvido.

Theod. Logo Deos manda , e quer que o veneremos , e lhe demos Culto : E por conseguinte a Deos se deve dar Culto.

Baron. Ora se he permittido intrometter-se n'um duélo de homens huma espada feminina (não digo bem , huma agulha , que he a unica arma de mulheres) eu diria huma coufa , que me está fermentando na cabeça. Vós dais-me licença ?

Bal. Senhora , na contenda de entendimento não ha espada , que reconheça differença de sexos : Vós conheceis bem a razão , e manejaes bastantemente a lingua : diga-o eu , a quem não poupais golpe algum , que faia a geito. Eu vos ouço ; dizei , Senhora.

Baron. Quando Deos fez os olhos com a fabrica , que Vós sabeis , e Theodosio me mostrou , que fim teve Deos em estar fabricando hum orgão tão bem armado ?

Bal. Teve por fim , que o homem por elles visse.

Baron. Pergunto mais : E que fim teve
na

na fabrica, ainda muito mais estudada dos ouvidos? Sem duvida, que foi para que o homem por elles ouvisse, e na lingua para que fallasse, &c. Estais nisto?

Bal. Estou; e que inferís dahi?

Baron. Que quando formou o cérebro, e deu á alma a Intelligencia; que quando formou o coração, e deu á alma a virtude de querer, e detestar, &c., foi com algum fim: e qual seria, Balio?

Bal. O fim de formar o nosso entendimento foi sem duvida para conhecer a verdade; e o do nosso coração para amar o bem; e por isso todos gostamos da verdade, e de tudo o que he bom.

Baron. E onde achais Vós mais verdade, que na *Verdade summa*, e eterna? Onde achais Vós mais bondade, que na *Bondade Infinita* de Deos? Supponho que lhe não haveis de preferir nada creado ao Infinito. Logo, meu Balio, Deos vos creou o vosso entendimento, e o vosso coração, para que conhecendo-o a Elle, o estimeis, e o ameis, á proporção da sua Bondade. Que dizeis? Respondei-me.

Bal. Oh Senhora, isso não he agulha,
he

he lança ; e não he linha , que enrede ,
he discurso que prende.

Baron. Assim será : mas respondi-me.

Bal. Digo que Deos me creou o entendi-
mento , e o coração para o conhecer ,
e amar.

Baron. Logo quer , e manda , e teve por
fim da vossa producção , que Vós lhe
delleis Culto ; por quanto eu não sei
que o Culto seja outra cousa , senão a
veneração , a estima , o amor , &c.

Bal. Cá no interior do coração está fei-
to ; Deos he Espirito , e quer ser ado-
rado em espirito , e verdade.

Baron. Mas ao principio não o dizieis :
já temos que tambem o Fanatismo em
parte se tem senhoreado de Vós ; mas
vamos adiante.

Bal. O que nego he o *Culto externo*, e cer-
tas ceremonias , de que os homens sé-
rios zombaõ , porque saõ só para quem
não vê senão o corpo ; mas não para
Deos , que vê a alma , que nessa he que
deve ser adorado.

Theod. Agora isso he comigo. Eu con-
cordo comvosco , que para Deos he
indifferente usarmos nós para final da
nossa submissãõ , amor , e mais affe-
ctos , que lhe consagramos no cora-
ção ,

ção, usar, digo, desta, ou daquella cerimonia externa; mas o que digo he, que devemos dar a Deos Culto, não só no interior do espirito, mas exteriormente com o corpo.

Bal. E porque? Tomara saber essas razões.

Theod. Não olheis para mim, Senhora: deixai-me discorrer sem distracção: bem vos entendo.

Baron. Ora, meu Balio, eu não posso deixar de me rir: vejo-vos com tanta audacia no principio da questaõ, lançar tantas chispas, e no fim dais ás azas, porque não podeis mais; e quando tornais ao combate sahís com o mesmo tom de desprezo, como se não tivesséis levado o vosso quináo. Ora isto dá vontade de rir, com mais razão do que vós-outros rides de nós. Perdoai, meu Balio, que mulheres em disputas são mui atrevidas.

Bal. Vou levando minhas lições, que sendo de huma Dama tão bella, e tão discreta, gloria he o recebellas.

Baron. Perdoai, Theodosio, o interromper-vos.

Theod. Meu Amigo, vamos ao ponto. Se nós fossemos puramente espiritos,
eu

eu vos diria , que Deos se contentava com as nossas adorações , e Culto meramente espirital ; e fariamos como os Anjos , que lhe formão a sua Corte espirital como Elle he ; mas sendo nós tambem corporeos , devemos dar a Deos Culto na alma , e no corpo ; porque os homens entre nós não fazemos huma sociedade espirital ; fazemos huma sociedade visivel , e corporea. Se sendo Deos Author , e Conservador de todas as creaturas visiveis , e invisiveis , nós nos contentafsemos com o venerar no nosso coração , como ás escondidas de que nos vissem , que testemunhos davamos , de que satisfaziamos á primeira , e universal obrigação de dar Culto , e veneração ao nosso Creador ? Seria bem , que hum Soberano apparecendo na sua Corte cercado dos seus proprios vassallos , e validos , a quem tivesse tirado de hum *Nada* civil , Elle se achasse sem acompanhamento , cortejo , e obsequio , contentando-se cada qual dos seus criados , ou validos de lhe fazer algum serviço da sua Camera ? Parecer-voshia bem esta abstinencia , e reserva de todos , deixando-o passar sem lhe fazerem

zerem a minima cortezia , ou o menor obsequio ?

Bal. Não : Isso offenderia a boa Razaõ.

Theod. Dizeis bem : mas porque ? fenaõ porque sendo o Soberano cabeça daquelle Povoação , lhe deviaõ todos , naõ sómente veneração occulta , mas publica ; e a razaõ mais radical disto he , porque sabendo todos que aquelle homem he o meu Soberano , de cuja vigilancia , e poder depende a minha conservação , devem todos saber , que eu correfpondo da minha parte á veneração , que o seu lugar merece. O mesmo digo no nosso caso : todos sabem que nós somos creaturas de Deos , a quem devemos tudo : logo he razaõ que saibaõ que nós o adoramos como tal ; pois sendo os beneficios , e dependencia de Deos publicos , devem ser publicos a vassallagem , e os obsequios. Esta sociedade visivel de homens nos impoem esta indispensavel obrigação , que tendo nós todos huma Lei , devemos mostrar huns aos outros que a observamos ; aliás escandalizamos , e faremos huma grave ferida no corpo civil , se ou faltamos , ou occultamos a satisfação dessa obrigação conhecida.

Bal.

Bal. O que importa he o Culto interior ,
que esse he que póde agradar a Deos ;
o Culto exterior sómente he para os
homens.

Theod. Tambem he para Deos. Ora já
que Vós tanto teimais nisso , quero ver
como me respondeis. Vós estais const-
tante , que Deos não se embaraça com
o nosso Culto visível , e externo.

Bal. Sim.

Theod. Ora dizei-me : Todas as acções
visiveis , que a Lei da Razaõ manda ,
ou Deos por ella , não são hum verda-
deiro Culto de Deos , que o quer , que
o pede , que o determina , he sem du-
vida , que este he o melhor Culto , e
rendimento , e obediencia : logo se
ninguem duvida , que a Lei da Razaõ ,
ou Deos por ella manda acções visiveis ,
ninguem deve duvidar , que o Culto
exterior lhe seja devido.

Baron. Ah , meu Balio , que vos vejo ca-
hindo no Fanatismo por instantes ; e
entaõ como he isso ? Taõ forte esta-
veis , e fraqueais a cada passo ?

Bal. Vós , Senhora , não perdeis jogo :
eu fallava daquellas acções externas ,
que sómente tem por objecto a venera-
ção do supremo Ser ; porque das ou-
tras,

tras , que são mandadas pela Lei Natural , não duvidava.

Theod. Ora ainda essas mesmas não pôde hum homem Filosofo negar , que se-jaõ devidas , se he devido a Deos o Culto interno ; porque concorda , e concorre para elle. Nós , meu Amigo , temos de tal modo encadeadas as duas substancias do corpo , e alma , que huma joga com a outra por modo certo , e infallivel , posto que inexplicavel. Qual he o homem que para excitar no seu coração os affectos espirituaes ; se não serve dos movimentos corporeos ? Taõ estreita he a communicação intima das substancias. Dizei-me Vós , Balio : Não sentís Vós differença no vosso coração quando acabais de escrever com ternura a Madama *** ? Eu vos seguro , que não sendo dia de correio , vos achareis com o coração bem frio , especialmente achando-vos em numerosa , ou escolhida companhia : porém quando no vosso gabinete escreveis á vossa mimosa Valida , o coração vos fica palpitando , o peito se internece , e ás vezes os olhos lá ficaõ humidos. Pergunto agora : o bico da penna , que escreveo , teve algum encanto para excitar

tar no vosso animo affectos de amor , e de ternura ?

Bal. Não por certo ; mas essa escrita me fez avivar a representação da sua figura , da sua suavíssima voz , do seu modo affavel ; e esta lembrança me moveo a affectos espirituaes de saudades , amor , &c.

Theod. Pois o mesmo dizemos , Amigo , do Culto de Deos externo : esses actos externos de adoração , de petição , de louvor , &c. jogaõ com os actos da alma , e os excitaõ , avivaõ , e augmentaõ ; e se devemos a Deos a veneração interna do coração , tambem lhe devemos a externa , que joga com a interior. Nós em quanto somos huma composição de duas substancias entre si unidas , corpo , e alma , não podemos facilmente obrar , sem que ambas ellas concordem : por isso a veneração corporal tem grande connexão com a do espirito , e huma se deve a Deos , quando a outra lhe he devida.

Baron. Eu acho que seria bem difficil , que nós tivessemos na alma frequentemente hum affecto espiritual , sem que o corpo nos acompanhasse com movimentos proprios a esse mesmo fim.

Qual he o homem que está triste , que não o mostre no semblante ? Em quem ha alegria , duvida , gosto , ira , satisfação , &c. , que não pinte na sua fysionomia todos estes movimentos , e affeições da sua alma ? O nosso rosto he como as vidraças de huma lanterna , que deixa ver através da sua substancia a luz interna , que dentro arde : logo deve reluzir no corpo a veneração , e o culto , e respeito , que na nossa alma dermos a Deos : e se me concedeis , Balio , que devemos a Deos o culto da alma , tambem o devemos no corpo ; e não só o Culto interno , mas o externo he devido a Deos.

Bal. Como Deos he Espirito puro , julgava eu , que se contentava com a nossa adoração espiritual : porém desse modo que dizeis , concordarei facilmente.

Baron. Tirai o *facilmente* , porque se concordais , foi bem contra vontade . e a mais não poderdes.

Bal. Vós , Senhora , não me perdoais nada !

Baron. Não vos perdoo , porque no principio fallastes com muita satisfação de vós mesmo ; e estimei que conhecesses ,
que

que ha muitas pessoas de juizo , que naõ tem os vossos sentimentos , e os de vosso Irmaõ. Conclui , Theodosio.

Theod. Concluindo pois , meu Amigo , digo que Deos (assim he) naõ precisa nem de hum Culto , nem de outro. Naõ lhe devemos o Culto , porque Elle o necessite , devemos-lho , porque nós somos d'elle ; e a nossa creação , e dependencia , e participaçãõ do ser que temos dado pela sua maõ , he que nos impoem esta Lei. Se nós fossemos puro espirito como os Anjos , entãõ lhe deviamos o puro Culto espiritual , e só interno : mas como nós somos hum composto de natureza corporea , e espiritual , e tudo he de Deos , tudo tem d'elle a mesma dependencia , e deve o mesmo reconhecimento , pois tudo recebeo d'elle o ser : logo tudo lhe deve homenagem , submissãõ , adoraçãõ , e respeito : e assim naõ sómente a alma , mas tambem o corpo lhe deve o Culto , porque tanto elle , como a alma , estaõ na mesma Lei da obrigaçãõ. E além disso o Culto externo naõ he inutil , por ser proprio para excitar , augmentar , e conservar o Culto interno.

Baron. Essa razaõ , meu Theodosio , ain-

da Vós me não tinheis allegado ; só vos tinha ouvido as outras ; mas esta de ser o corpo também creatura de Deos , obrigado ao reconhecimento , e obediencia , e vassallagem , he muito attendivel.

Bal. Eu não me opponho , explicando as cousas desse modo : já não acho esse ponto contrario á boa Razaõ ; como eu cria d'antes.

Baron. Crede-me , Balio ; pouca gente reflecte como deve ser antes que falle : não sejais assim. Vamos ao jogo.

Bal. Vamos.

T A R D E XIII.

Sobre a Immutabilidade Divina , e sobre o Fogo vingador da outra vida.

§ I.

Da Immutabilidade Divina.

Theod. **Q**ue fazeis Vós ambos aqui , meus Amigos ? A Baroneza não concorda com vosco , Chevalier ,
se-

seja qual for o objecto da contenda: Vós estaveis taõ influidos na disputa , que vindo eu por toda esta rua do Jardim , nenhum de Vós me vio , até que junto de Vós vos faudei.

Cheval. Acho a minha Irmã muito especulativa , e quer que eu lhe explique as cousas de fórma , que fique taõ satisfeita como se as visse com os olhos ; e isso naõ póde ser.

Baron. Tambem Vós , Chevalier , replicaveis bem vezes a Theodosio , pedindo mais , e mais explicaçaõ das cousas que naõ entendieis. Já vos esqueceis da Geometria , ou das duvidas nella quando a aprendiamos ?

Theod. Louvaveis defeitos vos lançais Vós em rosto mutuamente. Gosto de vos ver assim criminosos ; mas vamos ao caso da questaõ , e aproveitemonos do tempo em quanto naõ vem gente.

Baron. Naõ entendo bem , Theodosio , esta Immutabilidade de Deos. Porque sabemos que Deos ora está propicio , ora irado : humas vezes perdoa , outras castiga ; a huns soffre , a outros faz pagar a justa pena de seus atrevimentos , e estas mudanças em Deos me embaraçaõ

ção a idéa , que eu tinha da sua Immutabilidade ; porque esta me parece , que consiste na firmissima constancia de ser inalteravel ; pois nem se póde arrepender do que huma vez quiz , nem lhe ha de succeder cousa de novo , que o faça tornar atraz do começado.

Cheval. Pois quereis Vós , Baroneza , que Deos fosse taõ leve como as senhoras mulheres ? Vós outras em nada tendes constancia ; e caprichais da volubilidade do vosso alvedrio , e quereis só porque quereis , e depois sem que nada se mude , naõ quereis , sómente porque naõ quereis. No Campo de S. Roque , quando se trabalhava na tomada de Gibraltar , conheci eu huma Senhora Hespanhola , que em companhia de certos Cavalheiros viera ver os aproches , e era bastantemente dotada de viveza de engenho , e respostas mui galantes ; e arguindo-a hum dia com certas queixas proprias do vosso sexo , respondia com hum ar de systema bem novo : Eu (dizia ella furrindo-se) sou senhora do meu coração inteiramente : se amo , he porque quero amar : se me ponho mal com essas pessoas , a quem quiz bem , he porque quero por-me mal com essas pes-

peſſoas , a quem quiz bem ; não preciso de motivos para huma ou outra couſa , pois nelle caſo o meu coração ſeria eſcravo do meu entendimento , e eſte o era dos objectos , que lá ſe mudão como querem , e vinha deſſe modo o meu coração a ſer eſcravo dos outros , para ſómente ter os affectos , que elles me mereceſſem. Nada , nada (dizia) quero amar quando muito eu quizer ; quero deſconfiar quando me parecer ; quero-me deixar deſte , ou daquelle affecto , quando me vier iſſo á fantafia , ſem dependencia de nada , ſómente por querer : amar em hum dia o que n'outro aborreci ; e aborrecer á manhã o que hoje me agrada. Se eu não for inteiramente ſenhora do meu coração , em que poderei ter dominio total ? Não Senhores : o Amor , e o Odio eſtaõ ás ordens do meu coração , ſem que ninguem niſto governe.

Baron. Que extravagante mulher ! Deos me livre de ſemelhante caracter : o meu coração não he aſſim ; governa-ſe ſempre pela Razaõ.

Theod. E governando-vos pela Razaõ , ſois inconſtante ?

Baron. Não me tenho por tal.

Theod.

Theod. Nem Deos tambem o he, porque se governa inteiramente pela sua Razaõ Eterna : de forte que em Deos se concordão duas cousas , que vos parecem encontradas ; huma he a sua *Immutabilidade* , a maior que possa ser ; e a outra he essa diversidade de affectos para com o mesmo sujeito ; mas não nas mesmas circumstancias.

Cheval. Explicai-vos mais , Theodosio , que tambem eu quero entender isso bem.

Theod. Quando os objectos variaõ , e se mudaõ , a mesma Immutabilidade de Deos o obriga a ter affectos mui differentes. Se hum homem he bom , e procede rectamente ; se não tem viciõs , e satisfaz todas as obrigações do seu estado , entãõ a Rectidaõ Infinita de Deos o obriga a que o ame , o estime , o premeie , &c. Porém se passado tempo este homem vêm a prevaricar , e se acha mui vicioso , entãõ a Rectidaõ Infinita de Deos o obriga a que se desagrade delle , e o deteste. Aqui da parte de Deos não ha mudança ; toda a mudança foi da parte da creatura. Por quanto Deos sempre amou todo o homem bom , e sempre aborreceo todo o ho-

homem vicioso. Em Deos ha summa constancia , e o que huma vez approva , sempre approva ; o que huma vez detesta , sempre o detesta. Se me dais licença , Baroneza , usarei de comparações bem sensiveis , que vos não são precisas para Vós , mas para outros feráõ efficazes.

Baron. Para os mais , e para mim me são sempre uteis ; explicai-vos como quizerdes.

Thecod. Hum marmore lizo , e polido ajusta-se com huma taboa tambem liza , e bem desempenada ; porém succede que com a chuva , ou o sol , a taboa se torceo , e ficou empenada : já nesses termos o marmore não ajusta com a taboa , nem quadra com ella. Se alguém dissesse admirado : *Como he isto ? Este marmore até agora quadra-va bem com esta taboa , e agora já não pôde ajustar ? aqui houve mudança na pedra* ; todos se ririaõ da sua ridicula difficuldade ; porque a pedra sempre esteve do mesmo modo ; a mudança foi da taboa , e mudando-se esta , não podia ajustar com a pedra , que não mudava.

Baron. Não podieis usar de compara-
ção,

ção, que mais me illustrasse : Deos he Immutavel ; sempre ama o bem , e sempre aborrece o mal. Se eu ora me ponho na classe do *Bem* , ora na classe do *Mal* , faço que Deos , sendo em si mesmo Immutavel , ora me ame a mim , ora me aborreça.

Cheval. Ora , Theodosio , nem só minha Irmã ha de ser especulativa : tambem eu quero replicar , não porque duvide do que me dizeis , mas para procurar mais ampla instrucção. E acontecerá muitas vezes , que Deos estando o homem no mesmo estado ora se irrite , ora se compadeça ? Se pondes em Deos essa *Immutabilidade* , que parece perfeição , em certo modo lhe tirais a *Liberdade* , que he perfeição maior. Aquelle exemplo da extravagante liberdade da Dama Hespanhola , de poder ora amar , ora aborrecer sem algum motivo do objecto , e sómente por exercicio do seu alvedrio , era huma loucura do modo que ella se jactava : porém não a levando a certo ponto excessivo , parece que he a essencia do nosso alvedrio ; pois se sómente o objecto mudando-se , he que nos póde fazer mudar de affecto ; e não tivermos a liberdade de mudar jámais
sem

fem que elle mude , nenhuma liberdade temos ; pois ficamos como hum organo , que muda de vozes sem ter liberdade ; porque essa mudança só depende de que lhe toquem nestas ou naquellas téclas , sem que possa mudar de vozes , senão segundo a mudança dos dedos extranhos.

Baron. Já vejo , Chevalier , que as balas , e bombas não vos aturdirão de sorte , que não ficasseis com o vosso espirito antigo de reflexões especulativas , que sempre tivestes. Que me dizeis , Theodosio ?

Theod. Digo que tendes muita razão , e eu tambem a tenho ; em me explicando mais , todos concordaremos. A liberdade de Deos he perfeição essencial ao mesmo Deos , e a Immutabilidade tambem ; mas não choção huma com outra perfeição ; nem Deos he contrario a si mesmo. Deos ama todo o *bem* ; approva-o , agrada-lhe ; isto he essencial á Rectidão Divina , que igualmente se acha no seu Entendimento , e na sua Vontade. Do mesmo modo Deos aborrece todo o *Mal* , detesta-o , abomina-o ; e tambem isto he essencial ; e quanto a isto Deos não tem , nem quer ,
nem

nem póde ter liberdade ; e taõ impossivel he que Deos se desgoste do *Bem*, como que approve o *Mal*. Passemos agora das acções a quem as executa ; e passemos da virtude ao virtuoso , e do crime ao criminoso. Tambem aqui tem Deos pela sua *Rectidão* necessidade de amar , naõ só a virtude , mas o virtuoso ; e de se desfagradar , naõ só do vicio , mas do vicioso ; nem aqui entra a sua liberdade.

Chev. Pois entaõ em nada o deixais livre !

Theod. De vagar , meu Amigo : ainda sois mui vivo ; pouco a pouco me explico melhor. Quanto ao virtuoso naõ tem Deos liberdade para se desfagradar ; mas quanto ao vicioso tem liberdade para se compadecer , e temperar o seu desfagrado pela *Rectidão* da *Justiça* com o perdaõ pela liberdade de sua *Misericordia*. Reparai bem , meu Chevalier. Dar Deos o que naõ deve , he *Liberalidade* , he virtude ; mas naõ dar o que deve , he *Injustiça* , e defeito. Desgostar-se de quem he bom , castigallo , &c. isso he crueldade , he injustiça , he defeito que Deos naõ póde ter , porque he naõ dar ao virtuoso o que lhe deve ; mas ter compaixãõ do criminoso , he

Bon-

Bondade , he Clemencia , he Virtude , para o exercicio das quaes tem Deos toda a liberdade.

Cheval. Entendo ; e nas Leis humanas vemos isso. O Soberano sempre tem liberdade para perdoar ao delinquente ; mas nunca a terá para deixar de dar premio ao virtuoso.

Theod. He pela razaõ , que vos alleguei : *Naõ dar o que se deve , he crime* : por isso naõ póde o Soberano negar ao Cidadãõ benemerito o premio , que elle merece porém dar o que se naõ deve , v. g. conceder a vida , o perdaõ , &c. ao criminoso , que naõ tinha direito a isso , chama-se *Clemencia , Liberalidade , Commiseraçaõ , &c.*

Baron. Com licença , meu Theodosio , tambem o Soberano , que naõ der o castigo que merecem os crimes , he *naõ dar o que se deve* , que Vós sempre condemnais de defeito.

Theod. Tomai , Senhora , as palavras no seu verdadeiro sentido , e ficareis satisfeita. O Soberano deve dar premio ao merecimento do Cidadãõ ; e está a isso obrigado por todas as Leis. Se faltar a isso , tem crime , e he defeituoso : porém quanto ao castigo dos criminosos

a palavra *Deve* não tem o mesmo rigor: significa que he justo , he proporcionado , he conveniente , he racional , &c. mas não significa que tem o Sobrano rigorosa , e indispensavel obrigação de castigar em todos os casos , sem excepção alguma ; e assim se elle nunca castigar falta ao que *Deve* ; mas se em algum caso particular der o perdão , não falta ao que deve , porque as Leis lhe não coarctão inteiramente a sua liberdade. Tem liberdade para que nesta , ou naquella circumstancia possa perdoar , posto que não a tenha para perdoar sempre. O mesmo digo de Deos. Quando Deos castiga , certamente ha para isso merecimento , e quando Deos perdoa , obra sem merecimento , sómente por exercicio da sua liberdade. E já que sois especulativos , tanto hum , como outra , ahi vai a razão ultima. Deos he o centro , e origem de todo o bem , e não he o centro , nem origem do mal. Estais nisto ?

Cheval. E quem o póde duvidar.

Baron. Não digais mais : já entendo.

Quereis dizer , que o bem póde muitas vezes nascer , e vir sómente de Deos , sem que a creatura o mereça : mas o
mal

mal nunca pôde vir de Deos : he preciso que a creatura o mereça , e em certo modo o caule. Não he isto , meu Theodosio ?

Cheval. Minha Irmã he mais especulativa que eu : já vejo que está mais adiantada.

Theod. Aquillo he o que eu queria dizer. Deos pôde perdoar , pôde compadecer-se , pôde fazer mil bens ao criminoso , não em premio do mal , mas para o trazer ao bem pela suavidade de *Amor* : e neste caso o *Bem* , que Deos lhe faz , sómente nasce de Deos , e por modo nenhum vem da creatura , como quando a creatura he virtuosa , porque entãõ tambem da creatura em certo modo vem o bem , porque o mereceo. Mas quando Deos castiga , todo o mal vem da creatura , e Deos por si só não o fez , nem o deo ; sim deo como Juiz , mas obrigado pelo crime. Se Deos castigasse sem crime , entãõ o mal nascia de Deos , e sómente de Deos , pois a creatura não concorria : mas como isso não pôde ser , por isso Deos nunca castiga sem crime , mas pôde sem merecimento fazer mil bens.

Baron. Já entendo perfeitamente.

Theod.

Theod. Aqui está agora o exercicio da liberdade Divina : a este criminoso perdoa , áquelle não perdoa ; porque a este quer , ao outro não quer : a este espera oitenta annos , a outro nem hum anno espera ; porque quer aqui , e não quer alli. Isto he o que o Senhor declara em muitas partes das Escrituras (*) : *Eu me compadecerei de quem muito quizer , e serei propicio para com quem for meu gosto.* E nisto he que está o summo direito da Divina liberdade , sómente para fazer bem a quem quizer , além do bem que faz a quem lho merece : mas ainda esse bem do premio que nos dá pelas nossas boas obras , he liberalidade no que gratuitamente nos deo de ajuda de custo para fazer esse bem da virtude , com que merecemos o bem do premio.

Cheval. Ora agradeço-vos , minha Irmã , esta occasião tão gostosa para a minha instrucção.

Baron. Bem contente fico ; mas para o ficar , expõe a Theodosio aquella difficuldade , que os dias passados me pozef-

(*) Miserebor cui voluero , & clemens ero in quem mihi placuerit. *Exod.* 33. 19.

zeistes no passeio das minas de Cobre de Baigorre.

Cheval. Não me occorre, que dúvida fosse essa.

Baron. Não vos lembra o que me dissestes, vendo a fornalha, em que se derretia, e purificava o cobre.

Cheval. Já me occorre; mas não sei se Theodosio tem tanta paciencia.

Theod. Ainda sou o mesmo: supponde que hoje he Sabbado: e bem vos lembra, que esse dia algum tempo era destinado para a Religião.

§ II.

Sobre o Fogo vingador da outra vida.

Cheval. **O**Ra quanto a isso, meu amigo Theodosio, deixai-me dizer, que he Mysterio, que nós devemos crêr cegamente, porque nos mandaõ crêr; mas Vós com toda a vossa Filosofia, não me podereis explicar como as almas espirituaes se pôdem queimar com fogo corporeo. Não vos escandalizeis, Baroneza, que eu creio; mas confesso que não entendo.

Baron. Se he Mysterio, como Vós di-

zeis , não he de admirar , que não o comprehendais ; porque se o entendes-
feis claramente , já não era Mysterio .

Cheval. Vós estais muito mais adiantada do que eu , pois tendes mais lições de Theodosio : chamem-lhe Mysterio , ou não ; eu tomara que me dêssem disto alguma idéa , com que eu possa desembaraçar-me de meus camaradas , que não acho tão doceis á Regra da Igreja como eu sou .

Theod. Se esses camaradas são Filósofos que discorrem , eu vos darei modo de os convencer ; agora se são Filósofos , que não discorrem , não façais caso delles .

Cheval. Discorrem , e argumentaõ com mil razões , que me parecem claras . Ora dizei-me , como póde huma cousa , que he material , ter acção sobre espiritos ? Vós podereis agarrar com as mãos hum Anjo , ou hum Demonio , se o quizerdes fazer ? Pois assim como os braços , que são de ossos , e carne , não podem prender hum espirito , tambem o Fogo material não poderá ter acção sobre o espirito .

Theod. Ora , meu Chevalier , e como póde agora o Fogo material ter acção sobre

bre o vosso espirito? Quando vos chegaõ huma véla aceza a hum dedo, gritais, e se vos prenderem, soffrereis huma dor insoffrivel. Duvidais que se vos meterem em huma fogueira, que o vosso espirito, e a vossa alma padeça huma dor intoleravel?

Cheval. Não duvido, Deos me livre de o experimentar; mas sem isso sei de certo, que a minha alma padecerá huma dor maior que todas as dores.

Theod. Bem está: Ora como me explicais isso filosoficamente? O fogo da véla he material; a vossa alma he espirito: como pôde agora huma cousa material atormentar o vosso espirito?

Cheval. Isso bellamente se explica; porque o fogo atormenta o corpo, e o corpo pela uniaõ com a alma faz passar a dor para a alma.

Theod. Oh, meu Amigo, ainda sois mui facil de contentar. Ora, não me direis, como he essa passagem dessa dor do corpo para a alma? Vamos, meu Amigo, a isso. O corpo he materia, a alma he espirito: como pôde logo o cérebro, movido pela impressaõ do fogo, fazer tal tormento para essa sensaçaõ da alma, como Vós sabeis? Explicai-me

essa passagem do corpo material para a alma espiritual , e eu vos darei hum abraço bem apertado. Não me venhais contentar com palavrinhas , que não dizem nada : quero explicação que se entenda.

Cheval. Isso não fei eu.

Theod. Pois não perguntareis a esses vossos camaradas , que são tão grandes Filósofos , que vo-lo expliquem.

Cheval. Nem por cem abraços , que eu lhes offereça , mo farão seguramente : explicai-mo Vós.

Theod. Não fei , nem ainda encontrei quem o soubesse. Meu amigo Chevalier , nesta materia todos sabem que a couza he , e ninguem sabe o como he : que o espirito sente dor ou deleite , depois de certas impressões que os objectos fazem no sentido externo , e depois no cérebro , isso he notorio. Agora como isso he , ninguem o sabe. Tres systemas ha sobre isso : hum he o dos Antigos , de Influxo Fysico ; outro de Descartes , outro de Leibnitz ; e nenhum delles agrada a Filósofos sérios. Porém seja como for : eu fei que o lume queima , e que se o lume me chega ao corpo , a alma se afflige infinito ; e
que

que eu seria mui louco se me deixasse meter em huma fogueira mui socegado, dizendo: *O lume he materia, a minha alma he espiritual, e não póde a materia ter acção sobre a minha alma; e assim a minha alma na fogueira não se ha de affligir.* O mesmo digo no nosso caso.

Cheval. Agora em quanto a minha alma está no corpo, o lume tem acção sobre o corpo, e este quando se está queimando he o que tem acção sobre a alma para lhe causar a dor: mas lá no nosso caso o fogo immediatamente ha de ter acção sobre a alma. Vós rides, minha Irmã? Ora isto tem que dizer.

Baron. Rio-me; mas calo-me: logo fallaremos. Profegui, Theodosio.

Theod. O riso da Baroneza he bem fundado, porque tanto custa a explicar essa acção do cérebro sobre a alma, quando estamos vivos, como essa acção do fogo sobre a alma depois que morremos.

Cheval. Não tendes razão, Theodosio, porque estando o homem vivo, está o cérebro tão unido á alma pelo Creador, que feita a impressão no cérebro, logo se communica á alma pela uniaõ que Deos poz entre estas duas cousas; e isto

to não ha depois do homem morto.

Theod. Pois se Vós credes , que o Creador unio de tal fórma o cérebro á nossa alma , que a impressãõ no cérebro se communica á alma , e deste modo he que lhe dóe a queimadura ; esse mesmo Creador , quando quer castigar essa alma , depois do homem morto , póde unir o fogo á alma de forte , que immediatamente lhe cause a mesma dôr , que lhe causava mediante o movimento do cérebro ; porque tanto he corpo o fogo , como o cérebro ; e se Deos faz essa uniaõ , e harmonia entre o cérebro , e o espirito , porque a não fará entre o mesmo fogo , e esse espirito ?

Baron. Percebeis agora , Chevalier , o motivo do meu surrifo ? Pois aquillo vi eu logo , tantoque vos ouvi a vossa resposta.

Cheval. Vós estais mestra nestas metafysicas.

Baron. Estes são os meus exercicios de ataques de praças , e batarias , &c. huñs sabem huma cousa , e outros sabem outra. Tambem as mulheres tem dois dedos de testa , e nem só cuidamos nas fitas , e nos enfeites. Perdoai , Theodosio , estas interrupções de gente viva.

Theod.

Theod. Quando as interrupções não distrahem, não deixam de ser uteis.

Cheval. Porém, meu Mestre, eu ainda replico: para nós confessarmos esta passagem inexplicavel do movimento do cérebro á sensação da alma, temos a prova innegavel da experiencia de todos. Quando ha huma tal certeza de hum ponto, ainda que elle seja absolutamente inexplicavel, se admite, confessando a nossa ignorancia: por isso dizemos, que as impressões do cérebro excitam á sensação do espirito, e a dôr: porém esta communicação entre o fogo, e a alma immediatamente donde consta? e quem nos prova que isso he assim?

Theod. Não dizemos que he assim, porque o vemos, mas porque o disse quem não mente. Se nós não vissemos no Evangelho lugares expressissimos, que o dizem, e a Tradição constante fundada nesses lugares expressissimos, que o dizem, então desculpa tinha quem negasse esse Fogo vingador; mas nós o dizemos sobre a palavra de Jesu Christo, que expressamente o diz. Eu o que faço como Filosofo he responder a essa impossibilidade, que os
vos-

vossos camaradas filosoficamente oppoem ; e digo que essa difficuldade não val nada ; porque he a mesma que não val nada para negar a communicação entre o corpo , e a alma. Isto he o que pertence ao Filosofo , mostrar que não tem esse ponto nada de contrario á Boa Razaõ. Agora se ha fundamento para dizer , que assim he , ide ás fontes da Theologia , e vede se esse Homem Deos , que nos veio ensinar o caminho da salvaçaõ , vede se Elle diz ou não , que os criminosos hajaõ de ser punidos com o fogo depois da morte ; e vereis que na formal sentença do castigo dos reprobos no ultimo dia , expressamente o declara : *Ide malditos para o fogo , que está preparado para o demonio , e seus sequazes.* Onde haveis de advertir , que fogo preparado para o demonio , he preparado para hum espirito ; e o que póde queimar demonios , póde queimar almas.

Cheval. Não vos canceis mais , Theodosio , que eu estou persuadido ; e admiro-me do empenho , que acho em quererem duvidar , e negar a torto e a direito , tudo o que póde reprimir os vicios.

Theod.

Theod. Não vos admireis , porque pela conversação destes Filósofos tereis visto , que o seu ponto he tirar da sua crença tudo o que póde embaraçar a ioltura dos costumes. Huns negão a Immortalidade da alma , para não terem que temer na outra vida os castigos dos crimes , que commetteraõ nesta. Outros não podendo negar a Immortalidade , e espiritualidade da alma , que razões bem claras persuadem , se voltaõ pata outra parte , negando que lá haja fogo para castigar os vicios , &c.

Baron. Tomara eu saber , se por duvidarem aqui desse fogo , se o apagaõ lá ; para não o acharem , quando a morte os lançar nos abyímos. Qual he o homem , que dizendo-lhe pessoas mui verdadeiras e sérias , que estava ordem de prizaõ passada para o mandar para a *Bastilha* , e para o *Canadá* , se contentasse com fazer mil argumentos para duvidar que houvesse *Bastilha* , ou que nessa terra houvesse taõ máo clima , como se diz , e que ficasse mui desencançado pelas suas razões , e se deixasse prender , e meter a bordo sem remedio ? Pois o mesmo me parecem ,
Che-

Chevalier , esses vossos camaradas. Quer creiaõ , quer não creiaõ , em morrendo acharáõ o castigo , que negáraõ , e sem saber como , seraõ punidos. Ou aliás mente o Filho de Deos , que o disse ; e falta Deos a dar aos criminosos castigo á proporção dos seus crimes ; porque a privação do Ceo he igual para todos os que são condemnados ; mas como entre elles ha grande diversidade nos crimes , pede a essencial Rectidão da Justiça Divina , que haja tormentos na outra vida , que mais ou menos atormentem os criminosos. Basta , meus Amigos , que vem gente.

APPENDIX I.

TARDE XIV

Sobre a Graça Divina , e Conceição da Senhora.

Madam. **O**Ra nem só minha filha , meu Theodosio , merece que Vós tenhais a paciencia de a instruir nos artigos , que pertencem á Religiaõ. Tam-

Tambem eu sou investida por esses meus Hospedes ; e ainda que me tem algum respeito , mais do que a ella , para me fallarem com imprudencia nestes pontos , em que lhes não fallo ; com tudo muitas vezes me he preciso disfarçar com trabalho o meu enjoo , por não ser incivil com quem me visita : hoje creio que não temos ninguem , porque o casamento do vosso visinho leva todas as nossas amigas , e esta tarde estaremos sós , Eu , e a Baroneza , e Vós.

Theod. Tambem eu estimo , que a nossa conversação seja pacifica , porque nem sempre gosto de brigar , e em materia de summa importancia , como foi a de ante-hontem. Dizei pois Vós sobre que materia ha de hoje rolar a conversação ; ou diga-o a Senhora Baroneza.

Madam. Eu sou a que o hei de dizer , porque minha filha tem mais occasiões de vos ouvir do que eu. Quero que me expliqueis isto de *Graça* ; porque toda a minha vida tenho ouvido fallar na *Graça* , e nunca me explicaraõ claramente o que significa esta palavra , nem varias cousas , que me ensinaõ ácerca della.

Baron.

Baron. Já minha Mãe me tinha recomendado , que vo lo perguntasse ; mas como os encontros caíuaes com os Filósofos da moda nos metião em disputas diferentes , nunca vos pude consultar sobre este ponto. Agora , Theodofio , satisfazeis á curiosidade de ambas.

Theod. Esta palavra *Graça* tem duas significações : humas vezes significa *Favor* , outras significa *Belleza* , ou *Formosura* que agrada.

Madam. Tendes razão , porque dizemos humas vezes , que ElRei concedeo esta *Graça* a tal e tal pessoa : outras vezes dizemos , que achamos n'um dito *graça* , que huma pessoa agradavel tem *graça* ; que esta ou aquella pessoa nos cahio em *graça* , &c. ; mas eu fallava da *Graça* , de que se trata na Theologia.

Theod. Tambem essa tem esses dois sentidos , que vou explicar separadamente.

§ I.

*Primeiro sentido.**Graça , ou Favor.*

PRimeiramente tudo aquillo , que nós concedemos a alguém, sem obrigação, mas por favor , se chama huma *Graça* ; e como Deos nos concede muitas cousas sem obrigação alguma , tudo he *Graça* , que Deos nos faz ; e assim ha duas castas de *Graça* de Deos ; huma he :

Graça natural ,

que envolve todos os bens naturaes , que Deos nos concede , como v. g. os olhos , o entendimento , a saude , a vida , as riquezas , &c. , tudo são *graças* , que Deos concede aos homens , porque nada disto era obrigado a dar-nos ; mas além desta *Graça* natural ha outra

Graça sobrenatural ,

que consiste nos Dons sobrenaturaes , que Deos nos dá , porque quer , sem ter obrigação alguma de o fazer. Creio que tudo isto se entende com facilidade.

Madam. Quando eu o comprehendo , não
po-

podeis duvidar , que o tenhais explicado bem.

Theod. Ora nós temos duas potencias , que ambas precisaõ deste soccorro celestial em ordem á salvaçaõ , e vida christã. Temos entendimento , que luta com as trevas da ignorancia ; e temos vontade , que geme com a rebeldia das nossas paixões furiosas. Ao entendimento manda Deos *graça* , illustrando-o , e dando a'conhecer as cousas celestes , e espirituaes , tudo o que he da vida futura ; e isso por modo mais claro , e mais convincente do que póde fazer a simples natureza. Além disso tambem ao coração manda Deos huns toques que o despertaõ ; huma inclinaçaõ que o facilita para o bem , e hum horror que o affasta do mal , sem lhe tocar na liberdade. A estas luzes , e a estes toques chamaõ os Theologos *Auxilios* , ou *Graça excitante* , ou *Graça auxiliante* , &c.

Madam. Tudo isso entendo , porque tudo passa por mim , e dentro da minha alma eu sentia.

Theod. Estas luzes , e estes impulsos , como vêm da mão de Deos immediatamente , são *sobrenaturaes* , e Deos os dá,

dá, ora mais fortes, ora mais brandos, conforme quer: e isso tambem assim o experimentamos.

Baron. A's vezes são taõ fortes, que a alma sente huma força a que não resiste.

Theod. Deos quando com empenho quer levar a alma ao fim destinado, a poem como em cerco, e lhe manda tantas luzes, humas atraz de outras; tantos impulsos huns sobre outros, que a alma cansada de resistir, emfim se rende, sem que Deos lhe toque nos delicadissimos foros do alvedrio.

Madam. Tenho percebido: vamos ao outro sentido, em que se toma a palavra *Graça*.

Baron. Dai-me licença, Senhora: e porque chamais a essas illustrações, e impulsos para o bem *Graça*, ou *Favor*?

Theod. Porque ninguem merece essas illustrações, e toques interiores. Quando Deos os dá, he por liberal beneficencia sua: e posto que sempre dá mais ou menos graça a cada qual; com tudo o Senhor por favor, e mercê dá esta ou aquella illustração maior, este ou aquelle impulso interior mais forte. He como a chuva do Ceo, que Deos dá
por-

porque quer , e quando quer ; e se por
naõ ficar no nosso poder a chuva , sem-
pre he favor o dá-la , muito mais dire-
mos isto desses auxilios internos , que
Deos dá quando quer , e a quem quer ,
e como quer.

Baron. Agora sim : estou instruida.

Madam. Esta minha filha he mais espe-
culativa do que eu : Vós , Theodosio ,
tendes a culpa de a terdes feito taõ fi-
losofa : continuai.

Theod. Pois se Vós ambas estais satisfei-
tas , eu naõ o estou ; porque ha aqui
muitos pontos , que Vós deveis saber ,
e certamente naõ entendeis claramente.

Baron. Eisahi huma prova da vossa ami-
fade , querer instruir-nos ainda além
das nossas perguntas. Sabeis Vós como
isso he ? he como hum amigo , que naõ
sómente dá quanto lhe pedem , mas
offerece , e dá muito mais do que lhe
tinhaõ pedido. Dizei pois isso , que
querieis dizer.

Theod. Nesta economia da Divina Graça
com a nossa liberdade ha muitas cou-
sas , que a Theologia certa nos ensina ,
e que nós devemos crer , mas poucos
entendem claramente : eu para vos ex-
plicar todos esses pontos com hum si-
mile

mile sensível , tenho huma comparação familiar , que me parece propria ; porque sensivelmente me poem diante dos olhos os pontos delicados , que conciliaõ a Graça com o nosso alvedrio , sem a subtileza das Escolas.

Baron. Quanto mais familiar for a comparação , tanto mais clara será , e mais presente ao nosso espirito , que se estriba a cada passo sobre cousas sensiveis.

Theod. Fingi , Senhora , que vedes hum poço mui alto com muito lodo no fundo , e que nesse lodo está hum homem : claro está que este homem por si só não póde saltar do poço para fóra , sem que com alguma corda cá de fóra o puxem , e tragaõ acima. Assim entendo eu , que he o peccador no estado infeliz , porque sem que Deos o traga , e tire do poço , não póde vir fóra : creio que entendeis.

Baron. Clarissimamente : dizei o mais.

Theod. Supponde pois , que vedes huma corda com hum grande cesto , em que póde esse homem vir : se se deixar metter no cesto , e trazer acima , sahirá do poço. Assim esse homem se consente , em que Deos o traga desse modo acima , sahirá do perigo , e será salvo.

Mas observai , que o homem por si só póde , ou resistir a que o metaõ no cesto , ou depois de metido voltar o cesto , e cahir no lodo ; mas por si só não póde vir acima , nem hum palmo mais do que quer a maõ superior , que puxa por elle ; e desse mesmo modo o peccador não póde por si só dar hum pulo para a salvaçaõ , sem que a Graça de Deos o puxe ; mas por si só póde perder-se.

Madam. Assim me diziaõ , e ensinavaõ ; mas eu não o entendia , e me fazia confusaõ termos nós liberdade para o mal só com as nossas forças , e não liberdade para o bem , sem a Graça de Deos. Nem bem entendia como esta Graça de Deos nos levava a Deos sem nos atar , nem nos prender , deixando-nos sempre a liberdade de não ir. Agora entendendo bem.

Theod. Estimo : vou continuando. Esse homem em quanto não sahe do poço , está sempre em perigo de cahir ; e este perigo he o mesmo , quer o homem diste do fundo hum palmo , quer vinte braças : assim nos succede a nós com a Graça , porque em quanto não sahimos da vida presente para a futura , estamos
em

em perigo de descahir da Graça de Deos, e cahir no peccado, e este perigo he igual no homem, que se converteo ha pouco, e no que se converteo ha vinte annos; porque em quanto he vivo, e tem liberdade, póde cahir do cesto, ou escorregar a corda, ou largallo a mão, que o puxava para cima, enfadada da sua resistencia.

Baron. Vaõ-me quadrando essas comparações, tanto que me persuadem por modo clarissimo essas verdades, que na Doutrina me diziaõ. Continuai.

Theod. Eu o faço. Se o homem fizer todas as diligencias por sahir, ou por subir depressa, nada conseguirá, se quem está cá de fóra não quizer por favor botar a corda, e o cesto, e puxar para cima: se a mão superior fizer isto, he por favor, que quem está no poço não tem poder para obrigar a quem está cá de fóra que o faça. Assim succede a qualquer de nós com Deos: nunca podemos merecer de justiça, que Deos nos chame, nem puxe, nem leve a si: quando o faz he por favor, e grande favor; e por isso esses chamamentos, e meios de sahir do poço são favor, mercê, e Graça como ha pouco vos dizia.

Baron. Não vos sei agradecer a comparação.

Theod. Ainda vai ávante. Se os homens depois de vir no cesto, se agarraõ bem á corda, por essa diligencia, e cuidado tem mais bem fundada esperanza de que não se volte o cesto, e caiaõ: mas se elle se pozer a brincar, e dançar dentro do cesto com soltura, talvez que quando menos o cuidar, fará hum movimento falso, e se voltará o cesto, e cabirá no fundo: assim somos nós; se somos fieis á Graça de Deos, pegando-nos bem á Doutrina santa, que nos conduz á salvação, temos mui bem fundada esperanza da nossa felicidade; mas se pelo contrario quizermos viver com soltura, sem attender á Doutrina santa, que nos faz ir para cima, quando menos o cuidarmos, descahiremos dos côstumes precisos para a salvação, e vamos ao fundo do poço.

Madam. Não me esquecerei nunca do cesto: continuai.

Theod. Digo mais; que se quem vier subindo no cesto, se pegar ás hervas que estaõ pelas paredes do poço, tem perigo de duas cousas; huma he que quem puxa pela corda, sentindo essa

maior

maior resistencia , além do pezo , poderá largar a corda , e não puxar mais , e vai tudo ao fundo do poço de pancada : e assim nos faz Deos a nós , quando attrahidos pela Graça Divina vamos subindo felizmente , se em vez de suspirar por sahir do poço , nos agarramos ás hervas viciosas dos deleites , e divertimentos profanos , póde cançar a Mão Divina , e cessar dessa força , que fazia , e cahimos na infelicidade primeira : eis aqui huma infelicidade. A outra desgraça , que lhe póde vir , he , se continuando a corda a puxar para cima o cesto , em quanto o homem se agarra , e não quer largar as hervas do poço , voltar-se o cesto , e cahir o homem no fundo. Pois desse modo succede a muitos , quando puxando Deos para cima o peccador , elle se apega aos divertimentos mundanos , e ás vezes volta-se o cesto ; a Graça de Deos o deixa , e o homem vai para o fundo , e Deos fica justificado.

Madam. Não tenho modo para vos agradecer a comparação ; entendo tudo isto tão bem , que nunca me acharei confusa como d'antes.

Baron. Agora entendo eu , porque botando

do Deos abaixo tantas cordas , e tantos cestos , como homens que estavaõ no fundo , taõ poucos vem a sahir do pôço para o Paiz seguro da Eternidade feliz. Os obstinados naõ largaõ o lodo , nem se deixaõ meter no cesto : os loucos depois de metidos nelle , se poem a dançar , e brincar com imprudencia , e cahem do cesto : os outros que tem saudades das delicias perigosas , e naõ querem vir com a presteza que a Graça de Deos pede , mas lá pouco a pouco , por causa das saudades de seu infeliz estado , estes se prendem ás hervas das paredes , e fazem que ou cesse a Graça de Deos a chamallos , ou venha a Deos a graça do Senhor vazia , e elles sabindo do cesto dos bons costumes , e vida regular , caiaõ em baixo. Assim os fieis á Graça Divina , que se agarraõ á corda , e naõ fazem resistencia , sahem fóra felizmente ; e dos outros , muitos se perdem.

Theod. Comtudo a Graça de Deos ás vezes he taõ forte , que Deos torna a lançar cestos , e mais cestos , e se querem pegar-se ás hervas , lhes atira taes polpes ás mãos , (deixai-me explicar assim) e pucha taõ promptamente , que

os poem fóra do poço , quando menos o esperavaõ. Deos he omnipotente, e sabe buscallos de tal modo , que elles se deixem suavemente trazer no cesto ; e por mais loucos que fossem , Deos lhes dá ou medo para naõ bulirem comfigo , ou gosto de estar quietos no cesto , e para naõ saltarem fóra , rapidamente os puxa. Taes saõ os peccadores que com a Graça extraordinaria se salvaõ.

Baron. Entendemos perfeitamente : muito vo-lo agradeço.

Madam. Passemos agora ao outro sentido da palavra *Graça*.

§ II.

Segundo sentido.

Graça ; isto he , belleza , ou formosura que agrada.

Theod. **T** Ambem no segundo sentido , isto he , qualidade que agrada , ha duas classes de Graça ; porque ha qualidades que agradaõ aos homens , e se chama *Graça natural* : v. g. a graça que tem hum corpo airoso , hum rosto engraçado , huma sentença que
agra-

agrada : hum *naõ sei que* , que ás vezes se encontra , e se *naõ* sabe explicar , mas que faz a cousa agradável : estes dotes , ou qualidades são *Graças naturaes*.

Baron. Tudo aquillo que agrada , dizemos que tem graça ; e como as cousas nos agradam por mil principios da Natureza , tambem de mil principios nasce esta Graça natural. Aqui cahem bem , Theodosio , o que me ensinastes na *Ontologia* sobre o *Agradavel* , e *Injucundo*. Continuai.

Madam. Minha filha está mais adiantada do que eu na intelligencia da vossa doutrina , Theodosio : he rapariga , tem mais tempo , e menos cuidados : póde aproveitar-se das vossas instrucções. Vamos agora a mim : hede dizendo.

Theod. Porém o que faz a nossa alma bella , e engraçada aos olhos de Deos , *naõ* póde ser o que faz o corpo engraçado aos homens ; deve ser cousa superior ; e isto he huma belleza sobrenatural , que Deos infunde na alma , que a faz formosa , bem como hum raio do Sol cahindo sobre hum pedaço de cristal , o torna bello , brilhante , formoso , e hum pequeno Sol. Este dom

celeste he que se chama *Graça santificante*.

Baron. Ora dizei-me , Theodosio , como póde Deos , que he hum Senhor de perfeição infinita , achar graça nas creaturas taõ vís , como nós somos , e taõ cheias de defeitos , que de ordinario quando nos conhecemos mais pelo tracto continuado , sempre nos desgostamos huns dos outros. Que será Deos cujos olhos são summamente delicados.

Madam. Não digo eu , Theodosio , que me tendes feito esta minha filha demasiadamente especulativa.

Theod. Deixai , Senhora , que assim se vai instruindo ; como ella he docil , a especulação não lhe prejudica : Deos nos livre de gente especulativa , se he amarrada ao seu juizo. Ora , Senhora , eu vos explico essa pergunta bem filosoficamente.

Baron. Isso he o que eu quero ; porque as explicações theologicas pertencem ao nosso Cura.

Theod. Tendes razão , Baroneza , na vossa dúvida ; porque hum gosto summamente recto não póde agradar-se de cousas vís , e imperfeitas ; e Deos , cuja rectidão do juizo he infinita , só se

se póde agradar completamente do que he infinitamente perfeito , que isso sómente Elle o he. Porém esta sua perfeição Infinita reverbera nesta , ou naquella creatura em quem Elle lança este , ou aquelle Dom , que a faz mais , ou menos semelhante a Elle. Eu vos ponho hum exemplo. Tem vossa Mãi determinado casarvos com o Barão de *** Cavalheiro que Vós muito estimais , já não só porque na verdade o merece , mas tambem pelo laço futuro que ha de ligar os vossos corações , o qual não costuma vir de repente ; mas pouco a pouco cresce , &c. Isto posto tendes Vós hum retrato seu mui perfeito no Gabinete de vossa Mãi , e Vós o estimais muito , e muitas vezes vos vejo parada a olhar para elle com toda a attenção , e satisfação : ora Vós não sois de tão máo gosto , que estimeis hum pouco de panno , e seis vintens de tinta , que he o que alli ha : mas como alli se vê huma semelhança do vosso futuro Esposo , esta semelhança do objecto amado , faz tambem amavel esse panno do Painel , e do Retrato. Não he isto assim ? Vós rides ?

Baron. Quem vos deo licença , Theodosio ,

sio , para entrar no gabinete do meu coração a esquadrihar os seus mais escondidos segredos , quaes são os do affecto ? Mas já que entrastes , e visteis o que nelle estava , calai-vos , e guardai para Vós o segredo , que me furtastes. Sabei que he assim : não me envergonho diante de Vós , que sois confidente.

Madam. Não he segredo , minha Filha , o que todos devem louvar em ti , e muito menos para Theodosio , que formando o teu coração desde a meninice , tem nelle plantado os affectos , que a Razaõ pede , e a Religiaõ não prohi- be. Continuai , Theodosio , que isto são desdens da sua qualidade.

Theod. Menos estimais Vós o retrato das Pulseiras , porque ainda que seja mais precioso na materia , não sahio taõ parecido como o do Painel ; e muito menos o retrato , que tendes de lapis na Pasta de vosso Irmaõ o Chevalier , porque ainda se parece menos : de fórma que o gráo da vossa estimaçaõ não se mede pela materia dos retratos , mas sómente pela semelhança , que nessas materias apparece do objecto , que vos agrada. Pois assim he Deos com as suas
crea-

creaturas : sobre humas derrama maior abundancia de Dotes , que as fazem mais semelhantes a Elle , do que sobre outras ; e á proporção desta semelhança Divina he a estimação , que Deos faz desses seus retratos , ou das creaturas. Quando as obras , as palavras , os pensamentos de huma alma são mais semelhantes ás de Deos , esta creatura fica *mais amavel , e mais engraçada naturalmente* ; o que succede a todas as creaturas no principio do mundo , quando sahiraõ das mãos do seu Creador , o qual olhando para ellas , as achou muito boas. Mas se sobre ellas Deos derrama algum Dom especial , e sobrenatural , que realce esta semelhança com hum retoque Divino , entãõ se augmenta a estimação , e o *engraçado por outro modo sobrenatural* : e quantos mais grãos deste Dom se acharem na alma , mais semelhante fica a Deos , mais formosa nos seus olhos , mais *engraçada* ; que isto he o que se chama ter mais *Graça*.

Baron. Sendo assim ; se essa creatura cheia desses Dons , fizer alguma acção indigna , contraria a Deos , e ao que Elle faz , e quer , e manda , já perdeu essa
fe-

femelhança , essa graça , esse dom , e essa estimaçãõ , que Deos della fazia ?

Theod. Dizeis muito bem , Senhora , que isso he o que vos hia agora a dizer.

Madam. Qualquer dia , minha Filha , espero de te vêr no pulpito a prégar.

Baron. Pois , minha Mãi , ensinando-me Theodosio a discorrer sobre os Astros , e Insectos , e quantas cousas ha no Universo , não he justo discorrer , e filosofar no que me toca á minha alma ?

Madam. Tens razãõ ; eu te louvo , e agradeço a Theodosio. Mas dizei-me como sendo nós taõ vís a respeito de Deos , Elle pôde pôr em nós a sua semelhança Divina.

Theod. Nem vos admireis , Senhora , que Deos summamente perfeito se possa retratar nas creaturas mui vís : não vedes muitas vezes estar brilhando entre o lodo hum pedaço de vidro , ou huma poça de agua bem pouco limpa ; porque o sol sobre essas cousas lança os seus raios , e cada huma dellas parece hum sol , que nos recrea , e satisfaz ? Pois o mesmo faz Deos lançando , quando lhe apraz , os raios da sua Formosura sobre nós creaturas bem vís ; e quando estes raios vão reflectindo para os olhos
de

de Deos , se está esse Senhor revendo na sua propria perfeição , que na creatura poz ; ficando ella formosa a seus olhos Divinos , posto que com belleza emprestada.

Madam. Não digais mais , Theodosio , que entendi perfeitamente

Baron. Pois eu , minha Mãi , ainda tenho que perguntar duas coisas , se Vós me dais licença.

Madam. Pergunta , Rapariga , quanto quizeres ; porque eu em quanto não vem visitas , com gosto assisto á tua Conferencia.

Baron. Deos as demore esta tarde , ou embarace de todo ; porque nenhuma conversação , minha Mãi , nos será mais agradável.

Madam. Que não ouçaõ isso esses Cavalleiros que te daõ remoques ; mas pergunta o que quizeres.

§ III,

Digressão sobre a Conceição da Virgem Senhora.

Baron. **H**E sobre hum ponto, que tem connexão com o que tratámos, e vem a fer: queria que me explicasseis bem claramente o Privilegio da Mãe de Deos, sendo concebida em Graça, contra a Lei de todos os filhos de Adão, que foraõ concebidos em maldição, e peccado: Desculpai Theodosio, estas perguntas, porque a ninguem hei de perguntar isto senão a Vós.

Madam. E talvez que ninguem te responda tanto a teu gosto como o teu Mestre: eu com gosto vos ouvirei, Theodosio.

Theod. Para que me obrigais, Senhora, a fallar nestas materias, que são mais proprias do vosso Pastor do que de mim?

Baron. Como Vós me tendes explicado filosoficamente os pontos da minha Religião, não he muito que tambem me expliqueis este. Dizei pois como he este Privilegio.

Theod.

Theod. He Lei geral fundada não só na Natureza, mas na disposição do Altíssimo, que os filhos de hum homem maldito, também sejaõ desagradaveis. Não sómente ficaõ privados das honras, e favores que seu Pai perdeu, mas que ficaõ em certo modo participantes do seu crime: Saõ de huma certa maneira parte de seus Progenitores; e assim como foraõ herdeiros de suas honras, e bens, ficaõ participantes da sua desgraça.

Baron. Tudo isso entendo bem; e por isso he que não entendo esse privilegio, que se concedeo á Virgem Senhora, por ser Mãi de Deos: porque sendo filha de Adaõ, como qualquer outra mulher, devia herdar a sua mesma desgraça, porque não era menos filha do que as outras, nem por isso havia de ser menos herdeira dos seus crimes. Creio que não foi, e he Mysterio este que muito interessa a minha devoção: mas não entendo claramente como isso foi.

Theod. Ora eu vos digo como eu o entendo; se vos não agradar, o vosso Pastor, ou o vosso Bispo vo-lo explicaráõ melhor.

Baron. O meu Pastor ensina-me a crêr;
não

naõ me ensina a entender : dizei-me pois como Vós entendeis este Mysterio ?

Theod. A nodoa da culpa original sómente nos vêm , por sermos filhos de Adaõ ; e somos filhos de Adaõ , quando o nosso corpo he animado pela alma : em quanto naõ ha esta uniaõ da alma , e a corpo , naõ ha homem , nem filho de Adaõ. Ora Deos costuma produzir a alma no corpo , em que ha de habitar ; de fórma que o primeiro momento , em que a alma existe , he aquelle em que principia a animar o corpo mal formado no ventre materno. Por essa razaõ fomos concebidos em peccado ; porque a alma logo no principio da sua existencia he alma de hum filho de Adaõ ; e fica criminosa por ser filha de criminoso , e amaldiçoado. Até aqui naõ ha nada escuro.

Baron. Nada : ide profeguindo.

Theod. Ora dizei-me : e se Deos creasse a alma da Senhora , naõ logo no seu corpo , que havia de animar , mas separada , e depois da sua existencia a unisse ao seu corpinho preparado , já a alma da Senhora no primeiro instante naõ era filha de Adaõ , pois ainda naõ tinha tocado corpo humano. E neste

primeiro momento , em que sahia das Mãos de Deos , sem tocar no corpo humano , podia Deos crealla com os Dotes da sua Graça , como creou a alma de Adaõ. E sendo assim , estando a alma bemdita munida com os Dotes sobrenaturaes da Graça Divina ; já no segundo instante , quando Deos a unisse ao corpo , tinha o antidoto do peccado ; porque quem vai cheia de luz , não póde temer as trevas , e quem vai cheia de Graça , não póde desagradar ao Senhor. Sim era filha de Adaõ nesse instante , mas primeiro fora filha de Deos pela Graça ; e assim como o Verbo pela santidade infinita que tinha ab eterno não podia contrahir a mancha de filho de Adaõ , quando se unio ao corpo humano ; assim a alma da Senhora , estando munida com o Dote da Graça santificante , que recebeu no primeiro instante nas Mãos de Deos , e longe do corpo humano , que lhe estava preparado , não podia contrahir a culpa de filha de Adaõ.

Baron. Isso agora entendo eu claramente : que me dizeis , minha Mãe ?

Madam. Que tiveste habilidade para me fazer estudar Theologia. Sempre ouvi fal-

fallar nestes termos de primeiro instante, &c. ; porém nunca reflecti nisto como agora : digo que tambem entendo.

Theod. Não me parece que haja impedimento algum para dizermos isto ; porque Deos igualmente podia crear a alma da Senhora , ou logo no corpo organico , que lhe estava preparado , ou separada d'elle ; e depois de bem munida com abundancia de Graças celestes , unilla a esse corpo : e sendo assim , já quando se achava filha de Adaõ tinha em si mesmo quem impedisse o peccado de Adaõ : assim como hum archote acizo entrando n'uma casa escura está bem livre de ficar em trevas , como estavaõ todas as coufas , que ahi se achavaõ antes ; mas se o archote não entrar acizo , fica em trevas comtudo o mais. Porém se o vosso Paroco vos disser , que isto não póde ser , accommodai-vos com a sua explicação , porque he vosso Pastor.

Madam. Ora , Theodosio , mal sabeis quanto estimei esta casual occasião de me aclarardes estes dois pontos , que eu nunca entendi claramente. Agora se quereis , vamos a passear todos tres.

Theod. Vamos, que o ar fresco nos convida.

APPENDIX II.

T A R D E XV.

Sobre a Confissão Auricular.

Major. **Q**Uanto a isso, Senhora, peço-me : eu louvo a vossa devoção, mas não a fíg. Vós ides com frequencia ao vosso Pastor lavar a vossa consciencia ; eu não estou obrigado a taõ pensonada devoção. Nós cá os Militares temos outras leis ; e as Senhoras como mais ociosas, pódem ser mais devotas.

Baron. Não sabia eu isso, meu Major ! Com que ha duas leis na nossa Religião ! huma para as Senhoras, e outra para os Militares ? Pergunto agora : e tambem haverá dois Ceos ? Ou será hum mesmo Ceo, mas teremos parallelos dois differentes caminhos ? O meu caminho, *Major*, he o do Evangelho : e teremos nós dois Evangelhos, que nos ensinem dois caminhos differentes ?

Major.

Major. Vós, Senhora, tendes muita logica, e não se póde fallar comvosco, porque em tudo discorreis com rigor logico. Eu digo que os Militares, ainda os Catholicos Romanos, não se confessaõ, senão pela Quaresma; nem andão lá com essas devoções melancolicas: e muitos vejo eu no meu Regimento, que se tem por mui devotos; porque se desfobrigaõ pontualmente: outros porém conheço eu, que ha muitos annos, que se não desfobrigaõ, e eu sou hum delles, fallando sinceramente.

Baron. Afortunados homens, que não tem peccados, de que hajaõ de pedir perdaõ a Deos. Ora dizei-me, se tem elles ordem dos seus Chefes para terem centinellas á porta do Inferno, para que ninguem lá entre, sendo bom Militar? deste modo he pouco necessaria a confissaõ.

Major. Não he por isso; mas persuadem-se, que basta que cada qual no seu coração peça perdaõ a Deos dos seus peccados; porque Deos he quem lhos ha de perdoar.

Baron. Bom era isso, se fosse assim: mas temos nós quem nos segure essa noticia
raõ

taõ agradável , para nos podermos fiar nisso , e descansar em materia taõ grave ?

Major. Todos os Protestantes seguem isso ; e eu , ainda que sou Catholico Romano , como me criei com elles , não estou mui longe de os seguir ; porque me faz conta.

Baron. Conta vos faz isso ; não duvido , e tambem a mim a faria ; mas o caso está se essa conta he errada ; porque de que me serve viver e morrer nessa conta e opiniaõ , e depois da morte achar que essa conta não era assim ; e que era verdade , que sómente pela confissão auricular se perdoavaõ os peccados ? e que fareis Vós entaõ , meu Major ? Perdireis licença ao vosso Coronel para voltar a este mundo a confessar-vos ?

Major. Ora não sejais taõ melancolica , Baroneza.

Theod. Bom conselho , Senhora , bom conselho vos dá o Senhor Major : mas sobre que cahe esse conselho ? Eu até aqui nunca vos conheci melancolica.

Baron. Chegais a tempo , Theodosio : o Major chama melancolia a idéa de que seja precisa a confissão para se nos perdoarem os peccados.

Major.

Major. Eu fallo pela boca de muita gente de juizo , que tem a confissão auricular por invenção de frades , e superstição melancolica , e tormento das consciencias escusado : nada ; nada. Eu digo , que as offensas de Deos , só Deos as póde perdoar. Ha maior despropósito do que dizerem os PP. curiosos de saberem a nossa vida, que póde hum fazer quantos crimes quizer contra Deos, zombando da sua Lei , e que depois em hum Frade lhe botando huma benção , se lhes perdoão todas essas injurias , que a Deos fizera ; injurias que sómente Deos póde perdoar ? Ora deixai-vos disso.

Theod. Que me dizeis , Baroneza , á trovada ? Vêde que trovões estavaõ escondidos na nuvem electrica.

Baron. Ide Vós defarmando essa nuvem carregada (como Franklin manda) e offerecei-lhe a ponta aguda do vosso discurso.

Major. Louvo , minha Senhora , a metáfora : não estranheis o fogo ; mas em materia de Religião facilmente me electrizo.

Baron. Tratemos pois , Theodosio , este ponto sériamente , mas sem estrondo ,
nem

nem troyada : fallemos como bons amigos.

Theod. E quem vos disse , meu Major , que os homens perdoão esses peccados por authoridade sua ? Acaço não perdoão os Desembargadores , e Ministros delRei , os aggravos que os delinquentes fizeraõ contra o Soberano ?

Major. Perdoão em nome do Soberano , que para isso lhes deu poder.

Theod. Pois se hum homem , que talvez pelo seu nascimento he bem pouca couza , chega pela authoridade , que o Principe lhe dá , a tal poder , que perdoa os crimes e desobediencias ás Leis do Principe , como vos admirais , que Deos dê aos homens authoridade , para que em seu Nome perdoem os crimes contra as Leis do Senhor ?

Major. A comparação he boa ; mas falta provar , que Deos lhes désse essa authoridade. Do poder , que o Soberano dá aos seus Ministros Togados , nos consta pelas Leis , e pelos seus Decretos , que todos lemos , e todos entendemos. Se tivessemos semelhante Decreto com esse poder e authoridade dada por Deos aos Frades e Clerigos , entãõ protesto que logo me veriaõ confessar,

fessar , que ha mais de quinze annos ,
que o não faço.

Baron. Deos me acuda : quinze annos !
E que mata brava tereis , meu Major ?
Mas lá vos havinde com Theodosio.

Theod. Antes que prove isso , que dizeis ,
pergunto, meu Amigo , com sinceridade.
E Vós crêdes nos Evangelhos , como
Christão , ou tambem sois *Incredulo* ?

Major. Isso não : Incredulo não sou ; sou
bom Christão , posto que não viva co-
mo legitimo Catholico Romano. Sim
fui baptizado como filho de Catholi-
cos , mas criado com Protestantes , de
cuja doutrina não me affasto muito :
porém creio firmemente no Evangelho,
e em tudo o que nelle nos ensina Jesu
Christo.

Theod. Bem estamos : nessa supposiçãõ já
tenho modo para discorrer com funda-
mento. Ora dizei-me : Vós estais pre-
sente no que Jesu Christo disse aos seus
Apostolos depois de resuscitado ?

Major. Muitas cousas disse , e não sei de
qual he que Vós fallais.

Theod. Entrando o Senhor no Cenaculo
às portas fechadas , fallou a seus Disci-
pulos , e disse-lhes : *Recebei o Espiri-
to Santo* ; e nisto lhes soprou na face :

e feita esta cerimonia de preparação , lhes disse : *Os peccados que Vós perdoardes , serão perdoados ; e os que Vós não perdoardes , não o serão.* (Joan. 20. 22.)

Major. Bem presente estou , posto que não tinha reparado nessa preparação de lhes dizer o Senhor , que recebessem o Espirito Santo , e de lhes ter soprado na face ; agora me fizestes reflectir nella.

Theod. Já vêdes que não se póde suppor , que foi de pouca importancia o que o Senhor lhes queria dizer , quando o Senhor os prevenio com o sopro da sua Divina Boca , e com a infusão do Espirito Santo. Em Jesu Christo todas as palavras , e acções se suppoem mui justas , e bem consideradas ; e estas (que não são ordinarias) nos dão grande idéa do que o Senhor hia a fazer.

Major. Mas que quereis Vós tirar dahi ?

Theod. Eu o direi a seu tempo : mas pergunto , se achais que este preambulo do Senhor prova , que he cousa extraordinaria o que vai a dizer , ou fazer.

Baron. Que susto he esse , Major ? Que he o que vos embarça ? A pergunta he bem simples , e clara ; não ha aqui

aqui que temer : dizei *sim* , ou *naõ* : com qualquer resposta satisfazeis a Theodosio.

Major. Eu cá me entendo , Senhora : mas já que me apertais , digo que *sim* : Esta prevençaõ na boca do Filho de Deos de dar aos Discipulos pelo seu fopros o Espirito Santo , e de os prevenir com isso , bem denota que he grande mysterio , ou doutrina mui grande o que vai a dizer : Quereis mais , Baroneza ? Continuai , Theodosio.

Theod. Ora bem : logo as palavras que se seguem de lhes dar poder para perdoar , ou naõ perdoar os peccados contra Deos , tem força e effeito mui grande : aliás seria o effeito dellas hum fantastico cumprimento do Filho de Deos, como o que fazem os homens nos seus vãos cumprimentos.

Major. Isso he indigno de Deos : eu naõ posso dizer isso.

Theod. Logo o Filho de Deos concedeo aos Apollolos verdadeiro poder para perdoar , ou naõ perdoar os peccados ; e isso com tal efficacia , que o que elles cá fizerem na terra , seria confirmado no Ceo ; por quanto as palavras saõ
bem

bem claras : *Os peccados que perdoardes , serãõ perdoados , e os que não perdoardes , não o serãõ.* (S. Joãõ 20. 22.)

Que me dizeis a isto ?

Major. Está feito ; concedo que os Discipulos de Jesu Christo , e seus Succesores terãõ esse poder : mas aqui ainda não temos confissãõ , e muito menos auricular : temos que pôdem perdoar , ou não perdoar ; mas isto pôde mui bem fer , sem a confissãõ.

Baron. Ora já temos , meu Major , que não he fóra de proposito , como Vós com tanta galantaria dizieis , que hum Frade botando huma bençaõ , perdoasse a hum grande peccador todos quantos desprezos e zombarias elle tivesse feito de Deos. Já confessais que errastes , e já temos essa nuvem negra , que tanto trovejava , já a temos desfarmada pela ponta aguda do discurso de Theodosio. Bem haja o Doutor Franklin , que nos ensinou a desfarmar assim as trovoadas.

Theod. Senhora , deixai profeguir o discurso sério : no fim disputareis com as vossas graças.

Major. Continuai , Theodosio , que agora quero aclarar este ponto.

Theod.

Theod. Ora supposto haver nos homens este poder para perdoar, ou não perdoar peccados, pergunto, se o Senhor deixou isto ao capricho dos homens meramente, de fôrma que elles possam perdoar tudo quanto quizerem, ou não perdoar, segundo a sua fantasia lhes dictar, sem mais averiguaçãõ. Crêdes, que huma cousa taõ grave, e de tantas consequencias deixaria Deos entregues ao louco discernimento de qualquer Ministro seu, sem regra, nem regulamento algum?

Major. Não me parece isso crível, nem que a summa Sabedoria e Prudencia de Deos tal podesse fazer, sendo este ponto taõ importante e essencial para a salvaçãõ.

Theod. Bem: logo este poder tem Regulamento, segundo o qual o Ministro de Deos deva ora perdoar, ora não perdoar. Aliás Jesu Christo authorizaria em materia gravissima o capricho irracionavel de qualquer Ministro seu. Se nós vemos, que os Soberanos nunca deraõ esta authoridade aos seus Ministros, senaõ segundo o regulamento das Leis, das quaes elles não se pôdem afastar, que fará a summa Rectidaõ de Deos?

Ma-

Major. Também concordo nisso ; porque seria summamente absurda esta faculdade , se Deos não dèsse aos seus Ministros certo Regulamento , segundo o qual devaõ sempre obrar.

Theod. Ora de que modo póde o Ministro do Senhor obrar prudentemente nesta materia, senaõ examinando o réo , e seus crimes , e circumstancias delles ? porém estes crimes pela maior parte saõ occultos , e ninguem os póde referir exactamente , senaõ o mesmo criminoso ; particularmente os crimes , que não passaõ do coração. Vós não podeis negar que os sentimentos do nosso coração seraõ principalmente quem nos disponha para o perdaõ , ou nos faça inhabeis para elle. O Deos da Verdade não póde dar authoridade para este grande procedimento , senaõ segundo as regras da Verdade ; e esta bem sabemos todos que se não manifesta pelo exterior , e que principalmente no interior he que reside. Logo convem que o Ministro de Deos para perdoar , ou não perdoar os crimes de qualquer peccador , seja instruido por elle mesmo , tanto dos crimes passados , como do estado actual do seu coração. Se me concedeis if-

to , temos a confissão do réo.

Major. Ainda não temos confissão dos crimes dita ao ouvido , que isto he que significa *auricular*.

Theod. Com tanto que o peccador instrua o Ministro de Deos de todos os seus crimes , e de todos os sentimentos do seu coração , he o que basta ; se o quizer dizer publicamente no meio de huma praça , o Ministro de Deos o absolverá. Agora se quizer poupar-se a essa vergonha de dizer os seus peccados em publico , chegue-se ao Confessor , e diga-lhos ao ouvido.

Baron. Ora ahi tendes a confissão auricular , de que Vós , meu Major , tanto zombaveis. Que dizeis a isto? Vós emudecestes ?

Theod. Deixai , Senhora , que a reflexão madura do Major faça que o conhecimento da Verdade , desde a primeira superficie do entendimento , lhe vá repassando o animo até o fundo da alma , e como ao coração della. Quando nós vimos no conhecimento de huma Verdade , que he contraria ao que por muito tempo pensavamos , e admittiamos no nosso coração , não convem , que por hum simples discurso descubramos

bramos o erro: convem ir cavando para tirar até as últimas raizes d'elle, para que não rebente de novo a má herba, e para que fique taõ firme e radicada a verdade, como o estava o erro.

Major. Dizeis bem, Theodosio. Eu nunca tinha discorrido como agora me fizestes discorrer; e ouvia fallar neste ponto mui ligeiramente. Agora vejo, que a haver Christãos, e a admittir os Evangelhos, he indispensavel o conceder a confissão auricular.

Baron. Mas ahi vereis, meu Major, quaõ levemente se falla contra a nossa Religião e seus Dogmas. Vós ao principio fallastes n'um tom, que até eu fiquei hum pouco abalada; porque o enfase, o fogo, e a energia com que o fizestes, mostrava hum animo bem cheio da Razão, e bem seguro do que dizia, e comtudo agora vedes, que tudo era em vão.

Major. A mim parecia-me, que pedindo cada qual perdaõ a Deos, e estando arrependido no seu coração, isso bastava.

Theod. O pedir perdaõ a Deos, e o arrepende-se no seu coração, sem duvida que he preciso, para que Deos perdoe,

e muitas vezes succede que basta, quando temos hum arrependimento cheio de amor, e amor de Deos sobre tudo, qual he a contrição perfeita; mas sempre ha de o peccador ter desejo de se confessar, e proposito de o fazer, podendo. A razã disto he, porque sendo Jesu Christo o Rei da Gloria, ninguem póde lá entrar, senão pelos seus merecimentos, e pela virtude do seu Sangue. Ora este Sangue de Christo não está depositado nas orações, que faço a Deos, mas em alguma cerimonia instituida por Christo, quaes são os Sacramentos. Porque dizeis Vósoutros, que sem baptismo não ha salvação, senão porque nas aguas santificadas deste Sacramento he que está depositado o Sangue do Salvador, para recebermos a primeira graça de adopção, ou regeneração; ora tambem nas palavras do Sacerdote, que absolve, está depositado o Sangue de Christo para a segunda graça da reconciliação. Se os Protestantes dizem, que a pezar das palavras de Jesu Christo ponderemos ter modo de sermos perdoados, e que basta pedir a Deos perdão para me dar por reconciliado, porque

naõ ha de bastar , que hum Gentio diga , e peça a Deos , que o faça seu filho , para o ser da Igreja , ainda que se naõ baptize?

Major. Diráõ que Jesu Christo instituio o modo de entrar na Igreja , que he só pelo Baptismo , o qual de inimigos de Deos nos faz seus filhos.

Theod. Pois bem vedes que tambem instituio o modo de nos reconciliar-mos com Deos , que he pela confissão. Tanto huma cousa , como outra , saõ ceremonias externas a que Jesu Christo unio a virtude de seu Sangue , que he sómente o meio da nossa santificação. Demais , que nesta admiravel Jerarquia da Igreja , naõ podia Deos determinar , que cada qual fosse juiz da sua causa : Se bastasse cada qual pedir perdaõ a Deos , e dizer que estava arrependido , eramos todos nós juizes da propria consciencia , para nos dar por perdoados depois das maiores maldades , sem mais motivo , que dizermos que haviamos pedido perdaõ a Deos. Naõ he assim que se obra nas sociedades humanas : he preciso quem castigue , quem absolva , quem perdoe , quem reprove , para naõ ser cada qual juiz de

de si mesmo. Porém isto já he fóra da
questão , que só era mostrar , que a
confissão auricular foi instituida por
Christo , não de passagem , e com pa-
lavras equivocadas , mas de proposito ,
e com muita reflexão , e preparação ,
e todos os sinaes de hum grande Sacra-
mento.

Major. Descançai , que estou persuadi-
do. Vamos a outra materia , que para
conversaõ de Senhoras já he muita
theologia.

Baron. Dessa gosto mais que de modas .
e de enfeites. Vamos passear.

F I M.











